ANTHONY CAPELLA

A RAINHA dos Gelados

Sorvete de romã e champanhe
Mousse de gengibre e pétalas de rosa
Gelado de canela e tarte de maçã
Chocolate: todas as combinações possíveis...

IRÃO ESTAS IGUARIAS
DERRETER-LHE O CORAÇÃO?

ASA

SHOUT
SHARE
IT

Annotation

Downloaded from Z-Library https://singlelogin.se

Ficha Técnica
Título original: THE EMPRESS OF ICE CREAM
Título: A Rainha dos Gelados
Autor: Anthony Capella
Traduzido do inglês por Elsa T. S. Vieira
Capa: Maria Manuel Lacerda
Imagem da capa: Ashley Lebedev/Trevillion Images
ISBN: 978-989-23-1049-7
Edições ASA II, S.A.
é uma editora do Grupo LeYa
R. Cidade de Córdova, n.º 2
2160-038 Alfragide – Portugal
Tel.: (+351) 214 272 200
Fax: (+351) 214 272 201
© 2010, Anthony Capella
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor
www.asa.leya.com
www.leya.pt

«Neste romance gastronómico, Anthony Capella explora a ardente história do gelado.»
The Independent

«Maravilhosamente escrito, com personagens sumptuosas e condimentado com receitas de fazer crescer água na boca… É ficção histórica no seu melhor.»
Candis

«Um romance envolvente na melhor tradição de *O Perfume*; delicioso, irresistível e arrebatadoramente gelado.»
The Daily Mail

«Uma história de amor onde se cruzam salpicos de História e maravilhosas descrições de comida. Os fãs de Capella não irão ficar desapontados.»
Wisbech Standard

«Delicioso.»
Star Magazine

Que a realidade ponha fim às aparências. O único imperador é o imperador dos gelados.
Wallace Stevens, «The Emperor of Ice Cream»

Para Louise Denne

NOTA DO EDITOR

Durante muitas décadas, o conjunto de documentos do século dezassete descobertos na Grande Biblioteca de Ditchley Park, que ficaram posteriormente conhecidos como o Pacote Ditchley, foi em grande medida ignorado pelos estudiosos. Tal como muitos textos desse período turbulento, estavam escritos em código, um código aparentemente ainda mais impenetrável do que o utilizado por Samuel Pepys. Só depois da venda do Pacote à América, juntamente com dezenas de outros manuscritos antigos, em finais dos anos noventa, é que um arquivista – na verdade, um jovem e inteligente estagiário de Wellesley – se perguntou o que aconteceria se o texto original estivesse escrito, não em inglês, mas em francês, e o até então diário privado de Louise de Keroualle, amante do rei Carlos II, foi revelado ao mundo.

Parece que a determinada altura, durante o tempo que esteve em

Inglaterra, Louise começou a escrever na sua língua mãe um relato encriptado da vida na corte inglesa. Se o fez para aliviar as saudades de casa, como apólice de seguro caso fosse presa, ou, como foi sugerido mais recentemente, como uma espécie de substituto para a confissão que já não podia fazer a um padre – uma vez que estava agora, claro, num estado de pecado mortal impenitente – não sabemos. Estas especulações também não derivam naturalmente do manuscrito em si mesmo que, em certas partes, parece mais um documento moderno de estratégia política ou um manifesto por uma Europa unida do que um livro de memórias; e que, apesar da aparente posição que ela detinha na casa real, contém na verdade muito menos em termos de detalhes libertinos do que, por exemplo, o diário de Pepys. Ao fazer estes extractos, concentrei-me nas experiências pessoais de Louise na corte e no seu círculo, e não no envolvimento que teve nas grandiosas intrigas e conspirações que preocupavam grande parte da Europa na época e que já estão habilmente descritas noutros lados.

O tratado de Carlo Demirco – se não se considerar a palavra «tratado» demasiado grandiosa para o prefácio de um livro de receitas práticas – requer muito menos apresentações. Os historiadores alimentares há muito que estão fascinados pela história do gelado e, em particular, pelo facto de a primeira menção registada do mesmo, em todo o mundo, surgir em Inglaterra, na ementa de um banquete de cerimónia oferecido pelo rei Carlos II aos Cavaleiros da Ordem da Jarreteira em 1671 – o mesmo ano, a propósito, em que Louise se tornou sua amante. Carlo Demirco não é o único que pode reclamar ser o progenitor do gelado – é preciso levar também em consideração relatos rivais como *La Maison Réglée*, de Lucian Audiger, publicado em Paris em 1692 – mas é o único que explica todas as circunstâncias conhecidas, como o facto de, no Banquete da Ordem da Jarreteira, o confeiteiro real ter servido apenas uma taça de gelado, unicamente para a mesa do rei; e o único que tem receitas para apoiar as suas afirmações, muitas dos quais, aliás, são usadas ainda hoje.

O livro de Demirco – impresso pela primeira vez em 1678, traduzido para cinco línguas antes do final desse século, republicado durante a grande loucura dos gelados da era Jorgiana como *O Livro dos Gelos*, e que só caiu no esquecimento quando os métodos modernos de refrigeração tornaram finalmente as suas técnicas desactualizadas – pode parecer um estranho companheiro para as memórias secretas e encriptadas de uma cortesã real, em particular uma tão pouco popular em geral como Louise, que tanto o público do seu tempo como os historiadores modernos têm tendência a encarar como uma representante sem princípios de uma era particularmente avara. Talvez a publicação, finalmente, destas partes do seu diário,

possa contribuir de alguma forma para a apresentar sob outra luz. De forma intrigante, há evidências de que os dois documentos – as receitas e o diário – estiveram em tempos lado a lado, juntos, no Pacote, durante a sua longa estada no armário da biblioteca: as manchas de cozinha que adornam as páginas de *O Livro dos Gelos* sugerem que, a dada altura nos trezentos anos intermédios, o Pacote foi descoberto e dele retirado apenas o volume de Demirco, colocado então a uso de uma forma que o seu autor teria certamente aprovado.

PARTE UM

CARLO

Para refrescar vinho: use um bloco de gelo ou neve bem compacta; divida-o e rache-o e faça-o em pó, tão fino quanto desejar; coloque-o num balde de prata e empurre a garrafa bem para o fundo.

O Livro dos Gelos

É costume, em obras como aquela que inicio agora, começar por descrever as circunstâncias do nascimento do autor e, assim, estabelecer a autoridade que pode reivindicar para se dirigir ao leitor (a sua posição na vida, aquilo que alcançou e por aí fora, tudo naturalmente determinado pelo seu lugar na sociedade).

Infelizmente, não posso fazer tais reivindicações, pois o meu nascimento foi humilde e o meu crescimento miserável.

Creio que não teria mais de sete ou oito anos quando o persa, Ahmad, me levou da minha família. Tudo o que recordo agora da ilha onde os meus pais viviam é que as amendoeiras ficavam brancas na Primavera, como neve no cume do grande vulcão que se erguia sobre elas, e como era verde o mar onde o meu pai pescava. Esse mesmo mar trazia-nos barcos como aquele em que Ahmad chegou, à procura de um rapaz para ser seu aprendiz. Quando me viu a remendar as redes com o meu pai, falou com os meus pais da grande vida que eu levaria, do esplendor de Florença e da corte maravilhosa onde seria colocado. Desse dia em diante, dei por mim ao serviço de um mestre cruel e caprichoso. Não Ahmad – embora ele fosse severo, não era pior do que muitos outros. Não, o mestre que me tratou tão duramente foi o próprio gelo.

Depois de chegarmos a Florença, uma das minhas primeiras tarefas foi transportar os pesados blocos, da casa de gelo nos Jardins Boboli para as cozinhas do palácio. Da primeira vez que o fiz, a curiosidade de brincar com as placas congeladas – vê-las deslizar para longe de mim como enguias, sentar-me em cima delas e montá-las como se fossem carrinhos pela encosta relvada, ou atirá-las contra a parede da cozinha de certa distância e vê-las despedaçarem-se em dezenas de fragmentos cintilantes como jóias – encantou-me de tal forma que, num estado de entusiasmo infantil, negligenciei os meus outros deveres.

Quando Ahmad me encontrou no pátio, rodeado por dezenas de blocos de gelo cintilantes e destruídos, não mostrou inicialmente o desagrado que o meu mau comportamento mereceria.

– Vem comigo – disse. Levou-me para a casa de gelo, fez-me entrar e trancou a porta.

Lá dentro, em contraste com o calor de Florença, estava frio como a temperatura na qual a água se transforma em gelo. Eu vestia apenas uns calções finos e uma camisa por baixo do avental azul que todos os aprendizes usavam. Passados alguns minutos, comecei a tremer. O frio parecia uma chama, ou uma faca a deslizar sobre a minha pele. Meia hora depois, tremia com tanta violência que mordi a língua até fazer sangue.

Pouco depois disso, senti os tremores pararem. Finalmente estou a ficar habituado, pensei. Um grande cansaço começou a invadir-me. Apercebi-me de que estava prestes a adormecer. Ainda sentia o frio cortante, mas o meu corpo já não conseguia combatê-lo. Senti as minhas defesas desmoronarem-se; senti-o penetrar nos recantos mais profundos da minha carne. Não era tanto exaustão que sentia, mais um entorpecimento interior, como se os meus membros estivessem eles próprios a enrijecer, um a um, transformando-me numa estátua, tão fria e sem vida como o *David* de Florença. Tentei gritar, mas o meu grito também estava, de alguma forma, congelado dentro de mim, e descobri que nem sequer conseguia abrir a boca.

A próxima coisa de que me lembro é de estar a ser levado para as cozinhas. Acordei e vi os olhos escuros do meu mestre, antes de o persa me largar sem cerimónias sobre o chão.

– Não voltarás a fazer aquilo – disse. Virou-se e saiu.

Nunca mais brinquei com o gelo. Contudo, outra coisa tinha também mudado. Não era apenas o facto de eu já não confiar no meu mestre. O frio que sentira nunca mais pareceu abandonar-me completamente o corpo, de tal forma que havia sempre um estilhaço ou dois de gelo cravados profundamente nos meus ossos e – talvez – até na minha alma.

Poucos dias depois da minha encarceração na casa de gelo, o

dedo do meio da minha mão direita começou a ficar negro. Ahmad inspeccionou-o sem comentários e chamou dois dos seus irmãos para me segurarem o braço em cima de um bloco de gelo enquanto amputava o dedo pela articulação com um cutelo. O sangue quente espirrou para o gelo, transformando-se em cristais cor-de-rosa à medida que congelava.

– Não afectará o teu trabalho – disse ele quando parei de gritar.

Todas as noites, cansado como um cão e meio morto de frio, eu arrastava-me até à cozinha do palácio para dormir ao lado de uma das grandes lareiras onde se assava carne *alla brace*, sobre as brasas. Os trabalhadores da cozinha acostumaram-se a mim e já não me enxotavam com vassouras e facas. Comecei a observar os cozinheiros enquanto trabalhavam; observava como eles reduziam as frutas a puré para intensificar os seus sabores; como extraíam o perfume de violetas e flores de laranjeira para aromatizar cremes e licores; como faziam agraço de uvas e marmelos para dar consistência aos frutos mais leves. Porém, quando tentei sugerir a Ahmad que estas técnicas poderiam ser úteis no nosso trabalho, o meu mestre foi desdenhoso.

– Somos engenheiros, não cozinheiros – gostava ele de dizer. – Cozinhar é para mulheres. Nós conhecemos os segredos do gelo.

Na verdade, eram segredos antigos, um conhecimento que fora passado de pai para filho entre apenas algumas famílias persas, os fornecedores de sorvetes de frutas à corte de Shah ‘Abbas em Ishfahan. Algum deste conhecimento estava contido em livros de apontamentos encadernados a cabedal e manchados, cujas páginas estavam cobertas de diagramas e de caligrafia árabe sinuosa. A maior parte, porém, existia apenas na cabeça de Ahmad, um conjunto de regras e máximas que ele seguia tão cegamente como qualquer padre de província ignorante recita uma liturgia em latim que não compreende verdadeiramente.

– Para cinco medidas de gelo esmagado, adicionar três medidas de salitre – entoava ele.

– Porquê? – perguntava eu.

– Porquê o quê?

– Porque é que o gelo tem de ser esmagado? E que diferença faz o salitre?

– Que importa? Agora mexe no sentido dos ponteiros do relógio, vinte e sete vezes.

– Talvez o humor do salitre seja quente, e o humor do gelo é frio, e assim ao juntarmos um ao outro isso significa que…

– E talvez eu te dê uma tareia com a pá, se não a usares para mexer o gelo.

Eu já trabalhava para o persa há quase dois anos quando me atrevi a perguntar a que sabiam os gelos que fazíamos.

– A que sabem? Que te importa a ti o sabor, rapaz? – perguntou Ahmad em tom trocista.

Eu sabia que tinha de ter cuidado com a resposta se queria evitar outra tareia.

– Senhor, vi como os cozinheiros provam os seus pratos enquanto os fazem. Penso que compreenderia melhor como fazer estes gelos se soubesse ao que devem saber.

Estávamos a fazer um gelo aromatizado com um xarope feito das pequenas laranjas doces a que alguns chamam laranjas da China, e outros chamam mandarinas. O xarope era engrossado com polpa de laranja e perfumado com os óleos aromáticos extraídos da casca, antes de ser despejado sobre uma pilha de gelo ralado.

– Muito bem – disse Ahmad, apontando para o pote com um encolher de ombros. – Prova um bocadinho, se é isso que queres. – Antes que ele pudesse mudar de ideias, peguei numa colher, tirei um pouco do doce e levei-o aos lábios.

Os cristais de gelo estalaram e esmagaram-se entre os meus dentes. Senti-os dissolverem-se na minha língua – uma sensação fria e efervescente, enquanto encolhiam até desaparecerem – e depois o xarope escorreu-me pela garganta, frio e espesso e açucarado. O sabor intensificou-se na minha boca como o amadurecer súbito da laranja propriamente dita. Sustive a respiração com o prazer: depois, um instante mais tarde, uma dor terrível atravessou-me a cabeça quando o frio se apoderou da minha garganta, sufocando-me, e cuspi.

Ahmad sorriu, divertido.

– Talvez agora compreendas que não é um prato para crianças. Nem para a populaça em geral, uma vez que não fornece qualquer sustento. Estamos aqui para entreter, rapaz, não para alimentar. Somos como cantores, actores ou pintores, criadores de bugigangas belas e sem utilidade, para os ricos e os poderosos: ou seja, reis, cortesãos, cardeais e as suas cortesãs. Ninguém, além deles, poderá alguma vez desperdiçar tanta riqueza em algo que se derrete em nada nos seus lábios ainda mais depressa do que uma canção se derrete no ar da noite.

No entanto, depois de ultrapassar a estranheza inicial, descobri que o sabor era inesquecível. Não apenas o sabor extraordinário de laranjas doces e concentradas; era o próprio gelo, a sua textura fria, congelada, que chamava por mim. Daí em diante, sem que Ahmad soubesse, fiz questão de provar todas as iguarias que fazíamos. E nunca mais cuspi quando senti o frio apertar-me a garganta.

Uma noite, encontrei a cozinha repleta de um cheiro escuro e pungente, como se estivessem a cozinhar fígados num molho de vinho licoroso; mas este cheiro possuía uma riqueza que era diferente de quaisquer miudezas que eu conhecesse. Vinha de uma pequena

frigideira no fogão, onde algo espesso e castanho borbulhava como lava quente enquanto o cozinheiro mexia com uma colher de pau.

– *Xocolatl* – disse o cozinheiro, enquanto despejava o conteúdo da frigideira num pequeno copo, para o grão-duque beber antes de se deitar; depois, ao ver a minha incompreensão, ofereceu-me a ponta da colher para eu provar.

Essa é mais uma memória que nunca esqueci, embora de outro género: um calor que me encheu a boca e cobriu o palato, deixando-o repleto do mesmo sabor rico durante horas depois de o provar; amargo e espesso e, ao mesmo tempo, estranhamente quente, como o oposto total do gelo.

CARLO

Para fazer um sorvete de damasco: descaroce e escalde doze damascos maduros e passe-os por um coador: adicione cento e setenta gramas de açúcar mascavado mole e bata a mistura com um pouco de creme de limonada. Ferva em lume brando e depois coloque no pote de congelamento e trabalhe-o até ficar muito fino.

O Livro dos Gelos

Tive a grande sorte de haver entre as princesas Médicis, nesta altura, uma dama chamada Cosima de Médicis que nunca se casou. Em vez disso, dedicou a sua vida e parte considerável da fortuna dos Médicis que herdou a obras de caridade, uma das quais foi fundar uma espécie de escola para meninos de rua, órfãos e filhos dos seus criados, sob a tutela de dois ou três homens de grande erudição. Tive a sorte de me juntar a este grupo, já que o meu mestre temia demasiado pela sua própria posição para ter outra reacção a não ser fingir-se encantado com o plano. Não consigo imaginar o que aqueles pensadores e eruditos eminentes pensariam por ter de ensinar os rudimentos do saber a uma colecção de *ragazzi* como nós, mas o poder da riqueza é tanto que, três vezes por semana, todos entrávamos na grande biblioteca por cima do Claustro dos Cânones e estudávamos as nossas primeiras letras pelos manuscritos preciosos que nela se encontravam. A princesa Cosima era criticada por este esquema, creio eu, particularmente pelo clero, pois dizia-se que espalhar o conhecimento além da Igreja só poderia ter maus resultados, e que confundiria pobres crianças ignorantes como nós quanto ao nosso lugar na ordem natural das coisas. Porém, a minha educação não foi benéfica para mim apenas em termos de conhecimentos. Não fiz de propósito para estudar os que me rodeavam e tentar copiar os seus

modos, mas, tal como uma criança falará a língua dos seus pais simplesmente por a ouvir, da mesma forma ao crescer naquela corte eu adquiri, sem me aperceber disso, alguns dos modos e o comportamento agradável de um cavalheiro. Creio também que o facto de ser ensinado em latim desde tão novo foi responsável pela minha fluência em línguas – uma capacidade que me tem sido quase tão útil como a minha perícia com o gelo.

À medida que os anos passavam, comecei, gradualmente, a desprezar o meu mestre. Apesar de se esforçar ao máximo para garantir que eu vivia num temor mortal dele, era ele próprio um homem com medo; e aquilo que temia, acima de tudo, era que alguém lhe roubasse os segredos. Contava muitas vezes a história do famoso cozinheiro, *chef d'équipe* de um grande nobre, que estava tão orgulhoso das suas criações que decidiu escrever as receitas e publicá-las num livro. O livro foi um grande sucesso, amplamente copiado e republicado (sem, naturalmente, qualquer pagamento ao autor); entretanto, outros cozinheiros apoderaram-se das receitas e melhoraram-nas, ou simplesmente serviam os pratos como se fossem de sua autoria. O resultado foi que o cozinheiro foi despedido, o seu lugar ocupado por um rival mais novo, e morreu famoso mas na miséria. Ahmad dizia que esta história demonstrava a loucura de procurar elogios em vez de riquezas neste mundo.

Por vezes, eu perguntava-me por que motivo Ahmad parecia tão disposto a partilhar o seu conhecimento comigo; mas rapidamente concluí que, para ele, eu era apenas uma besta de carga, uma criatura incapaz de pensar. Ensinava-me o que sabia, não por querer partilhar os seus segredos, mas porque queria partilhar o trabalho. E assim aprendi a diferença entre os quatro tipos de gelos que se podem fazer; *cordiale* ou licores, aos quais se juntava neve esmagada para os refrescar; *granite*, aparas de água gelada sobre as quais se derramavam xaropes feitos de água de rosas ou de laranjas; *sorbetti*, gelos de água mais complexos em que eram os próprios xaropes que se congelavam, a mistura mexida enquanto endurecia de modo a que os fragmentos ficassem no pote como um monte de safiras cintilantes; e finalmente sorvetes, os mais difíceis de todos, feitos com leite aromatizado com mástique ou cardamomo, de forma a parecer neve que voltara a congelar durante a noite. Aprendi a construir obeliscos de geleia congelada; a usar moldes de ourives para fazer fantásticos pratos e taças congelados, e a esculpir o gelo em decorações extravagantes para a mesa. Dominei os talentos espectaculares do grande engenheiro Buotalenti, que construíra fontes, mesas e até grutas de gelo. No entanto, sabia que se dissesse uma palavra sobre estas técnicas a alguém Ahmad me mandaria cegar e arrancar a língua com um daqueles ferros em brasa que usávamos para fazer as esculturas de

gelo. Deu também a entender que ainda havia segredos que eu não conhecia: ingredientes especiais e gomas descritos nos seus livros que estava a guardar para si, de modo a garantir que eu soubesse sempre menos do que ele.

Contudo, reparei que a aprendizagem era só num sentido. Tal como já disse, observava muitas vezes os cozinheiros à nossa volta enquanto trabalhavam e, às vezes, parecia-me que as suas confecções dariam bons xaropes para aromatizar os nossos gelos. Um *dolci* de espuma de limão e vinho doce, por exemplo, ou fatias de meloa, cuja doçura natural era contrabalançada com uns pozinhos de gengibre moído – certamente que estes eram sabores que nos proporcionariam uma variedade bem-vinda. Contudo, se eu sugerisse que tentássemos tal coisa, mesmo como experiência apenas, Ahmad olharia para mim como se fosse louco.

– Não é um dos quatro sabores. Se não acreditas em mim, vai ver ao livro.

Estava a provocar-me, claro: sabia que eu não conseguia ler árabe, a língua em que estavam escritos os seus livros. Nem precisava de os ler para conhecer os poucos sabores – água de rosas, laranja, mástique e cardamomo – que as antigas páginas permitiam.

Também me parecia que, se os nossos gelos tinham um inconveniente, era aquela pontada de dor que me apertara a garganta ao esmagar os cristais com sabor a laranja entre os dentes. Parecia derivar da acção de morder o gelo e era, assim, presumivelmente impossível de erradicar. Tentávamos fazer os cristais de gelo tão pequenos quanto possível, raspando o gelo dos blocos com uma espécie de luva de malha metálica até serem tão pequenos como grãos de sal ou açúcar: no entanto, se ultrapassássemos um determinado tamanho, o gelo derretia e transformava-se em água, e a única coisa que ficava na taça ou no copo depois disso era uma espécie de lama com sabor a laranja ou a água de rosas. Eu ansiava por conseguir fazer um gelo que fosse tão suave, espesso e liso como aquele chocolate que o cozinheiro me dera a provar; um gelo que contivesse o frio do gelo, sem a sua aspereza.

Um dia, Ahmad ausentou-se das cozinhas, com dor de dentes. Deixou-me com instruções rigorosas sobre como ocupar o meu tempo, mas evidentemente que o arrancar do dente fora mais doloroso do que ele esperava, pois não voltou quando disse que voltaria. Por fim, vi a minha oportunidade.

Era a estação dos damascos. Os cozinheiros serviam-nos aos Médicis descascados e partidos em quartos, com sumo de melão e um pouco de natas. Peguei numa taça que já fora preparada para a mesa do grão-duque, esmaguei o conteúdo, despejei a mistura na *sabotiere*, o pote de congelamento, e esperei ansiosamente que congelasse,

mexendo-a da forma habitual.

Não foi um sucesso. A mistura congelou, sem dúvida, mas as várias partes tinham congelado de forma diferente – ou seja, havia pedaços de damasco duros como pedra e cristais de sumo de melão congelado, mas as natas tinham ficado esfiapadas, como ovo talhado, e, longe de se combinarem, os vários elementos pareciam ter-se separado ainda mais. Quando tentei comer uma colherada desta mistura granulosa, as várias partes nem sequer derreteram da mesma forma na minha língua, pelo que era como mastigar gravilha congelada. Apesar disso, havia algo na frescura da fruta e na doçura do sumo de melão que constituía uma mudança refrescante em relação aos sabores fortemente perfumados em que Ahmad insistia.

Apercebi-me de que uma solução melhor seria fazer um simples cordial ou xarope de damasco e depois congelá-lo – um *sorbetto*, na verdade. A suavidade teria de ficar para outra vez: o que era importante aqui era o sabor da fruta. Quando fui buscar outro prato de damascos, assisti a uma violenta altercação entre o cozinheiro que preparara o anterior e um criado que ele estava a acusar de o ter roubado. Não era a melhor altura para tentar subtrair outro. Além disso, Ahmad podia voltar a qualquer momento e eu tinha de limpar todos os utensílios antes que ele percebesse o que eu andara a fazer.

Assim começou um período em que eu vivia uma vida dupla. Com Ahmad, durante o dia, era um criado, que seguia as suas instruções obedientemente e sem queixume. À noite, porém, era uma espécie de alquimista, com a cozinha como laboratório, enquanto fazia experiências com diferentes combinações de sabores e ingredientes. Nada era extravagante ou ridículo de mais para eu experimentar. Congelei queijos moles, *digestifs*, sumos de legumes e até sopas. Fiz gelos de vinho, de *pesto Genovese*, de leite de amêndoas, de funcho esmagado e de todos os tipos diferentes de creme. Fiz experiências loucas, cegas, sem método nem objectivo, na esperança de tropeçar em algo, por sorte – algum método, alguma chave – que estava certo de que existia, algures: alguma coisa que conseguisse desvendar os segredos mais profundos e congelados do gelo. Era como se o próprio gelo me chamasse, me incentivasse: e, embora não possa afirmar ter conseguido descobrir aquilo que resultaria ou não, tal como um pintor ao praticar com a sua palete ganha um entendimento de quais as cores que deve misturar para alcançar um determinado efeito, assim eu me fui tornando aos poucos mais fluente na linguagem dos sabores. Estou certo de que Ahmad reparou na minha confiança crescente, mas certamente que a atribuiu ao facto de eu estar a ficar mais velho.

Houve também outras mudanças. Eu estava consciente de estar a tornar-me um homem, pelo fogo que me incendiava as veias; e um homem razoavelmente bem-parecido, a julgar pelos olhares de

admiração que recebia das raparigas que trabalhavam nas cozinhas, para não mencionar os comentários indecentes das suas colegas mais velhas e casadas. E depois havia Emilia Grandinetti… Tal como eu, ela tinha quinze anos. Era aprendiz de uma das costureiras que fazia vestidos para a corte e a coisa mais doce que eu alguma vez vira. A sua pele era da cor de manteiga quando é aquecida numa frigideira: os seus dentes e o branco dos seus olhos eram claros e brilhantes como neve, naquele rosto escuro e sorridente. Em breve os olhares entre nós os dois se transformaram em sorrisos; os namoricos em conversas; os risos em amor. *Sou o príncipe mais sortudo de toda a Florença*, pensava eu, orgulhosamente. Passávamos horas roubadas sentados no telhado do palácio, onde ninguém podia ver-nos, tontos de amor, de mãos dadas, a falar sobre os nossos sonhos.

– Eu vou ser o maior confeiteiro do mundo – disse-lhe.

– Sim? E como é que vais fazer isso? – provocou-me ela.

– Vou fazer gelos de mil sabores. Os gelos mais suaves e suculentos que alguma vez foram feitos.

No entanto, quando lhe disse que faria um gelo especialmente para ela e o roubaria da cozinha, ela abanou a cabeça.

– Não quero que arranjes problemas.

Perguntava-lhe também sobre as suas esperanças para o futuro, mas tinham todas a ver comigo: queria que ficássemos juntos, que constituíssemos família; talvez, se tivéssemos muita sorte, pudéssemos ver um dia os nossos filhos tornarem-se também criados dos Médicis.

*

O casamento era proibido aos aprendizes, mas aqueles que tinham a permissão dos seus mestres podiam ficar noivos, e o noivado de um aprendiz era considerado quase a mesma coisa do que um casamento, se não propriamente aos olhos de Deus, pelo menos aos olhos dos que estavam imediatamente abaixo Dele. Assim, esperei pelo momento mais auspicioso e abordei o assunto com Ahmad.

Estávamos a trabalhar numa magnífica escultura de gelo de uma águia em voo, a peça central de uma mesa de geleias congeladas. Era eu que fazia agora a maior parte do trabalho, com as mãos enroladas em trapos para as proteger do frio. Não só o meu toque era mais seguro do que o do meu mestre e a minha visão melhor, como aguentava o trabalho durante mais tempo – quase como se o frio que reclamara o meu dedo tivesse, ao mesmo tempo, entorpecido o resto de mim contra os seus efeitos. Ou talvez, pensei, enquanto polia o gelo até a escultura parecer brilhar a partir do interior, o meu mestre estivesse apenas a ficar velho e preguiçoso. Sabia que nesta ocasião, pelo menos, Ahmad estava satisfeito com o meu trabalho: quando acabei, o persa acenou e resmungou, de má vontade:

– Nada mau.

– Mestre, tenho estado a pensar… – comecei.

– Sim? O que foi?

– Há uma rapariga de quem me aproximei. Estava a pensar se me daria a sua permissão para ficar noivo dela.

Ahmad estava atarefado a limpar a mesa onde tínhamos estado a trabalhar.

– O que te leva a pensar que a minha permissão fará alguma diferença?

– São as regras dos aprendizes, senhor – recordei-lhe. – Não posso casar sem o consentimento do meu mestre.

Ahmad lançou-me um olhar divertido.

– Consideras-te meu aprendiz, é?

– Claro – respondi, surpreendido. – Que outra coisa poderia ser? – Por um momento delirante pensei que ele estava prestes a dizer-me que não me considerava um aprendiz, mas sim um igual; talvez até, um dia, seu sócio.

– O lugar de aprendiz compra-se – disse ele, em tom seco. – Os teus pais eram pobres.

– Não compreendo. Tão pobres que não podiam comprar-me o lugar de aprendiz?

– Ainda mais pobres do que isso. Tão pobres que ficaram felizes por te vender. Não és nenhum aprendiz, rapaz, e nunca serás. És minha propriedade e não terás liberdade em toda a tua vida para ficares noivo de rapariga nenhuma, muito menos casar. – Atirou os trapos ensopados para o lado. – Agora leva isto lá para fora e lava-os.

Foi o estilhaço de gelo no meu coração que me salvou. Se não fosse isso, talvez tivesse matado o persa ali mesmo, e para o diabo com as consequências.

Não casar. Isso já era suficientemente mau, mas se eu não tinha liberdade para casar isso significava também que não tinha liberdade para me tornar um artífice por direito próprio. Seria propriedade de Ahmad até ao dia em que morresse. Nunca teria oportunidade de criar nada por mim próprio: iria para a campa ainda a produzir os quatro sabores dos seus malditos livros. A minha vida seria desperdiçada, a minha carne e sangue derreteriam na sepultura, tal como um bloco de gelo esquecido em cima de uma mesa derrete até ser água. Ao pensar nisso, uma fúria surda e terrível palpitava-me nas veias. Apesar disso, como um bolbo debaixo do solo congelado, esperei, contendo a minha raiva, por uma oportunidade.

A oportunidade foi um francês chamado Lucian Audiger. Nunca soube como ele me encontrou: presumivelmente subornou alguém para obter informação sobre os fazedores de gelos persas e falaram-lhe num jovem italiano que talvez fosse um elo mais fraco. Na verdade, reunir informação era a grande capacidade de Audiger, embora ele

próprio acreditasse ser movido apenas por um desejo ardente de se tornar um grande confeiteiro. Era por isso que viajara – primeiro para Espanha, onde aprendera a arte de fazer água de sementes como pinhões, coentros, pistácio e anis; depois para a Holanda, onde estudara a destilação, tanto de flores como de frutos; e daí para a Alemanha, onde aprendera a dominar a arte de fazer xaropes. Era inevitável que chegasse eventualmente a Itália, onde tanto os Habsburgos em Nápoles como os Médicis em Florença eram famosos por misturarem neve e gelo nos seus vinhos e sobremesas.

Veio ter comigo a meio da noite e sacudiu-me para me acordar. A pessoa que o trouxera através do labirinto de salas de serviço desapareceu, sem ser vista, e quando eu acordei completamente Audiger já estava a falar de Paris, da corte gloriosa que o jovem Luís XIV estava a construir, dos palácios novos em Marly e Versalhes; riquezas muito superiores até à dos Médicis, e uma cidade repleta de homens e mulheres elegantes, ávidos por novas delícias. Havia casas de café e chocolate a abrir por toda a cidade de Paris: uma pessoa capaz de fazer bebidas geladas e confecções frescas nunca passaria fome, e, juntos – dois homens jovens que, entre ambos, conseguiriam criar todo o tipo de confecções ou novidades – certamente que chegariam ao serviço do próprio rei… Nesta altura eu já quase não estava a ouvir. Ouvira tudo o que precisava. Se queria fugir da corte dos Médicis com os segredos do negócio de um persa na cabeça, precisava apenas de duas coisas: um protector de poder pelo menos equivalente ao dos Médicis, para que não pudessem simplesmente exigir o meu regresso, e ir para um sítio muito, muito longe do alcance de um punhal persa.

– Tenho duas condições – disse, quando Audiger finalmente parou para respirar.

– Quais?

– Nunca chamar mestre a ninguém. E vinte e quatro horas para tentar convencer a Emilia a vir também.

– Feito – disse Audiger, estendendo a mão. – Encontramo-nos junto da Porta San Miniato à meia-noite de amanhã.

*

Tão cedo quanto achei decente, na manhã seguinte, fui ter com Emilia à sala das costureiras. Puxei-a à parte e contei-lhe o meu plano.

– Mas… – disse ela. A sua voz fraquejou. – Se fugires, serás apanhado. E depois irás para a prisão. Podes até ser enforcado.

– É a única opção, agora. Não percebes? Não há nada para nós aqui. Se partirmos, pelo menos teremos uma oportunidade.

Ela olhou em volta.

– Não posso falar agora. A minha mestra…

– Emilia! – sussurrei. – Tenho de saber. Vens ou não?

– Eu… eu… – gaguejou, lançando um olhar nervoso à porta, e nesse momento compreendi que ela tinha demasiado medo.

Desesperado, disse:

– Ouve, eu compreendo, *cara*. Amavas-me porque pensavas que era permitido. Agora que achas que isso pode arranjar-te problemas, estás assustada. Mas é a única oportunidade que qualquer um de nós terá. Tenho de a aproveitar. A questão é, vens ou não vens?

– Hei-de amar-te sempre – murmurou ela.

Senti um grande peso abater-se sobre mim.

– Isso quer dizer não.

– Por favor, Carlo. É demasiado arriscado.

Nessa noite, eu estava à espera junto da Porta San Miniato muito antes de os sinos da igreja tocarem a meia-noite. Ao meu lado, tinha uma arca com um saque considerável do equipamento de fazer gelo de Ahmad.

Mandámos parar a *diligence*, a carruagem rápida do correio, puxada por seis cavalos, que ia de Roma a Paris em longas etapas ininterruptas. Normalmente não levava passageiros; mais uma vez, Audiger parecia ter a confiança e o dinheiro necessários para nos comprar um lugar.

Enquanto viajávamos para norte, olhei pela janela. Nunca tinha estado mais longe do que Pisa e comecei a pensar, com um aperto no coração, que cada quilómetro que fazíamos me levava para mais longe de Emilia.

– Estive a pensar – disse Audiger.

Com esforço, pus de lado os meus pensamentos e virei-me para ele.

– Sim?

– Antes de chegarmos a Paris temos de te arranjar roupas decentes. – O francês apontou para a sua indumentária elegante. – É importante que não nos pareçamos com mercadores. Na corte francesa, as aparências são tudo.

Encolhi os ombros.

– Está bem.

– E temos de pensar qual será a melhor maneira de abordar o rei. Conheço um dos seus criados particulares: podemos suborná-lo para conseguirmos chegar à presença real, mas será apenas um desperdício de tempo a menos que possamos oferecer um presente ao rei… algo especial, algo que o faça falar de nós a todos os homens e mulheres da sua corte.

– Muito bem. – Bocejei. Agora que a tensão da fuga ficara para trás, estava exausto. – Podemos fazer-lhe um gelo.

Audiger abanou a cabeça.

– Ainda mais especial do que isso.

– Vou pensar no assunto. – Esta capacidade que Audiger tinha de se preocupar não só com as próximas vinte e quatro horas, mas com eventos que não aconteceriam nos próximos dias ou semanas, espantava-me.

– Há mais uma coisa. – Audiger hesitou. – Disseste que não chamarias mestre a homem nenhum. É justo. Mas acho, apesar disso, que devias tratar-me por mestre quando estivermos na presença de outras pessoas.

Agora eu estava bem acordado.

– Porquê?

– Simplesmente porque sou mais velho do que tu. As pessoas esperam que eu seja superior. Além disso, já tenho uma certa reputação em Paris. Pareceria estranho que aparecesse com um maltrapilho italiano a reboque e o tratasse de igual para igual. Não que sejas um maltrapilho, claro – acrescentou rapidamente. – Mas é assim que as pessoas nos podem ver.

Mais uma vez, foi apenas o estilhaço de gelo no meu coração que me fez conter a raiva.

– Eu disse que não teria nenhum mestre.

– E não terás. Dividiremos os lucros entre os dois, isso está perfeitamente estabelecido. Eu não *serei* o teu mestre; simplesmente me *chamarás* mestre. Compreendes a distinção, não compreendes?

Com alguma relutância, assenti.

– Está bem.

– Óptimo. – Audiger olhou para a janela. – Mas o que dar ao rei? – disse, quase com os seus botões. – *Isso* é que é uma preocupação.

Enquanto adormecia, ocorreu-me que Audiger devia ter percebido mal o que eu dissera em Florença. Pensara que eu tinha dito que não queria ter nenhum mestre; mas o que eu dissera na realidade fora que não queria *chamar* mestre a nenhum homem, tinha quase a certeza disso. No entanto, aqui estava eu, a concordar em fazê-lo. Talvez Audiger se tivesse esquecido das palavras exactas do nosso acordo.

– Seria possível fazer um gelo de ervilhas?

Despertei, sobressaltado. A *diligence* tinha parado, mas apenas para os condutores se aliviarem. Audiger estava de pé à beira da estrada, junto da porta aberta, a urinar nos campos.

– O quê?

– Perguntei se era possível fazer um gelo de ervilhas – repetiu Audiger por cima do ombro. – Vê, estou a regar ervilhas neste preciso momento.

Olhei para fora da carruagem. Sob a luz brilhante da lua cheia vi um campo de ervilhas, as vagens verdes e gordas a oscilarem sob a brisa. O aroma a legumes frescos era, felizmente, mais forte do que o da urina do meu companheiro.

– O rei tem uma estranha paixão por todo o tipo de vegetais – disse Audiger. – Especialmente ervilhas. Todos os anos os seus cortesãos competem entre si para ver quem lhe traz a primeira colheita das suas propriedades… é o tipo de concurso que ele aprecia. E estas estão semanas adiantadas em relação às ervilhas em França. Estava a pensar se seria possível fazer um gelo com elas.

– Se queres dar ervilhas ao rei, porque não simplesmente colher algumas?

– Estarão murchas muito antes de chegarmos a Paris. Mesmo a *diligence* demora duas semanas.

– Mas podíamos congelá-las.

Audiger espreitou por detrás da porta da carruagem.

– O quê?

– Congelá-las – repeti. – Conservá-las em gelo.

Audiger olhou para mim.

– Isso é possível?

– Não só é possível, como é simples. Os persas há muito que sabem que o gelo conserva as frutas e as protege da decomposição. Com certeza que as ervilhas não serão diferentes.

– Sim? Brilhante! Do que precisas? De gelo? – Audiger olhou para o campo iluminado pelo luar. – Mas, claro, não temos gelo – disse, desanimado. – Dois fazedores de gelo, sem gelo.

– Audiger… estamos a caminho de onde?

O francês pareceu perplexo.

– De Paris?

– Passando pelos Alpes – recordei-lhe. – E, embora nunca tenha lá estado, até eu sei que os Alpes estão…

– Cheios de gelo! Carregados de gelo! Gelo e neve para onde quer que nos viremos! Sim! – Audiger atirou o chapéu ao ar e apanhou-o de novo. – Mas primeiro temos de levar as nossas ervilhas até aos Alpes – disse, em tom mais sombrio.

– Quanto tempo demora a carruagem a lá chegar?

– Dois dias, talvez três.

– A minha arca de equipamento ainda deve estar fria; os baldes de estanho e as outras coisas vieram directamente da casa de gelo de Boboli. Se pusermos as ervilhas lá dentro…

– Sim! Sim! – Audiger arremessou novamente o chapéu. – Claro! Com a minha visão, Demirco, e a tua perícia, seremos os confeiteiros do rei em menos de nada!

Dois dias depois, numa estalagem no desfiladeiro da montanha que levava a França, Audiger viu-me preparar as ervilhas.

– A neve prensada é ainda mais fria do que gelo e dura mais tempo – expliquei. – Não sei porquê. Mas tenciono descobrir, um dia.

Audiger estava a olhar para a *sabotiere* como um homem que

espera ver um truque de prestidigitação. Muito bem, pensei: vou mostrar-te magia.

– Agora junto salitre à neve. Isso torna-a muito, muito mais fria. Também não sei exactamente porquê.

– Continua – sussurrou Audiger.

– Depois ponho as ervilhas no pote interior, assim. – Despejei as ervilhas e coloquei a tampa.

– E agora?

– Agora deixamo-las. Não é diferente de pôr um bolo no forno… se abrirmos a porta para verificar a cozedura demasiadas vezes, o calor sai e o bolo nunca mais coze. No nosso caso, é o frio que temos de conservar.

Audiger abriu o seu relógio de bolso.

– Quanto tempo?

– O período de tempo entre as matinas e a missa, segundo os sinos de Santa Maria.

– O quê?

– Aproximadamente meia hora.

Audiger passou os trinta minutos seguintes a andar de um lado para o outro. Quando finalmente abrimos a *sabotiere*, espreitou lá para dentro e susteve a respiração.

As ervilhas tinham-se unido numa bola, um cacho verde e prateado, salpicado de gelo. Audiger pegou-lhes e tirou-as do pote.

– Espantoso! – murmurou.

– Cuidado – avisei. – As tuas mãos vão aquecê-las e não saberão tanto a frescas se tiverem de ser congeladas uma segunda vez.

– Estão coladas! – Os dedos de Audiger estavam cobertos de ervilhas, agarradas à sua pele como cardos a luvas de lã. Tentou sacudi-las, mas não se mexeram.

– Espera. – Tirei as ervilhas congeladas uma a uma. Reparei que não ficavam coladas aos meus dedos como aos de Audiger. – Devíamos guardá-las. E temos de levar uma arca de neve prensada connosco na carruagem, para as podermos manter assim.

CARLO

Para fazer uma ratafia de nozes verdes: parta as nozes, ainda não completamente maduras, em quartos, com cascas e tudo, e depois macere-as durante um mês em cinco litros de aguardente, com um limão e umas folhas de árvore de lima doce. Este cordial, em França, é conhecido como *liqueur de noix*, e congela bastante bem, embora não fique duro.

Em Paris, tivemos de nos mover rapidamente para conseguirmos uma audiência com o rei antes de as nossas ervilhas descongelarem. Felizmente, *monsieur* Bontemps, o criado particular do rei, revelou-se tão corruptível como Audiger previra e, poucos dias depois, fomos levados à presença de Luís XIV, do seu irmão e de vários outros nobres. Audiger estava tão maravilhado que quase não conseguia falar. Felizmente, o nosso presente não precisava de grandes introduções e a oratória balbuciante de Audiger rapidamente foi ignorada enquanto os aristocratas se reuniam à volta da caixa de ervilhas, provando-as.

O rei pediu ao criado para levar as que restavam ao administrador dos alimentos para as dividir: uma parte para a rainha, outra para a rainha-mãe, outra para o cardeal e a última para si próprio.

– Quanto a estes intrépidos cavalheiros, Bontemps – disse, gesticulando na nossa direcção –, por favor recompense-os pelo seu trabalho.

Olhei para Audiger. Era neste momento que, segundo o nosso plano, devíamos ter pronunciado o discurso que tínhamos preparado. Contudo, o meu companheiro, invulgarmente, parecia estar mudo e fitava o rei com olhos arregalados e uma expressão de adoração.

– Com a licença de Vossa Majestade – disse eu, com uma vénia –, não desejamos qualquer recompensa, excepto o privilégio de poder fazer gelos e outras confecções frescas para o prazer real.

Luís ergueu as sobrancelhas.

– Gelos?

Audiger encontrou finalmente a sua voz.

– O meu assistente, senhor, trabalhou até há pouco tempo na corte dos Médicis e é exímio nesta arte.

O rei estudou o meu rosto.

– Como se chama, *signor*?

– Demirco, senhor.

– E quantos anos tem?

– Dezoito – menti.

– Hum… Uma boa idade… a mesma idade que eu tinha quando assumi o governo de França. Aguardarei ansiosamente para provar as vossas confecções. O cardeal Mazarin há muito que tem ao seu serviço um *limonadier* italiano e por várias ocasiões tive motivos para admirar o seu trabalho. Chama-se Morelli… talvez o conheça?

Abanei a cabeça.

– Não, senhor.

– É um homem muito inventivo. Mas talvez… – senti o rei inspeccionar-me ainda mais atentamente – …venha a provar igual

valor. Espero bem que sim. Dar-me-ia grande prazer superar o cardeal à mesa.

Tive então um vislumbre da personalidade deste rei. Rivalidade – era isso que o movia. Tudo o que fazia, ou tinha, ou patrocinava, tinha de ser o melhor, e qualquer cortesão ou estadista que lhe oferecesse algo – mesmo algo tão insubstancial como uma guloseima de gelo aromatizado – estava apenas a alimentar o apetite insaciável de Luís para o superar.

Curvei-me de novo numa vénia.

– Darei o meu melhor, Vossa Majestade.

Ao meu lado, Audiger acrescentou:

– Uma tarefa, senhor, que seria certamente mais fácil se pudéssemos estabelecer uma corporação… uma corporação de confeiteiros… com uma patente real, um conselho e o direito de atribuir o cargo de mestre…

– Sim, sim. Façam um gelo e mandem-mo esta noite à hora de jantar. Se o achar aceitável, essa honra será vossa. – O rei saiu, seguido pelos restantes.

Audiger olhou para a porta e depois agarrou-me na manga.

– Esta noite! – sussurrou. – Temos de lhe mandar um gelo esta noite!

– Não há problema – disse-lhe, em tom confiante. – Traz-me nozes verdes do mercado, procura uma loja de cordiais e compra-me *liqueur de noix*. O licoreiro já terá feito a maior parte do trabalho duro por nós. – Não tinha a mínima intenção, agora que chegara finalmente a França, de alguma vez me voltar a limitar aos quatro sabores de Ahmad.

Foi o princípio de uma fase notável. Em Florença eu fora menos do que um criado: aqui, em Paris, era quase um cortesão. Audiger tratou de me vestir ao estilo de um professor de dança ou pintor de retratos, com uma casaca resplandecente com vinte e quatro botões que nunca eram usados, umas calças brancas suficientemente apertadas para exibir a barriga da perna, um chapéu com três bicos, uma cabeleira – a primeira que alguma vez usara – comprida e liberalmente empoada com giz. Esta última causava uma comichão insuportável. Depois de a usar durante uma semana, apercebi-me de que teria de rapar a cabeça, como Audiger fazia, ou livrar-me da cabeleira. Livrei-me da cabeleira. No entanto, estou certo de que o resto das minhas roupas me ficava bastante bem e, quando vislumbrava o meu reflexo num dos espelhos de corpo inteiro que apainelavam os novos salões do rei, não podia deixar de ficar impressionado.

Foi-nos dada uma cave na residência de campo do rei, em Marly, e em Paris arranjámos residência em Saint-Germain-des-Prés,

convenientemente perto do Louvre. O trabalho que eu era obrigado a fazer em Florença, arrastar blocos de gelo desde a casa de gelo até ao palácio, era aqui feito por outros – Paris já tinha um comércio florescente de gelo e neve prensada para refrescar os vinhos da nobreza, e era possível obter material de boa qualidade durante todo o ano. Até o trabalho de partir e ralar era feito por aprendizes, e Audiger tinha sempre pelo menos quatro ao seu serviço.

No entanto, era no novo palácio do rei, em Versalhes, que passávamos a maior parte do tempo. Audiger não mentira quando falara da sua magnificência. Embora o trabalho de construção não estivesse de forma alguma terminado – na verdade, nunca ficou concluído ao longo de todo o tempo que lá estive; assim que um projecto terminava, Luís lançava-se imediatamente noutro, as suas ambições ultrapassando sempre as capacidades dos arquitectos para as realizarem – a velha casa já estava envolvida por uma grande e nova *façade*, com janelas simétricas colocadas a intervalos regulares, mais fabulosas do que tudo o que eu vira em Florença, que nesse tempo era considerada a cidade mais bela do mundo. Versalhes – ou «o novo palácio», como nos referíamos geralmente a ele – tinha as proporções elegantes do Uffizi ou do Pitti, mas estava rodeado por terreno aberto, como uma mansão de campo; era do tamanho de um castelo, mas totalmente desprovido de qualquer tipo de fortificações, numa demonstração de confiança suprema; cumpria as funções de uma corte, mas não tinha pequenos gabinetes nem aposentos para funcionários, apenas salões deslumbrantes e galerias sumptuosas. Em suma, era um tipo de palácio completamente novo, e nele Luís exercia um tipo de governo completamente novo – em que não havia distinção entre questões de Estado e questões de moda; onde os ministros eram respeitados pela urbanidade do seu discurso ou pela elegância das suas roupas, tanto como pela sabedoria dos seus conselhos; e onde tudo, desde o comprimento de uma unha às questões de guerra, girava à volta da impecável pessoa do próprio rei: o seu estado de espírito, os seus modos e, acima de tudo, os seus gostos.

Pois Luís era um *gourmet* – havia até quem dissesse um glutão. Trabalhavam mais de trezentas pessoas nas suas cozinhas, que ocupavam um edifício inteiro adjacente ao palácio, e sessenta dessas pessoas não preparavam mais nada a não ser sobremesas. Havia uma equipa de nove pessoas que fazia *macaroons*, biscoitos arredondados, de consistência semelhante a merengue, recheados com pastas coloridas de pistácio, alcaçuz, groselha negra ou amêndoa. Havia confeiteiros especializados nas subtilezas do açúcar caramelizado, ou que faziam rebuçados de sementes açucaradas, ou que preparavam orchata, uma pasta de amêndoas escaldadas, flor de laranjeira e

coentros, da qual o rei gostava particularmente. Eu fazia questão de passar tempo nas cozinhas com estes especialistas, com a desculpa de aquecer as mãos frias por causa de trabalhar o gelo, mas na realidade para ver como eles trabalhavam. Em breve, para grande satisfação do rei, eu estava a produzir gelos de espécies que nunca tinham sido feitas antes – cordiais gelados aromatizados com orchata, ou gelos de leite ensanduichados entre camadas de merengue que pareciam *macaroons*, ou *sorbetti* que podiam ser segurados com a mão, dentro de uma pequena taça entrançada feita de fios de açúcar caramelizado, de modo a não pingarem as belas roupas da corte enquanto derretiam.

Agora não havia ninguém para me dizer o que eu não podia fazer: na verdade, rapidamente ficou evidente que a novidade era uma parte essencial do serviço que Audiger e eu fornecíamos. De cada vez que o rei dava um jantar ou um piquenique, uma das mesas era reservada para as nossas iguarias. Em torno de um centro de mesa de gelo esculpido, colocávamos um *tableau* de geleias, sorvetes, licores gelados, águas perfumadas, frutas envoltas em gelo e outras delícias geladas. E depois – talvez algumas horas mais tarde, talvez na semana seguinte, conforme os caprichos da corte, ou seja, os caprichos de Sua Majestade Cristã – voltávamos a fazer tudo de novo, *sem que pudéssemos repetir uma única receita ou sabor*. Se um gelo de flores cristalizadas era um dos pratos oferecidos na terça-feira, tinham de passar pelo menos duas semanas antes que pudesse surgir novamente na mesa do rei. Se fatias de pêssego cortadas como raios de sol e aromatizadas com galanga deslumbravam a corte numa quarta-feira, tinha de passar pelo menos outra quarta-feira antes que pudessem brilhar de novo. Uma *eau glacée* de cubebas e pimenta de Caiena, ou um sorvete de cordial de meloa intensificado com cássia podia divertir os cortesãos e as suas damas hoje, mas amanhã já não seria novidade, e depois de amanhã apenas os enfadaria.

Depois de estar na corte há alguns meses, fui chamado à presença do rei. Primeiro, presumi que ele queria que lhe levasse um gelo; mas quando perguntei quantos convidados tinha consigo, disseram-me que era apenas um e que, desta vez, não era preciso levar nenhum gelo. Concluí de imediato que a minha última produção – um sorvete de leite aromatizado com grãos do paraíso – fora, de alguma forma, inaceitável. Com o coração aos saltos, certo de que estava prestes a cair em desgraça, segui o lacaio pelos corredores intermináveis até à sala de audiências.

Encontrei o rei em conversa com um homem cujo casaco estava sujo de musgo, as meias brancas e as presilhas de linho dos sapatos salpicadas de lama. Contudo, o rei estava a conversar com ele com tanta afabilidade como com qualquer outro cortesão.

– Ah, Demirco! – exclamou Luís. Vi que ele tinha na mão uma

pequena faca de fruta e uma pêra. – Já conhece monsieur la Quintinie?

Eu já ouvira falar dele. Era um advogado de formação, que supervisionava as hortas do rei, mas nunca o conhecera pessoalmente. Curvámo-nos ambos numa vénia.

– Cheire isto – ordenou o rei, passando-me uma fatia de pêra da sua própria mão. – Vamos… cheire!

Inalei profundamente, permitindo que o aroma da pêra me invadisse as narinas. Era muito agradável, com um perfume fresco e floral que me fez lembrar uvas moscatel. A fatia em forma de crescente que o rei cortara da fruta revelava que a casca era áspera, quase verrugosa, e tingida com uma sombra vermelha, como uma maçã; mas a polpa era branca e fresca, como um bloco de mármore antes de ser esculpido.

– Agora prove – disse-me ele.

Enfiei a fatia de pêra na boca. A fragrância tornou-se líquida, inundando-me o palato: esmaguei a polpa com os dentes, libertando mais dos seus sucos maravilhosos.

– Senhor, é magnífica – disse, com sinceridade, depois de engolir.

Ele acenou.

– Uma variedade nova. Os jardineiros de monsieur la Quintinie estão a cultivá-la há três anos e esta é a primeira vez que deu fruto. – Ficou em silêncio por um momento. – Em boa verdade, Deus é o maior de todos os cozinheiros, e só podemos prestar homenagem às suas receitas com toda a nossa humildade.

– É verdade, senhor – disse, sem perceber bem onde é que ele queria chegar.

– A perfeição é simplicidade, Demirco.

Inclinei a cabeça, em sinal de concordância.

– Sei que gosta muito de pós e especiarias e por aí fora, e isso é tudo muito bonito. Mas as produções da horta, simples e sem adornos, ensinam-nos a glória de Deus. Conseguirá captar estes sabores em gelo?

– Creio que sim, majestade – respondi, cautelosamente. – Não estou certo de conseguir reter o aroma que esta pêra tem, por exemplo. Mas seria uma honra tentar.

O rei abriu as mãos para nos abranger a ambos.

– La Quintinie e Demirco. Falem um com o outro. Estou ansioso por provar os frutos da vossa polinização.

*

E assim aprendi as virtudes da simplicidade e enviei ao rei *sorbetti* gelados da fruta mais recente da estação, adornados apenas com um pouco de açúcar. Descobri que, embora o processo de congelamento pudesse de facto roubar algum do aroma da fruta, tinha também o

efeito de concentrar o sabor, capturando a sua essência em alguns cristais doces na ponta de uma colher. Isto foi antes de la Quintinie ter completado a vasta *potager du roi*, a maior da Europa, que o próprio Luís considerava a parte mais bela da sua propriedade. Mas os pomares, hortas e estufas que já tinha ao seu dispor produziam resultados extraordinários. Luís adorava pêras, por exemplo, mais do que qualquer outro fruto, e assim la Quintinie dedicou-se a cultivar as melhores variedades de França, além de criar variedades novas para agradar ao rei. Globulares, redondas, pendentes, esguias; verdes, amarelas, acastanhadas, vermelhas; de casca áspera ou lisa; com nomes extravagantes como Bom Chretien d'Hiver, Petit Blanquet, Sucrée Verte, ou a preferida do rei entre todas, a doce e perfumada Rousselet de Reims – ele cultivava-as a todas e dava-me os preciosos frutos para fazer com eles o que muito bem entendesse. Uma vez, enviei ao rei uma simples tábua de madeira contendo apenas meia dúzia de sorvetes, cada um feito de uma variedade diferente de pêra, culminando numa pêra *sanguinello*, ou de sangue, de um rosa vivo, que fora suavemente assada apenas para caramelizar a casca; ele ficou tão encantado que pôs de lado os assuntos da corte e convocou Audiger e eu à sala de audiências, onde toda a corte nos recebeu com uma ovação pelas nossas proezas. Noutra ocasião, fiz-lhe uma taça de cerejas que, quando examinadas atentamente, eram vinte gelados de creme de cereja individuais que eu congelara um a um, num molde; enquanto os meus sorvetes de mandarina – servidos dentro da casca de uma mandarina recém-colhida, com a casca aparentemente intacta, como um barco de brinquedo dentro de uma garrafa – eram uma maravilha que a corte discutiu durante dias.

Por vezes, o rei organizava grandes *divertissements*, alguns para mil convidados, em que eram construídos de *papier mâché* teatros e grutas quase tão grandes como o próprio palácio, para a estreia de pantomimas e *comédies-ballets* especialmente encomendados para a ocasião. O facto de estes edifícios elaborados serem para destruir depois de uma única noite de entretenimento era apenas outro aspecto da sua magnificência. Nestas ocasiões, criávamos gelos que nunca mais eram repetidos em honra de um convidado especial, da mesma forma que um cozinheiro pode dar a um molho novo o nome do cliente que o inspirou. Audiger levava muito a sério a ordem implícita do rei para superar o *limonadier* do cardeal Mazarin, e até subornava criados nas casas dos outros grandes nobres para nos contarem o que andavam a fazer os seus confeiteiros. Foi, de facto, um dia feliz, quando ouvimos dizer que o famoso Signor Morelli se vira reduzido a copiar a nossa ideia de um sorvete de groselha amarga, servido numa colher de prata reluzente que, quando colocada na boca, revelava ser feita de açúcar.

No entanto, para Audiger, o nosso sucesso estava sempre misturado com frustração. A fundação da corporação – o seu grande sonho – estava atolada em burocracia e, a cada passo, exigia mais um suborno para avançar. O intendente do rei, monsieur le Tellier, não previa quaisquer dificuldades, mas levou o assunto ao Conselho Privado. O Conselho não podia considerar a criação da corporação sem um relatório do escrivão principal. O escrivão principal levou o assunto ao chanceler. O chanceler só se envolveria se a medida tivesse o apoio de um nobre. O nobre que Audiger escolheu, infelizmente, andava a dormir com uma dama que não era a sua esposa: não se tratava propriamente de uma ocorrência invulgar, mas a esposa era, por azar, neta do chanceler… E por aí fora, sempre às voltas, sem que ninguém mostrasse grande vontade de conceder a patente que criaria a corporação, enquanto cada oportunidade de lucro, progresso, intriga e corrupção não estivesse devidamente esgotada.

– Mas porquê tanto interesse? – perguntei por fim, quando Audiger estava novamente furioso por causa do mais recente revés. – Porque é uma corporação tão importante, se estamos a fazer os gelos que queremos?

– Não compreendeste nada? – inquiriu Audiger. Aproximou-se abruptamente de mim, enquanto eu despejava leite perfumado com cravo-da-índia num molde de estanho. – Quem é que pensas que paga por este equipamento? – perguntou, furioso. – Pelas tuas roupas? Pelo teu belo chapéu? Por estas instalações? Quem é que dá de comer aos nossos aprendizes? Quem paga os nossos subornos? Quem compra estes ingredientes caros que usas de forma tão liberal? – Enfiou os dedos numa caixa de cravos-da-índia e atirou um punhado ao ar. – Nunca fizeste essas perguntas a ti próprio?

Olhei para ele, estupefacto, enquanto os cravos-da-índia caíam no chão. O que ele dissera era absolutamente verdade. Eu nunca pensara sequer vagamente no aspecto financeiro daquilo que fazíamos. É a única liberdade que o escravo partilha com o cavalheiro; não se preocupar com dinheiro.

– Mas… o rei não nos recompensa?

Audiger soltou uma risada trocista.

– Às vezes. Mas nunca a tempo e horas, e nunca o suficiente. Sabe que a moeda em que nos paga é a sua protecção, não ouro. Já gastei quase mil *livres* neste empreendimento… tudo o que tinha. E, a menos que consigamos a corporação… a menos que tenhamos outros homens a pagarem-nos para se juntarem a ela… a menos que possamos cobrar às pessoas para aceitarmos os seus filhos como aprendizes e depois lhes vendermos o direito de se tornarem por sua vez mestres… estarei na bancarrota dentro de seis meses.

– Audiger, lamento muito. Não fazia ideia. Tens toda a razão…

tenho sido negligente.

– Bom – disse Audiger, o mau humor evaporando-se tão depressa como aparecera –, não importa. Deixei que te concentrasses nos gelos e não no negócio, uma vez que é essa a tua verdadeira vocação. Porém, se de vez em quando me achares um pouco irascível, já sabes porquê. Se falharmos, perderei tudo.

Foi uma pequena discussão, rapidamente esquecida, mas teve uma consequência importante. Daí em diante, eu comecei a interessar-me pelo aspecto financeiro da nossa actividade. Comecei a compreender a curiosa economia da nossa profissão, na qual não eram os ingredientes que custavam muito dinheiro, nem o próprio gelo, mas os aprestos que os acompanhavam: as nossas roupas de corte, os nossos empregados de uniforme, as belas taças e colheres de ouro para que um rei ou um nobre pudesse apreciar o nosso trabalho. Ahmad tivera razão em relação a isto, pelo menos: era a nossa *mestria* que nos fazia valer as somas exorbitantes que cobrávamos, tal como um cantor é pago pela beleza da sua voz, ou um pintor pela sua habilidade e não pelo custo das tintas. E era por isso, claro, que tínhamos de manter sempre o nosso conhecimento secreto: assim que fosse partilhado por outros, deixaria de ter valor. Com isto em mente, persuadi Audiger de que devíamos cobrar ainda mais pelas nossas criações. O rei encorajava a extravagância nos seus cortesãos: se Luís elogiava um sorvete, ou um gelo feito com algum ingrediente novo e elegante como jasmim, amora ou hortelã, mais cedo ou mais tarde todos os cortesãos dignos desse nome teriam de cerrar os dentes e pagar valores exorbitantes para poderem ter o prazer, mais cedo ou mais tarde, de concordar com o rei que sim, era realmente delicioso. Seguindo este plano, fomos acumulando lentamente riqueza, além de privilégio, os nossos casacos foram ficando mais ricos, os nossos botões passaram a ser feitos de pérolas em vez de osso – embora isso não tenha impedido Audiger de continuar, ainda assim, a suspirar pela sua corporação.

Porém, se Audiger tinha a sua frustração privada, eu também tinha a minha. Em Florença sempre imaginara que, assim que tivesse liberdade para combinar os sabores e texturas que desejasse, acabaria por encontrar uma substância que, depois de congelada, teria a riqueza suave de natas ou de chocolate derretido, para que as minhas confecções se dissolvessem doce e rapidamente na língua, como creme de *chantilly* ou a pasta no centro de um *macaroon*, sem o rangido denunciador de gelo. Contudo, embora tivesse tentado congelar cada uma destas misturas e uma dezena de outras, a resposta continuava a escapar-me. Não parecia, pura e simplesmente, haver forma de produzir um gelo verdadeiramente suave.

Havia contudo uma coisa na qual me tornei mais eficiente.

Enquanto os Médicis tinham uma tendência para a rigidez em questões morais, como convinha aos banqueiros da Europa, a corte de Luís XIV era mais sofisticada. A nobreza de França casava por motivos políticos e financeiros: o seu ardor era reservado para as aventuras extraconjugais. Mesmo aos níveis mais baixos da corte, ninguém via motivos para não se entregar a *liaisons*. Um jovem italiano talentoso – que, modéstia à parte, ficava bastante elegante num chapéu de três bicos – não podia continuar a ser ignorado muito mais tempo.

Um dia, estava a preparar cordiais gelados para os convidados do rei quando uma dama da corte parou para me ver trabalhar.

– O senhor é o tal que é meu conterrâneo – disse, em italiano.

Ergui os olhos, surpreendido por ouvir a minha língua mãe. Ela era baixa, de rosto redondo e olhos escuros, e tinha no olhar uma expressão de malícia indolente.

– Cresci em Roma – explicou. – O meu tio trouxe-me para Paris para arranjar marido.

– E arranjou? – perguntei, ousado.

Ela acenou.

– Vários, na verdade. Um meu, e alguns que já pertenciam a outras. – Olhou para o rei, rodeado por um grupo de cortesãos.

Percebi então com quem estava a conversar. Até eu já ouvira falar de Olympe de Soissons, a beleza italiana que contava o próprio rei entre as suas conquistas. Ela e as suas quatro irmãs eram conhecidas como as Mazarinettes, por causa do nome do tio, o poderoso cardeal Mazarin.

– O que está a fazer? – perguntou-me, enquanto me via coar o líquido através de uma musselina.

– Um cordial. Pêras moscatel e gengibre, com um pouco de…

– Faça um para mim – interrompeu. – Mas esse não. Nunca gosto de comer o mesmo que as outras pessoas. – Afastou-se para se juntar aos outros mas, ao fazê-lo, lançou-me um breve olhar atrevido por cima do ombro.

Depois de distribuir os cordiais de gengibre, fiz algo diferente e levei-lho.

– O que é? – perguntou ela delicadamente.

– Uma tisana gelada de folhas de chá verde da China, com essência de lima e algumas sementes – respondi com uma vénia.

Ela acenou e bebeu um gole. Era uma receita que eu andava a trabalhar há alguns dias, um pouco fora do comum, usando os ingredientes mais recentes e na moda. O sabor começava por um golpe forte e fresco de lima, a que se seguia um pequeno jacto de folhas de chá verde. Depois havia uma sugestão de jasmim e um travo leve e quente de cardamomo picante.

– Interessante – foi tudo o que ela disse. E depois, enquanto eu me

afastava: – E surpreendentemente refrescante. Obrigada.

No dia seguinte recebi ordens para preparar os ingredientes para vinte litros de cordial.

– Vinte litros? – repeti ao lacaio que trouxe a ordem. – Tem a certeza? Isso seria suficiente para toda a corte.

– É apenas para *madame la comptesse*. Ela deseja aquele que lhe fez ontem. Leve os ingredientes directamente aos aposentos dela.

Era fácil perder-me no palácio enorme e por várias vezes tive de pedir indicações a um dos criados de peruca que estavam de serviço nos corredores intermináveis. Por fim, encontrei a porta certa. Foi-me aberta por uma criada, que me convidou a entrar. Mesmo pelos padrões de Versalhes, o apartamento era sumptuoso. Papel de parede de seda vermelha estava por sua vez coberto com obras de arte, sendo a peça central uma pintura da própria Olympe, vestida com pouco mais do que umas cortinas de veludo.

A criada introduziu-me numa antecâmara onde havia uma banheira e uma fila de jarros fumegantes. Não vi mais nada a não ser um biombo de seda bordada, uma cadeira e uma *chaise-longue* estofada a veludo vermelho, sobre a qual fora colocada uma pilha de grossas toalhas de linho.

– *Madame*, o confeiteiro chegou – disse a criada, fazendo uma reverência na sala vazia.

– Obrigada, Cecile.

A cabeça de Olympe apareceu por cima do biombo. Estava a soltar o cabelo com uma mão, libertando os caracóis elaborados.

– O seu cordial estava tão delicioso que decidi que gostaria de me banhar nele – disse, simplesmente. – Importa-se de o preparar para mim, por favor?

Fiz o que ela me pediu. Em vez de encher a banheira com folhas de chá e rodelas de lima, coloquei os sacos de musselina que continham os ingredientes directamente na água e deixei-os macerar. A água estava bastante quente – se soubesse, teria alterado ligeiramente as proporções; o calor ia realçar mais o sabor das folhas de chá, enquanto o gelo favorecia a lima…

– Está pronto? – perguntou ela.

– Devia estar mais algum tempo de infusão.

– Nesse caso, eu ficarei de infusão com ele. – Olympe saiu de trás do biombo. Vestia o seu *déshabillé* – uma peça de renda fina como gaze, fechada à frente, que mal lhe cobria os joelhos. Se reparou na minha reacção, não deu quaisquer sinais disso.

– *Madame* – disse, inclinando a cabeça e preparando-me para sair.

– Espere – ordenou ela em tom imperioso, enfiando uma perna na banheira para testar a temperatura. – Posso querer alterar as quantidades e, além disso, gosto de falar italiano enquanto tomo

banho. Sente-se na cadeira e fale comigo.

Dirigi-me à cadeira e sentei-me, um pouco atrapalhado. O biombo, percebia agora, estava posicionado de modo a que, de onde eu estava sentado, ocultava um pouco – muito pouco – a banheira; embora não conseguisse ocultar, descobri, as costas nuas de Olympe quando se despiu e se instalou na água com um suspiro.

– Como se chama? – perguntou em italiano.

– Demirco, *madame*.

– Eu sei disso. Refiro-me ao seu outro nome.

– Carlo.

Seguiu-se uma longa pausa, durante a qual ouvi o chapinhar suave da água enquanto Olympe a derramava sobre o corpo com as mãos em concha. O aroma de lima, chá verde e jasmim chegou até mim. Permaneci muito quieto.

Por fim, ela disse:

– Afinal não quero falar, Carlo. Hoje parece que tenho a língua tão presa como a sua. Pode juntar-se a mim.

– *Madame?*

– Junte-se a mim – repetiu ela. – Na banheira.

Mais tarde, ela disse:

– Então, foi tão agradável como esperavas?

– Sem dúvida. Mas precisas de mais lima.

– Preciso é de mais amor. – Espreguiçou-se voluptuosamente como um gato, tão à vontade sob o meu olhar como se ainda estivéssemos ambos completamente vestidos. Estávamos agora na *chaise-longue*: eu rapidamente percebera que, tal como a banheira e o biombo, não fora ali colocada por acaso.

Estendi a mão para ela.

– Espera – disse, pousando a mão no meu peito. – Foi bastante bom, para a primeira tentativa. No entanto, para a próxima, tens de ser mais lento. E um bocadinho mais inventivo.

– Inventivo! – exclamei, ferido no meu orgulho.

Ela riu-se.

– Não fiques ofendido. Simplesmente já fiz isto muito mais vezes do que tu e, como qualquer outra competência, é algo que é preciso praticar. Além do mais, há modas para fazer amor, como para tudo o resto, e especialidades nacionais também. Os Franceses são bastante bons; quase tão bons como a fazerem pastéis e sobremesas.

– O que pode um francês saber que um italiano não saiba? – perguntei, secamente.

Ela sorriu.

– É isso que te vou mostrar agora.

Quando acabou de me mostrar e eu estava finalmente a preparar-me para sair, acrescentou:

– Para a próxima, quando vieres, tens de trazer uns gelos e eu mostrar-te-ei uma utilização para eles que talvez nunca te tenha ocorrido.

Audiger ficou furioso.

– Foste visto a sair do apartamento dela. Queres que sejamos ambos banidos da corte?

– Todos o fazem – respondi. – Porque não posso eu fazer o mesmo?

Audiger ergueu as mãos.

– Porque as posições deles estão seguras e a nossa não.

– Não me importo – disse. – Não vou deixar de a visitar apenas porque alguém pode não gostar. Não consigo viver assim.

– Nesse caso, és um idiota – disse Audiger num tom seco. – A corte não é lugar para um homem se apaixonar.

– Quem é que falou em apaixonar-se? – Disse-o sem pensar, como qualquer jovem poderia dizer, mas sabia também que era verdade; o estilhaço de gelo estava cravado demasiado profundamente para isso acontecer.

– Muito bem – disse Audiger, com relutância. – Mas tem cuidado para não perderes o coração. Ou então, podes acabar por perder outra parte também… a cabeça, que, ao contrário desse outro órgão, não tem como sarar.

Acenei. Sabia que Audiger não me podia proibir isto. O equilíbrio entre nós mudara durante esses anos na corte. Eu tinha agora tudo o que sempre quisera – riquezas, posição, os meus apetites carnais saciados por uma das maiores amantes da época e a protecção do rei mais poderoso da Europa.

Da próxima vez que visitei Olympe, entrei com confiança no seu apartamento, levando um tabuleiro no qual estavam dispostas quatro taças de vidro com sorvetes. Cada um era de uma cor e de um sabor diferente: dióspiro, pistácio, pêssego branco e mel dourado. Não levava colheres.

Levantei a mão para bater mas, quando o fiz, um lacaio materializou-se do nada e colocou-se entre mim e a porta.

– *Madame la comptesse* não quer ser incomodada.

Apontei para os gelos.

– Trouxe-lhe estes gelos.

– E eu tratarei de que ela os receba – disse ele, retirando-me habilmente a bandeja da mão. Não protestei. Reconhecia agora o homem: era um dos criados pessoais do rei. Enquanto me afastava, ouvi a porta abrir-se para ele entrar com os gelos.

Esperei por perto. Tal como calculara, cerca de meia hora depois vi o rei sair dos aposentos de Olympe e descer a grande escadaria que levava aos seus aposentos. Ia a puxar o punho da camisa, como se

tivesse acabado de a vestir.

Voltei para trás para ir buscar a bandeja. Olympe estava na banheira mas a criada disse que ela me receberia.

– O rei ficou muito impressionado com os teus gelos – disse Olympe sem preâmbulos, quando me viu. – Na verdade, era mesmo o retemperador de que ele estava a precisar. Hoje em dia, são raras as vezes em que consegue fazer amor comigo duas vezes; ficou muito satisfeito consigo próprio, o que significa que está satisfeito comigo. Obrigada.

Olhei para ela, estupefacto com o tom casual.

– Ainda és amante dele? Mas pensei…

– Que ele se deitava nos braços de madame de la Valliere? E deita… a maioria das vezes. Mas há alturas em que ela está indisposta, ou que lhe apetece alguma variedade. Outras vezes, namorisca com uma nova dama de companhia e é rejeitado: nesses casos, traz-me a sua vaidade ferida para eu a restaurar. Há muitas razões para um homem escolher deitar-se com uma mulher, e nem todas são simples. Neste momento, o rei sente alguma nostalgia da minha companhia.

– Então… não queres que volte? – perguntei, um pouco ferido na minha própria vaidade.

Olympe riu-se.

– Nada disso. Contigo, Carlo, as coisas são completamente simples, e é esse o seu encanto. Hoje estou cansada, e espero que o rei possa voltar a procurar-me amanhã, mas volta dentro de alguns dias e veremos como estão as coisas – disse, lançando-me um olhar malicioso. – Seja como for, não é justo que eu te queira açambarcar só para mim.

– Como assim?

– Quero simplesmente dizer que te falta experiência. Não, não fiques triste… todos estivemos no mesmo barco em tempos e, além disso, para uma pessoa como tu, esse problema é fácil de resolver. O palácio está cheio de mulheres que teriam todo o prazer em ser tuas professoras nesta matéria.

– Sim? – perguntei, espantado.

– Claro que sim. Porque pensas que madame de Corneil manda vir os teus cordiais todas as noites? Porque pensas que madame Roussoulet está sempre a convidar-te para jogar às cartas? E porque pensas que fiz questão de te seduzir antes de qualquer uma delas?

– Quer dizer… que estavas a provar alguma coisa?

Olympe sorriu.

– Entre outras razões. – Com as mãos, deitou água sobre o corpo.

– E não terias ciúmes se eu dormisse com outras mulheres?

– O ciúme é para a gente vulgar – disse ela, em tom indiferente. – Pessoas cujas migalhas de prazer são tão poucas e raras que têm de

lutar por elas como mendigos por uma côdea de pão. Aqui na corte, onde somos empanturrados com a possibilidade de sensações agradáveis, podemos dar-nos ao luxo de sermos mais exigentes. – Olhou para mim, divertida. – No entanto, se fores sensato, deixarás que seja eu a guiar-te nesta matéria. Tal como a escolha de uma colónia ou o gosto por uma *sarabande* diz muito sobre se alguém é um verdadeiro conhecedor, da mesma forma a escolha de amantes indica a quem nos rodeia se somos pessoas de gostos refinados ou impostores.

– Impostores? – repeti, algo atrapalhado. Suponho que ainda estava um pouco receoso de poder trair as minhas origens humildes com um passo em falso.

Ela acenou.

– Por exemplo, ninguém a não ser um bruto seduziria alguma vez uma criada. Deitar-se com alguém grosseiro, por mais disposta a isso que a pessoa esteja, é correr o risco de nos tornarmos também grosseiros. E, aconteça o que acontecer, nunca deves permitir deixar-te levar. O amor é muito bonito, contudo, tal como a fome não desculpa a falta de maneiras à mesa, a paixão não desculpa o comportamento de um labrego na cama. Excesso de emoção numa aventura amorosa é tão feio como excesso de rosmaninho num prato, ou excesso de violência numa música. É possível… na verdade, é necessário… mostrar elegância nos nossos *amours*, tal como no resto dos assuntos.

Disse tudo isto numa voz ligeira e indolente, como se o tema fosse algo em que reflectira já tantas vezes que não havia nada mais a dizer sobre o assunto. Era o modo como falavam na corte, particularmente as mulheres: eu já o ouvira ser descrito como *préciosité*, e as mulheres que o cultivavam nos salões e salas da Paris elegante eram conhecidas como *les précieuses*. Mas o brilho de malícia nos seus olhos indicava que este era um projecto que ela na realidade levava muito a sério.

Curvei-me ironicamente.

– Ficaria muito grato por toda a instrução que puder dar-me nesta questão, *madame*.

– Óptimo – disse ela. – Assim sendo, está combinado. Traz-me um gelo dentro de dois dias e, entretanto, vou pensar em quem deverá ser a tua próxima conquista.

E assim começou a próxima fase da minha educação. Tal como em Florença eu fizera experiências com vários sabores e técnicas de gelo, assim aqui em Versalhes provei os diferentes sabores e gostos do amor. Olympe tinha razão: rapidamente descobri que havia muitas mulheres na corte felizes por serem minhas acompanhantes. Descobri também outra coisa: eu gostava de mulheres e elas, regra geral, gostavam também de mim. Pode parecer uma afirmação curiosa, mas não era de forma alguma evidente por si mesma: muitos dos mais

famosos amantes da corte pareciam quase cansados das suas aventuras, como se apaixonarem-se fosse um dever tão árduo e inevitável como assistir a mais um baile. De vez em quando, Olympe tinha de me prevenir contra o excesso de entusiasmo – «Se andares sempre com um sorriso desses na cara, as pessoas pensarão que és um simplório» – mas, de uma maneira geral, tratava-me com uma indulgência divertida; pela minha parte, aprendi rapidamente a apresentar ao mundo aquele ar de cinismo divertido e altivo que era a grande moda da época.

Descobri também que, se uma mulher tivesse de ser cortejada, eu tinha ao meu dispor o meio perfeito de o fazer. Parecia que não havia nada tão persuasivo como anunciar que estava a tentar aperfeiçoar um novo sabor ou combinação de gelos, que ninguém saboreara até agora, e que precisava da ajuda da dama em questão para provar o meu trabalho e me dar a sua opinião. Havia uma certa habilidade, e prazer também, em fazer condizer o sorvete com a mulher: as mais jovens e inocentes – não que existisse algo como verdadeira inocência naquela corte – podiam ser tentadas com sabores mais sofisticados, enquanto as mulheres mais velhas preferiam a inocência e juventude dos sabores simples.

À medida que me fui tornando mais exímio, tornei-me ainda mais inventivo, tanto nos gelos que fazia para o rei como nos que produzia para as minhas amantes. Continuava a fazer os sorvetes de um só fruto de que o rei tanto gostava, claro. No entanto, depois de ter colhido todos os frutos existentes na Natureza, comecei a criar pomares novos e imaginários e as minhas próprias hortas, onde cresciam extravagâncias como uma árvore que era metade limão, metade lima, ou um arbusto que dava pão de centeio, ou uma planta cujo pólen era as ovas do esturjão da Aquitânia. Até os canteiros de flores trocavam os seus botões por sorvetes de perfumadas folhas de gerânio ou alfazema, ou emprestavam os seus aromas a *granites* perfumados de erva-cidreira, violeta ou rosa. O facto de estes sabores poderem sequer existir, quanto mais estarem presos nos cristais gelados das minhas *eaux glacées*, nunca deixava de espantar os convidados do rei: a minha estrela subiu cada vez mais e o meu nome tornou-se conhecido até fora dos limites da corte.

E depois, um dia, levei um prato de gelo de morango aromatizado com pimenta branca ao rei e, embora não me tenha apercebido de imediato, a minha vida mudou completamente.

CARLO

Para fazer um gelo de morango: escolha trinta morangos suculentos com bastante aroma, parta-os e pique-os e passe-os por um coador; adicione uma chávena de açúcar e meio litro de leite de vaca gordo; misture bem e mexa enquanto congela. Não precisa de mais nada, mas pode aromatizá-lo com um pouco de hortelã ou pimenta branca, a gosto.

O Livro dos Gelos

O gelo não ficava sólido e o rei estava à espera.

Apesar do frio na copa subterrânea, eu estava a transpirar. Segurei o balde de madeira entre os joelhos e despejei de novo a mistura de açúcar, natas e morangos esmagados para a *sabotiere*, o recipiente interior feito de estanho, e comecei a trabalhar novamente com a pá.

Ao meu lado, Audiger estava a ficar aflito.

– Talvez tenhas de mexer mais devagar. Mas despacha-te, despacha-te!

Não me dei ao trabalho de lhe dizer que era difícil fazer ambas as coisas ao mesmo tempo.

– O gelo não está suficientemente frio. Preciso de mais salitre.

– Com certeza que gelo é gelo. Só tem uma temperatura, a temperatura de congelamento. Isso foi determinado por muitas autoridades. Galeno diz…

– Está ali – interrompi. – Duas medidas.

Audiger aproximou-se das arcas onde guardávamos os nossos mantimentos, encheu uma concha de cristais amarelados e trouxe-ma.

– Aqui tens.

Parei de mexer para ele os adicionar à mistura. Cuidadosamente, Audiger despejou o salitre na parte exterior do balde. Enquanto o fazia, um lacaio com a libré real enfiou a cabeça na porta da copa.

– As sobremesas para o rei – pediu.

Audiger virou-se para ele.

– Dois minutos! – exclamou. – Só mais dois minutos! Sua Majestade sugeriu que hoje gostaria de comer um gelo de morango e é um gelo de morango que vai comer. – Por hábito, manteve-se entre o lacaio e os nossos aparelhos, bloqueando a visão do homem.

Entre as pernas, senti o balde – finalmente! – começar a arrefecer enquanto o salitre fazia o seu trabalho. A pá começou a encontrar mais resistência e a mover-se mais devagar. Abrandei também o meu ritmo. Era trabalho duro, esta era a parte mais difícil, no entanto, era tal o meu alívio que senti a dor nos meus ombros diminuir.

Se fores demasiado impaciente, a própria pá pode aquecer a mistura, ouvi a voz de Ahmad dizer na minha cabeça. *Presta atenção à tua mão, não aos teus olhos. Quando te parecer que estás a mexer areia, é porque*

está quase pronto.

– Está pronto – disse. Hoje, não havia tempo para delicadezas. Quando o rei exprimia um desejo súbito por um sabor em particular, até do gelo se esperava que cumprisse as suas ordens.

– Finalmente. – Audiger ajeitou a cabeleira e sacudiu o pó da cave das suas roupas de corte. Enfiou um par de luvas brancas e olhou em volta. – Onde está a bandeja?

Fiz um gesto com a cabeça.

– Na prateleira.

A bandeja era também feita de gelo, feita com um molde e polida até parecer cristal. Já estava coberta de mais gelo moído, à espera.

Inspeccionei pela última vez o conteúdo do meu balde. A mistura estava agora densa e granulosa como mel em bruto. Coágulos e veias de morango esmagado espalhavam-se pelas natas. Enfiei o dedo para provar.

– O que estás a fazer? – gritou Audiger. – Já é pouco para os convidados do rei!

Não respondi. Provava todos os gelos que fazia, mas Audiger não precisava de saber disso. Saboreei, depois acenei.

– Está bom.

Peguei numa colher que fora afiada de um dos lados e coloquei uma colherada de gelo rosa pálido na travessa. Depois acrescentei outra, e outra. Pouco depois o prato parecia um mar gelado, as curvas e rolos de aparas de gelo ajudando a disfarçar o facto de ser, na realidade, muito pouco.

– Vai – disse.

– Um bocadinho de canela? – sugeriu Audiger, ansioso. – Folha de ouro? Noz-moscada?

– Talvez um bocadinho de pimenta branca.

– Pimenta? Nos morangos? Estás maluco?

– Só uma pitada. Confia em mim.

Audiger suspirou.

– Pimenta, então. E açafrão. Sua Majestade Cristã não estará à espera de menos. – Antes que eu pudesse detê-lo, atirou uma mão cheia de fios de açafrão para o prato.

– Gostará ainda mais se souber ao que devia saber – murmurei. Sob o pretexto de o adornar com algumas folhas de hortelã congeladas, consegui sacudir a maior parte do precioso açafrão com as costas da mão. – Vai – repeti, estendendo-lhe o prato.

Audiger subiu os degraus da copa com a bandeja cerimoniosamente estendida à sua frente, as costas direitas como uma vara, como se já estivesse na presença do rei. Segui-o. Lá fora, o sol e o calor da tarde eram como uma pancada, depois da humidade fria da copa. Vi aparecer sobre o gelo de morango uma leve camada de

orvalho prateado por causa do ar quente e lembrei-me do sabor – aquela breve amostra na ponta do dedo: açúcar, leite e morangos, concentrados pelo mecanismo do gelo numa pequena flor de sabor.

Sim, pensei. É bom. Um prato digno de um rei.

Era isto que Audiger nunca compreenderia: os gelos não eram simplesmente uma novidade, uma forma de demonstrar o domínio engenhoso do homem sobre a ordem natural das coisas. Eram uma forma completamente nova de combinar sabores e aromas, os quais eram apenas tão bons como as receitas que criássemos para eles.

O lacaio que nos tinha ido chamar estendeu as mãos para a bandeja. Audiger ignorou-o. Por um momento, os olhares de ambos cruzaram-se, depois o lacaio virou-se simplesmente e caminhou à frente de Audiger. Um segundo lacaio seguiu-nos, e outro atrás dele, enquanto um quarto e um quinto abriam sombrinhas elaboradas para proteger o gelo do sol. No comando deste pelotão ia um *maître d'hôtel* de rosto sulcado e cabeleira, que segurava um comprido bastão de prata como sinal da sua antiguidade. Bateu uma ordem com ele e, juntos, começaram a atravessar os jardins de rosas com passo rápido.

Com o esforço para manterem o passo certo, a procissão de lacaios, apesar de irem todos quase a correr, ia pouco mais depressa do que eu, que caminhava atrás deles. De qualquer maneira, sabia para onde iam. Na orla do jardim de rosas, onde as sebes abriam e davam para um lago ornamental, trinta ou quarenta cortesãos e as suas damas passeavam-se com as suas melhores roupas. Havia mesas postas à sombra de um grande cedro. Por trás destas, em filas de quatro, aguardava um pequeno exército de criados, a suar debaixo das cabeleiras curtas. De um dos lados, um grupo de músicos tocava. No meio, onde a multidão de cortesãos era mais densa, distingui a cabeleira escura e luxuriante do próprio rei.

Os criados seguiram os caminhos em ziguezague até aos jardins formais. Eu limitei-me a cortar caminho pelo relvado e juntei-me de novo a eles à beira do lago. A procissão abrandou para um passo mais digno ao penetrar nos círculos exteriores da festa e alguns cortesãos viraram-se com curiosidade para inspeccionar a travessa à medida que passava. Muitos, sabia eu, ainda não tinham tido oportunidade de provar pessoalmente esta paixão do monarca. Tendo em conta a reduzida quantidade da iguaria e o tamanho do grupo, a maioria ainda não teria essa possibilidade hoje. Luís já devia ter escolhido aqueles que seriam honrados com uma pequena amostra.

Quando nos aproximámos, o rei virou-se.

– Ah! O meu gelo de morango! – exclamou.

Audiger parou e caiu sobre um joelho – não muito graciosamente, por causa da bandeja que tinha nas mãos. Luís fez-lhe sinal para avançar.

– Verá se não tenho razão, senhor duque. É uma confecção admirável. – As palavras eram dirigidas ao homem ao seu lado. Estava vestido de forma algo semelhante aos criados, mas eu sabia que era na realidade um inglês, um visitante importante, que viera negociar um tratado entre os dois países. Luís achava divertido vestir os criados com as modas usadas nas cortes estrangeiras. Era uma maneira de lembrar aos visitantes que a sua corte era mais rica e magnificente do que a deles.

Do outro lado do visitante estava Madame, como era simplesmente tratada: Henrietta d'Angleterre, a irmã do rei inglês. Era casada com o irmão de Luís mas – dizia-se – era também uma das favoritas do próprio rei.

– Sim, George, talvez lhe dê forças suficientes para aceitar juntar-se a nós num jogo de *paille maille* – estava ela a dizer. – Sei que conhece as regras: ouvi dizer que o meu irmão introduziu o jogo no vosso país e que a corte joga todos os dias.

– É verdade – disse o lorde inglês com um sorriso descontraído. – Tal como tantas modas francesas, é a loucura do momento em Londres. Sua Majestade estabeleceu um campo de jogos atrás de Whitehall, ao qual as pessoas já chamam Pall Mall. – Inspeccionou o prato de gelo de morango, com ar ligeiramente desconfiado. – Ele também construiu uma casa de gelo no Parque de St. James… mais uma ideia que levou do seu exílio aqui, creio, embora os seus cozinheiros ainda não se tenham lembrado de pôr gelo nas sobremesas.

– Isto é muito mais do que uma sobremesa gelada – disse Luís. – Prove e verá o que quero dizer. – O rei estendeu a mão. Por um momento vi o pânico nos olhos de Audiger quando se apercebeu de que, não só não trouxera taças nem colheres, como, com ambas as mãos a segurarem a bandeja, não conseguia servir o rei. Eu, porém, adiantara-me a ele. Ao passar pelas mesas ao fundo tirara meia dúzia de taças de porcelana azul e branca e tratei de encher uma com gelo de morango e de a apresentar ao rei com uma vénia.

– Aqui o Demirco é de Florença – disse o rei, aceitando a taça. – É um de apenas um punhado de homens em toda a Europa que sabe preparar esta confecção. O que nos traz desta vez, *signor*?

– Um sorvete de morangos, senhor, conforme requisitado, com um pouco de nata e pimenta branca.

Vi o maxilar de Audiger contrair-se. Uma vez que era ele que estava a segurar na bandeja enquanto eu servia, já para não mencionar que era eu que estava a discutir as receitas com o rei, parecia aos olhos do mundo que era Audiger o ex-aprendiz e eu o mestre.

– Majestade? – Era o novo médico do rei, um homem chamado

Félix, que se aproximou.

– O que é, Félix?

O médico tossiu.

– O dia está particularmente quente, senhor, e as damas… mesmo aquelas que não têm já de si uma disposição mais delicada aqueceram bastante com o jogo de *paille maille*. Dadas as circunstâncias, não o aconselho.

– O gelo? – O rei parecia surpreendido.

Félix acenou com firmeza.

– As autoridades médicas estão de acordo nesta questão particular. O consumo de gelo num dia tão quente pode desencadear várias maleitas. Até mesmo convulsões. O cavalheiro inglês, talvez, mas as senhoras e Vossa Majestade…

– Quer dizer que não faz mal matar o nosso distinto convidado, o duque de Buckingham, desde que nós escapemos? – exclamou o rei. – Meu Deus, Félix, ainda faremos de si um diplomata. – Os que o rodeavam riram-se, mas reparei que ninguém tocou no gelo. Um silêncio embaraçado abateu-se sobre a corte ali reunida.

Era um impasse. As aparas de gelo já estavam a derreter sob o sol. Eu sabia que era inútil discutir com este médico idiota: só serviria para embaraçar o rei em frente do seu convidado. Senti algo quente na boca e percebi que mordera a bochecha com o esforço de manter o sorriso no rosto.

Nesse momento uma voz – uma voz fresca e feminina – disse atrás do rei:

– Talvez eu possa prová-lo antes de Vossa Majestade.

Fora uma mulher que falara – uma rapariga, na verdade, pois era ainda mais jovem do que Madame; teria talvez dezoito ou dezanove anos e trazia um vestido que parecia um dos trajes postos de lado por Madame, o que a fazia parecer ainda mais nova. Havia também algo infantil nas suas feições: era bonita, mas com os lábios grandes e as sardas que lhe salpicavam as bochechas, era a beleza severa e ainda imatura da adolescência. Os caracóis negros que lhe tombavam sobre os ombros, *au naturel*, pareciam mais a cabeleira de um homem do que os penteados elaborados que as outras damas usavam, e a sua pele era invulgarmente pálida, tão branca como gelo de leite. No entanto, eram os seus olhos que mais chamavam a atenção: eram verdes, e um deles era ligeiramente mais lento, como se tivesse de pensar por uma fracção de segundo antes de seguir o outro.

Virou-se para o médico.

– É essa a base do Novo Método, não é? Hipótese, investigação e só depois dedução?

O médico acenou, com alguma relutância.

– Nesse caso – disse ela –, eu serei a sua investigação e, se morrer,

pode fazer as suas deduções de acordo com isso.

– Bravo, *la belle Bretone*! – exclamou o rei. – Mas… e se tiver um ataque, minha querida? Os seus pais nunca me perdoariam.

– É uma honra correr esse risco pelo rei, senhor. – Havia uma nota sardónica na sua voz, como se quisesse dizer, *Mas isto não passa de um disparate e ambos o sabemos*. – Além do mais – acrescentou, tirando rapidamente a taça das mãos de Madame –, é tão poucochinho. Assim certifico-me de que, apesar da minha posição inferior, consigo provar esta maravilha da qual ouvi falar tanto. – Levou a colher aos lábios.

Este era um momento que eu apreciava sempre – o momento em que alguém provava pela primeira vez um dos meus gelos. Era melhor se não fizessem ideia do que iam comer, claro, para que fosse uma surpresa total, mas descobri que, até mesmo quando as pessoas pensavam que sabiam o que esperar, nunca conseguiam imaginar antecipadamente qual seria a sensação. Às vezes, uma pessoa menos sensata provava e largava a tigela; as senhoras, em particular, soltavam um gritinho de alarme e levavam a mão à boca, como se tivessem medo de soluçar ou de cuspir. Depois, após um instante, o choque transformava-se em espanto e o espanto em prazer, quando a primeira colherada derretia nas suas bocas e o sabor doce e intenso – se eu tivesse feito devidamente o meu trabalho – as levava a comer de imediato outra colherada, e outra, até a acumulação de tanto frio adormecer o palato e pontadas de dor gelada trespassarem a cabeça; então soltavam exclamações de outro género, sorvendo o ar quente para afastar o gelo que lhes apertava agora a garganta. Mas também isso durava apenas alguns segundos; depois vinha a contenda final entre cautela e avidez, enquanto o desejo de comer mais se debatia com a vontade de evitar outro arrepio, até a tigela estar vazia e todos os cristais doces de gelo lambidos da colher com que fora servido.

A rapariga não gritou nem cuspiu. Porém, abriu muito os olhos e fez, por um instante, uma expressão sobressaltada antes de se recompor.

– Então? – quis saber o rei.

Ela tinha um pouco de gelado esbranquiçado no lábio superior e lambeu-o com a língua. Dirigiu-se ao rei mas os seus olhos – mesmo o que não era lento – permaneceram fixos em mim uma fracção mais do que deviam e, apenas por um instante, vi algo neles – uma centelha de qualquer coisa, instantaneamente reprimida – que reconheci.

Já vira essa expressão no rosto de uma mulher duas vezes: uma vez no de Emilia e outra no de Olympe.

– Eu diria – observou ela –, que é tão fresco e doce como o beijo de um amante num dia quente de Verão… excepto claro, pelo facto de uma rapariga como eu não fazer ideia de como será tal coisa.

Algumas pessoas riram-se do atrevimento da sua resposta. O rei bateu palmas.

– Félix, aí tem a sua resposta… está a ser excessivamente cauteloso, como de costume. E *la belle Bretone* apoderou-se da sua dose de gelo de morango, portanto ficou sem ele.

– Também não queria, senhor – disse o médico com azedume. – Fraco médico seria se não seguisse pelo menos os meus próprios conselhos.

As damas e cavalheiros da corte estavam agora a juntar-se em volta de Audiger e de mim, a sua avidez ainda maior por saberem que não chegaria para todos. Poucos momentos depois o gelo de morango desaparecera. Risos e exclamações de espanto encheram o ar. As mulheres estavam imóveis, estupefactas, com a boca cheia daquela primeira colherada surpreendente; os homens riam-se das suas damas e depois faziam eles próprios caretas não menos perplexas. Alguns estavam a tentar fingir que isto não era nada de muito especial ou novo para eles – levavam as colheradas de gelo à boca com ar indiferente e um sorrisinho cínico nos lábios; mas estes, claro, eram precisamente aqueles cujas gargantas gelavam mais rapidamente e que eram portanto acometidos pelas pontadas na cabeça. Vi um cortesão muito fino encolher-se como se tivesse levado um tiro na barriga, de olhos esbugalhados. O sorriso sofisticado na cara de outro transformou-se num riso de alegria infantil, enquanto um terceiro estava mesmo a cantar de espanto.

– Então? O que vos parece? – estava o rei a perguntar-lhes ansiosamente, e todos se acotovelavam na sua pressa de lhe dizer que era a coisa mais admirável que alguma vez tinham provado, que certamente nenhuma outra corte era tão abençoada com maravilhas como a corte de França. Ele acenou, satisfeito; depois, apontando para Audiger e para mim, gritou: – O Grande Demirco! Audiger! Mestres confeiteiros de França! – A corte aplaudiu com as mãos enluvadas; nós os dois agradecemos os elogios com vénias graciosas à esquerda e à direita.

Eram assim os piqueniques na corte de Luís XIV.

– E *milord* Buckingham? – disse o rei, virando-se para o inglês. – O que lhe parece?

– Muito refrescante – respondeu o visitante, pousando a colher na taça vazia. – Estou certo de que o meu rei ficaria muito grato de saber como é feito.

– Infelizmente, isso é impossível. Demirco e os seus colegas são muito cuidadosos na protecção dos segredos da sua arte. E há certas coisas que nem um monarca pode ordenar.

– Estou certo de que Vossa Majestade pode ordenar tudo o que desejar – respondeu o inglês secamente.

– Estamos a falar ainda do gelo de morango… ou do porto de Dieppe? – Risos. Tive a sensação de que até as partes desta conversa que eu julgava compreender faziam na realidade parte de outra conversa inteiramente diferente, como um jogo de *paille maille* em que os arcos mais importantes eram os que se erguiam dois metros e meio acima do solo.

– Além disso, vocês, Ingleses, têm um gosto algo peculiar em termos de sobremesas. Parece-me que apreciam demasiadamente panquecas – estava o rei a dizer, causando mais risos. Isto, pelo menos, eu conseguia perceber: as panquecas eram um prato holandês e era contra os Holandeses que os Franceses estavam agora a maquinar, a segunda maior potência da Europa avançando contra a maior, decididos a roubar as terras que os Holandeses tinham roubado ao mar. Ou algo do género. Eu ouvia as conversas políticas que rodopiavam pelo labirinto de cozinhas e copas sob o palácio de Versalhes, mas prestava-lhes pouca atenção.

– O que me diz, então, Demirco? – Para minha surpresa, o rei estava a olhar directamente para mim. – Fazemos ao rei Carlos de Inglaterra um gelo, algo tão delicioso que o afastará das panquecas para sempre? Um prato, talvez, que o recorde de França e dos muitos anos que esteve exilado aqui, a gozar a nossa hospitalidade, para que não se esqueça dos velhos amigos no entusiasmo de se banquetear de novo com tartes e sopas inglesas? – Disse «tartes e sopas» com um sotaque engraçado e, mais uma vez, os cortesãos riram e bateram palmas.

– Com certeza, senhor – respondi, sem ter a certeza se Luís estava a brincar ou não. – Se for esse o desejo de Vossa Majestade. Mas não derreteria muito antes de ele poder prová-lo?

– Talvez – disse o rei, encolhendo os ombros, e perguntei a mim próprio se teria dito alguma coisa errada.

De súbito, Audiger encontrou a sua voz.

– Senhor, seria uma honra fazer um gelo digno de Vossa Majestade apresentar ao rei inglês.

Olhei para ele, perplexo. O que queria dizer? Com certeza não pensava que conseguiria criar um gelo melhor do que os meus? Mas era evidente que sim, pelo olhar frio que me lançou. Parecia que seria a sua vingança contra mim por ter monopolizado a atenção do rei.

– Ah! Signor Demirco, parece-me que foi desafiado! – exclamou Luís, encantado. – Aceita o desafio?

Curvei-me.

– Claro que sim.

– Óptimo! E teremos também o Procópio e… oh, como se chama o outro confeiteiro? Signor Morelli. Cada um de vós fará o vosso melhor trabalho e, *milord* Buckingham, talvez nos dê a honra de ser

juiz do nosso pequeno concurso antes de partir?

– Com todo o gosto. Mas qual será o prémio?

Luís pensou por um momento.

– Estes artífices estão sempre a pressionar-me para criarem a sua própria corporação. Digamos que aquele que criar o melhor gelo ficará com a presidência da mesma.

Pelo canto do olho, vi Audiger ficar tenso. Se não estivéssemos na presença real, eu teria certamente suspirado. Nada de bom podia resultar disto.

– Então é assim que me pagas – sussurrou Audiger enquanto regressávamos ao palácio.

– O que queres dizer?

– A tua condescendência para comigo em frente do rei. Quanto à rapariga bretã… a ordinária, deve ter planeado tudo aquilo.

– A de cabelo escuro? Mas com certeza que nos fez um favor, não? Se não fosse ela, ninguém teria comido o gelo.

– Ela estava a seguir as ordens de Madame, podes estar certo disso.

– Porquê? Quem é ela?

Audiger agitou a mão com ar impaciente.

– Uma das damas de companhia de Madame. Tirando isso, não tem grande importância. Contudo, se eu não estivesse ali para salvar a honra do rei e aceitar o desafio…

– O quê?!

– Se *eu* não estivesse ali – repetiu Audiger –, o rei teria ficado embaraçado em frente do seu convidado inglês. Estou certo de que, só por isso, ele me declarará o vencedor.

– O que lhe vais fazer?

Audiger fez uma expressão desdenhosa.

– Ainda não sei e não te direi quando souber. Algo magnificente. Talvez algo que simbolize o brilho do sol.

Claro, pensei, com um suspiro: o sol. Era a resposta de todos os cortesãos. Pessoalmente, se eu fosse o rei, já estaria farto de caixas de rapé com imagens gravadas do sol, espelhos decorados com sóis, jóias em forma de sol, pinturas embelezadas com o sol, mobílias com sóis… Mas Luís não parecia importar-se. Talvez exista algum valor em ter um símbolo simples associado a um nome, tal como em Florença as três bolas dos Médicis estavam em todos os palácios e igrejas.

– Talvez possas servir-lhe um gelo que já tenha derretido – sugeri. – Sabes, para simbolizar o brilho estonteante e quente do sol de Sua Majestade.

– Um dia – retorquiu Audiger com ar grave –, essa tua língua vai arranjar-te problemas. E desconfio que esse dia chegará mais depressa do que julgas.

Veio a revelar-se que, nesse aspecto, ele estava bem enganado. Não foi a minha língua que me arranjou problemas nesse dia, mas sim os meus olhos, quando pousaram numa certa dama de companhia de cabelo escuro e olhos verdes. Mas não voltei a falar dela a Audiger. Não adiantaria de nada alertá-lo para o meu interesse.

CARLO

É preciso mexer o sorvete com um garfo enquanto gela, para suavizar os cristais e soltar o gelo.

O Livro dos Gelos

Alguns dias mais tarde, dei por mim a caminhar pelo jardim de rosas, imerso em pensamentos. Estava a pensar na competição do rei e no que havia de inventar para ela, mas estava também a pensar no meu futuro.

Parecia que a minha sociedade com Audiger, que há já algum tempo se havia tornado complicada, ia finalmente transformar-se em rivalidade, com a presidência da corporação em jogo. Tinha pena – se Audiger não me tivesse salvado da corte dos Médicis, quem sabe quanto tempo teria lá ficado – mas ninguém pode ser grato para sempre. E, para ser honesto, eu estava chocado por o francês achar que me conseguiria vencer na criação de um gelo. Sempre partira do princípio – não, sempre *soubera* – que, em relação a esta parte do nosso trabalho, a minha supremacia era evidente.

As palavras de Luís para o inglês tinham indicado que só via necessidade de ter um fazedor de gelados: tinha simplesmente de me certificar de que seria eu. Não havia alternativa. Era imperioso que vencesse essa competição e que Audiger cedesse perante mim.

Havia um sítio para onde ia, às vezes, quando queria estar sozinho, quando queria escapar à maré constante de pessoas na corte: um pequeno bosque de nespereiras onde os ramos baixos formavam uma espécie de banco escondido. Foi para aí que dirigi os meus passos mas, quando lá cheguei, descobri que, afinal de contas, não estava sozinho. Estava uma mulher sentada, a ler, precisamente no lugar onde eu tencionava sentar-me.

Só quando me aproximei mais percebi quem era. Era a rapariga de olhos verdes, a que provara o meu gelo. Fiquei contente: não esperara ter oportunidade de falar com ela tão cedo.

– *Madame* – disse, com uma vénia –, bom-dia.

– *Mademoiselle* – corrigiu-me ela, erguendo brevemente os olhos. – O meu nome é mademoiselle Louise de Keroualle.

– As minhas desculpas, *mademoiselle*. E eu sou…

– O Grande Demirco, fazedor de gelos – interrompeu ela laconicamente. – Sim, eu sei.

Curvei-me de novo e esperei que dissesse mais qualquer coisa, mas ela já voltara à sua leitura.

– Devia agradecer-lhe, *mademoiselle*, por ter provado o meu gelo no outro dia – disse, por fim. – Se não o tivesse feito, estou certo de que aquele médico idiota teria persuadido o rei a não o comer.

– Bom, ainda não sofri nenhum ataque – disse ela. Virou outra página. – Embora a sua confecção tivesse de facto alguns efeitos secundários indesejáveis.

– Como assim?

– Apenas o facto de toda a corte não falar de outra coisa senão de gelos desde então. Tem sido praticamente impossível fazer seja o que for. Tive de vir para aqui para fugir de si e ler o meu livro em paz. No entanto, aqui está o senhor, em pessoa.

Tudo isto foi dito em tom muito casual e, por um momento, perguntei-me se a minha presença seria realmente assim tão indesejável para ela. Mas depois lembrei-me da avidez com que devorara o meu gelo de morango e resolvi continuar.

– E o que faz aqui na corte, *mademoiselle*? Não é geralmente um sítio onde as pessoas leiam livros.

– Se tem mesmo de saber, estou à espera – disse ela, após uma breve pausa.

– De quem?

– Do meu marido.

– E já está à espera há muito tempo?

– Mais ou menos três anos. Sabe, é que não tenho marido.

Ligeiramente confuso com esta contradição, disse:

– Seria de pensar que uma jovem tão bela não teria falta de pretendentes.

Ela não reagiu a este dito espirituoso de nenhuma das duas formas que eu esperava; quer isto dizer que não corou, como eu esperaria que ela fizesse se lhe agradasse o meu interesse; mas também não ergueu o nariz, como poderia fazer para mostrar que não estava receptiva. Em vez disso, limitou-se a suspirar, como se esta fosse uma conversa que já tivera muitas vezes antes.

– Tenciona namoriscar comigo? Por favor, não o faça, signor Demirco. Não lhe disseram? Sou demasiado pobre para ser digna de tais atenções.

– O que quer dizer?

– Apenas que ninguém disse aos meus pais que o preço de um bom marido nos dias que correm é…oh, quase uma dúzia de belos vestidos, uma casa na cidade e uma casa no campo, todas as contas

regularizadas com os comerciantes e todas as dívidas de jogo pagas a tempo e horas. – Falou em tom ligeiro mas pareceu-me que havia agora um brilho de fúria nos seus olhos. – Assim, hipotecaram as poucas terras que lhes restavam e compraram à filha mais velha um lugar na corte, na esperança de que a excelência do seu espírito fizesse com que algum cortesão abastado esquecesse a pobreza da sua família, e nem se aperceberam do erro que estavam a cometer.

– Lamento muito.

– Não tenha pena de mim, *signor*. Seja como for, o meu tempo aqui não foi, de forma alguma, desperdiçado. Enquanto estou à espera, posso ser dama de companhia de madame Henrietta.

Sem ter a certeza de que se tratava de mais ironia, não respondi.

– Oh, Madame é uma pessoa fantástica – disse ela com súbita paixão. – Não é uma dessas belezas da corte afectadas, que se dão por felizes em passar os dias a bordar almofadas e a combinar encontros amorosos. – Fechara o livro, apesar de ter deixado o polegar a marcar a página. Olhei para baixo e tive outra surpresa: não era um romance que ela estava a ler, mas sim *Os Princípios da Filosofia* de Descartes. – Ela está a trabalhar por um grande prémio diplomático… uma aliança entre o seu irmão, o rei de Inglaterra, e o seu… – Hesitou. – O seu protector, o rei de França. Como pôde testemunhar por si próprio ontem.

Abanei a cabeça.

– Vi apenas alguns cortesãos sem fazer nada, um jogo de *paille maille* e algumas danças.

– A dança é diplomacia, nesta corte. E atirar poeira para os olhos dos Ingleses, embora seja divertido, nem sempre é tão fácil como Madame faz com que pareça.

– Poeira?

– Perdoe-me – disse ela, de súbito. – Estou a abordar assuntos que não devia. – Levantou-se. – Far-me-ia um grande favor, *signor*, se esquecesse que alguma vez tivemos esta conversa.

– Esquecer o quê? – perguntei, confuso. – Não me disse nada… nada importante, quero eu dizer.

Ela já estava a afastar-se, mas fez uma pausa. Mais uma vez, o olho preguiçoso pareceu demorar-se em mim mais um instante do que o outro.

– Ainda bem que pensa assim – disse, em tom trocista. – Pela minha parte, pensava que estava a revelar-lhe os segredos mais profundos da minha alma.

Enquanto ela se dirigia ao jardim de rosas, gritei-lhe, por impulso:

– Talvez nos voltemos a encontrar.

Ela não parou, mas a sua voz flutuou até mim.

– Se ambos continuarmos à procura de sítios para estarmos

sozinhos, signor Demirco, pode ter a certeza disso.

«Esqueça», dissera ela, mas – para minha surpresa – descobri que não conseguia. Não era a sua aparência, ou pelo menos não era apenas isso. A corte francesa estava repleta de mulheres bonitas; na verdade, pelos padrões da corte, dificilmente se podia dizer que ela *fosse* uma beleza. Aquele olho preguiçoso, quase vesgo, certamente que devia ser um ponto contra ela, nesse aspecto. Não, era outra coisa qualquer, algo nos seus modos.

Em italiano há uma palavra, *stizzoso*, que significa uma pessoa melindrosa, insatisfeita, até mesmo irritadiça; como um porco-espinho. Entre estas mulheres refinadas e lânguidas da corte de Versalhes eu encontrara muito poucos porcos-espinhos. Mas Louise de Keroualle era um.

«Talvez nos voltemos a encontrar»… Que abordagem desajeitada, mas ela não me rejeitara completamente. «Pode ter a certeza disso…»

Bom, eu voltara à nespereira meia dúzia de vezes desde então, mas ela não estava lá.

Olympe esperou que acabássemos de fazer amor e que estivéssemos os dois deitados, cabeça com pés, na grande cama nos seus aposentos, antes de dizer:

– Hoje estavas distraído.

Virei-me e beijei-lhe a barriga da perna.

– Nunca.

– Quem é ela?

– O que queres dizer? Não há ninguém além de ti.

– Mentiroso. – Olympe empurrou-me com os pés e soergueu-se sobre o cotovelo. – Diz-me. Para dizer a verdade, prefiro muito mais intrigas a elogios. Talvez possa ajudar-te a seduzi-la, quem quer que ela seja.

– Há uma rapariga… – comecei, com alguma relutância.

– Bom, claro. Quem? Vamos, diz-me.

– Louise de Keroualle. Não sei porquê, mas acho-a muito intrigante.

– Oh, *ela*. – Olympe deitou-se de novo. – Esquece-a. Não a podes ter. Ninguém pode.

– Porque não?

– Porque não é casada, claro. – Ao ver a minha expressão de incompreensão, explicou: – A infidelidade numa esposa ou numa amante é tolerável… na verdade, até é de esperar, num sítio destes. Mas uma potencial noiva… particularmente sendo tão pobre como a pobre Louise de Keroualle… só tem a seu favor a virgindade. Infelizmente, ela é *demasiado* pobre para que algum homem nesta corte pense sequer em casar com ela. Assim, será virgem para sempre, a menos que os pais se apercebam do seu erro e a coloquem num

mercado menos exigente.

– Falas como se ela fosse uma mercadoria.

– Claro que sim. Nós, mulheres, somos todas mercadorias. Simplesmente algumas de nós preferem tratar pessoalmente das negociações. Ou emprestar a nossa pessoa de vez em quando. – Espreguiçou-se voluptuosamente. – Seja como for, ela não é a rapariga certa para ti. Desaprova que as pessoas se divirtam.

– Queres dizer que te desaprova a ti?

– Imagina só – disse Olympe, sem me responder directamente –, como seria uma mulher dessas na cama? O único interesse seria ver se a conseguirias lá deitar. Depois disso… – encolheu os ombros – … tédio.

– Provavelmente pensa que a cama serve apenas para dormir e ler.

Olympe riu-se.

– Encontrei um livro que gostaria muito que nós lêssemos – disse, em tom de provocação. – *Posturas*, de Aretino. A corte anda maluca com ele. Mostra vinte e sete variações de posição e há pelo menos quatro que ainda não experimentámos.

Olhei para o seu corpo nu.

– Quando voltarei a ver-te?

– Assim? Depende se tencionas ou não fazer alguma coisa em relação à rapariga de Keroualle.

– Disseste que não podia tê-la.

– E não podes. – Levantou-se da cama e dirigiu-se à antecâmara, onde o banho a aguardava. – Mas não acredito que isso te vá impedir de tentar, pois não?

Não voltei a ver Louise de Keroualle durante quase uma semana. Os dias estavam agora ainda mais quentes e as damas e cavalheiros da corte inundavam-nos com pedidos constantes de cordiais gelados e licores refrescantes, para não mencionar o facto de ter de pensar na competição do rei… Não a vi, mas dei por mim a pensar muito nela e, em resultado, a competição do rei recebeu muito menos atenção do que devia.

Estava na copa do gelo, a supervisionar o fabrico de um sorvete, quando uma voz de mulher disse:

– Com licença…

Era ela. Trazia um vestido simples de manga curta, de linho castanho. Vi o frio da copa arrepiar-lhe os braços e a pele delicada do pescoço e, de súbito, consegui imaginar exactamente como seria aproximar-me, segurar aqueles braços aveludados entre as minhas mãos e esfregá-los até os aquecer…

– Mademoiselle de Keroualle – cumprimentei. – A que devo este prazer?

Talvez tenha falado com algum excesso de entusiasmo; fosse por que motivo fosse, pareceu-me que ela me fitava com ar desconfiado.

– Se é realmente um prazer, *signor*, talvez seja uma pessoa demasiado fácil de agradar.

Eu não ia deixar-me dissuadir pelo eriçar dos seus espinhos.

– Se está a dissecar um cumprimento tão inocente, talvez seja uma pessoa demasiado fácil de ofender.

– Talvez – disse ela, com um suspiro. – Seja como for, foi Madame que me enviou. Ela gostaria de um copo de água de chicória gelada.

– Com certeza… eu próprio o prepararei. Vai demorar alguns minutos.

– Posso esperar. – Encostou-se a uma das prateleiras de pedra que cobriam a parede, cruzando os braços sobre o peito para não arrefecer, enquanto eu começava a reunir as coisas de que precisava. De vez em quando olhava para ela, na esperança de que os meus sorrisos a encorajassem a fazer o mesmo, mas ela limitava-se a olhar em volta, como se estivesse curiosa sobre aquilo que a rodeava.

Ao fundo da copa estava uma grande pilha de blocos de gelo, prontos para serem esmagados, esculpidos ou moídos.

– Como são belos – disse ela, baixinho.

– Belos? – Nunca tinha pensado neles dessa maneira. Para mim eram simplesmente tijolos, matéria-prima à espera de ser usada, mas *eram* realmente belos, de certa forma, percebi agora, cada placa tão única como pórfiro ou mármore; algumas límpidas como cristal, outras opacas, algumas contendo no seu centro redemoinhos suspensos de brancura gelada, como a água que fica turva quando é mexida. A pilha era da altura e comprimento de uma mesa e, à luz fraca da copa, emitia uma espécie de brilho frio e prateado.

– Tão puros – disse ela. – E espantosos, aqui, no pino do Verão.

– Estes vieram directamente das caves do próprio rei em Besançon. Não há gelo melhor em Paris. – Olhei para os braços dela e vi que os pêlos finos estavam de novo arrepiados. – Está com frio. Deixe-me esfregar…

– Obrigada – disse ela rapidamente, afastando-se. – Mas não é preciso, sinceramente. Tal como o senhor, também estou habituada ao frio.

– Sim? Porquê? – Calcei uma luva de cabedal grosso coberta por uma rede de cota de malha e comecei a raspar gelo para dentro de uma taça com movimentos fortes e ritmados.

– De onde eu venho… a baía de Brest… os Invernos são muito rigorosos. – Ficou um instante em silêncio, como se estivesse a recordar. – Até o mar se enche de gelo. Por vezes, um nevoeiro vem do Mar Alemão e congela tudo, cada árvore e folha de relva, tudo fica coberto de cristais minúsculos, como pêlos brancos.

Acenei.

– Já ouvi falar disso, mas nunca vi nada assim.

– Para quem está agasalhado, ou é rico, ou jovem, é muito bonito – disse ela, com uma expressão distante nos olhos enquanto seguia o movimento rítmico da minha mão sobre o gelo. – Mas para quem é pobre, ou tem frio, ou fome, pode ser aterrorizador. Todos os anos, quando conseguimos voltar a cavar a terra, enterramos dezenas de pessoas mortas pelo tempo mau. A minha família estava melhor do que muitas, claro. Sempre tivemos o suficiente para manter a lareira acesa no salão grande… um lume de lenha, não de carvão do mar. Mas na sala das crianças, nos quartos, não havia aquecimento nenhum. Costumávamos desejar a chegada da neve, porque significava que o tempo estava a ficar mais quente. Quando acordávamos e a grelha estava cheia de neve, vestíamo-nos e corríamos para a rua, para dançar e fazer bonecos de neve. – A expressão dos seus olhos suavizou-se com a memória. – Ou atirar bolas de neve aos irmãos, claro. Mas isso foi antes de eu ser enviada para a corte.

De súbito, tive uma imagem desta jovem orgulhosa a dançar na neve, a rodopiar e a rir, o cabelo escuro enfeitado com grandes flocos brancos que se transformavam em lantejoulas à medida que derretiam.

– Em Florença, raramente nevava – disse-lhe. – Uma ou duas vezes por ano, talvez. – O gelo estava pronto a usar. Hesitei. – Tenho de lhe pedir que se vire. Esta parte do processo é secreta.

Ela ergueu as sobrancelhas.

– Teme que roube os seus métodos e me lance sozinha como confeiteira?

– Claro que não. Mas, infelizmente, não pode haver excepções. O próprio rei insiste nisso.

Ela encolheu os ombros e virou costas. Juntei uma colher de salitre ao gelo e depois peguei numa garrafa de gargalo comprido, uma *cantimplora*, dentro da qual deitei a água do cordial. Depois empurrei a garrafa para o meio da mistura de gelo e rodei-a, arrefecendo o conteúdo quase até ao ponto de congelar.

– Suponho que o mistério faz parte do espectáculo – comentou ela, para a parede. – Tal como um ilusionista, tem de fazer com que pareça mais difícil do que é na realidade.

Por um momento deixei os olhos pousarem nas costas dela – a curva da sua coluna, as suas ancas, a sua postura; parecia um pouco embaraçada, mais um potro do que um cavalo.

– Pelo contrário. Só protegemos aquilo que é necessário.

Coloquei o resto do gelo dentro de uma taça e servi o cordial gelado sobre ele. Tinha uma bela cor, pensei, enquanto o erguia contra a luz para o admirar: castanho-claro, quase dourado, com o

gelo a cintilar nas suas profundezas.

– Já pode virar-se.

Ela assim fez.

– Não há mais? – perguntou.

– Este não é suficiente?

– Ela vai querer saber se o provei.

– Porquê?

– Tem medo de ser envenenada.

– Envenenada!

Mais uma vez, o seu olhar demorou-se no meu rosto, como se estivesse a tentar decidir quanto devia dizer-me. Por fim disse, com ar sério:

– Não se riria se soubesse os riscos que ela corre. O seu próprio marido… – estremeceu. – Bom, não importa. Mas ela vai de certeza perguntar se eu provei isto.

Ainda havia um pouco de cordial na garrafa e despejei-o para outro copo.

– *Prego* – disse, entregando-lho. Ocorreu-me um pensamento súbito. – Foi por isso que comeu o gelo de morango dela? Então não foi para me agradar, nem para embaraçar aquele médico idiota. Estava a certificar-se de que Madame não era envenenada.

Ela engoliu o cordial de um só trago, sem tirar os olhos dos meus.

– Muito bom – disse, devolvendo o copo vazio, e não tive a certeza se estava a referir-se ao cordial ou ao meu raciocínio. Pegou no outro copo e colocou-o numa bandeja.

– E quando disse que era delicioso como o beijo de um amante num dia quente de Verão…

Ela sorriu.

– É o tipo de disparate que a corte gosta de ouvir, não acha?

Resmunguei entre dentes.

– Oh, não fique ofendido – disse ela. – Por acaso, o gelo estava bastante agradável. Ambos temos os nossos segredos, *signor*. Simplesmente os meus são um pouco mais sérios.

– Como podem os segredos de uma mulher ser sérios! Os segredos de que modista usar ou de quem ganhou a quem no jogo de cartas!

– Estou certa de que tem razão. – Dirigiu-se à porta, segurando o tabuleiro com ambas as mãos, e parou. – E agora vejo que sou um exemplo tão frágil do meu género que nem sequer consigo abrir esta porta pesada sem usar as mãos.

Com um suspiro, aproximei-me e abri-lhe a porta.

– Muito agradecida – disse ela com uma delicadeza trocista. – Já agora, *signor*, foi um prazer falar consigo. E saiba que eu, ao contrário de certas pessoas, não sou fácil de agradar.

Não podia falar com Audiger. Portanto procurei Olympe.

– Sei que me disseste para não voltar enquanto estivesse interessado nela – disse, entrando no seu apartamento. – Mas preciso dos teus conselhos.

Quando lhe contei o que acontecera, apercebi-me de como parecia ridículo – alguns olhares, uns comentários melindrosos, uma conversa sobre uma luta de bolas de neve com os irmãos. Mas Olympe ouviu-me, assentindo de vez em quando.

– Bom, isso é interessante – disse, quando eu acabei.

– Então achas que ela gosta de mim? – perguntei, ansioso.

– Oh, não estava a falar da tua grande paixão, por mais divertida que seja. Não, referia-me ao namoro de madame Henrietta d'Angleterre com a grande política. Que é de facto, como Louise observou e bem, um assunto muito sério.

– O que queres dizer?

Ela suspirou.

– O teu problema, Carlo, é que pensas que a corte existe apenas para comer os teus gelos. Na verdade, é uma máquina de guerra, a maior da Europa, e um lenço que caia ao chão aqui pode levar à destruição de cidades inteiras em Espanha ou na Flandres.

– Mas o que é que isso tem a ver com Louise de Keroualle?

– O rei quer que os Ingleses sejam seus aliados numa guerra contra a Holanda – disse Olympe, como se estivesse a falar com um idiota. – Os Ingleses, por si só, não têm grande peso, claro, mas o seu país tem uma grande costa e essa tem de ser negada aos nossos inimigos.

– Eu sei. É por isso que o visitante inglês está cá. Para redigir um tratado.

Olympe abanou a cabeça.

– O verdadeiro tratado foi assinado em segredo há três semanas.

– Não compreendo. Como?

– Quando madame Henrietta foi visitar Carlos a Dover, para celebrar o aniversário dele, levou consigo um tratado redigido por ela e assinado por Luís… que, por acaso, é também seu amante – explicou. – Será que ele a seduziu apenas para assegurar a sua ajuda? – O encolher de ombros de Olympe sugeria que era bem possível. – Seja como for, o tratado diz que Carlos comprometerá a Inglaterra na guerra contra os Holandeses, em troca de uma pensão de Luís… uma pensão tão generosa que Carlos já não terá de dobrar o joelho perante o parlamento inglês que o restaurou no seu cargo.

– Mas isso não é propriamente absurdo, pois não? Um parlamento não deve ter o direito de interferir nos assuntos de um rei.

– Claro. Mas ouvi dizer que o tratado obriga também Carlos a converter-se ao catolicismo. E, se o rei inglês for católico, o seu país também tem de o ser. Na prática, é um tratado que, caso fosse

conhecido, comprometeria Carlos a um conflito com o seu próprio povo. Daí a necessidade de redigir outra versão, mais adequada ao consumo público, sem qualquer referência a pensões ou religião.

– Então o duque inglês…

– Está aqui, para grande divertimento de Luís, para negociar condições que, na realidade, já foram decididas. Claro que ele não pode ter a mínima suspeita de tal coisa… tem de acreditar que, graças ao seu charme e capacidades de negociação, conseguiu garantir exactamente aquilo que lhe disseram para esperar. Levará o *traité simulé* para Inglaterra; o parlamento ratificá-lo-á e ninguém saberá de mais nada. Era *isso* que Louise queria dizer quando deixou escapar aquela observação sobre atirar poeira aos olhos dos Ingleses.

Assenti, embora me parecessem extraordinárias as complexas mentiras dentro de mentiras de que era feita a diplomacia francesa.

– É bem sabido que este plano tem sido a grande preocupação de madame Henrietta desde que o irmão recuperou o trono – prosseguiu Olympe. – Mas houve vários obstáculos… e um dos mais importantes da parte daqueles na nossa corte que se opõem a uma aliança com protestantes e regicidas. Madame já sofreu de ataques inexplicados antes e os médicos acreditam que foram causados por veneno.

– Não fazia ideia.

– Claro que não. Trata-se de questões subtis e secretas. – Olympe inclinou-se para a frente, com os olhos a brilharem. – Mas se a pequena Louise de Keroualle, na sua tenra idade, se tornou a agente confidencial de Madame, deve ser muito mais do que a criança simples que julguei.

Recordei aquela voz sardónica; o olhar inteligente e preguiçoso.

– Não há dúvidas de que não é nenhuma simplória.

Olympe acenou.

– O que, por sua vez, pode ser um problema para *mim*.

– Para ti? Porquê?

– Porque espero que o rei regresse um dia à minha cama de forma mais permanente, claro – respondeu ela, simplesmente. – Ele escolheu a sua amante actual entre as damas de companhia de Madame e tenho de ter cuidado para que não o faça de novo. Talvez esteja na altura de a bonita e esperta mademoiselle de Keroualle regressar à Bretanha. – Olhou para mim. – Quanto ao teu pequeno problema, é fácil de resolver.

– É?

Olympe levantou-se e dirigiu-se ao quarto.

– Bem sei que disse que não faríamos isto por enquanto, mas acho as intrigas estranhamente excitantes. Vem: a tua cura aguarda-te.

Depois, ela disse:

– Então… achas que a tua virgenzinha poderia alguma vez ter

sido assim tão divertida?

Ri-me.

– Tens toda a razão, como sempre. Ela é demasiado monótona para mim. Não perderei mais tempo a pensar nela.

– Não sejas tão precipitado – aconselhou Olympe.

Algo no seu tom de voz alertou-me.

– Olympe, o que estás a maquinar agora?

– Tive uma ideia – admitiu ela. – Bastante deliciosa… as minhas melhores ideias surgem quando faço amor. É muito simples. Em vez de a seduzires, porque não casas com ela?

– Casar com a Louise!

– Sim. É perfeito, não é? Afinal de contas, tens de casar algum dia, e deve ser com alguém que promova os teus interesses. Tens dinheiro… dinheiro novo, sim, mas uma rapariga na posição dela não pode ser demasiado esquisita e o tempo está a esgotar-se; ela já deve ter pelo menos vinte anos. É de uma boa família e é evidente que o rei gosta dela. Se a tomasses como esposa, consolidarias a tua própria posição.

Fiquei em silêncio durante um momento.

– E depois?

Ela encolheu os ombros.

– Assim que a engravidares, instala-la numa casa num local adequadamente remoto. Não precisa de afectar as tuas outras relações. – Pousou a mão no meu braço e acariciou-me distraidamente. – Até pode facilitar as coisas. Há muitas mulheres que preferem ter um caso com um homem casado do que com um solteiro. Terias o melhor dos dois mundos.

– E serve também os teus interesses, ao afastar Louise de Keroualle da corte.

– Claro – foi a resposta dela. – Nunca o teria sugerido de outra forma.

Pensei no assunto. Era verdade que eu devia casar em breve: era também verdade que a minha fortuna e o patrocínio real significavam que podia ter esperança de casar com alguém com boas relações. Já subira mais alto do que alguma vez julgara possível mas, com a mulher certa e, esperava eu, a presidência da corporação, não havia motivos para não subir mais ainda.

– Bom, vou pensar nessa possibilidade – disse. Olympe limitou-se a sorrir enigmaticamente.

CARLO

Para fazer neve: junte meio galão de natas espessas e as claras de oito ovos, e bata tudo com uma colher. Depois, pegue num pau e corte a ponta, abrindo-o em quatro varas: perfume a mistura com essência de bergamota ou água de rosas e bata com vigor até subir.

O Livro dos Gelos

Em Florença, Ahmad contava por vezes histórias enquanto trabalhávamos. Eram sobre muitas coisas, mas sempre, de alguma forma, sobre gelo.

Uma das histórias era sobre os nossos patrões e um homem que trabalhara para eles cento e cinquenta anos antes. Rezava a história que, um Inverno, nevara em Florença. Os filhos de Piero de Médicis tentaram fazer um boneco de neve mas, sendo crianças e sem experiência, os seus esforços não foram bem-sucedidos. Assim, Piero chamou um dos artistas do seu falecido pai e ordenou-lhe que esculpisse um boneco de neve.

O jovem tentou explicar que trabalhar com neve não era um uso adequado para o seu talento, mas Piero de Médicis disse-lhe que esperava a obra terminada de manhã.

Durante toda essa noite gelada, à luz do luar, o artista esculpiu a neve como se fosse um bloco do melhor mármore de Carrara, com as mãos enroladas em trapos ensopados e gelados para se proteger do frio.

De manhã, os príncipes Médicis correram para o pátio para ver o que ele fizera. Era, escreveu um contemporâneo, sem dúvida o mais belo boneco de neve que alguém já tinha visto. Mas o tempo durante o dia aqueceu e com o tempo mais quente veio a chuva. Em breve não restava nada da primeira escultura de Miguel Ângelo a não ser uma estalagmite atrofiada, como um dente podre, a única coisa branca ainda no pátio.

Neste ponto da história, Ahmad fazia sempre uma pausa.

– Há pessoas que usam esta história para ilustrar a efemeridade da beleza e a tirania do tempo, rapaz. Eu encontro nela outro significado. Duas coisas, na verdade. Primeira, quando um Médicis nos manda saltar, perguntamos a que altura. E segunda… – Os seus olhos pousavam sobre mim com ar pensativo. – E a segunda coisa é, mantém sempre o teu gelo longe da chuva.

Fiz um boneco de neve para Louise de Keroualle.

Provavelmente não estava tão espectacular como o de Miguel

Ângelo, mas, por outro lado, o de Miguel Ângelo não era comestível.

Primeiro tinha de fazer a neve. Leite e açúcar, aromatizados com água de rosas, misturados com claras de ovo e batidos com um batedor. Só depois de a espuma estar tão leve que flutuava ao cair do batedor é que a gelei, transformando-a em flocos da neve mais pura e delicada.

Desta, fiz duas bolas para o corpo e a cabeça, adicionando um chapéu de caramelo duro e um sorriso de laranja cristalizada. Os olhos eram passas secas, o nariz uma cereja conservada em licor. Numa das mãos, o boneco de neve tinha uma vassoura feita de rosmaninho e no peito uma fatia de morango cristalizado, no lugar do coração.

E, finalmente, fiz nevar.

Esta era uma proeza supostamente inventada pelo grande Buontalenti, que mesmo Ahmad apenas raramente arriscava. Quando uma fina neblina de água de rosas era pulverizada sobre uma mistura de gelo e salitre, as gotículas transformavam-se em cristais tão leves que não subiam nem desciam, flutuando no ar como partículas de folha de ouro cintilante.

Louise não demorou muito a visitar-me – agora, todos os dias havia mais um pedido de água de chicória gelada para ajudar a digestão de Madame, e Louise ou uma das outras damas de companhia vinham buscá-la. Esperei até ela aparecer com o pedido habitual e disse, bruscamente:

– Já está preparada.

Ela ergueu as sobrancelhas e olhou em volta.

– Não a vejo.

– Ali dentro. – Indiquei uma porta com a cabeça.

Ela pareceu desconfiada, mas não disse nada e entrou. Ouvi-a soltar uma exclamação abafada e depois silêncio.

Fiquei onde estava. Apercebi-me, de súbito, de que não fazia ideia se ela ia gostar ou não.

Depois algo frio e molhado atingiu-me na cabeça. Girei sobre mim próprio. Apanhei um vislumbre de olhos risonhos antes de uma segunda bola de neve, lançada com a outra mão, me acertar no pescoço.

– Signor Demirco… vem ou não? – desafiou ela. – Não posso entrar numa luta de bolas de neve sozinha.

Segui-a. A deslocação de ar quando entrei na segunda copa fez a neve ondular à minha volta, cintilando sob a luz de uma vela.

Ela virou-se, com as mãos já carregadas, e arremessou outra bola de neve, mas fê-lo cedo de mais e a bola desintegrou-se, inofensiva, no meu casaco. Depois – não consegui evitar – dei dois passos e tomei-a nos braços; e os seus lábios – os seus lábios frescos e pálidos – sabiam a água de rosas e açúcar, salpicados com flocos de gelo como se fosse

um pólen suave e perfumado.

Por um longo momento beijei-a e ela retribuiu o beijo – tinha a certeza disso – com a boca quente contra a minha. E depois, com um arquejo repentino, afastou-se de mim com expressão horrorizada.

– O que está a fazer? – gritou.

– Espere – disse. – Louise, deixe-me explicar. Quero…

Mas ela já desaparecera. Senti o ar quente entrar pela porta aberta, como água do mar a deslizar sobre um banco de areia, e vi a neve a derreter à minha volta, como ouro dos tolos.

Tentei escrever-lhe uma carta mas a folha de papel era um campo de neve pura que eu apenas arruinei ao cobri-lo com as marcas da minha pena. Assim, em vez disso, mandei-lhe o boneco de neve, numa bandeja transportada por dois lacaios, dirigida a Louise de Keroualle no apartamento de madame Henrietta, duquesa de Orleães.

Foi-me devolvido uma hora depois, meio derretido devido à viagem pelo palácio.

Fui vê-la, mas não me foi permitida a entrada. Assim, esperei no jardim, perto do pomar de nespereiras, na esperança de um vislumbre.

Por fim vi-a a dirigir-se ao pomar. Tinha algo nas mãos – um xaile, ao que parecia.

– Louise! – chamei.

Por um momento ela virou a cabeça e pareceu-me que hesitava, mas depois apressou o passo e continuou a andar. Perdi-a de vista atrás de uma sebe e corri para a apanhar. Os jardins nesta parte de Versalhes eram como um labirinto; uma série de pátios e relvados interligados, todos escondidos uns dos outros. Ela não estava no jardim seguinte mas, através de uma abertura na sebe, vi uma ponta do seu vestido.

Por fim, quando contornei uma fonte, vi-a.

– Louise! – chamei de novo, mas percebi então que ela estava a juntar-se a um pequeno grupo. Entre as pessoas ali reunidas estava a sua senhora, madame Henrietta, sentada num banco de pedra. Mesmo a esta distância, vi como ela parecia frágil e curvada. Ao seu lado estava o rei, bem como Buckingham e dois dos ministros do rei.

– A sério, não é nada – disse Madame em voz fraca quando Louise lhe pôs o xaile sobre os ombros. – Apenas uma tontura, Vossa Majestade.

– O ar está fresco – disse Buckingham. – Talvez prefira que nos retiremos para o interior?

O rei vira-me.

– Signor Demirco. Quem procura?

Apercebi-me de que estava parado a olhar para eles como um idiota.

– Vossa Majestade… quer dizer, pensei que talvez *madame la*

comptesse gostasse de um cordial. Sei que toma chicória gelada, por vezes, para a digestão.

Luís lançou um olhar interrogativo a Madame.

– Talvez mais tarde – disse ela debilmente. – Pode enviá-lo para os meus aposentos.

– Signor Demirco? – chamou o rei enquanto eu me retirava.

– Vossa Majestade?

– Como vai o gelo para o rei inglês? Estamos à espera de algo maravilhoso, como sabe.

Curvei-me de novo.

– Ainda não pensei em nada adequado, senhor.

Uma expressão levemente surpreendida surgiu no rosto do rei.

– Bom, não espere demasiado tempo.

Virou-se para os outros e, enquanto me afastava, com as orelhas a arder, apanhei as palavras:

– Italiano… não é de fiar… mas muito inventivo: verá, *milord* duque, verá.

Esperei até os ver regressar ao palácio. O rei ia a apontar para os lados, sem dúvida a explicar ao inglês os seus planos para alargar ainda mais os magníficos jardins. Louise caminhava um pouco mais atrás. Aproveitando a oportunidade, aproximei-me dela.

– Preciso de falar consigo.

Ela desviou os olhos para o rei.

– Não acha que já o ofendeu o suficiente por um dia?

Olhei para o rei, que traçava com a mão fontes imaginárias no ar.

– Disse-lhe apenas que ainda não tinha feito o gelo. Como é que isso é ofensivo?

– Deu a entender, em frente de um visitante estrangeiro, que andar atrás de uma dama de companhia assume precedência sobre uma ordem real. Pode ser uma ofensa ligeira, mas garanto-lhe que ele não a esquecerá… se assim o entender.

– Não andava atrás de si.

– Fico contente por saber disso. Obviamente devia ter outro motivo urgente para correr na minha direcção.

– Vim dizer-lhe que a amo.

Ela estacou abruptamente. Depois, de rosto tenso, recomeçou a andar na direcção do palácio.

– Não faça pouco de mim.

– Louise, não estou a brincar. Os meus sentimentos são totalmente genuínos.

– Então a Olympe de Soissons expulsou-o da sua cama? – Viu a minha expressão de surpresa. – Oh, julgava que ninguém sabia disso? Estamos na corte, *signor*. Os segredos são tudo o que as pessoas têm para falar.

Fiz um gesto.

– Ela não significa nada para mim. Uma diversão, apenas isso.

– Enquanto eu, claro, seria muito mais. – Disse-o em tom sardónico mas abrandou um pouco o passo. – Por favor, compreenda: não pretendo ser indelicada em relação aos seus sentimentos. Porém, quando vim para a corte, cometi um erro idiota. Deixei que o meu nome fosse associado ao de um homem… um homem de nascimento nobre, na realidade, mas que esteve envolvido em alguns escândalos. Ninguém o criticou a *ele* por isso, claro; mas viram-me com ele e presumiram que eu estava a comportar-me como essas outras mulheres e a minha reputação ficou manchada. Se não fosse Madame, teria caído em desgraça e ver-me-ia forçada a deixar a corte. Não voltarei a cometer o mesmo erro.

– Nem eu o desejaria. Pretendo casar consigo, Louise.

Ela parou de novo, de olhos muito abertos.

– Tenho o favor do rei; a minha posição está segura – prossegui rapidamente. – E tê-la ao meu lado seria uma vantagem para mim: compreende os meandros da corte… – Calei-me, silenciado pela expressão nos olhos dela.

– *O quê?* – perguntou, incrédula.

– Quero casar consigo – repeti.

Por um momento, ela fitou-me como se estivesse louco.

– Eu sou Louise Renee de Penacöet, dama de Keroualle, a filha mais velha da família mais antiga da Bretanha – disse, em tom lento e deliberado. – A nossa linhagem remonta às Cruzadas.

– E então? Disse-me que os seus pais a tinham enviado para a corte para arranjar um marido…

– Mandaram-me para a corte para arranjar um *duque*. Ou, no mínimo, o irmão mais novo de um duque. – Abanou a cabeça, como se não quisesse acreditar que isto estava a acontecer. – Por favor, compreenda uma coisa, *signor*: não tenho nada contra si, pessoalmente. Se fosse de família nobre, estou certa de que o meu pai fecharia os olhos ao facto de o senhor ser um libertino italiano frívolo e hedonista, que não tem actividade mais digna para passar o tempo do que produzir guloseimas para cortesãos glutões… quando não está a seduzir damas de companhia, claro está. Mas, a menos que seja um Médicis ou um Mazarin, receio que dificilmente ele terá uma visão tão condescendente.

Agora furioso, disse-lhe:

– Não sei quem eram os meus pais. Apenas que eram pobres e me deixaram para traçar o meu próprio caminho neste mundo.

Ela suspirou e pareceu-me que falava em tom um pouco menos mordaz.

– Bom, lamento muito. Mas sabe, ter liberdade de traçar o seu

próprio caminho pode ser uma bênção.

Percebi o que ela queria dizer.

– Então não quer na realidade casar com um nobre…

– Não tenho escolha – interrompeu ela. – Não partilho necessariamente a obsessão dos meus pais com linhagem e nobreza. Mas são os meus pais e tenho de aceder aos seus desejos. É o meu dever.

– Então, nada de casamento – disse, obstinadamente. – Muito bem. Mas isso não significa…

– Oh, não – cortou-me ela a palavra. – Não pense nem por um momento que sou como a sua amiga Olympe.

– Não pretendia sugerir que fosse – murmurei.

Mas Louise estava a olhar para mim como se lhe tivesse ocorrido subitamente uma ideia.

– Foi *ela* que o convenceu a fazer isto?

A resposta devia estar escrita no meu rosto, porque ela não esperou que eu abrisse a boca para acrescentar:

– Claro. Maravilhoso. Isto é a ideia que ela faz de uma piada, não é?

– Não – protestei.

– Não? Provocar-me em relação à minha situação delicada é precisamente o tipo de coisa que ela acharia divertida. – Sorriu, tristemente. – Suponho que estou a pagar por aquilo que penso dela e de outras como ela. Bom, pode congratular-se, *signor*. Logo à noite, esta sua partida já será a diversão de toda a corte.

– Espere – chamei, enquanto ela virava costas. – Espere. Louise… eu não estava a brincar. Quer dizer, a ideia pode ter sido da Olympe, mas…

Era tarde de mais. Louise desapareceu dentro de casa. Mas não antes de eu ver lágrimas naqueles olhos verdes.

*

Voltei ao palácio onde, quase de imediato, encontrei Olympe. Era evidente que estivera a observar de uma das janelas que davam para os jardins.

– Então? – perguntou.

– Ela recusou – respondi, secamente.

– A sério? – O rosto de Olympe era o retrato da inocência. – Por algum motivo em particular?

– Disse que casar com um confeiteiro italiano sem berço nobre era impensável.

Olympe acenou com expressão séria, mas havia um brilho divertido nos seus olhos.

– Ela por acaso mencionou a sua linhagem nobre? A família mais antiga da Bretanha? Falou… – arregalou muito os olhos – …nas

Cruzadas?

– Sim – confirmei. – Também perguntou se foste tu que me convenceste a fazer isto. Ao que parece, a nossa associação é bem conhecida.

Olympe fechou os olhos e os seus ombros tremeram.

– Impagável! – conseguiu arquejar. – Impagável!

– Ainda bem que achaste graça.

– Oh, Carlo, não fiques assim – disse ela, limpando os olhos. – Tens de ver o lado engraçado… ela deve ter ficado *furiosa*; é bem feita, por ser uma *prudefemme* tão virtuosa.

Ri-me, mas sem grande vontade; embora não houvesse dúvida de que Louise de Keroualle se revelara excessivamente orgulhosa e totalmente desprovida da frivolidade que tanto animava a nossa vida na corte, não pude deixar de sentir que não saíra deste episódio com muito boa imagem.

– Parece que me enganaste bem – disse-lhe.

Olympe sorriu.

– Tu é que te enganaste a ti próprio. *Eu* fiz-te um favor. Corrias o perigo de deixares as tuas emoções atrapalharem os teus prazeres. Às vezes, é preciso recuar um pouco.

– Claro – disse. – Obrigado.

Não valia a pena discutir mais com Olympe, e ela estava certa, claro: eu *tinha* permitido que os meus sentimentos me toldassem o julgamento. Mas não podia deixar de pensar em como me sentiria diferente neste momento se a resposta de Louise ao meu pedido tivesse sido «sim».

LOUISE

Naquele dia fatídico, atrasei-me um pouco a voltar ao apartamento de Madame. Houvera um incidente com um dos confeiteiros do rei, um assunto de pouca consequência por si só mas algo perturbador, como essas coisas podem ser por vezes. O mais aborrecido, contudo, foi que me atrasou e, enquanto subia apressadamente os degraus para o apartamento de Madame, percebi que estava sem fôlego.

Depois, quando entrei, vi aquela nobre dama a chorar e todos os pensamentos sobre o confeiteiro se evaporaram da minha mente.

– O que se passa, Madame? – perguntei.

Ela ficou sobressaltada ao ver-me.

– Apenas uma carta abjecta. – Por um momento, pensei que não

diria mais nada, mas depois acrescentou: – Do meu marido.

Mantive a voz nivelada.

– Espero que *monsieur le compte* esteja bem.

Madame sorriu tristemente.

– Suficientemente bem para me dizer que sou uma traidora e uma meretriz; que lhe chegaram aos ouvidos mais rumores sobre mim e uma certa pessoa da corte e que devo deixá-la imediatamente e ir ter com ele a Milão, para que possa mais uma vez tentar colocar um herdeiro em mim. – Falou em tom ligeiro, mas claro que percebi a aflição na sua voz.

Devo agora descrever este modelo de perfeição, essencialmente pelo prazer de o fazer e não por qualquer necessidade de a fixar na minha mente (pois o seu retrato é tão bem conhecido aqui em Inglaterra como em França e, seja como for, não se passa um dia em que não pense nela). Era de constituição delicada – tão delicada que as roupas quase lhe caíam do corpo. Apenas eu e algumas outras sabiam a quantidade de enchimento que colocava sob os seus vestidos da corte, ou como a sua pele era tão branca que, em certos sítios, se conseguiam ver as veias azuis muito abaixo da superfície. No entanto, quando olhávamos para ela, não reparávamos na sua fragilidade, tão radiante era a sua expressão, tão intensa a bondade dos seus olhos; e quando falava da sua grande preocupação – o plano para unir os seus dois mais queridos amigos, o seu irmão Carlos e o seu protector Luís, numa aliança política que formaria a base para um grande império europeu de paz e prosperidade – os seus olhos pareciam arder com convicção; uma convicção que, juntamente com as suas muitas qualidades agradáveis e o seu charme, fora essencial no sucesso considerável da sua diplomacia até então. No entanto, não estava certamente em condições de dar um herdeiro a ninguém, mesmo que o marido conseguisse deixar de sodomizar os seus amantes do sexo masculino o tempo suficiente para a engravidar.

– E tenciona ir? – perguntei.

– Como posso? O *traité simulé* ainda não foi assinado. Enquanto isso não acontecer, o *traité secrete* não está seguro, nem, com ele, o trono do meu irmão. – Pegou noutro envelope. – Recebi também uma carta dele.

– Do rei Carlos? Posso ver?

– Claro. – Madame sorriu do meu entusiasmo. – Na verdade, pode lê-la em voz alta. Um trago de cordial doce para limpar o gosto amargo das palavras do meu marido. – Estendeu-me a carta.

Consciente de que o meu inglês não era tão puro como o de Madame, li lentamente:

– «Minha querida Minette…»

– Minette! Ele ainda pensa que sou uma criança – comentou

Madame com um sorriso no rosto.

– «Primeiro tenho de a repreender, pois na sua última carta dirigiu-se novamente a mim como Vossa Majestade, não apenas uma, mas uma dúzia de vezes. Não me trate com tanta cerimónia, nem se dirija a mim com tantos majestades, já que entre nós os dois não devia haver outra coisa a não ser afecto…» – Fiz uma pausa. – As palavras dele são tão bondosas.

– É o homem mais bondoso do mundo – disse Madame, simplesmente.

– Fiquei sem dúvida com essa impressão o mês passado, em Dover. – A assinatura do tratado, o *traité secrete* como era chamado, fora feita sob o pretexto de celebrar o aniversário de Carlos. Durante duas semanas, o cortejo real, do qual tive a honra de fazer parte, velejara, fizera piqueniques, assistira a peças e participara em bailes. Quando o navio de Madame finalmente nos trouxe de lá, Carlos ordenou ao seu próprio iate que nos seguisse quase até à costa de França, para poder abraçar a irmã uma última vez, com os olhos cheios de lágrimas.

Madame sorriu perante a memória.

– Creio que foram as semanas mais felizes da minha vida.

– Como são diferentes as duas cartas – comentei, em tom neutro.

– É difícil, para o meu marido – disse Madame. Não conseguia falar mal de ninguém durante muito tempo, nem mesmo dele. Levou a mão à barriga e fez uma careta.

– Sente-se bem? – perguntei.

– Um bocadinho indisposta. Importa-se de me ir buscar uma chicória gelada? O abade Bossuet chegará em breve e temo que se demore. Quer discutir os preparativos para a conversão do meu irmão.

– Pensei que a altura ainda não tinha sido decidida.

Madame sorriu.

– O meu irmão é um homem bondoso e encantador, mas está tão frequentemente rodeado por pessoas que o cobrem de exigências que tem tendência para adiar as coisas. Receio que, se não o obrigar a cumprir a sua promessa imediatamente, acabe por se esquecer dela. – Esta observação, a propósito, era típica dela. Tinha uma grande capacidade para acreditar no melhor das pessoas, mas também para ver claramente as suas fraquezas e fazer disposições levando isso em conta.

– Claro. E gostaria que redigisse o rascunho de uma resposta para o seu marido? Algo delicado, que não a comprometa com nada?

– Obrigada.

Dirigi-me à pequena divisão que Madame usava como escritório e encontrei material de escrita. Mandei uma criada buscar a chicória. Seria melhor, decidi, manter-me afastada do confeiteiro italiano, pelo

menos durante uns dias, até esta sua paixoneta passar. Não era a primeira vez que um homem me declarava o seu amor e supunha que não seria a última, mas já tinha reparado que, apesar de todo o sofrimento que juravam estar a sentir, regra geral, encontravam alguém para os consolar uma ou duas semanas depois. Por vezes tinha pena destes homens, se fossem sinceros; ou ficava furiosa, se não fossem; mas raramente experimentava algum sentimento de culpa pessoal, uma vez que há muito tempo que chegara à conclusão de que eram o meu rosto e a minha figura, esses acidentes de nascimento, a causa destas declarações ardentes, e não algo que eu própria pudesse ter feito – tal como não passava de um acidente de nascimento o facto de eu ter nascido numa família em tempos importante mas agora na miséria, o que parecia ter-me condenado a uma vida de celibato. Não que tivesse grande vontade de me colocar às ordens de um marido, claro, mas enquanto não casasse não possuía qualquer estatuto, era alvo de ridículo na corte e toda a minha vida dependia dos caprichos de terceiros.

Assim, resolvi não pensar mais no signor Demirco. Apesar disso, não consegui deixar de estar atenta à janela, à espera de o ver trazer a água de chicória gelada a Madame. Dei por mim surpreendida, e um pouco desapontada, quando foi entregue por um dos lacaios do palácio.

Havia tantas cartas para escrever – cartas de agradecimento ao embaixador francês em Inglaterra; cartas para nobres que tinham sido nossos anfitriões nos vários castelos em volta de Dover; tudo o que fosse possível para deixar uma impressão favorável da nossa visita, de modo a que uma aliança com França – o Grande Negócio, como lhe chamávamos – reunisse, assim que fosse finalmente tornada pública, o apoio de que necessitava. Ouvi murmúrios de vozes quando o abade chegou, mas não me juntei a eles. Madame chamaria se precisasse de mim e a correspondência era mais urgente.

Mais murmúrios, quando outros a visitaram. Olhei para o pequeno relógio na secretária, um presente do rei inglês para a sua irmã. Era quase hora do jogo de cartas, o único vício de Madame.

De súbito uma voz de homem gritou – um grito de horror. Ouvi um estrondo e o que me pareceu mobília a ser arrastada. Corri para o salão.

O abade estava a deitar Madame num divã cujas almofadas tinham sido apressadamente desviadas. As cartas de jogar estavam espalhadas pelo chão e a mesinha de jogo caída de lado. Várias senhoras da corte estavam de pé no meio da sala, como ovelhas assustadas.

Ao ver-me, o abade gritou:

– Vá buscar um médico, rapariga. Depressa. Pode ser veneno ou

um ataque… ela bebeu aquele cordial mesmo antes de desfalecer.

Os meus olhos voaram para a garrafa de água de chicória gelada.

– Veneno? – repeti, estupidamente.

– Um médico, depressa – repetiu ele. – Ela tem de ser purgada.

– Vou mandar um lacaio. Será mais rápido. – Dirigi-me à porta e ordenei ao homem que estava do outro lado que fosse buscar o médico. Depois virei-me para a sala. O abade estava a rezar sobre o corpo de Madame.

– Temos de alargar as suas roupas – disse, interrompendo-o. – Ajude-me a levantá-la.

As mulheres reunidas no meio da sala soltaram mais exclamações abafadas quando erguemos o corpo inerte de Madame para eu abrir o seu espartilho. Assim que o alarguei ela tossiu, expelindo um coágulo de matéria acastanhada para o colo, e gritou de dor. Parecia que estava a tentar encolher as pernas. A sua respiração era superficial e a pele do seu pescoço estava suada e peganhenta. Vi, também, que tinha o ventre estranhamente inchado, quase como se estivesse grávida, embora eu fosse capaz de jurar que não estava tão proeminente poucas horas antes. Estava claramente a sofrer. Se o médico lhe desse um purgante, o esforço de vomitar iria com certeza matá-la.

Ouvi uma das mulheres repetir:

– Veneno! Podíamos ter morrido todos.

Outra disse:

– O médico avisou-nos para não bebermos bebidas geladas…

Peguei na água de chicória.

– Ela não foi envenenada. Nem isto podia ter sido causado por um bocadinho de gelo. Vejam. – Sem pensar nas possíveis consequências, levei o copo aos lábios e bebi. As mulheres sustiveram a respiração em uníssono, algo que teria sido cómico se não fossem as circunstâncias.

Pousei o copo vazio.

– Se eu desfalecer, podem purgar-nos a ambas. Caso contrário, é porque se trata de outra coisa.

O médico entrou apressadamente na sala.

– Onde está ela?

Mostrei-lhe. Ele ajoelhou-se ao lado de Madame, avaliando a situação, e depois carregou levemente na sua barriga. Madame gritou – um som hediondo de cortar o coração.

– Ela está doente há meses – disse-lhe eu –, com vómitos e febres. Bebeu um pouco de água de chicória mas estou certa de que o fez porque já sentia a aproximação do ataque… diz que lhe alivia as dores.

O médico levantou-se.

– Devíamos pô-la confortável – disse, pouco à vontade.

– Como assim, confortável? O que vai fazer? – inquiri.

– Não há nada que eu possa fazer. – O médico olhou para o abade, com ar impotente. – Padre, as suas orações serão agora mais úteis do que a minha medicina.

O abade caiu de joelhos ao lado do divã.

– Acredita em Deus? – perguntou baixinho a Madame. Eram as primeiras palavras do *viaticum*, a extrema-unção.

Madame abriu os olhos.

– Com todo o coração – murmurou.

– Esperem! – gritei, desesperada. – Deve haver alguma coisa que possa fazer.

– Louise. – Era Madame, a murmurar o meu nome com esforço. Também eu caí de joelhos ao lado dela.

– Será… – Madame fechou os olhos quando uma série de espasmos violentos lhe agitou o corpo frágil. – Estou preparada. Mas tem de se certificar… de que o meu irmão…

Toquei-lhe levemente no pulso, que estava também húmido e frio.

– Eu garantirei o tratado. Prometo.

– Certifique-se de que ele morre católico. – Abriu novamente os olhos, por breves instantes, e fixou-os em mim com expressão urgente, como que para garantir que eu compreendia que isso era o mais importante. – Certifique-se.

Foram as últimas palavras que pronunciou.

Morreu uma interminável hora depois, em agonia – tamanha agonia. Tal como era costume, toda a corte se reuniu para a ver morrer. Enquanto os que estavam mais perto dela choravam, os que se encontravam mais ao fundo da sala – principalmente os homossexuais preferidos do seu marido, que nunca tinham gostado dela – continuaram a trocar mexericos e a fazer intrigas, tão naturalmente como se estivessem a assistir a um bailado. Só quando o próprio rei apareceu e se veio ajoelhar à cabeceira da cunhada é que a atmosfera se tornou mais digna. Os mesmos cortesãos que minutos antes trocavam piadas e riam, competiam agora entre si para chorarem com tanta tristeza como o seu monarca.

Depois de o corpo dela ser levado, Luís, de olhos sombrios, chamou-me aos seus aposentos privados.

– Foi veneno? – quis saber.

– Vossa Majestade, creio que não. Eu própria bebi do copo de água de chicória dela, depois, e não sofri quaisquer efeitos nocivos.

– Bom, talvez os médicos possam dizer-nos mais amanhã. – Suspirou. – Obrigado, Louise.

Apesar do que eu dissera, os rumores recusaram-se a desaparecer. Era do conhecimento comum que Madame temia ser envenenada e que estava em conflito com o marido. Aqueles que sabiam que ela estivera envolvida em trabalho diplomático contra os Holandeses

estavam ainda mais inclinados para acreditar em crime.

Pela minha parte, a morte dela deixou-me devastada. Não só perdera a mulher que idolatrava – a pessoa mais bondosa, inteligente e doce do mundo – como perdera também a minha patroa, a minha protectora e o meu lugar na corte. O projecto para o qual tanto trabalháramos estava também arruinado, pois os rumores rapidamente chegaram à corte inglesa: as notícias da dor terrível de Carlos e das suas próprias suspeitas chegaram até nós pelos mesmos meios. Também não ajudou nada quando o abade Bossuet, que pregou na sua cerimónia fúnebre, disse que ela fora «assassinada».

CARLO

Para fazer um sorvete de pêras: use doze pêras, descascadas e partidas, tão maduras que as fatias escorreguem nas suas mãos. Faça uma polpa e passe-a por um coador fino; ferva em lume brando com o sumo de um limão e uma chávena de açúcar, depois congele, mexendo da forma habitual. Se adicionar *crème anglaise*, terá um gelo de creme em vez de um *sorbetto*.

O Livro dos Gelos

Depois do episódio com Louise, isolei-me durante uns dias. Por algum motivo, sentia-me um pouco consumido por aquele marasmo obstinado da alma a que os médicos chamam melancolia.

Passei esse tempo atarefado com a incumbência, há muito adiada, de fazer um gelo para o visitante inglês. Eu negligenciara este processo de forma escandalosa. Dizia-se que a delegação inglesa partiria dentro de uma semana: o rei podia exigir que o concurso fosse julgado a qualquer momento.

Desinteressadamente, comecei a reunir ingredientes. O que era preciso? Algo extravagante, claro; algo que demonstrasse o meu domínio da arte e o esplendor da corte francesa.

Os corredores de Versalhes estavam decorados com pinturas elaboradas: cada candelabro era sustentado por querubins dourados. Comecei a esculpir um querubim de gelo, com uma travessa congelada na mão onde colocaria – o quê? Uma cornucópia, talvez, a derramar frutos. No meu tempo na corte já fizera moldes de madeira que me permitiam construir gelos em forma de cerejas, pêras e maçãs. Agora adicionei uma meloa, um pêssego perfeitamente cor-de-rosa e um cacho de uvas douradas e translúcidas, salpicadas com açúcar de confeiteiro em pó para representar o pólen fino e pálido da vinha. Decorei tudo com folhas de parra feitas de biscoito e açúcar

trabalhado.

Quando terminei, olhei para o meu trabalho e odiei-o.

Era magnificente e não significava nada – uma travessa de pompa inútil, um exemplo perfeito de exibição oca e grandiloquência que eu seria capaz de ter feito de olhos fechados. Até Audiger conseguiria fazê-lo.

Ouvi a voz de Louise de Kerouralle na cabeça. *Um libertino frívolo e hedonista, que não tem actividade mais digna para passar o tempo do que produzir guloseimas para cortesãos glutões…*

Não era verdade, e ia prová-lo.

Peguei no querubim e na sua bandeja e arremessei-os ao chão. O gelo despedaçou-se em volta dos meus pés; frutos de imitação rebolaram até aos extremos mais distantes da copa. Pisei com as botas aqueles que estavam ao meu alcance, esmagando-os, e pontapeei os pedaços. Depois comecei a andar de um lado para o outro.

Passei um dia e uma noite inteiros a pensar, a pegar em ingredientes apenas para os arrumar de novo. Sabia aquilo que não queria fazer: quanto ao que *queria* fazer, era mais complicado.

Olhei para os meus blocos de gelo. *Como são belos.* Não, pensei: não são belos, são implacáveis. Não perdoam nada.

Qual era o gelo mais simples, mais ridiculamente básico que podia fazer para agradar ao rei?

Pêras. Luís adorava pêras.

Portanto – faria um gelo de pêra. Mas seria o melhor gelo de pêra que alguma vez fora feito, por mim ou por qualquer outra pessoa.

Usei apenas Rousselet de Reims, a variedade preferida do rei, perfeitamente amadurecidas esse mês. Primeiro assei-as com um pouco de tomilho e vinho doce, muito suavemente, para adoçar a polpa. Depois fi-las em puré, juntamente com raspa de um limão e uma pequena dose de agraço.

Juntei também algum sal. Sal, limão, agraço – eram elementos que não se notariam no gelo terminado, mas que eu sabia que intensificariam o sabor das pêras quando explodisse da colher para a boca. Tinha o meu sorvete – pelo menos, os princípios.

Depois, num momento de inspiração, acrescentei um pouco de *crème anglaise*.

Inicialmente, estava a pensar apenas em como este o tornaria mais inglês, claro. No entanto, assim que o provei, percebi que a riqueza suave e quente do creme, salpicado com sementinhas de baunilha preta, era o acompanhamento perfeito para a acidez perfumada da fruta.

Recuei, estupefacto. Vi imediatamente o que fizera: criara uma *combination*, uma aliança de sabores, em que o todo era maior do que a soma das partes. Juntos, a pêra francesa e o creme inglês eram um

prato, melhor do que qualquer uma das coisas por si só. Congelados juntos, numa espécie de gelo de creme, simbolizariam a relação especial entre os dois países, unidos num todo indivisível. E – o melhor de tudo – era simples; tão simples que até um idiota como eu não poderia deixar de perceber a mensagem.

Impaciente, esperei que a mistura congelasse, mexendo-a de meia em meia hora, como de costume. De cada vez que tirava a tampa da *sabotiere* e rodava a pá à volta do balde de estanho, reparava como eram finos e claros os flocos de gelo. E a sensação era diferente, também. Em vez da sensação granulosa e arenosa de gelo esmagado, havia apenas uma firmeza suave e luxuriante, como se estivesse a mexer uma pasta rica e pesada.

Por fim, ficou pronto. Na minha impaciência, nem sequer o pus numa taça e provei-o directamente do balde.

Era extraordinário. Não só o sabor, mas a textura. De alguma forma, eu conseguira fazer um gelo tão espesso, tão cremoso e suave que era como se um *macaroon* se dissolvesse na minha boca. Não tinha grânulos de gelo, nenhuma aspereza: apenas a viscosidade oleosa e suave do creme a cobrir-me a língua enquanto derretia, deixando para trás a acidez doce da pêra e a riqueza quente do *crème anglaise*.

Finalmente, fizera um gelo como o qual Ahmad podia apenas sonhar.

A única coisa que me estava a confundir era não ter percebido, de imediato, o que fizera para tornar este gelo tão diferente. Não importava: podia estudar esse assunto mais tarde. Para já, queria apenas testar o meu gelo em alguém. Precisava de um cenário digno, claro: tinha estado a guardar uma preciosa taça de vidro veneziano, com centelhas douradas embebidas no vidro, precisamente para uma ocasião destas. Estendi a mão para lhe pegar – mas depois hesitei. Mais uma vez, a chave para tornar este gelo especial era a simplicidade, não a extravagância.

Fiz duas pequenas coroas reais, de biscoito, e enchi-as com o meu gelo cremoso de pêra e *crème anglaise*.

Depois levei-o para fora. Ao princípio, pareceu-me que não andava ninguém por ali, mas depois ouvi o som de vozes de cortesãos provenientes dos jardins. Talvez, pensei, Luís estivesse com eles.

Corri na direcção do som e contornei uma sebe. Tinha sorte: ali estava o rei.

– Vossa Majestade – chamei.

Enquanto caminhava na direcção de Luís, apercebi-me de que as pessoas estavam a virar-se para olhar para mim. Os murmúrios cessaram. Tarde de mais percebi que, hoje, todos os seus adornos – os chapéus, as bengalas e as casacas, até as plumas dos seus chapéus – eram negras, negras como breu. Alguém tinha morrido. Mas quem?

Era tarde de mais para parar, tarde de mais para voltar para trás, mas os meus passos abrandaram. E depois o próprio rei virou-se, de olhos assombrados, e viu-me aproximar dele com um prato de gelado na mão.

– Vossa Majestade – disse, de novo, com uma vénia –, fiz o gelo que Vossa Majestade me pediu, e é maravilhoso.

O rei recuara um passo e os cortesãos de ambos os lados estavam também a recuar.

– Gelo! – ouvi alguém dizer. E ali estava outra vez o médico, o idiota que avisara o rei do perigo de comer gelos. Estava a falar em tom urgente com um dos lacaios e a apontar para mim ao mesmo tempo.

– Vossa Majestade não gostaria de provar um pouco? – perguntei, confuso. E depois dois sargentos da guarda avançaram e dei por mim a ser arrastado para longe.

LOUISE

–O que vai fazer agora, criança? – perguntou o rei, em tom meigo.

Mantive a cabeça baixa e as mãos cruzadas no colo.

– O que Vossa Majestade ordenar.

O rei olhou para o seu principal ministro, Lionne. A presença deste na discussão era o que me estava a intrigar e a perturbar. Que o rei desejasse falar comigo sobre o meu futuro, não era de forma alguma inesperado. Eu sabia que não tinha lugar na corte, agora que Madame fora enterrada. Havia apenas três opções, que eu visse: seria enviada de novo para a Bretanha, para suportar a desilusão dos meus pais; seria oferecida a uma outra dama bem colocada na corte – possivelmente até alguém como Olympe de Soissons, embora Deus soubesse que os meus pais também considerariam isso uma ofensa; ou, se tivesse muita, muita sorte, o rei podia escolher-me ele próprio um marido, num gesto de homenagem aos desejos de Madame.

Das três, nenhuma me agradava particularmente. Nem mesmo a terceira, embora fosse essa a única razão pela qual eu fora sequer enviada para a corte.

– Imagino que deve querer ir para casa, para junto da família – sugeriu o rei. – Os seus pais devem ter saudades suas.

Mantive a voz nivelada.

– Os meus pais, senhor, mais do que ninguém, estão conscientes da grande distinção que Vossa Majestade lhes faz ao manter-me na

corte.

– Sim. – O rei pigarreou. – Certos aspectos desta vida condizem consigo, ao que parece. Madame falou-me várias vezes do seu perspicaz entendimento de questões diplomáticas.

Lionne acrescentou:

– As ligações de Madame no estrangeiro eram de grande importância para nós. Como sabe, ela correspondia-se com o irmão.

– Sim, senhor – respondi, modestamente. – Ajudei Madame a redigir algumas das cartas. – Mais uma vez, os dois homens trocaram olhares.

Eu suspeitava agora de que a minha primeira avaliação desta conversa talvez tivesse sido precipitada. Se iam de facto mandar-me para casa, já o teriam dito. Na verdade, começava a ter a sensação de que eles próprios tinham iniciado a conversa sem uma ideia clara de qual seria o seu desfecho – que estavam, na verdade, a sondar-me, e que havia algum esquema ou intriga que tinham em mente e para o qual eu podia ser adequada, mas sobre o qual não estavam ainda certos.

O rei disse, pensativamente:

– E se houvesse alguma forma de continuar o trabalho dela… de promover a causa da aliança entre nós e a Inglaterra… gostaria de estar envolvida nisso?

Ao ouvir estas palavras, o meu coração deu um salto – pois, naturalmente, não havia nada que eu desejasse mais.

– Com certeza, senhor.

– Mesmo que isso significasse adiar… temporariamente, claro… a perspectiva de casamento? – Sorriu. – Estou certo de que uma jovem tão bonita não deve ter falta de pretendentes. Importar-se-ia de lhes pedir que esperassem… o quê? Um ano? Talvez ano e meio?

Então, talvez fosse esta a explicação para a sua hesitação – a natureza necessariamente delicada deste acordo. O rei estava a oferecer-se – à sua maneira subtil e elíptica – para me arranjar um marido dentro de um ano ou pouco mais, se, entretanto, eu me dedicasse a continuar o trabalho de Madame. Bom, claro que era uma proposta que estava ansiosa por aceitar. Curvei a cabeça.

– Sou uma humilde serva de Vossa Majestade.

– Óptimo. – O rei levantou-se. – Deixarei Lionne explicar-lhe todos os detalhes. Mas lembre-se disto, minha querida: o trabalho que fizer para nós nos próximos meses será mais valioso para França do que mil navios de guerra.

Na altura, pareceu-me que era uma sugestão extraordinária para um rei fazer a uma mera dama de companhia e, durante algum tempo, nem quis acreditar na minha sorte. Só muitos meses, até anos depois, é que compreendi o quão cuidadosamente me tinham usado.

PARTE DOIS

«Teremos de abandonar o Grande Negócio? É de temer que a dor do rei de Inglaterra, que é mais profunda do que se possa imaginar, e as conversas malévolas e rumores dos nossos adversários, possam estragar tudo.»

Colbert de Croissy, embaixador francês em Londres, para

Lionne, secretário de Estado francês, Julho de 1670

CARLO

Um simples creme de limão é o mais nobre dos gelos, e pode ser facilmente confeccionado quando os outros não são certos.

O Livro dos Gelos

Era esta, então, a terra para a qual fora exilado: um banco baixo de lama cinzenta que, gradualmente, se dividiu e transformou nos dois lados de um estuário. Nos lodaçais prateados, salpicados pelas marcas deixadas pelas patas das gaivotas, erguiam-se no horizonte algumas quintas degradadas. À excepção de uns porcos escanzelados, pareciam abandonadas. As pessoas deviam estar debaixo de tecto, protegidas da chuva gélida: eu teria feito o mesmo, mas o barco tinha sido usado recentemente para transportar estrume e o meu palato acostumado à corte ainda era demasiado refinado para suportar o fedor do porão. Além disso, estava fascinado por este país – fascinado e também aterrado: pela sua pobreza pesada, a sua monotonia, a forma como se erguia relutantemente da água cinzenta, aos poucos, tão diferente das escarpas deslumbrantes e dos portos acolhedores de Itália ou França.

Por fim, o estuário estreitou e tornou-se a foz de um rio, onde havia algum tipo de construções, docas. Protegi os olhos com a mão. Os edifícios eram do mesmo castanho baço que a lama, os telhados cobertos por uma espécie qualquer de palha escura. *Vim para um país sem cores*, pensei, e não foi apenas o frio que me fez estremecer.

Recordei a ocasião em que recebera as minhas ordens; do grande Lionne, pessoalmente, no seu grande gabinete no Louvre.

– Estamos presentemente envolvidos numa operação diplomática de grande delicadeza, que pode afectar todo o rumo da nossa campanha militar. Fico satisfeito por poder dizer-lhe que, apesar da sua vergonha recente, se encontra na feliz posição de poder ser útil a Sua Majestade Cristã nesta questão…

Não me estava a ser dada uma escolha, isso era claro. Sob a superfície, havia sempre a ameaça implícita. A morte de Madame continuava a ser um mistério, apesar de todos os esforços dos médicos, e ainda corriam pela corte rumores de veneno ou incompetência médica.

– Consta que o monarca inglês, o rei Carlos, está prostrado com a dor. Quando recebeu a notícia da morte da irmã fechou-se nos seus aposentos. Durante três dias ninguém teve permissão para entrar, nem mesmo os médicos.

Lionne fez uma pausa.

– O nosso rei, claro, também está a sofrer. Mas de forma apropriada. Luís nunca se deixaria ficar tão descontrolado.

Eu acenara em sinal de assentimento, sem perceber o rumo da conversa. Se pelo menos tivesse prestado mais atenção quando os que me rodeavam discutiam os aspectos mais delicados destas questões políticas…

Lionne contornou a secretária e começou a andar de um lado para o outro, entre a janela e o centro da sala.

– No caso do rei inglês, parece que o sofrimento afectou o seu juízo. Este príncipe, que até aqui era afável e gostava de França, meteu de alguma forma na cabeça que a sua adorada irmã foi assassinada pelo marido e que nós lhe estamos a esconder a verdade. Despediu o alfaiate, escorraçou a amante e mergulhou toda a corte num luto profundo. Em vez de festas e cortejos, dedica-se agora unicamente ao governo e aos interesses do seu país. Em vez de permitir que os seus generais se preparem para as glórias da guerra, disparata e fala de economia. Caminha longas distâncias pelos campos, sozinho, e mete conversa com os seus súbditos, que lhe dizem francamente que não estão contentes com as suas políticas até à data: em vez de os repreender pela sua presunção, mostra sinais de concordância.

Lionne encolheu os ombros de forma eloquente perante a loucura dos reis estrangeiros.

– Assim o alegre monarca se tornou soberano das tristezas. E é França, de todos os países, que mais sofre com isso.

Voltou para trás da sua secretária e olhou para mim por cima das mãos unidas.

– Portanto, Sua Majestade Cristã decidiu oferecer um presente ao seu primo inglês. Algo que restaure o espírito real, como prova da

estima que dedica à continuação da aliança entre ambos.

Ah, sim, a aliança. Se Luís queria persuadir Carlos de que o tratado tinha de sobreviver à morte de Madame, este presente teria de ser realmente algo muito especial.

– Sua Majestade Cristã decidiu oferecer ao rei Carlos… um gelo. – Um sorriso frio tocou os olhos de Lionne. – É aí que entra a sua pessoa, claro.

Com alguma hesitação, disse:

– Naturalmente que seria uma honra para mim auxiliar Sua Majestade neste projecto. Mas os segredos da minha profissão estão rigidamente protegidos. Se permitisse que fossem fornecidos a um cozinheiro inglês, os outros confeiteiros não me acusariam de traição?

– Parece que já o podem fazer. Pelo que sei, há um mestre confeiteiro em Florença que acredita ter sido traído por um rapaz seu criado. – Lionne pegou num documento que tinha em cima da mesa e lançou-me um olhar interrogativo. Não respondi, mas o meu coração afundou-se. Sabia que, de alguma forma, Audiger tivera mão nisto.

– Seja como for, não estamos a sugerir que ceda os seus conhecimentos. Longe disso. É precisamente o facto de estes métodos permanecerem secretos que torna o presente de Sua Majestade tão generoso.

O ministro fitou-me com olhar altivo.

– Para oferecer o gelo ao rei Carlos, temos de lhe oferecer o fazedor de gelos. Compreende?

Olhei para ele. Mesmo nos meus momentos de maior desespero, nunca imaginara nada como isto.

– Estão a mandar-me embora? Vou ser banido?

– Emprestado, digamos assim. Sua Majestade Cristã encontra-se na afortunada posição de ter dois exímios confeiteiros. É muito razoável que ofereça um deles ao seu aliado do outro lado do Canal.

– Mas… quanto tempo terei de estar ausente?

Lionne encolheu os ombros.

– A sua tarefa é deixar o rei de Inglaterra novamente alegre. Quando estiver alegre, será de novo amigo de França.

Porque precisará do vosso ouro para pagar os seus prazeres, pensei, recordando o que Olympe dissera.

– Declarará guerra aos Holandeses e nós avançaremos. A guerra propriamente dita será vencida rapidamente e então poderá regressar a Versalhes.

Não respondi. Até eu via que havia poucas probabilidades de que fosse tudo tão simples como isso. Mesmo que fosse, quando eu voltasse Audiger estaria bem estabelecido em Paris como presidente da Corporação de Confeiteiros.

Lionne acrescentou, em tom casual:

– E, de tempos a tempos, pode haver outros deveres… Mensagens da rapariga bretã, que você nos transmitirá. Deveres de observação dela, ou do rei, ou de outros membros da corte inglesa que lhe indicaremos.

– A rapariga bretã?

– Não o mencionei ainda? Foi sugerido ao rei Carlos que talvez aliviasse a sua dor se empregasse, como gesto de caridade, uma das damas de companhia da irmã para servir a sua rainha. Essa honra coube à rapariga bretã, de Keroualle. Sim? O que é? – O olhar arguto do ministro estava a perscrutar-me o rosto.

Suspirei.

– Nada.

Satisfeito, ele prosseguiu:

– Deve ser bastante fácil. Mover-se-á entre eles, escondido em plena vista, fornecedor de prazeres e guloseimas. O que poderia ser mais natural?

O pequeno barco estava agora a subir o rio, navegando na última vaga da maré. O convés, apesar da chuva constante, estava agora bastante apinhado. Tinham embarcado mais passageiros em Gravesend, e até aqueles que vinham de França tinham subido do porão, ansiosos por um vislumbre de marcos familiares, tagarelando excitadamente naquela linguagem gutural que me fazia sempre lembrar cães a uivar.

Louise não estava a bordo. Tínhamos viajado juntos até Dieppe numa carruagem emprestada e num silêncio tenso. A dada altura, perguntei-lhe o que se passava, e ela virou para mim o rosto molhado das lágrimas com expressão incrédula.

– A minha senhora morreu, estou a ser enviada para o país mais bárbaro e herege da Europa, tudo aquilo para que trabalhei ao longo dos últimos dois anos está preso por um fio e pergunta-me o que se passa?

Depois disso calei-me e mantive o silêncio e, quando chegámos a Dieppe, afastei-me para ir comprar as provisões de que necessitava. Fora uma sorte encontrar este navio: a maioria dos capitães com quem falei limitaram-se a cuspir laconicamente assim que ouviam falar em Inglaterra.

Agora, enquanto o convés se enchia de pessoas, dei por mim de pé ao lado de um homem que dizia ser mercador de lãs mas que tinha a postura de um soldado, com a mão pousada na anca, onde devia habitualmente ter a espada. No entanto, era bastante simpático e decidira mostrar-me as vistas à medida que passávamos.

– A Ilha dos Cães. – Apontou para mais uma extensão de pântano. – E, ali, o palácio de Greenwich. – Distingui uma série de edifícios arruinados entre as árvores. – Não parece grande coisa agora –

admitiu ele. – Tal como todos os palácios reais, sofreu muito durante a… quero dizer, nos últimos tempos.

– Durante a república, é o que quer dizer?

O homem olhou para mim de lado.

– Sim.

– E o que é aquilo? – perguntei, apontando para uns postes altos e brancos, como mastros de navios, enfeitados com fitas coloridas.

– São mastros de Maio, reintroduzidos por ordem do rei, para que as pessoas comuns possam juntar-se às festividades.

– Não vejo ninguém a festejar.

Ele encolheu os ombros.

– Alguns dos seus súbditos ainda não se reconciliaram com o regresso do rei do exílio. Acabarão por cair em si.

Surgiu então à nossa vista, do lado direito, um edifício que calculei que seria a Torre de Londres, um castelo baixo e branco rodeado por fortificações e apinhado de soldados armados. Mas a minha atenção foi atraída pelo que se encontrava para além do edifício: um vasto prado de destruição, com mais de um quilómetro e meio de comprimento e oitocentos metros de largura, coberto de escombros e cinzas e ervas daninhas. Estavam a ser construídos edifícios novos, mas estes erguiam-se lado a lado com os esqueletos enegrecidos dos anteriores, destruídos pelo fogo. O meu companheiro olhou com curiosidade e fez alguns comentários sobre pequenas alterações aqui e ali, mas nada mais além disso. Não era, evidentemente, novidade nenhuma para ele.

Lembrei-me das palavras de outro dos que me tinham transmitido instruções, um espião menor a quem Lionne me passara depois de estar despachado comigo. *Claro que foram castigados pelas suas heresias: castigados por Deus, com guerra civil, peste e fogo. Talvez já tenham aprendido a sua lição.* O homem agitara a mão com indiferença. *Oh, vai achá-los bastante trabalhadores… acreditam em trabalho duro, estes protestantes, quase religiosamente, poder-se-ia mesmo dizer, embora ainda esteja para se ver que glória pode alguma vez advir, para Deus ou seja para quem for, da reconstrução daquela poça de lama infestada de peste…*

Infestada de peste. Eu não tinha medo do fogo, mas a famosa pestilência de Londres era outra coisa. Benzi-me automaticamente e depois desejei não o ter feito. O meu companheiro olhou para o meu peito, seguindo o meu gesto, e, embora não tenha dito nada, ficou subitamente pensativo. Oh, enfim: dificilmente poderia ser segredo que um italiano, vindo de França, seria católico. Ou talvez o homem tivesse reparado na falta do meu dedo. No entanto, pareceu-me que daí para a frente me observou com mais desconfiança.

A Grande Ponte estava agora à nossa frente. Feita de pedra e coberta de construções, era maior do que qualquer ponte em Paris ou

Florença. O rio, limitado de ambos os lados por rodas de moinho gigantescas, jorrava pelo arco central como por um cano gigante e, embora alguns botes vindos de montante navegassem descontraidamente os rápidos, acompanhados pelos gritos dos seus passageiros, era obviamente impossível o nosso barco avançar mais.

Enquanto a tripulação o prendia a um pontão próximo, o meu companheiro deu-me uma cotovelada e apontou para cima.

– Está a ver aquilo?

Numa das extremidades da ponte, uma casa de necessidades projectava-se sobre a água. Semicerrando os olhos para ver através da chuva, vi uma fila de meia dúzia de assentos de retrete de madeira nos quais se encontravam, como ovos num suporte, um par de nádegas masculinas e dois pares de nádegas femininas. Mas não era a essa exibição indecente que o homem se referia. Por cima de um dos arcos havia uma fila de espigões de ferro, encimados com o que pareciam ser couves podres. Apenas algumas madeixas de cabelo e um leve brilho de dentes brancos numa delas mostravam que não eram, decididamente, couves.

– Papistas – disse o homem em tom contundente.

Bom, talvez fosse verdade, embora me tivessem dito em Paris que uma das cabeças em exibição era a do próprio Cromwell, o Grande Usurpador, decepada pós-morte do corpo desenterrado. Os outros, pensei, não deviam ter tido tanta sorte. Talvez em consequência dos recentes problemas, a pena para traição ou heresia aqui em Inglaterra era muito pior do que a mera execução. Conseguia imaginar demasiado bem – não a dor, pois essa seria literalmente inimaginável, mas o horror: ver as nossas próprias entranhas serem-nos arrancadas da barriga como sedas da bolsa de um saltimbanco, depois casualmente queimadas perante os nossos olhos, com a chuva a crepitar e a fumegar ao cair sobre elas, a nossa última refeição a derramar-se e a ser novamente cozinhada enquanto os intestinos se rompiam sobre a braseira. E isso antes de começarem a serrar-nos aos pedaços…

Desta vez consegui conter-me para não me benzer, embora a minha mão direita tenha estremecido involuntariamente. O meu companheiro reparou e riu-se. No entanto, percebi que não era um riso maldoso: depois de me ter causado este desconforto, estava a rir para mostrar que fora uma brincadeira. Eu tinha sido avisado do estranho sentido de humor dos Ingleses.

– Para onde vai, amigo? – perguntou o homem, dando-me uma palmada no ombro enquanto subíamos a estreita prancha de desembarque.

– Ficarei alojado em Vauxhall e tenho de me apresentar na corte.

– Na corte, hã? – disse ele, claramente impressionado. – Já tinha

pensado se seria isso. Temos cá alguns como você. – Acenou. – Nesse caso, podemos partilhar o transporte. Eu também vou para Vauxhall.

– Obrigado – respondi, educadamente. – Mas tenho de esperar pela minha bagagem. – Estávamos agora em terra seca e eu sentia as pernas um bocadinho bambas depois da travessia. Não que *fosse* muito seca, esta terra: o barro peganhento, da cor dos dejectos, misturava-se com a chuva para criar uma porcaria gordurenta debaixo dos nossos pés.

– Não faz mal. Eu espero consigo. A chuva é capaz de abrandar.

Só uns bons vinte minutos depois trouxeram as minhas arcas do porão. Quando a última foi colocada no cais, o homem tocou-me no braço.

– Tem de os fazer pagar por isso. Estes imbecis ensoparam a sua bagagem.

– Não tem importância – respondi, rapidamente.

– Não tem importância? Olhe para isto! – Era verdade: a água escorria de um dos cantos da arca. – Devia verificar o conteúdo – insistiu o homem. Chamou um carregador. – Tu aí! Abre esta arca.

– A sério, não há problema. Além disso, está fechada à chave.

– Porquê? O que é que tem lá dentro, que tem de estar fechado à chave mas não se estraga com a água? – inquiriu. A sua franqueza era enervante, quase ofensiva. No entanto, como eu estava a aprender rapidamente, essa era outra das características deste povo.

Hesitei.

– Contém os meus instrumentos de trabalho. Mas são quase todos feitos de estanho, portanto um pouco de água não é motivo de preocupação. – Paguei um dinheiro aos marinheiros para levarem as arcas até à estrada. – Agora tenho de encontrar uma carroça.

Mais uma vez, vi o homem – o soldado, como estava agora quase certo de que era – olhar para mim com curiosidade. Talvez estivesse a perguntar a si próprio como é que um estrangeiro sabia que uma carroça seria mais rápida do que um barco. Contudo, as minhas ordens eram para estar o mínimo de tempo possível na ponte.

Carregámos as arcas numa carroça e partimos. Onde o incêndio não chegara, as ruas eram estreitas, quase demasiado estreitas para a carroça passar entre os edifícios. Cada andar era maior do que o inferior, e o pouco espaço que existia ao nível do solo já desaparecera no terceiro ou quarto piso, quase transformando as ruas em túneis. Agora, dei graças pela chuva; pelo menos matinha os dejectos, tanto dos cavalos como humanos, a correrem pela sarjeta no meio de cada rua – isto, claro, onde ela não se encontrava bloqueada. Tirei um lenço da manga, salpiquei-o com umas gotas de água de rosas e levei-o ao nariz. Vi o meu companheiro sorrir, mas ele não disse nada.

Enquanto avançávamos lentamente pelas ruas, passámos por

vários grupos de homens vestidos com roupas escuras que, quando se cumprimentavam, pegavam na mão uns dos outros e a seguravam entre as suas. Era como se estivessem a trocar um sinal secreto, no entanto estava a ser feito abertamente, em público.

– Chama-se apertar a mão – disse o meu companheiro, quando me viu virar a cabeça para olhar. – É o costume entre os dissidentes mais convictos, quando se encontram. Recusam-se a curvar-se perante qualquer homem, uma vez que dizem que todos fomos criados iguais.

– Em França, isso seria considerado conversa sediciosa.

– Aqui é diferente. A república veio abalar tudo. As coisas voltarão ao que eram, mas vai demorar algum tempo. – De súbito, o homem parecia divertido. – Houve um dissidente que se recusou a tirar o chapéu perante o rei. Sabe o que aconteceu? – Abanei a cabeça e ele continuou: – Sua Majestade tirou o seu próprio chapéu.

– Porquê?

– Como ele disse ao dissidente, o costume ditava que um dos dois estivesse de cabeça nua, portanto assim o costume estava cumprido. O bom do velho Rowley…

– Rowley?

– Oh, é o nome do garanhão do rei, mas também o que as pessoas chamam ao próprio rei.

– Porquê?

– É um nome afectuoso. Uma alcunha. – Riu-se. – Suponho que é por ele ser parecido com o cavalo, percebe, pelo menos em certos aspectos.

Eu estava perplexo. Então, homens que tinham morrido na sua cama eram desenterrados e decapitados, mas comentários grosseiros e traiçoeiros sobre o rei eram fonte de diversão. E o próprio rei, ao que parecia, era obrigado a ignorar uma impertinência que, em França ou Itália, enviaria um homem para o cadafalso.

Um país bárbaro e atrasado, concluíra o espião de Lionne com um encolher de ombros. *Literalmente: nem sequer conseguem reger-se pelo mesmo calendário do resto da Cristandade. E apesar de no seu calendário, como virá a descobrir, estarem apenas dez dias atrasados em relação a nós, em todos os outros aspectos parecer-lhe-á antes décadas.*

Finalmente, livrei-me do meu companheiro na estalagem onde estava instalado. Os olhos do inglês seguiram a última arca enquanto era levada para dentro, ainda a pingar, mas não disse nada excepto um «Adeus» breve antes de acenar com a cabeça e seguir o seu caminho. Eu vinha a compor mentalmente um discurso de agradecimento pela sua ajuda, elaborado mas pouco sincero, como a cortesia exigia; mais uma vez, fiquei sem perceber se esta brusquidão era um insulto ou simplesmente outro costume estranho.

No entanto, os meus aposentos eram adequados, as paredes

cobertas com painéis de madeira que não pareciam esconder quaisquer orifícios de espionagem. Tranquilizado, virei a minha atenção para os baús. Aquele que vinha a pingar estava frio ao toque – mau sinal. Tirei as mantas da cama e enrolei-o o melhor que pude. Não me atrevi a abri-lo – o quarto estava quente e só ia piorar o problema. Virei-me para o outro baú, abri-o e recuei um passo, consternado.

Quando o selara, continha cristais amarelados. Agora vi apenas um monte de pó coagulado. Toquei-lhe com o dedo. Húmido. O outro baú, o que estava a pingar, devia ter ficado por cima deste no porão do barco. Não fazia ideia se o salitre podia ser seco e os cristais extraídos novamente: desconfiava que não.

Bom, não devia ser um problema irresolúvel. Presumivelmente, em Londres, tal como em Paris e Florença, devia haver homens dos despejos que recolhiam o conteúdo dos bacios das pessoas todas as manhãs para extrair o precioso salitre. Vira um boticário um pouco mais abaixo, na rua da estalagem: lá deviam saber onde é que eu podia adquirir mais. Lavei-me com água quente trazida pelo criado, desci e disse ao estalajadeiro que ia sair.

Enquanto caminhava na direcção da loja, um grupo de homens ainda jovens chamou-me a atenção. Caminhavam altivamente pela rua lado a lado, uma formação que, a juntar ao facto de cambalearem de um lado para o outro, significava que ocupavam a maioria do espaço disponível. Em contraste com os outros que vira nas ruas, estes homens estavam vestidos de uma forma que teria parecido ostentosa até em França, com calções folgados, ornamentados com metros de renda e descaídos nas ancas, abafos no cinto da espada, camisas de linho que ondulavam por baixo de gibões elegantes, mais linho a espreitar das braguilhas abertas e coletes pespontados a fio de ouro e prata. Estavam obviamente embriagados: um deles pôs o braço sobre os ombros do outro, mas a acção desequilibrou-os a ambos e fê-los cambalear de encontro a uma parede.

Ao mesmo tempo, apareceu atrás deles uma cadeirinha, transportada pela lama por dois criados, evidentemente de uma pessoa de posição elevada. Quem quer que fosse, estava com pressa, e a cadeira rapidamente ultrapassou o grupo de jovens janotas, os criados passando simplesmente entre eles sem olhar para a esquerda ou para a direita. Depois um dos jovens soltou um rugido – parecia «Hipopótamo!» – e os companheiros responderam com gritos. Como um só, correram sobre a cadeirinha e viraram-na, fazendo a pessoa dentro dela cair desamparada na lama. Era, como eu calculara, um cavalheiro de meia-idade, bastante gordo, e o seu grito de ultraje enquanto rebolava sobre a lama e imundície teria, estou certo disso, sido consideravelmente mais alto se a queda não o tivesse deixado

sem fôlego; por seu lado, os jovens estavam a rir tanto que quase não se tinham de pé.

– Imbecis – balbuciou o homem, ainda deitado de costas; instantaneamente, um dos jovens desembainhou a espada e aproximou-se dele com ar ameaçador.

– Sim? – provocou. – É insolência aquilo que oiço?

Fiquei surpreendido com isto, tanto porque tinham sido obviamente os jovens quem agira mal, como por não fazerem qualquer esforço para se dirigirem ao homem mais velho que, como já disse, era uma pessoa de ar respeitável, com a delicadeza devida a alguém da sua posição. E fiquei ainda mais surpreendido pela reacção do homem mais velho. Apanhou a cabeleira da lama e disse em tom humilde:

– As minhas desculpas, Vossa Graça. Falei no calor do momento.

O libertino que desembainhara a espada deu vários golpes no ar, como se estivesse desapontado por o outro homem não lhe dar motivos para discutir mais. Depois virou-se, embainhou a espada e cambaleou atrás dos seus amigos.

Que país curioso, pensei, enquanto via o homem subir novamente para a cadeirinha sob o olhar impassível dos criados. Era como se ninguém soubesse qual era a sua posição – ou talvez, no rescaldo de uma guerra civil, o soubessem demasiado bem. Como forasteiro, era evidente que teria de ter muito cuidado.

Entrei na loja e fechei a porta atrás de mim.

– Sim? Posso ajudar? – disse o boticário, erguendo os olhos da balança onde estava a pesar um pedaço de âmbar cinzento.

– Queria comprar salitre. Mais ou menos um quilo.

O homem pestanejou.

– Não é coisa que tenhamos em tanta quantidade. Posso perguntar no arsenal em Woolwich, se quiser. Mas será caro.

– Compreendo. Mas tenho mesmo de o adquirir. Estarei instalado no Red Lion, pode mandar recado para lá. – Dirigi-me de novo à porta. Os jovens pareciam ter desaparecido, por isso saí. No outro extremo da rua havia um mercado. Não tinha mais nada para fazer, e pensei que podia ir ver que frutas estavam na época aqui, se é que havia alguma.

Só regressei à estalagem mais de uma hora depois. O mercado, na verdade, fora uma agradável surpresa. Apesar do adiantado do mês, havia uma abundância de pequenos damascos doces, amêndoas e pistácios da Turquia, bem como umas avelãs grandes e gordas que eu nunca vira antes. Havia também uma boa variedade de queijos, e tantas especiarias e ervas que nem eu as reconheci a todas. Os Ingleses, ao que parecia, compensavam em perícia comercial aquilo que lhes faltava em recursos naturais.

Pareceu-me haver um número surpreendente de pessoas na estalagem quando entrei, com um cesto de ameixas debaixo do braço. Algumas estavam a olhar para mim daquela forma directa dos Ingleses, mas havia também algo mais, uma certa dissimulação nos seus olhos. Sentindo-me um pouco desconfortável, dirigi-me às escadas.

– É ele!

De súbito, um grupo de homens desceu as escadas ao meu encontro, de armas na mão. Quando dei por mim, tinha pontas de espada e canos de mosquete quase encostados à cara. Surpreendido, deixei cair as ameixas e quase caí para trás; nesse momento apercebi-me de que havia mais homens armados por baixo de mim e só com grande esforço consegui evitar cair sobre as suas lâminas. Por trás deles, vi o rosto ansioso do boticário.

– Salitre – estava ele a gritar para quem vinha ver o que se passava. – O suficiente para fazer explodir uma casa, queria ele. E é um estrangeiro. Vestido como o Guido Fawkes.

– Fizeste muito bem, Isaiah Wentworth – disse outro homem. – De certeza que puseste fim a uma maquinação papista.

– Ele tem baús no quarto – acrescentou o estalajadeiro. – Baús com armas. Ouvi-as chocalhar quando os levámos para cima.

Eu estava tão estupefacto que nem sabia o que havia de responder, e o medo fez-me esquecer o meu inglês.

– Não são armas – disse, erguendo as mãos para mostrar que estava desarmado. – Não é maquinação.

O homem que dera os parabéns ao boticário avançou.

– Devíamos revistar-lhe o quarto.

Fui empurrado para cima e obrigado a abrir os baús. À medida que abria cada um deles, uma dúzia de cabeças inclinava-se para examinar o conteúdo. As minhas roupas de corte foram retiradas e espalhadas pelo chão – vi os meus belos lenços franceses desaparecerem no bolso de um dos homens quando ninguém estava a olhar. Ao verem os meus moldes, houve um momento de silêncio confuso até que alguém sugeriu que deviam servir para fazer explosivos.

– E aqui está outro – gritou uma voz, ao descobrir o último baú embrulhado nas cobertas da cama. – Escondido. Deve ser a pólvora do papista.

– Tem cuidado, Obadiah. Pode ser perigoso.

Quando o homem chamado Obadiah pousou as mãos na tampa, retirou-as bruscamente.

– Raios, está frio – exclamou.

– Frio?

– Como gelo.

Cuidadosamente, levantou a tampa. Alguns recuaram. Outros aproximaram-se para ver melhor.

Aninhados no baú, dentro de um robusto revestimento de madeira de cedro, estavam seis blocos prateados, cada um do tamanho de uma Bíblia. Num dos lados havia um compartimento cheio de limões de casca grossa; no outro, uma quantidade semelhante de groselhas negras, com a pele escura manchada por orvalho congelado. Um dos homens enfiou a mão no baú e depois tirou-a como se tivesse sido mordido.

– O que é? – perguntou o estalajadeiro, confuso.

– Tesouro? Feitiçaria?

Uma voz disse, da porta:

– Ambas as coisas, de certa forma. É gelo.

Todos se viraram, incluindo eu. À porta, perfeitamente calmo, estava o homem que eu conhecera no barco.

Ele entrou no quarto.

– Este homem não é nenhum Guido Fawkes. Não veio rebentar convosco; veio para fazer um pudim para o rei. Mais ainda, está aqui sob a autoridade pessoal de lorde Arlington. A menos que algum de vocês queira provocar o desagrado do meu mestre, sugiro que fechem esse baú antes que derreta. – Acenou na minha direcção. – Creio que ainda não fomos formalmente apresentados. Capitão Robert Cassell, senhor, muito prazer em conhecê-lo. Vou colocar um guarda à sua porta para que os seus bens não voltem a ser transtornados, e depois o meu mestre gostaria de lhe dar uma palavra.

Pouco depois, Cassell escoltou-me até um edifício de estrutura de madeira na orla da planície carbonizada pelo fogo. Era uma espécie de gabinete de expedição: homens entravam e saíam apressadamente, com cartas e sacos de documentos. Fomos conduzidos a uma pequena sala onde estava um homem vestido de preto, sentado atrás de uma secretária. Ao seu lado estava outro homem – um cortesão, a julgar pelo comprimento da sua cabeleira. Sobre a cana do nariz, de forma algo incongruente, tinha um penso de cabedal, como os que os soldados usam para cobrir feridas que demoram a sarar.

– Signor Demirco, bem-vindo. O meu nome é Sir Joseph Walsingham, e este é lorde Arlington – disse o homem de preto em tom cortês. A minha incompreensão devia ser óbvia, porque ele ergueu as sobrancelhas. – Vejo que os nossos nomes não lhe são familiares. É evidente que está ainda menos preparado do que imaginávamos. Se me permite, é um espião bastante patético.

– Não sou nenhum espião – disse eu, assustado.

– Claro que é, e ainda bem – disse ele com à-vontade. – Onde estaríamos nós, mestres de espiões, se não fossem os nossos espiões? Contudo, tenho de confessar… estou curioso em relação ao motivo

pelo qual o Lionne o escolheu para esta tarefa em particular. Essas suas confecções em gelo devem de facto ser extraordinárias.

– Os meus serviços são apenas uma prova da grande estima…

– Sim, sim. Podemos esquecer tudo isso: tenho de estar em Whitehall dentro de quarenta minutos. – Fora Arlington que falara. A sua voz era aguda e aflautada e pronunciava cada palavra com uma clareza deliberada. – Compreenda uma coisa, Demirco: na questão da rapariga bretã, os nossos interesses e os interesses de França são coincidentes. Aqueles de nós que lutaram na última guerra civil não têm qualquer desejo de ver essa escuridão envolver-nos de novo.

– Não compreendo – disse. – O que é que uma dama de companhia e um confeiteiro têm a ver com guerras civis?

Os dois ingleses trocaram um olhar.

– A rapariga bretã não é nenhuma dama de companhia – disse Arlington abruptamente. – É, se Deus quiser, a próxima amante do rei e futura chanceler da sua alcova. É através dela que governaremos um monarca de vontade fraca e, através dele, uma nação ainda mais fraca.

A surpresa deve ter sido evidente no meu rosto porque vi que ambos me fitavam com curiosidade.

– Creio que estão enganados – ouvi-me dizer. – Eu conheço essa jovem. É famosa pela sua virtude. A família espera que ela faça um bom casamento, numa família nobre…

Arlington afastou os meus protestos com um gesto.

– Ela fará o seu dever. Todas o fazem, no fim. Muito bem, senhor: de que precisa para fazer uma sobremesa gelada?

LOUISE

«O duque de Buckingham levou consigo mademoiselle de Keroualle, que era muito ligada a Sua Alteza falecida; é uma jovem muito bela e pensa-se que o plano é fazer dela amante do rei da Grã-Bretanha; pois diz-se que as senhoras têm grande influência na mente do rei de Inglaterra…»

Marquês de Saint-Maurice, embaixador de Savoy, para o duque Carlos Emanuel II, 19 de Setembro de 1670

Fora um choque, inicialmente, descobrir que o rei me ia mandar para Inglaterra. No entanto, quando pensei melhor no assunto, comecei a perceber o raciocínio por trás deste gesto. Se queríamos obrigar o rei Carlos a cumprir os termos do tratado, fazia todo o sentido introduzir na corte inglesa alguém cuja presença lhe recordaria as suas obrigações.

Foi outra observação de Lionne que me deixou mais confusa.

– Afinal de contas, já estamos a par da consideração que o rei inglês tem por si, graças à questão da caixa de jóias – disse ele distraidamente.

– A caixa de jóias, senhor?

– Sim. Não sabia? Aparentemente, em Dover, quando Carlos pediu à irmã um presente como recordação, ela mandou-a ir buscar a caixa de jóias dela. Lembra-se disso? – Acenei afirmativamente. Era costume deles trocarem pedras preciosas como recordação. – Mais tarde, quando estavam sozinhos, Carlos disse-lhe que a jóia que mais admirara fora a que tinha ido buscar a caixa.

Fiquei um pouco desconcertada com esta observação, em parte porque Madame nunca me mencionara esta conversa quando falávamos do seu adorado irmão, e em parte por causa da franqueza do sorriso de Lionne.

– Estou certa de que Sua Majestade pretendeu apenas ser galante – disse-lhe. – Depois de eu estar na comitiva da rainha, será sem dúvida mais reservado com as suas galanterias.

– Sem dúvida. – Lionne consultou um calendário em cima da secretária. – Bom, seja como for, parte amanhã.

– Amanhã!

– Viajará com o confeiteiro até Dieppe, onde o duque de Buckingham tem o seu iate. O duque irá ao seu encontro e acompanhá-la-á na travessia do Canal. Não há tempo a perder. Temos de ter a declaração de guerra do rei contra os Holandeses antes de avançarmos, e cada semana de atraso custa-nos dinheiro.

Deixei Paris na manhã seguinte, depois de passar a noite a fazer as malas. Tinha poucos vestidos meus, mas fora-me dito que tirasse aquilo de que precisasse do guarda-roupa de Madame. Ao princípio, senti-me estranha por estar a experimentar roupas que ainda há tão pouco tempo a vira usar, mas não era a primeira vez que usava os vestidos que ela punha de lado e sabia que, se não os levasse, iriam para as outras damas de companhia. Não havia tempo para visitar os meus queridos pais; escrevi para Brest a explicar o que acontecera, tranquilizando-os com a certeza de que, se tudo corresse bem, estaria de volta a França dentro de um ano, e que esperava entretanto ter conquistado a gratidão do rei.

Porém, em Dieppe, não havia sinais de Buckingham. O seu iate estava no porto, mas a tripulação não sabia quando esperar o seu mestre. Felizmente, tinha dinheiro suficiente para um quarto numa estalagem.

Dois dias passaram a três, depois quatro. Passei o tempo a caminhar à beira-mar, sentindo o ar salgado no rosto, tal como costumava fazer antes de vir para a corte.

Depois, no quinto dia, recebi um bilhete. *O duque de Buckingham requisita o prazer da sua companhia.*

Encontrei o inglês refastelado numa poltrona ao lado da lareira, nos seus aposentos. Fiz uma reverência.

– Meu senhor – disse, em inglês. – É um prazer.

Já decidira que recriminações ou censuras cortantes não adiantariam de nada; era melhor ignorar o facto de que ele me deixara ali à espera, sem uma palavra, do que fazer um inimigo.

– Trate-me por George – disse ele, descontraidamente. – Afinal de contas, estamos prestes a conhecer-nos melhor.

O criado colocou os pratos do jantar na mesa e desapareceu. Ainda nem tínhamos começado a comer quando Buckingham veio por trás de mim e…

Uma vez que estou a escrever isto apenas para mim, vou dizê-lo sem rodeios: enfiou as mãos debaixo do meu vestido.

Levantei-me de um salto.

– Meu senhor, o que está a fazer?

Imperturbado, ele riu-se de mim.

– Não posso afiançar a qualidade de uma égua se não a tiver montado pessoalmente. Tal como assumiu a responsabilidade de provar a comida de Madame, eu tenho o papel de provar as mulheres do rei.

Tentei manter a voz nivelada, apesar de não ter a certeza de ter sido bem-sucedida.

– Não acredito que fosse capaz de insultar uma das suas conterrâneas desta maneira.

– Insultar? – Ele aproximou-se mais e vi que tinha os olhos vidrados da bebida. – Eu é que fui insultado, sua meretriz francesa.

– Não compreendo.

– Este suposto tratado que fui enviado aqui para negociar… O Tratado de Paris… ou deveria antes dizer o Tratado de Dover?

Então ele sabia. Isto era de facto uma má notícia.

– Sou ignorante em relação a esses assuntos. Era apenas dama de companhia de Madame…

Ele torceu o lábio num esgar desdenhoso.

– Não se ponha com esses jogos comigo. Foi enviada para o seduzir. As mulheres são a fraqueza dele, toda a gente sabe disso.

Abanei a cabeça, incapaz de falar.

– Bom, não importa. Mesmo que tivesse chegado à corte, não duraria muito tempo. Ele gosta das mulheres com um bocadinho mais de fogo entre as pernas. Toda a gente vê que você é uma cabra fria.

Disse-o tão calmamente que era difícil acreditar no que estava a ouvir.

– Quando terminar com este ultraje… – comecei.

– Oh, já acabei – interrompeu ele bruscamente. – Pode ir. Volte para o bordel francês onde o Lionne a encontrou. Não vou levá-la para Inglaterra. Já temos lá putas que cheguem.

Por um momento, olhámos um para o outro – eu horrorizada, ele desdenhoso. O que podia eu fazer? Nada apagaria as coisas que ele dissera, nenhum pedido de perdão desculparia o seu comportamento. Com toda a dignidade que consegui reunir, virei-me e saí apressadamente.

Foi enviada para o seduzir. Era um disparate, claro, mas… poderia haver nisso algum grão de verdade? Teria Lionne, ou mesmo Luís, pensado que Carlos engraçaria comigo? Parecia incrível. De qualquer forma, quem é que ganharia com isso? Mesmo que eu fosse mulher para encorajar esse comportamento, a ideia de que um rei mudaria as suas políticas apenas por causa de uma mulher era absurda. Até um rei tão absoluto como Luís estava rodeado de ministros, conselhos, peticionários. Mal lhes dava ouvidos a eles; quanto a dar ouvidos às suas amantes, por aquilo que eu ouvira, era mais ao contrário. E Carlos II de Inglaterra tinha o parlamento com que se preocupar.

Na manhã seguinte, já me convencera a mim própria de que Buckingham estava simplesmente bêbado e tentara enganar-me para me levar à sua cama. Esperaria que ele se desculpasse, aceitaria graciosamente e não se falaria mais no assunto.

Contudo, quando fui à janela, o seu iate já partira.

Passei o dia desesperada. Já falhara e não fora por culpa minha. Claro, podia voltar a Paris e explicar o que acontecera, mas a verdade era que agora Luís teria ainda menos razões para me manter na corte. Seria mais rápido, e mais simples, apanhar um barco de pesca e seguir directamente para Brest.

Ao pensar em voltar para junto dos meus pais sem cumprir a minha missão, o meu coração afundou-se.

Havia outra coisa que podia tentar. Peguei numa caneta e papel e escrevi uma carta para Ralph Montagu, o enviado de Carlos II à corte francesa e visita frequente dos aposentos de Madame em Versalhes.

Cinco dias depois, o estalajadeiro anunciou que tinha uma visita. Fiquei lisonjeada ao ver que era o próprio Montagu.

– Mademoiselle de Keroualle – disse ele, curvando-se sobre a minha mão. – Vim assim que recebi a sua carta.

– Não sabia a quem mais escrever…

– Fez a coisa certa – garantiu-me ele. – O próprio rei Carlos foi avisado da sua chegada iminente e aguarda-a ansiosamente. Tenciona recebê-la em Whitehall com todo o respeito devido à filha de uma das famílias mais antigas de França. – Acentuou ligeiramente a palavra «respeito», como se quisesse dizer que compreendia demasiado bem aquilo de que um homem como Buckingham podia ter-me acusado.

– Compreendo – respondi, aliviada. – Tenho de admitir que estava bastante receosa de que o duque de Buckingham tivesse insinuado algo diferente.

– Por favor, não julgue todos os meus conterrâneos pelo comportamento dele – Montagu apontou para o porto. – Lorde Arlington, um dos principais ministros de Carlos, vai enviar o seu barco para a levar. Quando chegar a Londres, convida-a a ficar instalada em sua casa, onde a esposa lhe fará companhia até serem preparados alojamentos adequados na corte.

– Nesse caso, estou muito grata a lorde Arlington pelo convite.

– Lorde Arlington pediu-me que vos deixasse bem claro que é um prazer ter esta oportunidade de vos ajudar. Deseja apenas que o mencione ao seu rei, se tiver oportunidade.

Isto fazia mais sentido. Pela primeira vez – falarei novamente com franqueza – senti o poder embriagante derivado de estar associada ao maior país do mundo, uma sensação que me é agora tão habitual que mal reparo nela, mas cuja falta, se me é retirada por algum motivo, como um fracasso temporário da minha diplomacia, sinto como se me tivessem tirado um braço.

– Com todo o prazer. Mas temo que a correspondência com Versalhes possa ser complicada em Londres.

– De todo. Já foram feitas disposições. O confeiteiro conseguirá transmitir as suas mensagens.

– Posso perguntar como sabe tudo isto? – inquiri, surpreendida.

– Os nossos países são agora aliados. É simplesmente conveniente que trabalhemos juntos. – O sorriso não fraquejou, mas os seus olhos ficaram mais sérios. – Além disso, alguns de nós, em Inglaterra, têm muito em comum com França. – Tocou no peito, logo abaixo do coração, e compreendi o que queria dizer. Era onde estaria um crucifixo.

– Lorde Arlington é um de nós – continuou ele. – Embora lhe custasse a sua posição se o admitisse abertamente. Buckingham, claro, é protestante. Estou certo de que é esse na realidade o motivo por trás da sua mudança de opinião. Alguém lhe chamou a atenção para o facto de que trazer outra católica para o… – hesitou por um instante – …círculo íntimo do rei dificilmente ajudaria a causa deles.

Rodas dentro de rodas.

– Fico-lhe muito grata por me dizer tanto sobre a situação política em Inglaterra. – Era evidente que teria de ter cuidado para não me deixar envolver nas suas rivalidades mesquinhas; só havia um rei cuja protecção me interessava, e esse residia em Versalhes, não em Whitehall.

Houve um momento embaraçoso antes de nos separarmos, quando me vi obrigada a pedir a Montagu que pagasse a minha conta

na estalagem.

– Sua Majestade Cristã não lhe deu dinheiro para a viagem? – perguntou ele, claramente surpreendido.

Abanei a cabeça.

– Deve ter presumido que o duque de Buckingham cobriria as minhas despesas. – E eu fora demasiado tímida para tocar no assunto.

– Compreendo. – Por um momento pareceu pensativo, mas depois o sorriso de cortesão regressou-lhe ao rosto. – Bom, fico feliz por poder ajudar. E estou certo de que Carlos conseguirá combinar qualquer coisa com o embaixador francês em Londres. Por favor, não pense mais nesse assunto.

Uma semana depois, estava em Londres. Depois de toda esta espera, subitamente não havia tempo para nada. Um país novo, uma cidade nova, uma corte nova – os papéis dos que rodeavam o rei eram facilmente identificáveis como iguais, mudando apenas os títulos e as pessoas, como se fosse uma terra reflectida num espelho.

A minha apresentação ao rei foi tão cuidadosamente preparada como a entrada de um actor no palco. Haveria um baile em casa de Arlington, para o qual o rei fora convidado. Lorde Arlington entregou-me aos cuidados da sua esposa, Elizabeth, uma holandesa simpática que me mandou tirar as medidas para espartilhos e sapatos de dança.

– Este é o primeiro convite que o rei aceita desde a morte da irmã – explicou lady Arlington. – O Bennet… o meu marido… falou-lhe da sua chegada e sugeriu que talvez quisesse dar-lhe as boas vindas pessoalmente. Mas não é muito provável que ele queira dançar, portanto arranjámos-lhe outro par. Um bom dançarino e tão alto como a Louise, mas claro que não deve prestar-lhe muita atenção. Tem de atrair o olhar do rei…

– Como hei-de fazer isso, se estiver a dançar?

– O Bennet dirá ao rei quem é. Não precisa de fazer absolutamente nada. Se o rei decidir aproximar-se e conversar consigo, o Bennet fará um sinal. Mas será melhor não falar demasiado tempo com Sua Majestade. Diga que se sente cansada da viagem.

– Não compreendo… porquê?

– Se parecer demasiado fácil, ele perderá certamente o interesse.

– Se o quê parecer demasiado fácil? – perguntei, subitamente alerta.

Lady Arlington sorriu.

– A sua missão aqui requer delicadeza. Se parecer demasiado ansiosa, receio que o rei sinta que está a ser forçado a honrar as suas obrigações de acordo com o tratado… e, acredite, ele pode ser muito teimoso nestas coisas, quando quer. Será melhor que pense que é ele que está a convidá-la para o círculo da sua confiança, e não o contrário.

– E se não o fizer?

– Uma rapariga encantadora como a Louise? E com um sotaque francês tão delicioso? – Abanou a cabeça. – Se há alguma coisa que pode elevar o espírito do rei, será certamente a sua presença.

A noite do baile chegou. Foi uma ocasião resplandecente, mas – estando bem habituada a ocasiões resplandecentes – reparei quantos dos belos quadros e tapeçarias francesas que proclamavam o gosto requintado dos Arlington tinham sido trazidas apenas na véspera, por empréstimo de comerciantes e negociantes.

Pela minha parte, rejeitei o vestido que lady Arlington preparara para mim, preferindo um dos que trouxera de França, um vestido de veludo cinzento orlado com arminho preto e discretamente salpicado com pequenas pérolas. O que ela me oferecera era um pouco garrido de mais para o meu gosto.

O plano era que eu fizesse uma entrada discreta, mas assim que pus os pés na sala vi as cabeças virarem-se na minha direcção. Porque estavam a olhar assim para mim? Ouvi um murmúrio em tom de admiração: *Esperta*. Estariam a falar de mim? Foi um alívio quando o jovem escolhido para dançar comigo avançou e pude concentrar-me no movimento físico da *galliard*.

Não precisa de fazer absolutamente nada, dissera lady Arlington. Bom, se esta ia ser a minha única dança da noite, mais valia apreciá-la; embora tivesse ficado um pouco chocada ao descobrir que os Ingleses dançavam à moda da província, cada homem emparelhado com uma mulher, com o braço dele à volta da cintura dela, e dois compassos de beijos na face incluídos na dança. Era muito diferente da formalidade discreta das danças de Versalhes.

Depois vi os que nos rodeavam hesitarem. O meu parceiro recuou.

– O que… – comecei, antes de ver que ele estava a olhar por cima do meu ombro e a fazer uma vénia, juntamente com o resto da corte. Virei-me.

Já conhecera Carlos antes, claro, nos festejos em Dover, e o seu retrato estivera muito tempo pendurado no gabinete de Madame. Mas o homem que caminhava agora na minha direcção parecia muito diferente. O sofrimento gravara sulcos profundos no seu rosto, de tal forma que o bigode era emoldurado por um arco que ia do nariz ao queixo, de ambos os lados. Também os seus olhos pareciam assombrados e o corpo alto, vestido de negro profundo, estava magro.

Atrás dele, lorde Arlington aproximou-se rapidamente.

– Senhor, posso…

– Conheço esse vestido – disse Carlos com voz rouca. – Oh, céus, conheço esse vestido.

Vi lágrimas nos seus olhos e, horrorizada, percebi que fora eu que as causara.

– Ela usou-o em Dover. Ainda nem há três meses, no meu aniversário. Quando a vi a dançar, pensei… – a voz falhou-lhe.

Arlington também se calara a meio da frase, sem saber o que fazer. Os músicos tinham chegado ao fim da peça mas ninguém aplaudiu. O silêncio prolongou-se.

– Senhor – disse, desesperada –, sou Louise de Keroualle, dama de companhia da vossa irmã. Sua Majestade Cristã, o rei de França, deu-me este vestido dela antes de eu deixar Versalhes. Foi irreflectido da minha parte vesti-lo hoje. Por favor, aceitai as minhas desculpas.

Carlos limitou-se a olhar para mim, de olhos vazios.

– Se Vossa Majestade permitir, vou mudar de roupa – acrescentei.

– Por favor, não – disse ele. – Lembro-me bem de si, *mademoiselle*. E é uma alegria vê-la aqui. – Havia pouca alegria na sua expressão. – Deve considerar-me um pobre idiota, por a receber de forma tão deselegante.

A etiqueta exigia que eu respondesse a esta amabilidade com outra, uma frase de circunstância desprovida de significado que disfarçasse a minha gafe e a sua manifestação de emoções. Mas algo me fez dizer, baixinho:

– Pelo contrário, senhor. Não desejaria que fôsseis tão desumano. Amava a vossa irmã mais do que qualquer outra pessoa em França, e não se passa um único dia em que eu própria não chore por ela.

Os olhos dele perscrutaram-me o rosto e disse, tão baixo que só eu o consegui ouvir:

– Nesse caso, choraremos juntos, numa altura mais apropriada, e partilharemos as nossas memórias dessa mulher maravilhosa. – Depois olhou em volta e disse, em voz mais alta: – Esta noite tenho assuntos a tratar, mas divirta-se, e amanhã ouvirei as suas aventuras.

Dirigiu-se à porta, acenando brevemente aos músicos para que recomeçassem a tocar. Instantaneamente, um grupo de cortesãos reuniu-se atrás dele, todos ansiosos por seguir na sua peugada. Vi como ele caminhava mais depressa, erguendo os ombros com ar impaciente, como se quisesse fisicamente sacudi-los.

– Então – disse lady Arlington, aproximando-se de mim. Para minha surpresa, não parecia tão horrorizada como eu estava pelo meu *faux pas*. – Suponho que sabia que o vestido fora da irmã. Vejo que tem a sua própria estratégia.

– Sabia, mas nem pensei – respondi, desolada. Como pudera ter sido tão estúpida? Eu, de todas as pessoas, que tanto me orgulhava da minha perspicácia e sentido de decoro. – E asseguro-lhe que não há qualquer estratégia.

Contudo, enquanto falava, recordei que fora o próprio Luís que me pressionara a trazer aqueles vestidos de Madame. Teria ele, ou algum dos seus conselheiros, esperado que isto acontecesse? Estaria

Lionne, ou outra mente oculta, a planear neste preciso momento o desenrolar dos eventos, a manipular-me de formas que eu não conseguia sequer começar a compreender, a dirigir os acontecimentos dos seus escritórios no Louvre?

Do outro lado da sala, um homem estava a olhar para mim. Era muito baixo, quase corcunda, e apoiava-se em duas bengalas. Percebi de imediato porquê. Tinha as pernas deformadas, uma virada para dentro e outra para fora. Apesar da sua estatura baixa, a cabeleira loira do aleijado chegava-lhe quase à cintura – uma afectação, ou possivelmente um sinal de vaidade, que juntamente com a figura disforme o fazia parecer levemente ridículo.

Ao ver que o observava, curvou a cabeça de forma cortês. Inclinei a minha em resposta.

– Quem é aquele? – perguntei.

Lady Arlington olhou.

– Lorde Shaftsbury, o parlamentar. Imagino que veio para a ver. Tal como a maioria das pessoas.

– Com certeza que não veio para dançar.

– Não me parece – concordou lady Arlington. – Embora, em certos aspectos, apesar daquelas bengalas, ele seja o mais ágil de todos nós.

CARLO

Faça uma infusão da casca de quatro ou cinco limões, cortada muito fina, com o sumo; adicione um litro de leite de vaca gordo, e trezentas e quarenta gramas de açúcar; leve a ferver em lume brando, coe por um guardanapo, congele, e está feito.

O Livro dos Gelos

Depois da grandiosidade de Versalhes, o labirinto que era o palácio de Whitehall de Carlos II foi uma surpresa. Algumas partes pareciam quase abandonadas; outras continham estátuas e relógios de sol admiravelmente executados, mas colocados aparentemente sem reflexão ou cuidado. A dada altura, passámos por uma antiga casa de campo, de madeira, que parecia embutida no próprio palácio, como se este, ao crescer, tivesse simplesmente engolido as estruturas que o rodeavam.

– Estão sempre a dizer que vão demolir este castelo velho – disse Cassell enquanto me conduzia pelo labirinto. – Carlos quer construir a sua própria Versalhes, em Windsor, mas o parlamento considera que lhe está a dar dinheiro para política externa, não para palácios

estrangeiros. Por aqui.

O capitão, que estava obviamente familiarizado com o caminho, abriu uma porta e entrámos numa vacaria fria, com chão de pedra. Quatro vacas castanhas olharam para nós com olhos tristes. Por baixo das suas barrigas, as criadas puxavam-lhes as tetas com movimentos experientes e fluidos. O cheiro a leite quente e a comida ruminada enchia o ar. Cassell atravessou a sala sem uma pausa e abriu outra porta.

Uma passagem estreita e depois um portão. Dava para um claustro onde vi um pequeno campo de tiro ao arco. Um grupo de mulheres disparava contra um alvo de palha.

– A rainha – murmurou Cassell, indicando uma figura esguia com um aceno. – Pratica todos os dias, pobrezinha. É a única coisa que tem para se ocupar.

Mais uma porta. Agora, sem aviso, estávamos num grande salão, com as paredes cobertas de frescos. Numa cadeira ornamentada estava sentado um cortesão, com uma mulher ao colo, virada para ele, o vestido aberto até à cintura. A mulher lançou-nos um olhar indiferente quando passámos; o homem nem ergueu os olhos. Cassell ignorou-os a ambos.

Antes de abrir as portas seguintes, parou.

– Dinheiro – disse, estalando os dedos. Procurei a primeira das três bolsas que trouxera comigo.

– Dê cá, eu seguro nisso. – Cassell tirou-me a caixa de gelo das mãos.

– Não a abra – pedi, ansiosamente.

– Não se preocupe, sei quais são as minhas ordens. Encontrou a bolsa?

Peguei na bolsa de cabedal apertada dentro da qual tilintavam as moedas.

– Sim.

– Dê-a ao criado.

Bateu à porta. O lacaio que a abriu enfiou o dinheiro no bolso sem uma palavra.

Subimos alguns degraus e saímos numa varanda, atrás de um grupo de pessoas que pareciam, pela indumentária, gente comum. Estavam a olhar para baixo, para um enorme salão de banquetes, onde havia uma dúzia de cortesãos sentados a uma mesa que tinha espaço para quarenta.

– O rei – disse Cassell, acenando com a cabeça na direcção da mesa. – Está pronto?

– Acho que sim.

– Dê-me as outras bolsas, então.

Enquanto eu abria a caixa de madeira, Cassell colocou as duas

últimas bolsas na mão de outro criado. Depois virou-se e chamou-me com um gesto.

Tirei a bandeja de prata de dentro da caixa. Embora o monte de gelo tivesse amolecido ligeiramente durante a viagem desde Vauxhall, ainda estava intacto e apenas uma certa suavidade nas curvas indicava que não estava tão gelado como já fora. O cheiro a limões – limpo e fresco – ergueu-se do conteúdo.

– Depressa – disse Cassell, impaciente. – Assim que ele acabar de comer não se demorará muito.

– Come sempre em público, o rei? – perguntei, enquanto descíamos outras escadas.

– Só ao meio-dia. As refeições da noite são privadas. Por aqui. Boa sorte.

Cassell abriu uma última porta e recuou para me deixar passar. Enquanto avançava na direcção da mesa senti olhares sobre mim – não apenas os do homem moreno e alto no centro da mesa, que depenicava um prato de fruta, mas também os dos criados que o rodeavam, dos guardas de serviço à porta e do público lá em cima, na galeria.

Por fim, estava suficientemente perto para fazer uma vénia. Fi-lo à maneira italiana, com um pé para a frente, o outro joelho dobrado, o braço esquerdo erguido num floreado atrás de mim.

– Vossa Majestade – comecei, formalmente –, venho da corte de Sua Majestade Cristã o rei Luís Catorze, pela graça de Deus rei de França e Navarra, e por ordens dele trago-vos uma confecção extraordinária. – Estendi o prato e, por fim, ergui a cabeça para olhar para ele.

Pelas descrições que me tinham sido feitas por Lionne e Arlington, estava à espera de um peralvilho de queixo e olhos fracos. Mas o rosto do rei era de feições agradáveis e a sua expressão, apesar da magreza das faces, era inteligente.

– Raios – disse ele com um suspiro. – Bom, suponho que deve ser bom, se Luís assim o diz. Como lhe chamam?

Eu ia dizer gelo mas, no meu nervosismo, baralhei as palavras em inglês.

– Gelado, senhor.

– Muito bem. – Mandou-me avançar com um gesto.

Olhei em volta, à procura do criado que provaria a comida do rei. Quando não vi ninguém, hesitei por um instante.

– Oh, o rei não teme ser assassinado – disse uma voz ao fundo da mesa. Um cortesão com a indumentária elaborada de um dândi estava a observar a minha confusão. – Se alguém o envenenasse, seria para pôr o irmão dele no trono, e nem mesmo na detestável Inglaterra existe alguém suficientemente estúpido para fazer uma coisa dessas.

O homem estava a enrolar as palavras, como se tivesse bebido de mais, mas os que o rodeavam soltaram gargalhadas. No entanto, reparei que o rei não se juntou a elas. Indicou-me com um gesto que pousasse o prato à frente dele.

– É francês? – perguntou-me o rei.

– Italiano de nascimento, senhor. Mas passei muitos anos em França.

– Nesse caso, temos algo em comum. A minha irmã… – Fez uma pausa. De repente, os olhos escuros perderam a vivacidade. – A minha querida irmã que Deus tem também estava na corte de França.

– Sim, senhor. Cruzei-me com Madame em várias ocasiões.

– Conhecia a Minette?!

– Apenas de vista. Mas percebia-se que ela era uma dama extremamente virtuosa e bondosa. O próprio rei ficou destroçado com a morte dela.

– Foi mulher cuja morte foi mais lamentada em Inglaterra ou França – disse o cortesão embriagado. – Desde então, morrer tornou-se até moda. – Desta vez ninguém se riu, apesar de o cortesão parecer não reparar; ou, se reparou, era-lhe indiferente.

– Servi-lhe um gelo como este, entre outros – disse eu, apontando para o prato. Queria apenas chamar a atenção do rei para a mesa, incentivá-lo a comer o gelo antes de derreter, mas vi o olhar dele endurecer. Claro que Carlos sabia das circunstâncias da morte da irmã e dos rumores que a tinham rodeado. Perguntei a mim próprio se seria essa parte da razão pela qual eu fora enviado para Inglaterra; para mostrar ao rei, pessoalmente, que não tinham sido os meus gelos a matá-la.

Ele pegou na colher.

Enquanto colocava a primeira colherada na boca o silêncio instalou-se. Eu sabia exactamente o que ele estava a saborear: a polpa de limões de Amalfi, a doçura intensificada por um toque de gengibre; uns pós de raspa da casca dos limões, ralada muito finamente; a restante colocada em infusão em leite de vaca gordo, duas vezes gelado e mexido; o gelo resultante salpicado com pedacinhos de casca de limão cristalizada.

Esperei por uma reacção – qualquer reacção. Ele parecia pensativo e julguei vê-lo franzir ligeiramente a testa. Mas era difícil ter a certeza.

Depois, após uma única colherada, ele pousou a colher.

– Tem de me perdoar, *signor*. Não tenho grande apetite, de momento.

Tentando não mostrar a minha desilusão, fiz outra vénia.

– Com certeza. Mas talvez possa trazer-vos outro, noutra ocasião? Seria uma honra para mim permanecer na corte até Vossa Majestade

estar mais bem-disposto.

– Muito bem. – Uma sombra cruzou-lhe o rosto. – Suponho que pretende ser pago?

Encolhi os ombros, educadamente.

– Bom, tratarei disso – disse ele em tom fatigado. – Fale com o Chiffinch. E entretanto, talvez… Sim: temos cá uma dama de companhia que também chegou recentemente de França. Mademoiselle de Keroualle.

– Oh, é esse o nome dela? – perguntou o cortesão embriagado. – Pensava que se chamava mademoiselle de Quero-Montá-lo.

– Conheço essa senhora – respondi, ignorando o bêbado.

– Tem de lhe mandar os seus gelos, da minha parte. Diga-lhe que é para a fazer sentir-se em casa.

– Diga-lhe – interveio o bêbado em voz alta –, que quando vier à corte pode provar também o falo real.

Alguma da minha estupefacção com a ordinarice desta observação deve ter transparecido no meu rosto, porque o rei disse, calmamente:

– Não dê atenção a lorde Rochester. Quando está sóbrio, consegue ser bastante divertido, mas quando está bêbado ninguém lhe acha graça a não ser ele próprio.

Curiosamente, quando ele disse estas palavras, senti parte da revolta que me invadira pelo comportamento do bêbado dissolver-se. Onde os Médicis eram austeros e Luís severo, Carlos de Inglaterra era encantador – tão encantador que quase não parecia um rei.

Um cãozinho saltara para a cadeira ao lado do rei e estava agora a esticar o pescoço sorrateiramente para o prato de gelado.

– Senhor… – disse, para o avisar.

– O que é? Oh, *Daisy*, para o chão. – Carlos empurrou a cadelita com pouca convicção. – Diga-me, *signor*, como se chama? – perguntou, olhando novamente para mim.

– Demirco, senhor.

– Sabe alguma coisa de casas de gelo, Demirco? Como são feitas, e essas coisas?

– Claro que sim.

– Construí uma casa de gelo no Parque de St. James. O gelo que contém será colocado ao seu dispor.

– Obrigado, senhor.

– Mas os meus homens não conseguem pô-la a funcionar e o raio do gelo está sempre a derreter.

Fiz uma vénia.

– Terei todo o prazer em verificar se há algo que eu possa fazer para melhorar a situação.

– Excelente. – Carlos empurrou a cadeira para trás. A audiência estava obviamente a chegar ao fim. Fiz outra vénia, com o braço

esquerdo erguido atrás de mim da maneira formal e correcta.

Rochester riu-se.

– Céus, parece que vai fazer aparecer uma pomba.

– Fale com o Chiffinch – disse-me o rei, enquanto um criado se aproximava e colocava uma capa negra sobre os ombros reais. – Obrigado, signor Demirco, e seja bem-vindo.

– Signor *De hirto* – disse Rochester em voz arrastada. – Bem-vindo, signor *De hirto*.

Chiffinch era, como vim a descobrir, o criado a quem Cassell entregara as duas últimas bolsas. Foi relativamente vago em relação ao valor e periodicidade dos meus pagamentos.

– Vou falar com o abastecedor. Ou talvez com o cozinheiro.

– Sou o confeiteiro do rei. Não respondo perante cozinheiro nenhum.

Ele encolheu os ombros.

– Bom, o rei tratará disso. – Tive a impressão de que, a menos que houvesse subornos envolvidos, Chiffinch não estava muito preocupado ou interessado.

Cassell, contudo, estava satisfeito.

– Correu tão bem como seria de esperar, dadas as circunstâncias. Contudo, faria bem em ver o que se passa na casa de gelo.

– E tenho de mandar a mensagem dele à Louise.

– Quem? Oh, sim, claro. Mademoiselle Quero-Montá-lo. – Estava a sorrir. – O Rochester é um imbecil, mas um imbecil perspicaz.

– Foi o que o rei me disse. Pessoalmente, ainda não vi evidências disso – retorqui, em tom azedo.

Cassell fez uma cara séria mas tinha os cantos da boca a tremer. Supus que estaria a pensar na outra piadinha do peralvilho. Suspirei. Havia muitas coisas neste país, percebi, às quais nunca me habituaria.

LOUISE

Depois do baile, sou afastada da corte. Ninguém me diz nada. Parecem estar à espera de algo, de algum sinal ou ordem. Ou talvez estejam simplesmente a tentar decidir qual a melhor forma de responder à reacção do rei quando me viu com o vestido da irmã. Pressinto que há conversações a decorrer por trás de portas fechadas; temas que são rápida e habilmente abandonados quando eu entro na sala. Passo noites miseráveis a pensar se, afinal de contas, irão mesmo mandar-me de volta para casa.

Ao fim de três dias assim, batem à porta da sala de refeições,

enquanto eu e os Arlington jantamos. As portas são abertas por dois criados de libré que, por sua vez, se afastam para os lados para deixar passar um mordomo, que avança e anuncia:

– Sua Majestade pediu que fosse enviada a mademoiselle de Keroualle esta prova da sua estima.

– Ah – disse Arlington jovialmente, virando-se na cadeira. – O que é que eu lhe disse? – *Absolutamente nada*, tive vontade de responder. Arlington manda entrar o homem.

O mordomo pousa na mesa uma pequena caixa pintada com cerca de trinta centímetros de largura. Num dos lados tem um brasão pintado – algo absurdo e sem significado, o tipo de coisa inventada por aqueles que não compreendem verdadeiramente os códigos subtis das famílias antigas.

Apesar disso, reconheço-o, mas não me lembro de onde.

O mordomo abre-a e tira um prato de vidro fino. Contém um monte de algo que parece neve, tingido de um roxo profundo.

Gelo.

Lady Arlington parece confusa.

– O que é? – pergunta ao mordomo.

– Madame, creio que se trata de alguma espécie de sobremesa gelada – responde o mordomo em tom desdenhoso.

É evidente pelas expressões dos meus anfitriões, que, mesmo que eu quisesse, não há qualquer esperança de ficar com este presente só para mim. Depois de dividido, resta apenas o suficiente para duas colheradas a cada um.

Lorde Arlington inspecciona a sua parte com ar céptico, antes de o engolir como um rapaz a tomar um remédio. Lady Arlington toca no seu com a ponta da língua, delicadamente. Eu enfio a colher na boca. Cristais de gelo adocicado, já prestes a derreter, deslizam sobre a minha língua enquanto se dissolvem.

O sabor a ameixas – subtil, maduro, os últimos frutos do Verão – enche-me a boca, misturado com *crème fraîche*; seguido, momentos depois, pelos agradáveis grãos estaladiços de açúcar mascavado.

Sei, nesse momento, que Carlo Demirco chegou a Londres.

Invade-me uma sensação de alívio. Apesar de não nos termos separado nas melhores circunstâncias, será útil ter um aliado nesta corte. Só espero que ele esteja a sair-se melhor na sua missão do que eu na minha.

Na manhã seguinte, acordo cedo. O dia já nasceu e, sobre o parque que separa a casa dos Arlington de Whitehall, há uma neblina fina e translúcida. As árvores, com os contornos indistintos sob camadas de musselina, estão a adquirir uma tonalidade dourada, cor de pêras. Abro a janela – o ar fresco é cortante e sente-se um leve aroma a fumo de lenha.

O Outono está a chegar.

Terei de passar o Inverno em Londres, claro. Talvez o próximo Inverno também. Pergunto-me se os Invernos aqui serão tão frios como em Brest. Mais frios ainda, provavelmente.

Através da neblina no Parque de St. James vejo uma silhueta alta a caminhar. Ele deve ter frio – veste apenas um casaco preto curto, desabotoado, por baixo do qual ondula uma camisa branca. Vários *spaniels* seguem-no como uma capa canina a arrastar pelo chão, enquanto ele caminha sobre o solo húmido com grandes passadas.

O rei.

Está completamente sozinho. Observo-o por um momento, depois percebo que ele se dirige à traseira da casa dos Arlington. Está a vir para cá.

Lady Arlington entra no meu quarto sem bater.

– O rei vem a caminho. – Inspecciona o cenário com um olhar: eu de camisa de noite, a olhar pela janela aberta como uma menina de escola. – Não há tempo a perder. – Atrás dela, uma criada entra a correr, com os braços cheios de escovas, água e ferros de enrolar. – Despache-se o mais depressa que conseguir e venha ter comigo à sala do pequeno-almoço.

– Com certeza.

Lady Arlington acena e eu dirijo-me ao centro do quarto para que a criada possa começar o seu trabalho. A rapariga faz uma reverência e eu levanto os braços para que ela possa despir-me a camisa de noite.

Lady Arlington não se mexe. Por um momento limita-se a olhar para mim, com expressão ilegível.

Depois acena outra vez à rapariga, como se eu tivesse passado na inspecção.

– Cinco minutos, Susan – diz-lhe. Enquanto sai para o corredor, oiço-a dar mais ordens em voz firme e calma.

*

– Pretendo falar a sós com mademoiselle de Keroualle.

Lady Arlington levanta-se imediatamente, faz uma reverência e sai sem uma palavra. Não faz qualquer comentário sobre a falta de decoro. A mera sugestão seria impugnar os motivos de um rei.

Apenas os criados, de pé de ambos os lados do aparador, ficam imóveis.

Estamos sentados frente a frente na grande mesa, agora vazia dos seus candelabros e copos. Carlos aponta para o meu prato.

– Café? Chocolate?

– Obrigada. Prefiro chá.

– Claro. Pelo que sei, toda a gente em Paris bebe chá, agora. Até a Minette. – Faz uma careta. – Quero dizer… a minha falecida irmã. Eu chamava-lhe Minette. Era a sua alcunha em criança.

– Eu sei. Ela lia-me as vossas cartas. Essas cartas eram aquilo que aguardava com mais ansiedade em todo o mundo.

Ele respira fundo.

– Conte-me como é que ela morreu.

Conto-lhe tudo o que sei e, enquanto falo, as lágrimas começam a deslizar-lhe pelas faces. Pouco depois, está a soluçar abertamente, a limpar as lágrimas com as mãos com gestos impacientes. Hesito, pensando que talvez esteja a perturbá-lo demasiado, mas ele indica-me que continue com um gesto.

Nunca tinha visto um homem chorar tão abertamente em frente de uma mulher. A dada altura, ele pega num guardanapo e limpa a cara com ele.

– E… diga-me… ela foi assassinada? – pergunta, depois de eu terminar. – Aquele bruto, ou um dos favoritos dele, mandou-a matar para poder dedicar-se aos seus vícios sem impedimento?

Agora é a minha vez de parecer insegura. Só posso dar uma resposta, mas estou a tentar perceber qual a melhor forma de o convencer dela.

– Na verdade, ele já podia dedicar-se a esses vícios sem impedimento. E, embora eu não seja uma grande admiradora do marido de Madame, não vejo como poderia ter sido um homicídio.

– Mas ela estava tão bem, em Dover… Nunca a tinha visto tão bela, ou tão bem.

Abano a cabeça.

– Sentia dores terríveis. Simplesmente estava decidida a não deixar que Vossa Majestade o visse.

– Como somos bons em dissimulação, nós os Stuart – diz ele, quase para si próprio. – Como nos mostramos pouco àqueles que mais nos amam.

– Ela amava-vos mais do que a qualquer outra pessoa viva.

– E eu a ela. – Fica um momento em silêncio, depois tira algo de dentro da camisa. – Trouxe as cartas que ela me escreveu. Importa-se de… – Não consegue terminar a frase, mas eu compreendo o que ele quer.

– *En français?*

– *Oui. S'il vous plaît.*

Abro a primeira carta e começo a ler.

– *Mon cher frère, votre Majesté…*

CARLO

Encontre uma sala fresca e limpa, livre de sujidade e de todo o

tipo de distracções.

O Livro dos Gelos

Por fim, Chiffinch arranjou-me um lugar na cozinha do palácio. Era muito parecida com aquilo que eu imaginava que o Inferno seria: uma sala enorme, cheia de fumo, onde quatro grandes fogos ardiam dia e noite e o fedor de carne queimada enchia o ar como um desagradável nevoeiro. Os cozinheiros trabalhavam em mesas compridas, como costureiras, abatendo os seus cutelos sobre grandes carcaças de vaca, ou cortando nacos de animais tão pequenos que, noutro lado qualquer, seriam postos de lado como não comestíveis. Pois os Ingleses, rapidamente me apercebi, eram obcecados com carne e não achavam nada estranho consumi-la quase diariamente. Contudo, esta sua carne de vaca, ou urso, ou porco, não era propriamente «cozinhada» no sentido que um francês ou italiano usaria a palavra; quer isto dizer que não era tornada mais saborosa pela perícia de um cozinheiro engenhoso, com a adição inteligente de molhos, temperos, ervas e por aí fora, mas simplesmente cravada num espeto e assada até ficar dura e desprovida de qualquer sabor. Vegetais e ervas eram, ao que parecia, quase desconhecidos, e embora me dissessem que o rei, por vezes, comia fruta crua à francesa, os cozinheiros consideravam que isso era uma mania estrangeira e enviavam juntamente com a taça de fruta uma tábua com sobremesas inglesas «a sério», tais como tarte de maçã, pudim de sebo ou pão de ameixas. Os pratos nem sequer eram servidos separadamente: ia tudo para a sala de banquetes numa vaga caótica de serviço, cada cozinheiro transportando aquilo que fizera, sopas e assados e sobremesas, e era tudo empilhado para os convidados do rei se servirem. Chiffinch ficou bastante surpreendido quando lhe disse que, em França, os pratos eram servidos um de cada vez, como os actos de uma peça.

No entanto, o verdadeiro problema, para mim, era que não tinha sítio adequado para trabalhar. Mesmo que me afastasse para o canto mais distante possível da cozinha, seria impossível fazer um gelo que não derretesse com o calor ambiente assim que eu o tirasse da *sabotiere*. E, claro, havia a necessidade adicional de manter o meu processo secreto. Ao fim do primeiro dia já me tinha apercebido de que seria melhor arranjar local de trabalho noutro lado.

Pensei também em deixar os meus aposentos no Red Lion, onde a comida, em geral, era quase tão má como a que era servida ao rei. Contudo, havia uma excepção a esta regra: todos os dias serviam uma tarte diferente e estes pratos simples eram, para minha surpresa, quase comestíveis – quero com isto dizer que geralmente continham um vegetal ou dois e, às vezes, ervas como ligústica, manjerona ou salva. Numa ocasião, numa tarte de pedaços de peixe cozidos em leite, o

meu palato saudoso distinguira até um murmúrio delicioso de estragão. Assim, decidi ficar, pelo menos por mais algum tempo, e perguntei ao estalajadeiro se poderia alugar-me uma cave ou câmara fria para o meu trabalho. Agora que sabia que eu tinha protectores tão poderosos, ele apressou-se a cumprir os meus desejos e foi buscar imediatamente a chave da cave.

Na verdade, a cave da estalagem revelou-se húmida, bafienta e desprovida de janelas, enquanto a cozinha era quase tão quente como a de Whitehall. Contudo, entre uma e outra, havia uma pequena copa situada numa curva das escadas, de tal forma que era quase subterrânea e, portanto, bastante fresca, mas com uma fila de pequenas janelas altas que deixavam entrar muita luz. Ao longo de uma parede havia um parapeito de pedra e, a um lado, uma mesa com tampo de mármore. Ao fundo, tinha um recanto sem janelas onde eu podia pôr uma pilha de gelo. Não vi sinais de humidade e toda a divisão estava imaculada.

– Era a leitaria, quando fazíamos o nosso próprio queijo – explicou o estalajadeiro, que se chamava Titus Clarke. – Agora é onde a Hannah trabalha.

A ocupante actual da divisão era, evidentemente, uma trabalhadora organizada: os instrumentos de cozinha, rolos da massa e por aí fora, estavam muito bem alinhados ao longo de uma parede e as tigelas empilhadas debaixo da mesa. Os tabuleiros de ovos estavam cobertos por uma rede mosquiteira e uma saca de farinha fora colocada dentro de um barril elevado para a proteger de eventual humidade ou ratos.

– Servirá muito bem – disse, olhando em volta. – Quanto quer pela renda?

O estalajadeiro pareceu um pouco ansioso.

– Para a partilharem? Há espaço suficiente para os dois…

Abanei a cabeça.

– Preciso de privacidade total.

– Bom, estou certo de que a Hannah compreenderá – disse ele, nervoso. – Afinal de contas, o rei tem de ter os seus gelos. Falarei com ela esta tarde.

Mandei levar os meus baús para baixo, desembalei as minhas coisas e comecei imediatamente a trabalhar num gelo de marmelos. Acabara de chegar à fase em que estava a deitar gelo esmagado para a *sabotiere* quando a cortina que servia de porta se abriu e uma mulher de aproximadamente trinta anos, com um avental, entrou. Ao seu lado tinha o rapaz que tratava do calçado, Elias.

– O que está a fazer? – perguntou ela.

Apressadamente, cobri a mistura com um pano.

– Não é da sua conta.

– Na verdade, é – retorquiu ela –, uma vez que o Titus me informou de que, seja lá o que for, significa que tenho de deixar a minha copa.

– Sou o confeiteiro de Sua Majestade – disse-lhe, um pouco surpreendido pelo tom de voz dela. – O trabalho que faço aqui é confidencial.

– E o trabalho que *eu* faço aqui não pode ser feito noutro lado. Fazer massa exige um ambiente frio, como com certeza sabe, e a cozinha principal é demasiado quente.

Atrás dela, o estalajadeiro encolheu-se para entrar, obviamente ansioso por evitar um confronto.

– Hannah, o cavalheiro alugou-me a divisão a mim e ponto final.

– Muito bem – disse ela, encolhendo os ombros. – Nesse caso, é também o ponto final nas minhas tartes. Elias, vai-me buscar um saco. – Começou a tirar os rolos da massa dos suportes. O estalajadeiro lançou-me um olhar apologético, como se quisesse dizer que lamentava a interrupção mas felizmente já estava tudo resolvido.

– Espere – disse eu à mulher. – É você que faz as tartes?

– Era eu – confirmou ela. – Mas já não sou, ao que parece.

Dei por mim num dilema. Pois a verdade era que, como já disse, as tartes do Lion eram uma das principais razões pelas quais decidira ficar aqui, e a perspectiva de me ver privado delas era decididamente desagradável.

– Por quanto tempo precisa do espaço? – perguntei.

– Uma ou duas horas por dia, bem cedo.

Tomei uma decisão. Com certeza que não haveria qualquer perigo em deixar uma criada usar o espaço de vez em quando.

– Muito bem. Pode continuar a fazer as suas tartes aqui.

Para minha surpresa, ela não me agradeceu, simplesmente cruzou os braços sobre o peito, como se estivesse à espera do «mas».

– É tudo – acrescentei.

– Não lhe vou pagar renda – disse ela. – O Titus já tem lucro mais do que suficiente com as tartes.

– Nesse caso pode pagar-me com algum trabalho, limpando os meus recipientes, esse tipo de coisas. E tu – chamei o rapaz –, gostarias de ser meu assistente? Preciso de alguém que rale os meus blocos de gelo todas as manhãs.

Ele arregalou os olhos.

– Posso usar um casaco bonito como o seu?

Ri-me.

– Não, pois não irás à corte. Mas pago-te um dinheiro por semana.

Ele assentiu.

– Está bem.

– Nesse caso, está decidido. Mas ambos têm de jurar solenemente

que nunca revelarão nada do que virem aqui. O processo é secreto e tenciono mantê-lo assim. Titus, pode emprestar-me uma Bíblia?

Mais uma vez, fiquei surpreendido com as suas reacções a um pedido tão simples. Nenhum deles se mexeu e nos olhos da mulher havia – ou muito me enganava – uma expressão ardente de desafio.

– Para a jura – expliquei. – Têm de jurar sobre a Bíblia que não contarão a ninguém como eu faço os meus gelos.

O estalajadeiro estava a torcer as mãos.

– Se me permite explicar, senhor, a posição da Hannah sobre o assunto…

– Sou perfeitamente capaz de me explicar sozinha – interrompeu a mulher. – Nós não fazemos juras.

Olhei para ela, estupefacto.

– Não? Porquê?

– Primeiro, porque não usamos Deus como uma espécie de talismã supersticioso ou um papão para assustar pessoas crédulas. Segundo, porque uma jura implica lealdade a uma autoridade superior à nossa própria consciência.

– Mas, se não jurar, não posso contratá-la – ressalvei.

– Então não me contrate – respondeu ela, simplesmente. – Lamento muito, mas é assim. Posso dizer-lhe que não trairei a sua confiança; mas jurar, não juro.

– Compreendo. – Eu nunca me vira numa situação como esta. Mais uma vez me ocorreu que França e Itália, apesar de separadas pelos Alpes, tinham muito mais em comum do que qualquer uma dessas nações tinha com esta estranha ilha a apenas trinta quilómetros da costa de França.

Ela apontou para as paredes.

– Então? Quer que retire as minhas coisas ou não?

– Deixe-as estar, por enquanto. Terei de pensar nisto. Entretanto, pode fazer algum trabalho para mim e veremos como se sai.

– Vou ficar à experiência?

– Exactamente.

Ela encolheu os ombros.

– Muito bem. – Disse-o como se estivesse a concordar com determinadas condições, e não a aceitar ordens de um patrão. Perguntei-me se todos os criados domésticos em Inglaterra seriam tão desprovidos de deferência. Se assim fosse, era um espanto que se fizesse algum trabalho.

A pequena quantidade de gelo fresco que trouxera comigo de França rapidamente se esgotou. Mesmo que o rei não o tivesse sugerido, eu ver-me-ia obrigado a inspeccionar a sua casa de gelo.

O Parque de St. James era um espaço bastante agradável, embora, claro, não fosse nada em comparação com Marly ou Versalhes. A

meio, alinhado com as janelas dos aposentos do rei, havia um lago comprido e estreito, apenas um pouco mais largo do que um canal. Os terrenos eram salpicados por árvores e vegetação rasteira, ao natural, e aqui e ali viam-se veados a pastar. No entanto, vi por todo o lado projectos abandonados ou por terminar. Um edifício ao estilo francês ainda não tinha telhado. Uma estrada, em direcção a oeste, começava grandiosamente entre dois postes de pedra, mas desaparecia ao fim de cem metros. E o muro que rodeava o parque só abrangia metade, pelo que qualquer pessoa que quisesse podia entrar sem impedimento.

A casa de gelo ficava no lado norte, perto de Picadilly Hall, numa ligeira inclinação, sob algumas árvores – a pior localização possível. Contudo, o caminho de tijolo sinuoso que levava à porta era bastante adequado e a porta de um tamanho sensato – pequena, baixa e virada para norte. No entanto, estava entreaberta.

Eu tomara a precaução de trazer comigo algumas velas finas, para me dar luz, mas não precisava de me ter incomodado: entrava alguma luz do dia por baixo do beiral do telhado e já havia uma vela acesa na parede. Contudo, apesar da luz, não olhei para baixo e, assim que dei um passo para o interior, vi-me mergulhado em água suja e gelada até ao tornozelo. Tirei o pé, com uma imprecação, e percebi que não estava só.

– Precisamos de palha, John – estava uma voz a dizer do outro lado do gelo. – Palha em fardos, para colocar à volta. Mas a palha apodrecerá com esta humidade, portanto primeiro temos de escoar o chão.

– Ainda há três semanas o escoámos – respondeu uma voz mais áspera. – E com certeza que a palha elevará ainda mais a temperatura.

Ouvi passos a chapinharem na água em direcção a mim. Ainda não conseguia ver ninguém, pois a pilha de gelo bloqueava-me a visão para o outro lado da divisão circular.

A primeira voz suspirou.

– A palha tem a propriedade de manter quente um sítio quente, sim. Mas também manterá frio um sítio frio.

– Então, na prática, mantém o calor do lado de fora, não o frio do lado de dentro? – perguntou uma voz de mulher.

– Nunca tinha pensado nisso dessa forma, mas sim… é basicamente isso, Elizabeth – respondeu o primeiro homem.

Ergui a voz e disse:

– A palha não vai resolver o vosso problema.

– Quem está aí? – perguntou o homem de voz mais áspera. Uma lanterna ergueu-se e iluminou três rostos. – O que faz aqui, senhor? Isto é propriedade do rei.

– E eu estou aqui por ordens dele. – Avancei. – Carlo Demirco, ao vosso serviço.

– O confeiteiro?

– Ele mesmo.

O grupo que se aproximou de mim era formado por três pessoas, envoltas em casacos grossos por causa do frio. O homem com a lanterna era, evidentemente, o que se chamava John. O outro, o que sugerira a palha, caminhava apoiado no braço de uma mulher e, na outra mão, tinha uma bengala. Foi este homem que se dirigiu a mim em tom ansioso.

– Diga-nos, Demirco. *Porque* não é a palha suficiente?

– Nem toda a palha do mundo pode compensar uma concepção deficiente.

– Atenção à língua – resmungou o homem mais rude. – Foi aqui o ilustre Robert Boyle que deu instruções aos arquitectos, segundo os desenhos que Sir John Evelyn trouxe de Itália.

Encolhi os ombros.

– A construção é bastante boa. A localização é que é fraca. E o escoadouro central está bloqueado ou não é adequado.

– Um escoadouro central! – exclamou Boyle. – Claro! Como é que escoam estes locais em Itália?

– Em Florença, colocam uma roda de carroça sobre um cano central, para deixar sair toda a água derretida. O gelo aguenta-se mais tempo se estiver seco.

– Sim? – perguntou Boyle, interessado. – Agora que penso nisso, é possível. A água é o elemento natural do gelo, portanto pode facilitar a transição dos corpúsculos de arrefecimento… Podíamos confirmá-lo com uma simples experiência. Venham.

Saiu apressadamente e dirigiu-se a um edifício imediatamente atrás da casa de gelo. Todos o seguimos, a mulher porque ainda estava a apoiar-lhe o braço, eu e John apenas porque – pareceu-me – Boyle tinha um ar de comando natural.

– Cuidado, tio – disse a mulher, ansiosamente. – Já esteve vinte minutos ali ao frio e o doutor Sydenham disse…

– Se um homem adoecesse por causa do frio – interrompeu Boyle em tom jovial –, há muito tempo que eu estaria morto. Aqui dentro, Demirco.

Abriu uma porta pesada e entrámos numa divisão iluminada e fria. Era, apercebi-me, uma espécie de oficina, com prateleiras cobertas de instrumentos químicos: alambiques, almofarizes, medidores e por aí fora.

– Que lugar é este? – perguntei, curioso.

Boyle estava já a pesar alguns blocos de gelo pequenos e a apontar os pesos num bloco de notas.

– O meu laboratório. O meu segundo laboratório, melhor dizendo. Aqui, com a permissão do rei, levo a cabo as minhas investigações

sobre o frio. – Olhou para mim. – Talvez ache estranho, senhor, que um químico prefira trabalhar com gelo em vez de uma fornalha.

– De todo – respondi. – Passei a vida inteira a trabalhar com gelo e, apesar disso, estou convencido de que compreendo ainda muito mal as suas propriedades.

Ele acenou.

– Então vamos pegar num pequeno pedaço de gelo e colocá-lo em água, *assim*, e depois colocar outro igual assim, de forma a poder escoar. Qual derreterá mais depressa?

– É uma perda de tempo – disse eu, encolhendo os ombros. – Já sei a resposta.

– Talvez, senhor, mas eu não sei, e enquanto não a provar de forma satisfatória não a considerarei verdadeira. *Nullius in verba*, sim?

– É o lema da sociedade deles – explicou a mulher.

Veio-me à mente uma recordação vaga dos tempos de escola.

– «Não existe verdade nas palavras, portanto não jurarei pela autoridade de qualquer mestre.» Horácio, não é?

– Muito bem – disse Boyle, com um aceno.

– Mas *eu* penso que os resultados desta experiência podem ser exactamente opostos ao que o Signor Demirco descreveu – disse a mulher, com ar pensativo. – Porque o gelo numa bebida torna-a muito fria, enquanto o gelo no ar não arrefece a sala na mesma proporção.

– Bom, veremos, veremos – disse Boyle alegremente. – Mas primeiro… – estava a remexer num monte de papéis. – Aqui está. Demirco, mostre-nos o que fizemos mal.

Abriu à minha frente os planos do arquitecto. Com eles tinha alguns esboços arrancados do bloco de notas de um viajante.

– O escoadouro fica aqui – disse eu, apontando. – Porém, mesmo que acrescentem um escoadouro, terão o problema das árvores. É melhor ter a casa de gelo afundada no solo, numa clareira aberta.

– Nesse caso, teremos de abater as árvores e fazer taludes com a terra – disse Boyle. – O que me diz, John?

O outro homem suspirou.

– Se for necessário, assim faremos. Apesar de ainda não termos começado a trabalhar na ponte para a nova estrada do rei para Chelsea, nem nas gaiolas no passeio.

– As estradas podem esperar. O gelo derrete – disse Boyle. – Por falar nisso… – Virou-se para os blocos de gelo em cima da mesa.

– O que está dentro de água parece realmente estar a encolher mais depressa – admitiu a sobrinha.

Boyle consultou um relógio de bolso.

– Gostava de me ter lembrado de adicionar uma terceira taça com sal. Seria interessante comprar até que ponto isso acelera o processo.

– Quer dizer salitre – disse, e depois mordi a língua. Não devia

estar a discutir os segredos da minha arte com nenhum inglês, muito menos com alguém que era claramente capaz de os compreender.

Mas Boyle estava a abanar a cabeça.

– Salitre? Não, isso é muito antiquado. O salitre não faz mais do que o sal comum neste processo.

– Sal comum? – repeti. – Mas isso não… – parei, confuso.

Boyle lançou-me um olhar divertido.

– Garanto-lhe, senhor: se tem estado a usar salitre, tem andado a desperdiçar muito dinheiro. Na realidade, é o sal no salitre que faz a tarefa que pretende. Os corpúsculos do sal são atraídos pelos do gelo, libertando-os assim do seu estado sólido.

– Pensava que nem todos os membros concordavam com a sua teoria dos corpúsculos, tio – murmurou a mulher.

Ele franziu a testa.

– Não discordam. Alguns dos *virtuosi* precisam de mais provas, o que é uma questão completamente diferente.

– *Virtuosi?* – perguntei.

– O Colégio Invisível – respondeu Boyle. – O Bando de Gresham.

– Ele refere-se à Real Sociedade de Londres para o Progresso do Conhecimento Natural – explicou Elizabeth. – Um grupo de filósofos naturais que investigam e debatem estas questões.

Boyle acenou afirmativamente.

– O frio é um dos nossos interesses particulares.

– Embora seja justo dizer – acrescentou ela –, que há tantos outros fenómenos naturais abrangidos por essa designação que o frio dificilmente é único, nesse aspecto. Ou mesmo particular.

– Compreendo – disse. Depois ocorreu-me uma coisa. – As vossas… investigações filosóficas conseguiriam dizer-me por que motivo certos líquidos ficam mais espessos do que outros ao congelar?

– Prossiga – disse Boyle. – Pressinto um mistério interessante.

– Simplesmente… – Parei, sem saber bem como explicar. – Gostava de fazer um gelado verdadeiramente suave, que não rangesse entre os dentes, sem pedacinhos de água congelada lá dentro. Consegui uma vez, mas nunca mais fui capaz de descobrir o que fez com que resultasse.

– Um gelo que não contenha pedacinhos de gelo? – perguntou Boyle com um sorriso. – Bom, em comparação com os planos da nova catedral ou a compreensão do sistema circulatório, talvez não seja uma questão tão urgente. No entanto, se bem conheço os meus colegas, é exactamente o tipo de problema capaz de captar a sua imaginação. Podíamos criar algumas experiências, pô-lo no caminho certo e depois, se fosse bem-sucedido, publicar as nossas descobertas…

– Publicar? – interrompi rapidamente. – Como assim, publicar?

– Meu caro, não adianta de nada adquirir conhecimento se este

não for tornado público. É assim que a nossa sociedade funciona: cada experiência é fielmente registada, debatida, verificada e posteriormente publicada, para benefício de todos.

– E é nessa altura – acrescentou Elizabeth –, que começam geralmente as discussões.

– Ocasionalmente, há algumas pequenas questões de precedência ou originalidade a determinar – admitiu Boyle. – A questão é que nos debatemos por notoriedade experimental, não por vantagens comerciais.

– Talvez isto não seja muito boa ideia, afinal de contas – murmurei.

– Uma vez que a vantagem comercial é a sua *raison d'être*? – Encolheu os ombros. – Muito bem, senhor, cabe-lhe a si decidi-lo. Como vão os nossos blocos de gelo, Elizabeth?

– O que está dentro de água está quase derretido, enquanto o seco ficou simplesmente cilíndrico – informou ela.

– Excelente! O que eu não daria por um termoscópio preciso, para podermos medir as suas temperaturas relativas.

Vi Boyle fazer alguns apontamentos no seu bloco de notas, mais atingido pelo seu comentário anterior do que queria admitir.

– Não se trata de vantagem comercial.

– O quê?

– O motivo pelo qual faço isto. Não é por dinheiro. Ou, pelo menos, apenas por dinheiro.

– Fico feliz por saber disso – disse Boyle em tom ligeiro. – Mas gostaria de lhe recordar o nosso lema: *Nullius in verba.* E embora as suas palavras lhe façam crédito, só posso retirar as minhas conclusões das suas acções.

– Não posso revelar os meus segredos.

– Nesse caso, senhor, faria bem em não privar demasiado com cavalheiros como eu – disse Boyle –, já que os segredos são, na nossa estimada opinião, o inimigo ajuramentado da verdade. – Virou-se para a sua bancada de trabalho e compreendi que, apesar do tom cortês, estava a ser dispensado.

Quando regressei ao Lion, mandei imediatamente que me entregassem sal. Elias trouxe-me um saleiro: alguém na cozinha presumira que eu precisava de uma pitada de sal para temperar.

– Traz-me dois quilos de sal, o mais depressa que puderes – disse-lhe.

A criança pareceu confusa.

– Não temos tanto.

– Então vai comprar. De quanto dinheiro precisas? Um xelim? – Atirei-lhe uma moeda e vi-o arregalar os olhos. – Vai – disse. – E se houver um dinheiro de troco, podes ficar com ele, desde que estejas de

volta em meia hora.

Quando ele voltou, eu já estava preparado para efectuar a minha própria experiência. Ficara impressionado pela lógica do teste de Boyle com o gelo, ao colocar os dois cubos de gelo lado a lado para ver qual derreteria mais depressa: tratei agora de fazer o mesmo, mas com misturas de gelo e sais. Numa *sabotiere* pus a minha mistura habitual de gelo e salitre – um cristal extraído da urina de cavalos e humanos; e, como o boticário observara, um ingrediente essencial e caro da pólvora; noutra, coloquei uma quantidade semelhante de gelo, à qual acrescentei sal de mesa comum.

Agora precisava de algo para gelar. Não importava o quê, por isso fui à cozinha e servi-me de um jarro do omnipresente leite-creme que eles faziam aos litros todos os dias, para as suas sobremesas.

Esperei vinte minutos e abri as tampas.

Dentro do primeiro recipiente estava uma massa densa e suave. Com uma colher, raspei uma apara de creme congelado. Abri o segundo pote e fiz o mesmo.

Depois sentei-me, a pensar.

Boyle tinha razão: afinal, o salitre não era necessário. Ahmad aceitara esta premissa com base numa fé cega, tal como fizera em relação a tantos outros aspectos deste processo. Agora que eu sabia a verdade, seria capaz de congelar uma mistura de gelo por quase nada – por meros tostões.

Espantado, permiti-me uma breve imprecação em italiano.

– O que é?

Virei-me. Hannah estava de pé atrás de mim, a limpar as mãos a um pano. Sem pedir autorização, pegou numa das tigelas de gelado e inspeccionou-o com curiosidade.

– Posso provar?

Rapidamente, tirei-lhe a tigela das mãos.

– Não é para palatos vulgares.

Ela encolheu os ombros.

– Bom, de qualquer maneira não preciso de provar. Tem falta de mais açúcar.

– Faço estes pratos para cortesãos. Não para quem despejaria açúcar em qualquer prato, se pudesse.

– Queria apenas dizer – explicou ela, enquanto se afastava –, que mais açúcar podia ajudar o leite-creme a solidificar melhor.

– Açúcar? Solidificar o leite-creme?

– Vejo que está a aprender inglês pelo método de repetir aquilo que ouve, *signor*.

– O que está a fazer aqui, de qualquer maneira? – inquiri. – Esta copa deve ser privada enquanto eu estiver a trabalhar.

– Estava à procura do leite-creme que fiz de manhã. Mas vejo que

foi transformado em gelado.

– Pode levá-lo. Tome, ponha-o ao pé do lume e ficará como antes. – Raspei a mistura congelada de novo para o jarro. Ao fazê-lo, provei-a, como era meu hábito.

Era bom – surpreendentemente bom: e, apesar de eu não ter mexido o creme enquanto gelava, era cremoso e suave. Na verdade, quase tão suave como o que eu fizera em Versalhes, aquele que me fizera ser banido da corte.

Embora precisasse de um pouco de açúcar, para solidificar melhor.

Uma expressão entendida passou pelo rosto de Hannah.

– Então?

Franzi a testa.

– Estes assuntos são secretos. Receitas que mais ninguém tem, senão eu. Não as discuto com ninguém.

LOUISE

–Temos de o tentar atrair para o prazer – diz lady Arlington. – Se conseguirmos arrancá-lo ao desânimo, o resto seguir-se-á certamente.

A sua voz, com o forte sotaque holandês, propaga-se até à sala onde estou sentada. A voz do marido não penetra tão facilmente – é um ribombar grave do qual apanho apenas algumas palavras.

– Mas o sofrimento é uma espécie de prazer – argumenta lady Arlington. – Pelo menos, uma forma de autocomplacência. Hoje, Carlos está a empanturrar-se de dor; amanhã será outro excesso diferente. Ambos derivam da mesma imoderação de carácter que sempre demonstrou.

Outro ribombar.

– Mas não temos de escolher – diz lady Arlington. – Pelo menos por enquanto ela pode ser ambas as coisas. Quanto ao resto… atravessaremos essa ponte quando lá chegarmos.

Ela vem ver-me, toda sorridente.

– Persuadi o Bennet a deixar-nos ir à corte, ver uma peça. Uma representação privada. O rei adora teatro, normalmente, mas desde a morte da irmã tem andado algo distraído. Estamos com esperança de que esta diversão possa despertar novamente o seu interesse.

– Parece maravilhoso – digo, obedientemente. Como hóspede, tenho pouco voto na matéria.

– E vou emprestar-lhe um vestido. Usar os da irmã do rei parece ter-lhe despertado o interesse, mas é melhor não o fazermos duas

vezes. – Abre o meu roupeiro e estuda o que eu trouxe comigo. – No entanto, as roupas escuras ficam-lhe bem. Vou arranjar qualquer coisa em cinzento.

A peça, francamente, revela-se enfadonha. Somos apenas uns vinte na assistência e a maioria dos espectadores parece achá-la hilariante, embora, pessoalmente, eu me pergunte se estarão a rir da graça da peça ou na esperança de fazer o rei rir também. É a história de um cortesão que finge ser um plebeu para evitar casar com uma mulher de quem finge não gostar mas que, na realidade, pretende seduzir. Em vez de mostrar uma alegria que não sinto, adopto uma expressão de – espero eu – curiosidade delicada mas neutra.

A única outra pessoa que não se está a rir é o rei. Enquanto os outros soltam risinhos e gargalhadas, ele está silencioso. Após algum tempo olho para ele e vejo que está a olhar para mim. O seu olhar é desconcertante. Sinto-me corar e decido fixar apenas os actores.

No intervalo, são servidos gelos, mas embora lady Arlington os indique ao rei, este manda embora o criado com um aceno. Diz à pessoa ao seu lado, suficientemente alto para eu ouvir:

– O que acha da peça, lorde Clifford?

– Maravilhosamente divertida – garante-lhe lorde Clifford. – A melhor que ele já fez.

– Eu acho-a forçada.

– De facto, senhor. É um pouco forçada.

– No entanto, está a achá-la hilariante.

– Divertida, senhor. Eu disse divertida. É divertida e forçada.

– Ambos os actos foram longos de mais.

– Foram um pouco a dar para o longo – concorda lorde Clifford. – Mas isso não os tornou menos divertidos.

O rei está agora a olhar para mim, não para o seu ministro, e pergunto-me se estará a espicaçar o outro homem para meu benefício.

– É enfadonha e superficial.

– Digamos que compensa uma atenção cuidada…

– As piadas eram ordinárias e as personagens fracas. O que diz, *mademoiselle*? – De súbito, está a falar comigo.

– Não consegui acompanhar tudo – respondo, cautelosamente. – De qualquer forma, prefiro as tragédias. Aquilo a que Racine chama a sua tristeza majestosa. Se vou ser afectada, prefiro as lágrimas ao cinismo.

A boca dele estende-se num sorriso irónico.

– Nesse caso, veio ao sítio certo, *mademoiselle*. Pois, em Inglaterra, a tragédia é tudo o que conhecemos. – Dá uma palmadinha na cadeira onde lorde Clifford está sentado. – Venha sentar-se junto de mim. O meu francês sempre é melhor do que o de lorde Arlington. Posso traduzir-lhe as poucas piadas que sejam dignas disso.

Sinto os olhares que cruzam a sala enquanto me levanto e sento na cadeira que lorde Clifford deixou vaga, imediatamente e sem protesto – a indiferença calculada nos rostos de pessoas que não deixam passar nada e estão instantaneamente a tentar adivinhar o que isto poderá significar.

Quando me sento, o rei murmura baixinho:

– Pelo menos, a sua presença tornará este suplício tolerável.

– Bem – diz lorde Arlington nessa noite, ao jantar, terrivelmente satisfeito. – Parece que é um sucesso, *mademoiselle*. O rei perguntou por si três vezes, esta noite, depois de ter saído. – Prende um guardanapo na gola e pega no garfo. Orgulha-se dos seus modos continentais, embora, para dizer a verdade, eles fossem considerados afectados em França. – Quer saber quando pode visitá-la de novo. Claro que disse a Sua Majestade que ainda está cansada da viagem.

– Foi muito atencioso da sua parte – respondo, educadamente. – No entanto, já me sinto perfeitamente repousada.

– Ainda assim, não há necessidade de apressar as coisas. – Crava o garfo alegremente na coxa gorda de uma galinha.

– Mas diga-me, lorde Arlington – insisto. – Se vou ser dama de companhia da rainha, não devia ser apresentada a Sua Alteza?

– A rainha raramente está na corte – diz lady Arlington. – Desde o seu último aborto, tem estado muito mal de saúde. Passou a maior parte do mês passado na cama e os médicos estão quase a desesperar.

– Lamento muito saber disso. Rezarei pela sua recuperação.

– Neste país, há quem reze precisamente pelo contrário – diz Arlington calmamente. Começa a falar em francês, presumivelmente para que os criados não compreendam o que está a dizer. Já me apercebi de que isto significa uma conversa sobre religião ou política, ambos temas extraordinariamente perigosos por aqui. – Nada agradaria mais ao parlamento do que o rei ficar livre para casar com uma protestante. Escusado será dizer que isso seria um desastre, principalmente para França. Será que… – Lança-me um olhar pensativo.

– O que é, meu querido? – pergunta a mulher.

– Nada – responde ele em inglês. – Apenas um pensamento fugaz.

CARLO

Não há fruto tão doce que não possa ser melhorado ao ser transformado num gelo. Tive a sorte de poder criar *eaux glacées* dos frutos mais raros e posso dizer que congelam tão bem, ou melhor, do que os frutos comuns do pomar.

O Livro dos Gelos

Fui chamado para uma reunião com lorde Arlington – não em sua casa, onde Louise estava hospedada, mas no gabinete postal que já visitara antes. Mais uma vez, fui acompanhado por Cassell.

– Então – começou Arlington. – O rei recusa os seus gelos. Não é o melhor dos começos.

Encolhi os ombros. Dificilmente era culpa minha que o rei não comesse.

– Talvez ele aja de forma diferente se a irmã for invocada. – Fora Walsingham que falara.

Arlington semicerrou os olhos.

– Continue.

– Tal como esperávamos, parece que ele está bastante interessado em mademoiselle Carwell. Talvez…

– De Keroualle – interrompi, automaticamente.

Walsingham fez uma pausa.

– Desculpe?

– O nome dela pronuncia-se «De Keroualle». Não «Carwell».

Walsingham acenou educadamente.

– Ele parece bastante interessado na rapariga. Talvez se ela lhe oferecesse um gelo e dissesse que era o preferido da irmã…

– Óptima ideia. – Arlington virou-se para mim. – Qual era?

– Qual era o quê?

Ele franziu a testa perante a minha lentidão.

– O gelo preferido da irmã dele.

– Oh… – Encolhi novamente os ombros. – Ela não tinha nenhum preferido. Bebia apenas cordial de chicória para ajudar na digestão.

– Então invente um – disse Arlington, com um gesto indiferente. – Qualquer coisa serve. Afinal de contas, o gelo não é importante. É apenas um meio para atingir um fim.

– Mas que seja algo especial – sugeriu Walsingham. – É menos provável que ele recuse se souber que é uma raridade.

– Um desses frutos extravagantes que Luís de França tanto admira – concordou Arlington.

Com alguma hesitação, disse:

– Terá de ser um ananás.

Houve um breve silêncio.

– Ananás! – exclamou Arlington. – Tem a noção daquilo que está a pedir?

– Tenho. No entanto, se querem algo verdadeiramente tentador, algo que o próprio rei de França consideraria precioso e admirável, nesta altura do ano, tem de ser ananás.

Eu sabia, claro, que até em França um único ananás custava quase tanto como uma carruagem nova. Aqui, em Inglaterra, seriam sem dúvida ainda mais caros. Contudo, eram a epítome do luxo aristocrata. Os cortesãos de Luís construíam estufas aquecidas para ananases nas suas propriedades de campo, onde o fruto – que era importado das colónias ainda na árvore, com raiz e tudo – podia ser replantado sob um vidro e acabar de amadurecer. As pessoas das classes menos elevadas alugavam ananases maduros ao dia, por quantias enormes, apenas para enfeitar as mesas e perfumar as suas salas de jantar, enquanto apenas os muito ricos podiam dar-se ao luxo de efectivamente comer um.

– O conde de Devon tem uma plantação de ananases em Powderham Castle, da qual está desmesuradamente orgulhoso – disse Walsingham com alguma hesitação. – Creio que o ano passado se vangloriou de ter produzido quatro ou cinco frutos.

– Nesse caso, espero que fique desmesuradamente orgulhoso por ver os seus ananases transformados em gelo e oferecidos ao rei – disse Arlington. – Eu falarei com ele. – Levantou-se. Era evidente que a reunião chegara ao fim.

– Há ainda uma outra questão em relação à qual estou algo confuso – disse eu.

– Do que se trata? – perguntou Arlington.

– A rapariga… mademoiselle de Keroualle. Como sabem que ela representará o seu papel?

– Oh, isso. – Arlington lançou-me um olhar divertido. – Não somos completamente atrasados nessas questões por aqui, sabe. O assunto já está a ser tratado. A informação que nos deu sobre ela foi muito útil.

Eu não me lembrava de lhes ter dado qualquer informação sobre Louise que pudesse ter sido útil, além do facto de ela não ser o tipo de mulher que concordaria com o esquema deles. Mas os dois homens já estavam a arrumar os seus papéis e não tive oportunidade de fazer mais perguntas.

Voltei para Vauxhall ainda a pensar nas palavras de Arlington. Então Louise, ao que parecia, concordara em agir de acordo com os planos deles. Todas aqueles declarações solenes de virtude, em França,

tinham sido tão sólidas como ar, postas de lado na sua ansiedade para se deitar com um rei.

Era como Olympe dissera: todas as mulheres são uma mercadoria. Isso, por si só, não era uma descoberta particularmente chocante – na verdade, era óbvio. Então porque me sentia eu quase *desapontado* com Louise de Keroualle? Afinal de contas, era vantajoso para mim que ela compreendesse aquilo que se pedia dela. Eu só podia voltar para França depois de a nossa missão estar cumprida e, da maneira que as coisas estavam, era bastante provável que viesse a ser ela, e não eu, o instrumento do nosso sucesso.

LOUISE

Nessa noite, quando já estou deitada, lady Arlington vem ver-me. Está de camisa de noite, como eu, com o cabelo solto.

– Tem tudo o que precisa? – pergunta com um sorriso, sentando-se na beira da cama.

– Tudo, obrigada. Tem sido muito hospitaleira.

– E a cama é confortável?

– Maravilhosa. – Bocejo. – Faz-me sentir ensonada.

– Esta foi a cama onde me deitei pela primeira vez com o Bennett, depois do nosso pequeno-almoço de casamento – diz, pousando a mão na colcha como que a indicar o local exacto. – É um dia feliz, quando uma rapariga se transforma em mulher.

– Quando se casa, é o que quer dizer.

Ela não me responde directamente. Em vez disso, estende a mão e acaricia-me o cabelo.

– É uma jovem encantadora. Mas imagino que já deve saber disso. E tão charmosa! Quem sabe… talvez atraia os olhares de um marido adequado, enquanto estiver aqui em Inglaterra.

O meu rosto deve ter revelado surpresa, porque ela sorri.

– Não tinha pensado nessa possibilidade?

– Os meus pais teriam uma palavra a dizer sobre esse assunto – respondo, cautelosamente.

– Claro. Mas dependeria muito da posição do seu potencial marido, não é verdade? A um certo nível, estas coisas fazem-se através de alianças entre países. Eu própria era Elizabeth van Nassau-Beverweet antes de me casar com lorde Arlington.

– Não estou realmente a pensar em nada desse género – protesto.

– Mas porque não? Além do mais, se aquilo que ouvi estiver correcto, não tem muitas opções.

– O que quer dizer?

– Apenas que já tentou encontrar um marido adequado em França, sem conseguir – responde ela. – E, se não tiver sucesso aqui em Inglaterra, não poderá regressar nunca mais a Versalhes. Então, para quem estaria exactamente a guardar-se? – Sorri tristemente, para mostrar que não tem más intenções, e dá-me uma palmadinha na perna por cima das cobertas. – Bom, deixo-a descansar. – Dirige-se à porta, parando apenas para apagar a vela em cima da cómoda. – Boa-noite, Louise. Bons sonhos.

Durante algum tempo fico ali, deitada na escuridão, a pensar no que ela disse. É evidente que os Arlington têm algum plano em mente – algum pretendente ou aliança que desejam promover. Mas quem? E porque estarão a ser tão enigmáticos? Tenho a desagradável sensação de que estou a ser envolvida nalguma intriga nova e complicada, cujas ramificações ainda não consigo discernir completamente, muito menos controlar.

Ao pequeno-almoço, eles regressam ao assunto. Porém, é evidente que conversaram durante a noite: os seus argumentos agora são mais refinados, as suas frases menos oblíquas.

– Notícias da corte – informa lorde Arlington, ao ler um bilhete trazido pelo mordomo. – Tenho aqui o último relatório do médico da rainha. Infelizmente, parece que os nossos piores receios se confirmam.

– Tenho de preparar as nossas roupas de luto e as sedas negras para a carruagem. Parece certo que precisaremos delas antes do fim do ano.

– É verdade. Pobre mulher.

– Há mais alguma notícia – pergunta lady Arlington –, sobre quem o rei poderá desposar, depois de ela morrer? Paz à sua alma.

Arlington encolhe os ombros.

– Têm havido algumas discussões. Informais, claro. Como sabe, o rei tem a ideia romântica de que gostaria de casar por amor. Mas esse é um luxo a que os reis raramente se podem dar.

– É verdade. E o parlamento quererá que ele case com uma protestante.

– Ah! – Lorde Arlington inclina-se para a frente. – Mas caberá essa escolha ao parlamento? É Paris, e não o parlamento, que se encontra neste momento em ascendência. E Luís quererá alguém que possa cimentar a grande aliança.

– Uma católica?

Ele acena afirmativamente.

– De preferência, estou certo, uma católica de França.

Apanhada a levar um pedaço de torrada à boca, não compreendo inicialmente o significado de tudo isto. Depois percebo. Se não

estivesse a comer, acho que o queixo me teria caído.

Como me devem considerar estúpida por não ter percebido antes.

– Então, se Carlos já estivesse interessado numa pessoa assim… – está lady Arlington a dizer.

– Exacto – responde o marido, com um aceno. – Toda a gente ficaria encantada.

Não resiste a lançar-me um breve olhar de soslaio, para se certificar de que eu compreendi.

Caminho pelo jardim, pensando furiosamente.

Então é este o plano de Arlington – promover um casamento entre mim e Carlos II! À primeira vista, parece uma proposição assombrosa. As mulheres dos reis são princesas de sangue real, não filhas de famílias empobrecidas. Trazem com elas vastos dotes, alianças estratégicas, pretensões a tronos distantes.

No entanto, se Luís e Carlos o quisessem ambos, um casamento destes seria possível. França é tão poderosa na Europa, neste momento, que uma francesa de nascimento nobre podia ser considerada o equivalente a um membro da realeza de um país inferior. E, do ponto de vista do meu próprio rei, uma francesa no trono de Inglaterra seria um sinal visível de que o tratado é inquebrável. Uniria os nossos dois países por uma geração.

Penso no que os meus pais diriam, se eu me tornasse rainha de Inglaterra. Ou como Luís os recompensaria. As minhas irmãs mais novas estariam entre as jovens mais desejáveis de Versalhes. O meu pai teria novas terras; dinheiro para reconstruir a nossa casa em Brest… eu teria alcançado tudo aquilo que eles pretendiam quando me enviaram para Versalhes.

E os meus filhos – os *nossos* filhos: os filhos que Carlos e eu teríamos juntos – seriam de sangue real. Teriam dentro deles aquela porção de divindade de Deus que corre pelas veias de todos os membros da realeza. Eu seria a mãe de príncipes. Nessa categoria, possuiria poder – um poder superior até ao de Madame. Essa grande visão que ela tivera – a visão de uma Europa unida sob uma só fé – estaria ao meu alcance.

Como poderia eu ter alguma vez sonhado, quando pensava que me iam enviar de Paris para casa, fracassada, que se me apresentaria esta oportunidade muito superior?

Abruptamente, sacudi a cabeça, zangada comigo própria. *Espera. Pensa claramente.* Se fosse realmente essa a intenção de Luís quando me enviara para cá, com certeza que ele ou Lionne o teriam dito. Não teriam deixado nas mãos do encantador mas, suspeito, algo interesseiro, lorde Arlington, a tarefa de me explicar a situação.

Portanto este esquema era de Arlington, não de Luís. De qualquer forma, não significava necessariamente que Luís desaprovasse, se as

coisas corressem nesse sentido.

Se Carlos o desejasse, por outras palavras.

Reflicto, tentando ver a situação com clareza. Obviamente que, acima de tudo o resto, há a pequena questão de a rainha actual ainda não estar morta, e até discutir a morte de uma rainha é traição, quanto mais desejá-la. Claro que as pessoas falam dessas coisas – a sucessão, em qualquer país, é um assunto extremamente importante – mas falar disso da maneira errada, ou com a pessoa errada, é arriscar cair em desgraça.

Depois, existe também algo quase demasiadamente perfeito quanto ao momento de tudo isto, a forma como tudo me foi estendido à frente, como uma mão de cartas com o rei por cima, quase a pedir que lhe pegasse para jogar.

Recordo de novo as palavras embriagadas de Buckingham. *Foi enviada para o seduzir*. Entre essa acusação grosseira e as sugestões mais agradáveis dos Arlington, onde estaria a verdade?

Ser rainha. Ser rainha. É como um murmúrio que anda às voltas na minha cabeça. Sem ter intenção disso, dou por mim a caminhar com uma postura mais direita, um porte um pouco mais régio, enquanto me dirijo novamente a casa.

CARLO

A diferença entre um simples *sorbetto* e um gelado é tão grande como a diferença entre giz e queijo.

O Livro dos Gelos

Tinha pouco com que me ocupar enquanto aguardava a chegada do ananás. Mandava geleias e cordiais gelados para a corte e passava o resto do tempo a fazer experiências.

Na verdade, sabia que era tão novato nisto como fora em tempos na feitura de gelos, e precisava desesperadamente da orientação de Boyle ou de outro filósofo natural. No entanto, Boyle deixara bem claro que não me ajudaria a menos que eu concordasse em tornar públicas as minhas descobertas, portanto, até ver, estava por minha conta.

Determinado a prosseguir usando a mesma abordagem lógica que um químico como Boyle empregaria, comecei por regressar ao gelo de pêra que fizera em França e tentei recriá-lo exactamente como antes. Mas o processo acabou por não se revelar simples. Parecia que a relação entre os vários ingredientes era quase impossivelmente complexa – reduzir a quantidade de açúcar tornava a textura menos

gelada, mas também tornava quase impossível congelar a mistura: o *crème anglaise* por vezes congelava suave, mas outras vezes formava grumos, como ovo mexido, enquanto alterar as proporções de pêra e nata o transformavam de um gelo cremoso e suave numa porcaria líquida e peganhenta.

Durante estas experiências, Hannah lavava os meus pratos e Elias ralava o meu gelo. Com alguma surpresa, percebi que ambos eram bons trabalhadores, e não tinha quaisquer queixas da sua aplicação. Lembrei-me das palavras do espião francês. *Acreditam em trabalho duro, estes protestantes, quase religiosamente, poder-se-ia mesmo dizer.* Não voltara a repetir-se a atitude de desafio em relação às juras e, pela minha parte, decidi não falar mais no assunto.

No entanto, era evidente que Hannah não era o tipo de criada a que eu me habituara em França.

– Porque é que um cordial gelado é melhor do que ao natural? – perguntou-me Elias, um dia.

– Porque refresca o palato dos cortesãos suficientemente afortunados para o provarem.

– Mas porque é que simplesmente não despem os casacos para refrescar?

Era tentador dizer-lhe que parasse com as perguntas; mas havia qualquer coisa no rapaz que me fazia lembrar a minha própria curiosidade quando comecei a trabalhar para Ahmad.

– Porque um gelo cremoso é mais delicioso do que despir o casaco – respondi, pacientemente.

– Posso provar um bocadinho?

– Não.

– Porquê?

– Não é para o gosto de crianças.

– Então porque é que os cortesãos gostam, se as crianças não gostam?

– Porque os cortesãos são idiotas. – Era Hannah, a interromper sem que ninguém lhe tivesse dirigido a palavra. Viu a minha expressão. – É apenas a verdade – disse, nada atrapalhada. – E mais vale que ele a saiba desde já.

Não lhe respondi directamente, mas falei com o rapaz.

– Os cortesãos estão habituados a magnificência. Conseguem apreciar coisas especiais, às quais têm direito em consequência da sua nobreza e dos seus serviços ao rei.

Um som vindo da direcção de Hannah indicou o seu desacordo.

– A corte é a origem de todos os nossos problemas.

– Sem a corte, não haveria governo – observei.

– Neste país, temos a felicidade de ter um parlamento, que governou o país perfeitamente bem enquanto o rei vivia no

estrangeiro.

– Quando o último rei foi sido assassinado *pela populaça* – respondi, em tom cortante –, e o seu filho se viu obrigado a *ir para o exílio*, dizem-me que este país ficou nas mãos de um ditador.

– O parlamento não é perfeito – admitiu ela. – Quanto ao rei Carlos… não há dúvida de que, desde a morte da irmã, ele tentou livrar-se de alguns dos libertinos e sanguessugas que o rodeavam. Mas é também um fraco e, quando a sua dor passar, voltará ao que era antes. Quer isto dizer – disse, lançando-me um olhar de soslaio –, aos seus costumes de católico. Facilmente se deixa distrair por todo o tipo de prazeres e novidades, especialmente se tiverem o elegante selo de aprovação de França.

Esta avaliação era, claro, tão idêntica à das pessoas que me tinham enviado que, por um momento, não soube o que dizer.

– Bom, não será distraído pelos meus gelos, pelo menos – disse, por fim. – São apenas águas e cordiais gelados. Não há neles nada que possa mudar o carácter de uma pessoa, quanto mais a sua religião.

LOUISE

Estou a ser exibida.

De cada vez que lady Arlington sugere um passeio no parque, ali está o rei, também a passear com a sua corte. Paramos, trocamos cumprimentos e palavras de circunstância. *Como está a dar-se por cá? Bem, obrigada, senhor. Suponho que tem saudades dos seus amigos? Senhor, estou a fazer tantos amigos novos aqui que ainda não tive tempo para pensar nisso.*

Não falamos sobre a irmã dele, nestes encontros públicos. Mas o sofrimento – a dor com que ele se debate mesmo durante estas simples trocas de palavras – é demasiado evidente.

E depois, precisamente quando ele pigarreia e se prepara para me perguntar mais qualquer coisa, lady Arlington faz as suas despedidas. O mesmo acontece quando saímos a cavalo, ou quando jogamos *paille maille*.

Mesmo no rio, onde me levam para aprender a remar, os meus esforços desastrados atraem um olhar de uma janela aberta no palácio: ali está o rei com uma pilha de papéis, um grupo de conselheiros, assuntos de Estado, a olhar para baixo. Acena-me de forma cortês; o aceno real, com uma mão aberta, como um agricultor a espalhar sementes.

No entanto, uma vez que nunca tinha sido exibida, não acho a

sensação completamente desagradável. Quando me afasto dele sinto o seu olhar sobre mim, tal como conseguimos sentir o calor do sol sobre a pele mesmo se fecharmos os olhos. Por vezes, até me permito um breve olhar para trás por cima do ombro, para ver se ele ainda está a olhar para mim. Estarei a ser coquete? Há uma parte de mim estupefacta com o meu próprio comportamento, outra que acha esse pensamento divertido.

E uma parte que pensa: *Tenho de me comportar como uma confidente preferida, nada mais.* A acusação grosseira de Buckingham foi útil: serve-me de aviso. *Ninguém pode ter nada a censurar-me.*

Ser rainha. Ser rainha.

Agora o rei está a jogar ténis. Numa bancada encostada a um dos lados do edifício, os cortesãos assistem.

Ele joga bem, o corpo alto move-se com uma rapidez surpreendente enquanto salta de um lado para o outro do campo. Apesar disso, parece-me que o homem mais jovem com quem ele joga conseguiria ganhar, se quisesse. Sempre que conquista um ponto é possível ver a sua hesitação, como se receasse ter ido longe de mais.

O rei também o sabe. Assim que vence o outro homem, chama com impaciência outro adversário.

– Jogamos por amor ou por pontos, senhor? – pergunta o próximo jovem.

– Pontos – responde Carlos secamente. – O amor não tem lugar no campo de ténis.

– Apenas na corte do rei? – diz o outro jogador. Ouvem-se risos e alguns olhares voltam-se para mim. Finjo não reparar, mas o meu coração bate um pouco mais depressa.

Este adversário é mais inteligente do que o anterior: acumula uma boa vantagem para que o rei sinta o desafio de ter de a ultrapassar. Ao meu lado, lady Arlington murmura-me ao ouvido:

– É bom sinal, há meses que ele não jogava assim. Não acha que joga bem? É um atleta, um homem muito atraente, além de monarca. Também sabe nadar, e muitas vezes vai a pé até Hampton Court. Para não falar do seu desporto com as senhoras.

– «As senhoras»? – repito, abismada.

– Oh, o rei é um amante exímio – diz ela com um sorriso maldoso. – Além de todos os seus outros talentos.

Sinto-me corar.

– Lady Arlington…

– Peço desculpa. Estou a ser demasiado franca? Talvez viva há tempo a mais em Inglaterra. Por aqui, são quase ridiculamente descontraídos em relação a essas coisas. Por outro lado, *mademoiselle*, também já não é nenhuma criança, pois não? Estou certa de que sabe do que estou a falar. – Dá-me uma leve cotovelada. – Afinal de contas,

por aquilo que tenho ouvido, Madame não era nenhuma santa.

Não respondo. Nunca me tinha ocorrido que a inocência nestas questões pudesse ser considerada uma infantilidade.

Além do mais, há verdade suficiente no que ela diz para me deixar desconcertada. Eu sabia que para Madame, delicada e enfermiça, as atenções do marido eram um dever cada vez mais desagradável. Porém, não podia esquecer aquela ocasião em que *monsieur* estava fora e eu entrara no escritório dela à procura de penas para escrever. E ali estava Madame, deitada de costas no divã, com as pernas frágeis enroladas à volta das ancas do rei enquanto o monarca se soerguia sobre ela, com a camisa comprida desabotoada, as pernas nuas e peludas… Eu recuara, chocada, e fechara rapidamente a porta. Não conseguia encontrar sentido naquilo que vira. Madame nunca se deitaria com Luís para obter vantagens pessoais. Então porquê? Por amor? Eu não diria que existia paixão entre eles, mas sim amizade; a compreensão profunda daqueles que nasceram em posições semelhantes.

Não compreendo as relações sexuais, penso, e essa consciência irrita-me. Ser inteligente e, ao mesmo tempo, tão ignorante – saber tocar instrumentos, falar várias línguas e escrever cartas diplomáticas, e contudo compreender tão pouco deste desejo, aparentemente o mais fundamental dos desejos… era como ver um jogo de ténis sem compreender as regras.

Não que compreenda completamente também as regras do ténis, penso, com um esforço para me concentrar no jogo. A competição entre o rei e o cortesão está agora mais intensa, como um duelo ou a luta de dois veados no cio. Carlos lança uma bola alta que cai por trás do seu adversário. O jovem consegue ainda tocar-lhe com a raquete mas, nesta altura, Carlos já está junto da rede. Golpeia a bola para o interior do campo. Sei o suficiente para perceber que esta é considerada a forma mais decisiva de vencer o ponto.

O rei agradece os aplausos dos espectadores com uma reviravolta da raquete. Depois, ainda ofegante, olha directamente para mim.

– Ele joga para si – diz lady Arlington entre dentes, aplaudindo furiosamente. – Sorria. Agora tem de jogar para ele.

Enquanto os jogadores bebem cordiais frescos, a corte dispersa. Reconheço uma figura de sobrecasaca francesa que se afasta com uma caixa de gelo nos braços.

– Signor Demirco – chamo.

Por um momento ele hesita – mas depois apressa o passo e vejo-me obrigada a correr atrás dele.

– Espere – chamo. – Signor Demirco, espere!

Por fim, ele não tem outra alternativa senão parar.

– Não me ouviu? – pergunto, espantada.

– Ouvi – responde ele secamente.

– Então porque está tão zangado?

Parece-me que ele quase diz qualquer coisa, mas pensa duas vezes.

– Por nada – responde, por fim. – Como está? Ouvi dizer que a sua diplomacia está a ter grande sucesso.

Será imaginação minha, ou há uma sugestão de escárnio na palavra «diplomacia»? Um pouco aborrecida, digo:

– E eu ouvi dizer que a sua nem por isso.

Ele encolhe os ombros.

– Julga-se que há mais probabilidades de o rei aceitar os meus gelos se for a Louise a oferecê-los.

– E é por isso que está tão… carrancudo? Tem o orgulho ferido?

– Não estou carrancudo, como diz – responde ele, ainda em tom seco. – Nem tem nada a ver com o meu orgulho. Pelo contrário, o seu sucesso será a minha passagem de regresso a França. Por falar nisso, como deve estar feliz agora por não ter aceitado o meu pedido de casamento em Versalhes!

– Nunca poderia ter aceitado, de uma maneira ou de outra – respondo, cuidadosamente –, tendo em conta o abismo entre as nossas origens. No entanto, uma vez que os nossos amigos mútuos o informaram, evidentemente, da minha possível sorte nesse aspecto, direi que sim, ainda bem que não aceitei. Contudo, *signor*… talvez seja melhor que esse episódio em particular permaneça apenas entre nós. Um pedido de casamento, mesmo recusado, pode ser visto como uma mancha no meu bom nome, e a minha reputação será agora mais importante do que nunca.

– A sua reputação? – murmura ele. – Oh, por favor. Poupe-me. Quer apenas dizer que agora tem coisas mais importantes em vista.

Zangada, digo:

– Estou a ajudar o rei a recuperar o ânimo… coisa que os seus gelos, ao que parece, são incapazes de fazer.

Ele curva-se numa vénia.

– É verdade. Tem a minha gratidão. – E afasta-se, com expressão tempestuosa.

Fico a olhar para ele, exasperada. Parece que os sentimentos do confeiteiro ainda estão algo feridos. Claro que o lamento muito – apesar de isso me surpreender – mas não posso permitir que estas coisas me afastem da minha tarefa.

Nessa noite, Arlington e a mulher têm uma conversa atrás de portas fechadas. Mais tarde, lady Arlington vem ao meu quarto. Manda a criada embora e penteia-me ela própria o cabelo, com exclamações de admiração pela espessura dos caracóis apertados que se soltam sob os seus dedos, indomáveis como sempre. Nunca

consegui dominá-los completamente.

– De qualquer maneira, creio que ambas conhecemos alguém que os admira – diz em tom de provocação, e eu coro. – Diga-me – continua, no mesmo tom de voz calmo. – Quando são as suas regras mensais?

Um pouco embaraçada, respondo:

– Tenho tudo o que preciso, obrigada.

– Não estou a falar *disso* – diz ela, imperturbável. – Refiro-me ao rei. Para que possa procurá-lo na altura certa. – Sorri-me de forma tranquilizadora pelo espelho. – Quer que ele se apaixone por si, não quer? – A sua mão no pente não hesita nem por um segundo, continuando a mover-se de forma tão regular como a de um moço de estrebaria a escovar um cavalo.

– Eu… não sei – respondo, com hesitação.

– Eu acho que sim – murmura ela. – Só pode querer. A maneira como ele a olha… Pretende mais de si do que consolo para a tristeza. Muito mais. Que sorte a sua!

– Não! – exclamo. – Não seria capaz disso. Nunca.

Ela separa-me o cabelo ao meio e puxa-o para o lado.

– Já pensou em usá-lo assim? – pergunta, mudando de assunto tão naturalmente como se não estivéssemos a discutir nada mais importante do que uma nova *coiffure*.

CARLO

Únicos entre as sobremesas, os gelos despertam, em igual medida, curiosidade e assombro.

O Livro dos Gelos

Poder-se-ia pensar, em resultado das minhas conversas com eles sobre juras, cortesãos e outros assuntos, que os criados do Red Lion eram um grupo invulgarmente devoto. Na realidade, rapidamente me apercebi de que o local era pouco melhor do que um bordel.

No continente, um homem sabe que está a visitar uma casa de má reputação e que, depois de concluídos os seus assuntos, pode fechar a porta e esquecer tudo o que lá se passou. Em Inglaterra, a demarcação entre estalagem e prostíbulo, criada e meretriz, era bastante menos definida – na verdade, eles têm uma palavra, *rameira*, que descreve uma mulher que ocupa a posição mais baixa na hierarquia dos criados domésticos mas indica também que provavelmente estará disponível para tudo o que mais lhe possa ser pedido. Rapidamente se tornou evidente que, no Red Lion, havia várias rameiras que completavam os

seus salários desta forma. Estas jovens – Mary, Rose e mais duas ou três – trabalhavam abertamente nas salas de refeições à noite, indo de cliente em cliente com o pretexto de lhes levar cerveja, metendo-se com eles de forma sedutora e depois desaparecendo com eles para um dos quartos no sótão.

Inicialmente, fiquei um pouco aborrecido quando descobri o tipo de lugar onde me encontrava – não porque o vício propriamente dito me incomodasse, mas porque em França ou Itália, ter a base do nosso negócio num bordel seria motivo para a retirada imediata do alvará real. Em Inglaterra, contudo, era evidente que as coisas não eram tão simples. Na verdade, quando falei nisso a Robert Cassell, ele pareceu quase divertido.

– Bom, claro que sim – disse. – O que esperava? É uma taberna londrina.

– As autoridades não se opõem?

– Em teoria, sim… mas na prática têm coisas mais importantes com que se preocupar.

As estalagens de Londres, explicou-me, tinham sido antros de dissidência durante a República, servindo muitas vezes de assento a reuniões parlamentares informais de homens e mulheres trabalhadores. Algumas tinham até as suas próprias prensas, nas quais produziam jornais e opúsculos revolucionários que a populaça devorava avidamente. Depois da purga necessária após a Restauração, decidira-se que a prostituição era o menor dos muitos males que era preciso resolver.

– Não existe uma única criada de balcão em Londres que não se possa comprar com meio xelim de prata – concluiu ele.

– Mas julgava que as pessoas aqui eram puritanas, antes da Restauração?

– Algumas, sim, mas havia muitos tipos de dissidentes e todos tinham opiniões diferentes sobre aquilo que era aceitável. Cavadores, Quakers, Oradores, Igualitaristas, a Família do Amor, Muggletonianos, Quintos Monárquicos… Foram todos proibidos entretanto, mas durante algum tempo a Inglaterra teve quase tantas seitas loucas como condados. Algumas, como os Oradores ou a Família do Amor, eram praticamente indistinguíveis de libertinos, excepto que no caso deles disfarçavam com uma data de disparates sobre Cristo em Nós e comunalismo e irmandade. Mas, fosse qual fosse a seita,

o que todas tinham em comum era a recusa total em aceitar outra autoridade que não a sua.

Pensei na atitude estranhamente desafiadora de Hannah à expulsão da sua copa. Em França ou Itália, uma criada teria obedecido sem debate, mas eu percebia agora que as pessoas aqui, depois de terem saboreado a revolução, podiam ter alguma dificuldade em

livrar-se desse hábito.

No entanto, nunca me passara pela cabeça que Hannah estivesse entre essas criadas que, como Cassell me dissera, podiam ser compradas por meio xelim de prata, pelo que fiquei surpreendido quando assisti a uma altercação nesse sentido entre ela e um dos seus clientes. Os dois estavam escondidos atrás de uma das sólidas traves de carvalho escuro que sustentavam o tecto na sala de refeições principal e a falar, apesar da raiva evidente, em voz baixa; provavelmente eu não teria sequer olhado para eles se não estivesse à espera que ela trouxesse a minha comida. Depois reparei em duas coisas. A primeira foi que o homem estava mais bem vestido do que a maioria dos clientes do Lion – quase tão bem vestido como eu. A segunda foi que estava a apertar o braço de Hannah com força.

– Não fales com os teus superiores dessa maneira – estava ele a dizer.

– Nenhum homem é superior a mim, nem nenhuma mulher – retorquiu ela. – O que o torna melhor do que eu, exactamente? A noite passada, eu estava disposta a aceitar o seu dinheiro e você estava disposto a oferecê-lo. A única diferença é que não voltarei a cometer esse erro.

A resposta dele foi dada em voz demasiado baixa para que eu a percebesse mas vi que estava a sacudi-la bruscamente enquanto falava, colocando em grande perigo a minha tarte, que quase caiu do prato que ela segurava na outra mão.

– …para a prisão, sua puta dissidente. Não penses que não sou capaz.

Ela não respondeu a isto, mas vi que empalidecera. O homem soltou-a.

– Falaremos disto lá fora – disse, bruscamente, e virou-lhe costas.

Ela aproximou-se com a minha comida e tinha as mãos a tremer quando a pousou na mesa, embora a sua voz, quando me perguntou se precisava de mais cerveja, fosse seca e nivelada. Respondi que não e ela afastou-se sem mais uma palavra. Vi-a dirigir-se à porta por onde o homem saíra, que dava para o pátio onde eram guardados os barris vazios.

Encolhi os ombros e dediquei a minha atenção à tarte. Perguntara de que era antes de pedir; a resposta deixara-me na mesma, mas agora, ao perfurar a crosta com a faca, esta libertou uma baforada de calor fragrante, revelando vários pedaços macios e fumegantes de batata, algumas argolas pálidas de alho-francês, lascas de frango num caldo cremoso, uma boa dose de tomilho e até alguns pedaços de uma fruta escura que rapidamente descobri serem ameixas de conserva.

Contudo, havia algo a estragar o meu prazer, e era o conhecimento de que, enquanto eu comia a minha tarte, a mulher que

a fizera estava lá fora, entregando-se a um homem que desejava claramente recusar. A culpa talvez fosse dela, mas eu não gostara do aspecto do tipo, nem da maneira como a sacudira pelo braço, e desconfiava de que ele não estaria certamente a ser mais meigo com ela neste momento.

Com um suspiro, afastei o prato, levantei-me e dirigi-me à porta do pátio. Lá fora estava escuro, mas ouvi um som proveniente de trás de uma pilha de barris à minha direita.

– Quem está aí? – gritei. Uma mulher soltou uma exclamação abafada, mas o som foi imediatamente cortado, como se ele lhe tivesse apertado a garganta. Gritei: – Eh, chamem a guarda! Há fornicação nas ruas! – A frase surpreendeu-me, até me lembrar de que eram as palavras gritadas pelos bedéis da noite quando percorriam as ruas de madrugada, à procura de ilícitos. Devia tê-las ouvido uma dúzia de vezes sob a minha janela enquanto dormia.

De trás dos barris ouvi o tilintar do cinto de uma espada, uma imprecação abafada e depois o som inconfundível de uma forte bofetada. Hannah gritou, passos afastaram-se a correr e eu fui investigar o que se passava atrás dos barris.

Ela estava deitada no chão, para onde o golpe dele a atirara. Pela forma como tinha as saias indecentemente amontoadas à volta da cintura, percebi que chegara tarde de mais para impedir o acto que ambos tinham saído para executar; mas talvez, pelo menos, tivesse conseguido impedir que ela se magoasse mais.

– Obrigada – agradeceu Hannah.

Reparei na ausência de um «senhor» no fim da frase. Mas talvez, na escuridão, não me tivesse reconhecido. Depois ela estendeu a mão. Isso também me surpreendeu: no continente, seria impensável uma criada estender a mão a um cavalheiro. Mas era evidente que precisava de ajuda para se levantar, por isso peguei-lhe na mão e puxei-a.

– Obrigada – repetiu ela, depois de estar em pé. Esfregou a face, onde o homem a esbofeteara. Percebi, pela forma como olhava para mim, que estava a perguntar-se o que eu lhe iria pedir em troca da minha ajuda.

– Não me deve qualquer agradecimento – disse-lhe. – Nem qualquer outra coisa, na verdade. – Virei-me para voltar a entrar.

– Signor Demirco – chamou ela.

Parei.

– Se contar ao Titus Clarke aquilo que ouviu esta noite, serei despedida.

Apenas isso. Não me fez qualquer pergunta nem me pediu nada. Limitou-se a fazer uma declaração de facto e deixou nas minhas mãos a decisão do que devia fazer.

Eu tinha na ponta da língua as palavras «Devia ter pensado nisso antes.»

Contudo, não as disse. Simplesmente acenei e voltei para dentro. E, quando Titus me trouxe outra caneca de cerveja, descobri que não tinha a mínima vontade de lhe contar o que acontecera entre Hannah e o homem. Não era, pura e simplesmente, da minha conta, disse a mim próprio.

LOUISE

Enquanto o rei nada, lady Arlington caminha comigo pela Galeria de Pedra, o mais comprido e ornamentado dos claustros de Whitehall.

– Aqueles são os aposentos do rei – diz, apontando. – As casas do outro lado são para os cortesãos preferidos. E aqui – faz uma pausa carregada de significado –, estão a ser preparados novos aposentos.

Abre umas portas de madeira. Lá dentro, quatro homens de cabeleiras curtas, pintores da corte, estão a trabalhar num fresco. Na parede oposta, homens em cima de escadotes estão a pendurar uma tapeçaria de estilo francês. Outro trabalhador, um marceneiro, está a instalar uma estante embutida de nogueira e bordo, com a ajuda de um aprendiz. O ar cheira a serradura e tinta fresca. Quando entramos, os homens inclinam a cabeça respeitosamente e regressam ao que estavam a fazer.

– Que quarto maravilhoso – digo, com sinceridade, aproximando-me da janela. Os vidros altos fazem-me lembrar Versalhes. Do outro lado fica um bonito jardim com um grande relógio de sol de vidro e o longo lago cintilante do Parque de St. James por trás.

– É para si.

Viro-me, espantada.

– Para mim?

– Ele mandou-o arranjar especialmente para si. E veja. – Aproxima-se de outra porta e abre-a. Dá para uma escada. – Pode visitá-la directamente dos seus aposentos.

– Sem ninguém saber, é o que quer dizer?

Lady Arlington acena afirmativamente.

– Pode haver alturas em que pretenda ser discreto. Pelo menos, ao princípio.

Olho para ela.

– Mas eu nunca permitiria que ele me visitasse dessa maneira a menos que fosse meu marido.

– Não seja tola, Louise – diz ela baixinho. – Tem de fazer o que é

necessário, como as jovens bonitas sempre fizeram com os reis. A única questão é o que poderá ganhar com isso. Vossa Majestade. – Baixa-se numa reverência e, por um momento, penso que está a troçar de mim. Depois viro-me e vejo que o rei entrou na sala.

– Informaram-me da sua presença – diz ele, impacientemente. – Aprova os seus aposentos? Estarão terminados no final da semana. Talvez queira fazer-me a honra de se mudar para aqui.

– Não posso… – começo, mas lady Arlington é mais rápida.

– É muito oportuno, senhor. Vamos começar algumas obras de reconstrução para a semana, pelo que a Louise teria de nos deixar, de qualquer maneira.

– Senhor – digo –, não posso de forma alguma aceitar estes aposentos. São demasiado bons para uma dama de companhia.

– Pelo contrário. A Louise é que é boa de mais para eles. – Carlos fita-me com uma intensidade que acho desconcertante. – Caminhe comigo – diz, baixinho, com um olhar a lady Arlington. – Vamos conversar um pouco.

Leva-me para a Galeria de Pedra e lady Arlington segue-nos a quinze passos de distância, fingindo-se muito interessada nas estátuas.

*

Contudo, durante algum tempo, não falamos muito. O rei limita-se a apontar-me onde vivem os vários cortesãos. Depois tira uma chave da roupa e abre uma pequena porta.

– Este é o meu jardim privado – diz, fechando a porta atrás de si. Reparo que lady Arlington ficou do outro lado. – Para meu uso exclusivo.

– Vossa Majestade deve ter dificuldade em encontrar solidão.

– Na verdade, nunca costumava procurá-la. Só desde a morte dela… – Olha para mim. – Diga-me, Louise. Contou-me que ela a deixava ler a nossa correspondência.

– Sim.

Com um desinteresse estudado, ele pergunta:

– Nesse caso, o que sabe sobre Dover? Além do facto de a minha irmã já estar muito doente nessa altura.

São terrenos perigosos, mas não vale a pena negar.

– Estou a par do tratado. Madame fez de mim sua confidente desde o princípio.

– Compreendo. – Ele toca no bigode. – Nesse caso, presumo que está consciente de que se trata de um segredo conhecido apenas por um punhado de pessoas. Neste país, são seis, além da minha pessoa. Sete, agora que está aqui connosco. Se a noticia se espalhasse, podia afectar todo o rumo do meu reinado.

– Eu sei. E prometo que nunca trairei a confiança de Madame.

Ele acena.

– O facto de ela ter confiado em si é suficiente para mim. Mas diga-me… – Hesita. – Foi… honrado?

– Senhor?

– Muitos dos meus súbditos diriam… se, Deus não o permita, alguma vez soubessem… que quando eu assinei aquele papel e aceitei a pensão de Luís, vendi a minha honra. Tenho andado a pensar muito nisso, nestes últimos meses. Gostaria de saber a sua opinião.

Está a perguntar a minha opinião. Tento imaginar Luís XIV a ter esta conversa e não consigo. É extraordinário, estarmos a conversar assim, quase como iguais.

Tenho de ter muito cuidado.

– Se um homem tivesse assinado aquele documento, talvez pudesse ser considerado uma desonra. Mas vós não sois um homem. Sois o rei… sois Inglaterra. Não podeis estar limitado pelas mesmas considerações que os homens vulgares, tal como não podeis estar limitado pelos desejos do parlamento.

– Sim. – Ele começa a andar e eu com ele, tentando acompanhar os seus passos largos. – Foi o que pensei, na altura. Mas desde a morte dela… Vejo o meu povo e estão fartos de guerras e de divisões religiosas. Talvez na minha cobiça… na minha ansiedade por ser um governante independente… e no meu desejo de agradar à minha irmã, tenha colocado os meus interesses à frente dos interesses dos meus súbditos.

– Mas Madame não tinha qualquer interesse pessoal nisto. Ela queria apenas o que era melhor para vós.

– É verdade. Contudo, talvez tenha sido influenciada pelas suas próprias convicções religiosas. Para não mencionar a sua… admiração por Luís. – Olha para mim de soslaio e percebo que ele sabe, ou pelo menos suspeita, da relação entre a irmã e o rei. – Ela era como todos os Stuart – continua em tom apologético. – O seu apetite pela vida era grande e, por vezes, permitia que isso influenciasse o seu discernimento. – Cala-se por um momento. – É bom conversar sobre isto. Desde que ela morreu, não tenho tido ninguém com quem discutir o assunto.

Pressinto uma abertura.

– Podeis conversar comigo sempre que o desejardes, senhor. Na verdade, espero que o façais.

Ele lança-me um olhar triste.

– Não poderia impor-lhe esse fardo.

– Não seria um fardo. E é apenas o que todos esperam.

– Sim? Porquê?

Hesito e sinto-me corar.

– Alguns dos vossos ministros pensam que Vossa Majestade se interessará por mim.

– Ah – diz ele, baixinho. – Claro. – Olha para mim de lado. – Compreendo porque pensariam tal coisa. Confesso que, no passado, mostrei frequentemente ter um fraco deplorável pela beleza feminina.

Coro ainda mais.

– Mas eu posso ajudar-vos com isso. Posso ser vossa confidente, tal como a vossa irmã era. Posso fazer chegar mensagens a Luís, posso torná-lo consciente das pressões a que vós estais sujeito. Já percebi que seria impossível anunciardes agora a vossa conversão. Farei com que isso chegue até ele.

Carlos ergue as sobrancelhas.

– Intercederia junto do seu rei a meu favor?

– Poderia ser uma intermediária, da confiança de ambos. Tal como a vossa irmã.

– Então, que sejam esses os termos do Tratado do Jardim de Rosas – diz ele, lacónico. – Mas… apenas para que eu fique esclarecido… não iremos mais longe? Conversará apenas comigo, e nada mais?

Volto a corar.

– Perdão – diz ele. – Mais palavras francas. Mas prefiro chocá-la agora com a minha franqueza do que ofendê-la com uma sugestão indesejada no futuro.

– Nesse caso, falarei também francamente. – Francamente, penso, mas com cautela. – Nunca permitiria que a minha conduta trouxesse vergonha à minha família.

Ele acena. Está desapontado ou satisfeito? É impossível ter a certeza. No entanto, é importante que saiba que eu não vou fazer aquilo que lady Arlington anda a insinuar que devo fazer.

Chegámos ao relógio de sol no centro do jardim, um aparelho elaborado com globos de vidro transparente embutidos com vitrais. Na base, está gravada uma inscrição:

A cada dia esquece os dias anteriores:

Não desperdices estas horas com arrependimentos.

– *Carpe diem* – diz ele, quando repara que eu estou a ler. – Uma boa instrução para ambos. Compreende que se formos vistos juntos, a falar, as pessoas podem tirar as suas próprias conclusões? Estou certo de que a sua reputação não motivaria tal resposta, mas temo não ter sido sempre tão bem-comportado.

– Será melhor que o façam – digo, francamente. – Ficarão muito menos preocupadas do que se julgarem que estamos a discutir questões políticas.

– Uma resposta astuta. E vejo, por cima do seu ombro, que lady Arlington está a espiar-nos neste preciso momento da janela do seu apartamento. Deve estar a tentar adivinhar o tema da conversa.

– Talvez fosse melhor se déssemos a entender… – interrompo-me.

– Precisamente o que estava a pensar – concorda ele.

Pega-me na mão, leva-a aos lábios e beija-me o pulso. Depois, sem a largar, puxa-me facilmente para os seus braços. Por um momento, dou por mim a fitá-lo nos olhos. Será um brilho divertido – ou calculista, até – que vejo nas suas profundezas escuras?

– Fui sincero no que disse há pouco – diz ele suavemente. – Não lhe farei quaisquer sugestões, juro. Mas não posso negar que, se fosse outro tipo de mulher, o teria feito sem hesitação.

– Então? – pergunta lady Arlington. – O que é que ele disse?

– Disse… – Não posso dizer-lhe o que ele disse. – Nada. Lisonjas e palavras de afecto e essas coisas.

Lady Arlington sorri.

– E suponho que a Louise lhe disse para guardar as lisonjas para si?

Não respondo.

– Não se preocupe. Eu estava a observar aqui de cima. Vi a forma como estavam juntos. Sabia que ficaria encantada com ele, Louise. Há qualquer coisa numa coroa que leva a melhor até sobre os escrúpulos mais obstinados, não é?

CARLO

Tenha o cuidado de servir os seus gelos em pequenas quantidades, pois um excesso de qualquer prazer em breve cansa o palato.

O Livro dos Gelos

–O jogo está em curso – disse lorde Arlington com alguma satisfação. – O rei está satisfeito.

– A rapariga fez o seu dever? – perguntou Walsingham.

Arlington abanou a cabeça.

– Ainda não. Mas fá-lo-á: é apenas uma questão de tempo.

– Precisará de mais encorajamento? – Era Cassell.

Arlington sorriu.

– É precisamente essa a questão… ela sabe que tem de o fazer mas, ao mesmo tempo, está relutante. Isso dá ao rei a ilusão de que tem de correr atrás dela, e é isso que alimenta o seu interesse. Não é muito divertido caçar um coelho num celeiro: é a lebre em fuga que torna a caça satisfatória. – Olhou para mim. – Signor Demirco, os seus gelos em breve serão requisitados. Certifique-se de que está pronto.

– Tem o ananás?

Ele acenou afirmativamente.

– Estará nas suas mãos em breve. Use-o de forma sensata. Custou-me muito dinheiro.

– Conheço as minhas ordens – respondi, concisamente. – Farei a minha parte.

E depois partirei, pensei; e que alegria será ver-me livre de todos vocês.

LOUISE

Dois dias depois, mudo-me para os meus aposentos. Sumptuosas e vastas, as salas ecoam quando eu caminho sobre os soalhos. Estou comovida por ver que Carlos tentou fazer com que me sentisse em casa: a estante que vi os marceneiros instalarem está cheia de livros franceses. E – um pormenor atencioso – não são apenas romances, mas obras de filosofia, teatro, matemática. Um cravo novo foi colocado a um lado, com a caixa de música abastecida com peças de Blancrocher e Chambonnières. Ao seu lado, a escrivaninha já tem em cima uma boa pilha de convites.

Enquanto os estudo, a porta do apartamento abre-se e entram duas mulheres bem vestidas. Quando me vêem, fazem uma reverência.

– Olá. – Faço um gesto largo com o braço, para indicar as salas vazias. – Se vieram visitar-me, receio que seja um pouco prematuro. Acabo de chegar também.

A mais velha das duas raparigas, uma morena, parece confusa.

– Não a viemos visitar. Somos as suas damas de companhia. – Aponta para a companheira. – Esta é a ilustre Lucy Williamson, e eu sou lady Anne Berowne.

– Damas de companhia! – Faço um esforço por me recompor. – Perdoem-me, são muito bem-vindas. Simplesmente não estava à espera de ter ninguém ao meu serviço. Precisamente o contrário, na verdade. Por favor, sentem-se.

São ambas muito bonitas: presumivelmente, isto faz parte dos desígnios dos Arlington. Haverá mais probabilidades de o rei me visitar se eu estiver rodeada de rostos atraentes.

Depois de uma hora, a conversa começa a ficar parada, entre outras coisas porque estamos todas esfomeadas.

– Diga-me – pergunto a Lucy, que é pálida e loira –, como é que se arranja qualquer coisa para comer por aqui?

Ela parece ainda mais confusa do que lady Anne.

– O seu cozinheiro não lhe vai trazer o almoço?

– O meu cozinheiro?

– Na corte, todos têm o seu próprio cozinheiro.

– Bom, ainda não me foi atribuído um. E não sei bem como tratar

de uma coisa dessas.

– Talvez possa pedir ao seu camareiro que lhe nomeie um cozinheiro? – sugere lady Anne em tom prestável.

– Talvez, mas também ainda não tenho um camareiro. Nem um mordomo, nem um lacaio, nem uma costureira, nem criadas. – Nem dinheiro para os pagar, se tivesse.

– Oh – diz Lucy, que começo rapidamente a perceber ser a menos esperta das duas. – Isso significa que não vamos almoçar?

Suspiro.

– Talvez o embaixador francês possa emprestar-nos algum pessoal. Vou escrever-lhe. – Paro. – Suponho que precisarei de um criado para levar a minha carta?

As raparigas acenam afirmativamente.

– Em França, as senhoras da corte prescindem muitas vezes do almoço – digo, em tom decidido. E talvez até à hora de jantar eu já tenha resolvido o problema.

*

No entanto, muito antes da hora de jantar, um criado com a libré real entra e sussurra algo a lady Anne. Esta gira sobre si própria para olhar para mim.

– A rainha vem aí.

– Agora? Aqui?

Ela acena, com os olhos muito abertos.

– *Mon Dieu* – digo, aflita. – E lady Arlington?

– Também vem a caminho.

– Já é qualquer coisa, suponho. O que esperará a rainha?

Lady Anne encolhe os ombros.

– Ela gosta de jogar às cartas. E deve esperar alguma comida.

– Que comida?

– O jantar – responde ela, vagamente. É evidente que a educação de lady Anne não incluiu muitas horas de gestão doméstica.

– Para quantas pessoas?

– Deve trazer as suas damas de companhia. Talvez uma dúzia, no total. E, se ela vem visitá-la, outras pessoas podem fazer o mesmo.

Penso por um momento.

– Mandem uma mensagem ao signor Demirco, o confeiteiro. Peçam-lhe que mande gelos para vinte pessoas. E digam-lhe que não há tempo a perder.

CARLO

Numa pressa, é possível fazer um gelo simples de *eggnog*, ou leite-

creme, ou fruta, ou qualquer mistura dos três.

O Livro dos Gelos

–Vinte! Não consigo fazer vinte gelos até à hora de jantar.

O homem que trouxe a mensagem encolhe os ombros.

– O pedido é esse.

Suspirei.

– Muito bem. Diga-lhe que verei o que posso fazer. E tenham uma carruagem aqui às seis horas.

Não é possível fazer gelos de nata em pouco tempo, mas é possível preparar uma boa quantidade de *granite* em alguns minutos, se tivermos um xarope para derramar sobre eles. Os cordiais também podem ser feitos rapidamente, desde que haja gelo para os arrefecer. E até é possível conseguir uma aproximação de creme gelado, se tivermos fruta conservada para dar sabor ao leite enquanto o mexemos. Em Paris, eu teria respondido ao pedido de Louise com um estalar de dedos, e os meus aprendizes teriam corrido a preparar tudo a tempo.

Mas aqui, em Londres, não tinha aprendizes. E ninguém em quem pudesse confiar para não me roubar os meus segredos.

– Porque está a gritar? – perguntou Elias.

– Estou a pronunciar profanidades em italiano – disse-lhe. – Mas agora vou pronunciar instruções em inglês. Calça aquela luva e rala-me tanto gelo quanto conseguires.

– *Si, signor* – respondeu ele alegremente.

– Assim não, ou estaremos aqui a noite toda – disse, mostrando-lhe como fazer. – E precisamos de pôr alguns xaropes a ferver. Quem é que pode ir ao mercado comprar-me algumas coisas?

– A Mary está livre – disse ele, calçando a luva de ralar.

– Então manda a Mary comprar laranjas. E mais açúcar.

– O que se passa?

Era Hannah, que ouvira a agitação.

– A rainha vai jantar com madame Carwell – disse-lhe Elias.

– Nunca conseguirá fazer xarope da laranja suficiente a tempo – concluiu Hannah, avaliando a situação. – Mande a Mary comprar laranjas, sim, mas terá de as espremer e servir o sumo fresco com umas folhinhas de hortelã e um pouco de cardamomo.

Na altura, eu ainda não tinha ouvido a expressão inglesa «Demasiados cozinheiros estragam o caldo», mas estava rapidamente a familiarizar-me com o sentimento por trás dela.

– Não há tempo para discussões. Tenho de servir gelos a Sua Majestade…

– Fiz *posset* – interrompeu Hannah. – Pode ficar com ela.

Isso fez-me parar.

– Quanto?

– Cinco litros. O suficiente para vinte pessoas, se a congelar.

– Fazer gelos não é tão simples como isso.

Ela suspirou.

– Não quis insinuar que fosse. No entanto, penso que a *posset* congelará bem, tal como o leite-creme. Pense nisso como um atalho culinário.

Nesta altura, Mary, Rose e o estalajadeiro, Titus, tinham-se juntado a nós. Eu precisava de tomar uma decisão rápida.

– Muito bem – disse. – Vou congelar a *posset*. Mas tragam-me laranjas na mesma. Podemos espremê-las. E limões também… vamos fazer um xarope.

– Não pagues mais de meio xelim pelas laranjas – disse Hannah a Mary. – Vai ao Robin Marchmont e diz-lhe que fui eu que te mandei. Rose, diz ao Peter que aqueça o fogão. Eu vou buscar a *posset*.

Posset, devo explicar, é uma bebida que os Ingleses apreciam particularmente, uma espécie de *eggnog* feito com leite quente, vinho e especiarias. Era frequentemente servida em tabernas, quer como bebida para aquecer, quer como sobremesa. Esta última era aromatizada não só com sumo de limão, vinho doce e noz-moscada, mas também com outro sabor que, ao princípio, eu não conseguira identificar.

– O que é isso? – perguntei. – Alguma espécie de erva?

Hannah acenou.

– Cerefólio. Só uma pitada.

Pousei a colher.

– Bom, terá de servir. Elias, como vai o gelo?

– Já ralei quase todo o bloco – informou ele, com as bochechas coradas do esforço.

– Vamos precisar pelo menos do dobro disso. – Peguei na pá e hesitei. Agora tinha de encher a *sabotiere* com gelo e sal para congelar a *posset*. Nesta fase, normalmente, pediria a todos os presentes que saíssem, mas hoje não podia dar-me ao luxo de os afastar das suas tarefas.

Tentando fazer o melhor que podia dadas as circunstâncias, levei os vários ingredientes para um canto. Para confundir ainda mais algum bisbilhoteiro, pronunciei umas palavras em latim sobre o balde enquanto mexia.

– *Dominus virtutum nobiscum* – acrescentei, recordando as palavras de um salmo católico.

E assim continuámos nas duas horas seguintes, a fazer o cordial de laranja e a engrossar um xarope de limão para o *granite* enquanto eu me virava periodicamente para a *sabotiere* para mexer a mistura enquanto congelava. Hannah sugeriu que mandássemos comprar

também algumas geleias, e Rose foi enviada para comprar geleia de marmelo à senhora Lamb, na esquina. Quando a carruagem chegou, já quase tínhamos reunido uma refeição ligeira respeitável. No entanto, eu não estava com tanta pressa que não parasse para provar a *posset* gelada: para minha surpresa, possuía uma textura macia e rica que eu só conseguira por duas vezes antes, uma no dia do funeral de Madame e a outra quando congelara o leite-creme de Hannah.

LOUISE

–Chegaram – diz Anna, que está à janela. Junto-me a ela.

A procissão que se dirige a nós pela Galeria de Pedra é uma visão algo estranha. A rainha é inconfundível – embora seja uma mulher muito pequena, veste um belo vestido espanhol e tem o porte que só uma princesa pode ter. As suas damas de companhia, contudo, são outra questão. Trazem chapéus estranhos e altos, como freiras, e as suas saias têm cosidas anquinhas arcadas que as fazem baloiçar de um lado para o outro enquanto caminham.

– Valha-nos Deus – diz lady Arlington atrás de mim. – Ela trouxe toda a frota portuguesa. Mal posso esperar para ver a expressão naqueles rostos morenos quando perceberem que foram usurpadas.

É fácil acreditar que a rainha está a morrer. Parece ainda mais frágil do que Madame nos meses que antecederam a sua morte, e as madeixas grisalhas do cabelo sugerem que já sofre assim há anos.

A reverência que lady Arlington faz é tão superficial que mais parece que está apenas a desviar-se de algo que lhe atiraram à cabeça.

– Vossa Alteza, permiti que vos apresente Louise de Keroualle. Creio que a dada altura estava previsto que fosse uma aia do vosso quarto – diz, com uma ligeira ênfase no «vosso». – No entanto, o rei encontrou outro lugar para ela na corte.

Se a rainha repara na insinuação, não o mostra.

– O rei é muito atencioso – diz-me. – Lembro-me de como foi amável comigo quando cheguei a este país. Quando quero alguma coisa, basta-me pedir-lhe. – Pode parecer fraca, mas o significado é claro. *Não tente humilhar-me, ou tratarei de a afastar.*

Segue-se um silêncio desconfortável. Felizmente, os gelos chegam nesse momento.

– Esta é a última moda em França, Vossa Alteza – digo, enquanto Lucy os coloca num aparador. – Significa que não é preciso interromper o jogo de cartas. Podemos simplesmente comer os gelos à mesa e ficaremos refrescadas.

Ela sorri.

– Parece muito agradável.

O jogo, por outro lado, é um problema diferente. Eu sei jogar o jogo preferido da rainha, *basset* – também é popular em França – mas não tenho dinheiro para jogar.

– Eu empresto-lhe algum – sussurra lady Arlington entre dentes. – Afinal de contas, em breve deverá ter mais do que suficiente. – Em voz mais alta, diz: – Quereis que baralhe, Vossa Alteza? As damas estão todas juntas.

Não é preciso grande perícia para jogar *basset*; é simplesmente um jogo de coragem e sorte. A carta vencedora ganha a quantia que tenha sido apostada nela. Mas se, em vez de recolhermos os ganhos, deixarmos a carta na mesa e esta voltar a vencer, a aposta é multiplicada por sete; à terceira vez, por quinze e depois por trinta. É possível ganhar uma fortuna, mas as probabilidades vão diminuindo progressivamente. Um quarto de hora depois, eu já perdi cinquenta guinéus, a maioria deles para lady Arlington.

– Eu empresto-lhe mais – diz ela, imediatamente.

– Não, obrigada. Vou ficar de fora um pouco, a assistir.

Vejo como lady Arlington, depois de passar a banca, fica corada de excitação ao fazer *le quinze*, a aposta a multiplicar por quinze, apenas para perder tudo na jogada seguinte. Isso diz-me algo sobre ela, penso: não só é uma jogadora, como é uma jogadora temerária.

– Não joga? – murmura uma voz atrás de mim.

Viro-me. O rei entrou, sem ninguém reparar e sem cerimónias. As outras começam a levantar-se mas ele corta as formalidades com um gesto.

– Por favor, não quero interromper o vosso jogo. Vou sentar-me aqui a conversar com mademoiselle de Keroualle.

A rainha lança um olhar ansioso ao marido antes de voltar obedientemente ao jogo.

– Diga-me, porque parou de jogar? – pergunta ele baixinho. – Não quero arrogar-me a vaidade de acreditar que foi na remota probabilidade de eu aparecer.

– Não gosto muito de jogos de risco.

Ele ergue as sobrancelhas.

– Os planos que a minha irmã delineou eram bastante arriscados.

– Refiro-me ao risco apenas pelo risco. Na diplomacia, claro que se deve tentar arriscar o mínimo possível. No *basset*, arriscar ao máximo é o objectivo do jogo.

Ele acena.

– Pessoalmente, prefiro *poque*. Requer um certo talento para fazer *bluff*.

– Em França, o *poque* é conhecido como o jogo da batota – digo,

com alguma malícia.

– Salvo a devida modéstia, creio ter também algum talento nesse sentido – diz ele, com o fantasma de um sorriso nos olhos.

– Senhor, está a afastar mademoiselle de Keroualle da mesa – chama lady Arlington. – E ela tem de jogar, se quer recuperar o que perdeu.

O rei lança-me um olhar interrogativo.

– Parece que ela quer afastar-me de vós – explico, entre dentes. – Tem a ideia de que, quanto mais eu o mantiver à distância, mais ansiosamente procurareis a minha amizade.

– Nesse caso, é melhor ir ter com ela – murmura o rei. – Mas, enquanto elas jogam *basset*, nós estaremos a jogar *poque*.

Quando me dirijo à mesa, ele segue-me.

– Quanto é que mademoiselle de Keroualle deve, lady Arlington?

– Cinquenta guinéus, senhor.

– Aqui tem cem. – Carlos atira uma bolsa para a mesa. – E se ela incorrer em mais alguma dívida, espero que a minha palavra seja aval suficiente.

Lady Arlington abre tanto os olhos que quase lhe chegam ao cimo da cabeça.

– Senhora, boa-noite – diz, curvando-se perante a rainha. – E para si também, lady Arlington. *Mademoiselle*. – Faz-me uma vénia por último, como manda o protocolo, mas é em mim que os seus olhos se demoram, enquanto trocamos um olhar de cumplicidade.

CARLO

Para fazer um sorvete de ananás: junte duas chávenas de açúcar a duas chávenas de soro de leite, ou mais, se o ananás for muito ácido. Acrescente uma colher de hortelã fresca picada e o sumo de uma lima, e mexa enquanto congela. O princípio não é diferente do que para qualquer outro fruto.

O Livro dos Gelos

No dia seguinte, quando fui a Whitehall buscar as taças vazias, encontrei Louise no seu apartamento. Parecia um pouco à deriva no grande espaço, perdida, como alguém com um vestido de baile demasiado grande.

Não tinha a mínima vontade de falar com ela, mas curvei-me numa vénia.

– Não seja assim – disse ela em tom cortante.

– Assim como?

– Carlo…

Esperei.

– Fico-lhe muito grata pela sua ajuda de ontem à noite – disse ela. – Se não fossem os seus gelos, teria sido uma situação complicada. Mais complicada ainda, melhor dizendo.

– A Louise e a rainha? Compreendo que possa ter sido um pouco embaraçoso.

Ela encolheu os ombros.

– É para isso que existe a etiqueta, não é? Para tornar suportáveis as situações embaraçosas. Além do mais, suspeito que ela já teve de passar por bem pior, neste país terrível. – Fica em silêncio por um instante. – Estou a ser sincera, *signor*. Sei que somos parceiros relutantes nesta missão, mas fico grata por Luís ter enviado alguém com quem sei que posso contar.

– Farei o meu dever. Nem mais, nem menos. E depois voltaremos a França e a nossa associação chegará ao fim.

Ela pareceu surpreendida.

– *Voltará* a França, é o que quer dizer.

– Tenciona ficar por cá?

Louise lançou-me um olhar cortante, como que espantada com a pergunta.

– Possivelmente. Veremos.

– O seu entusiasmo pela missão é ainda maior do que eu imaginara, então – respondi em tom seco.

– Tenho uma oportunidade. Seria tola se não a aproveitasse.

– É verdade. – Curvei-me de novo. – Parceiros relutantes, então.

Quando fechei a porta do apartamento dela atrás de mim, vi um papel a esvoaçar sobre a madeira. Alguém o prendera à porta com uma faca de fruta. Continha dois versos:

Aqui dentro foi colocada uma cama

Para uma cabra de França e um ungido de Deus.

Voltei para trás e entreguei-lho.

– Enviaram-lhe um *billet-doux*.

Ela leu-o e ficou pálida.

– Bárbaros. Como são capazes?

– Provavelmente foi um homem chamado Rochester. O rei, segundo creio, é tolerante para com esse tipo de comportamento.

– Odeiam-nos. Quer dizer, odeiam-me a mim. E só me odiarão mais ainda quando… – Ela abanou a cabeça. – Não importa. Não significa nada. Se fui capaz de lidar com a corte de França, certamente que sou capaz de lidar com esta.

– E isto – disse eu, apontando para o bilhete –, é exactamente o tipo de diversão que estamos aqui para encorajar, não é? Saberemos que fomos bem-sucedidos quando lorde Rochester for tão célebre em

Inglaterra como Molière ou Racine são em França.

Finalmente, o meu ananás chegara e, durante algum tempo, consegui não pensar em Louise de Keroualle.

Apesar de ter falado com tanta naturalidade de ananases em frente de lorde Arlington, a verdade era que nunca antes conseguira usar um ananás para fazer um gelo. Mesmo na corte de Luís XIV eles eram demasiado preciosos para isso. Assim, estava curioso e um pouco entusiasmado por conseguir deitar mão a um desses frutos exóticos.

O ananás chegou na sua própria carruagem, puxada por quatro cavalos, vindo directamente da plantação de lorde Devon. A arca foi transportada para dentro do Red Lion por dois dos seus lacaios, com um terceiro de guarda, de pistola em punho, para o caso de haver alguma tentativa de assalto. Entretanto, uma multidão de curiosos reunira-se no pátio para a ver fazer o trajecto entre a carruagem e a cozinha.

– É melhor pôr alguém de guarda – disse Titus, nervoso. – Não quero ser responsável se isso for roubado.

Na minha copa, eu já mandara Hannah esfregar muito bem o parapeito de pedra que corria ao longo de uma das paredes. A arca foi pousada no chão e as fechaduras abertas. Algumas pessoas tinham conseguido segui-la até ao interior da estalagem e estavam agora de pescoço esticado, ansiosas para ver o conteúdo.

Lá dentro, sobre uma almofada de cetim vermelho, estava um fruto estranho: metade coroa, metade porco-espinho. A casca era escamosa e pintalgada, como a casca de uma tartaruga, e no cimo crescia um extravagante toucado de plumagem espinhosa. O aroma – que tinha um pouco da fragrância perfumada dos morangos, e um pouco da frescura ácida das limas – escapou-se da arca onde estivera preso e encheu o ar à minha volta. Como um só, os curiosos soltaram um «Aaaaah!».

– E agora têm de sair todos – ordenei, em tom firme. – Tenho trabalho a fazer.

Quando não estava mais ninguém na copa a não ser eu, Hannah e Elias, tirei o ananás da arca, com as pontas dos dedos para não me picar nos espinhos curvos que cresciam em cada escama. Pousei-o no parapeito e peguei num cutelo. Com alguma trepidação – deve ser assim que um cirurgião se sente, pensei, no momento antes de cortar um paciente – decepei o topo, revelando o interior claro e perfumado. Cuidadosamente, pousei a coroa ao lado. Depois parti o ananás em dois no sentido do comprimento e peguei numa faca mais pequena para retirar a casca grossa e o centro mais duro. Fi-lo sobre uma tigela: mesmo assim, algumas gotas do precioso sumo de ananás deslizaram-me pelos dedos e perderam-se.

– Esse fruto – observou Hannah subitamente –, deve ter custado

mais do que eu vou ganhar em toda a minha vida.

– E depois?

– Nada pode valer tanto dinheiro.

Encolhi os ombros.

– Vale aquilo que os homens estão dispostos a pagar.

– Mas nem sequer é assim tão bom.

– Como sabe? – perguntei rapidamente, perguntando-me se ela teria tirado algum pedaço para provar, quando eu não estava a olhar.

– Pelo cheiro. É quase tão azedo como um limão. Não sente?

Era verdade – as minhas narinas também estavam a arder com a acidez do fruto. Experimentalmente, levantei a mão e lambi o dedo, onde o sumo do ananás escorrera. Era realmente muito ácido: quase amargo. Seria preciso muito açúcar para o tornar comestível.

– Não posso deixar de pensar – prosseguiu ela –, que estes ananases são como ouro, ou pedras preciosas… o seu valor advém principalmente do facto de serem raros.

– É bastante mais do que isso. – Hesitei. – O ananás é conhecido por ser um afrodisíaco… por alimentar as paixões do amor.

Para minha surpresa, ela soltou uma gargalhada sonora.

– Qual é a piada?

– Simplesmente acho estranho que nunca sejam ervas ou frutos comuns a ter essa fama. Se uma simples amora silvestre ou uma maçã inglesa tivessem o azar de ter um aspecto tão estranho e de serem tão difíceis de encontrar, talvez também elas custassem fortunas e fossem consideradas fonte de potência.

– Ninguém seria idiota o suficiente para pagar uma fortuna por uma amora silvestre – disse eu. O ananás estava agora em oito pedaços na tigela, juntamente com o seu sumo. Dividi-o em duas partes e passei-lhe uma. – Corte-o o mais finamente que conseguir.

Ela acenou e começou a cortar o ananás em cubos pouco maiores do que migalhas de pão. Uma coisa posso dizer em relação a Hannah: a sua faca estava sempre afiada e ela manobrava-a com destreza e rapidez.

– As pessoas… melhor dizendo, os *homens*… dão mais valor àquilo que não podem ter. – Lançou-me um olhar de soslaio. – Suponho que, para si, ainda bem que assim é.

– O que quer dizer?

– Apenas que os seus gelos são caros precisamente pelo mesmo motivo.

– Os meus gelos são muito procurados pela sua excelência – disse. – Chega de tagarelice, mulher. Temos de cortar e peneirar o fruto muito bem.

– Consigo falar e trabalhar ao mesmo tempo.

Suspirei.

– Talvez, mas eu não. Este fruto é, como disse e muito bem, mais precioso do que ouro, e gostaria de dedicar à sua preparação a atenção que merece.

*

Depois de acabarmos de peneirar o ananás e de eu ter um monte de polpa fina e sumo, pensei no que fazer a seguir.

Estava a planear fazer um simples *sorbetto*, mas a acidez do fruto persuadira-me de que seria melhor tentar uma iguaria mais rica. Assim, mandei Hannah buscar soro de leite, o líquido espesso e cremoso que sobra da confecção da manteiga. Entretanto, preparei os outros ingredientes: folhas de hortelã esmagadas e um pouco de sumo de lima, para agir como base de sabor para o sorvete.

Quando Hannah voltou, juntei quantidades iguais de soro de leite e açúcar e acrescentei a mistura ao ananás e aos outros ingredientes. Depois despejei tudo na *sabotiere* – nesta altura, já mandara Hannah sair da copa – e fui mexendo de meia em meia hora, primeiro com um batedor de ovos, e depois, à medida que a mistura se tornava mais pesada e parecida com neve, com um garfo, para separar os cristais.

Tão simples e tão rápido. Provei, apenas um pedacinho: no total, não conseguira mais de três chávenas. Tinha um sabor doce e delicado, como sol pálido, a acidez equilibrada agora pelo açúcar e pela riqueza do soro de leite. Era muito bom – contudo, se era melhor ou pior do que uma amora ou uma maçã, não sabia.

LOUISE

Agora ele vem visitar-me todos os dias. Se está mais alguém presente – o embaixador, lorde Arlington, um dos muitos exilados franceses que parecem partir do princípio de que os meus aposentos são o seu *salon* – cumprimenta-os com uns bons dias secos.

E depois…

Tudo o que fazemos é falar. Palavras e lágrimas.

Quer isto dizer que ele fala da irmã. Mas falamos também do Grande Negócio, deste plano para uma Europa unida, uma espécie de segundo Sacro Império Romano, que se estenderia da Irlanda à Rússia. Um continente, unido sob uma só fé. Um lugar sem guerras, quase sem fronteiras.

E, pouco a pouco, começamos a falar de Luís. Como ele selou com a sua autoridade aquele que foi, em tempos, o reino mais dividido e desordeiro da Europa. Como reclamou lentamente as partes das suas terras na posse de potências estrangeiras. Como, mesmo agora, as suas

fronteiras continuam a expandir-se – para a Holanda, para a Alsácia, para os Pirenéus.

É evidente que Carlos está fascinado com o seu primo francês – fascinado e um pouco invejoso.

L'état, c'est moi.

Falo-lhe sobre as glórias da arte francesa, os músicos e filósofos e poetas que trazem tanto brilho à corte de Versalhes.

– Também tenho os meus poetas – diz ele, um pouco defensivamente. – Tenho os meus pintores e os meus sábios.

– Claro que sim – respondo em tom tranquilizador.

– Então? Ele já fez amor consigo? – pergunta lady Arlington com um sorriso.

– Elizabeth! Que pergunta.

– Vou presumir que isso significa sim, está bem?

Não respondo.

– Vocês, francesas, e os vossos pudores! – exclama ela. E depois acrescenta, mais baixinho: – Muito bem!

Porque não lhe digo a verdade? Afinal de contas, ela nunca se riu dos meus escrúpulos, apesar de ter deixado bem claro que os considera irrelevantes. Contudo sinto que, neste ponto, pode tornar-se muito insistente.

Tal como ele.

Pois está a tornar-se cada vez mais evidente que o interesse do rei em mim, seja lá qual for, não é apenas por causa de Minette. O sofrimento deu lugar a algo mais. Quando olha para mim agora, nem sempre é com os olhos castos de um irmão.

No entanto, mantém a sua palavra. Não faz qualquer sugestão que possa embaraçar-me. Está tudo apenas no espaço entre as palavras: os olhares, a intensidade silenciosa dos seus olhos, os sorrisos súbitos, os silêncios.

Será isto que eu quero? Que força estarei aqui a libertar? Será um monstro que consigo dominar, ou que acabará por me destruir?

– Senhor, tenho um gelo para vós.

Estendo-lhe a taça. Minúscula, requintada, foi feita especialmente para este momento: um ananás do tamanho de um ovo, feito de ouro e vidro pintado, trabalhado como as escamas de um ananás, com a borda enfeitada com folhas douradas.

– Isto é?…

Aceno afirmativamente.

– Ananás, sim. Era o preferido da vossa irmã.

Ele pega na pequena taça e na colher ainda mais pequena, como algo que se usaria para servir sal. Leva a colher aos lábios.

E, um momento depois, acena com ar aprovador.

– Espantoso – sussurra.

Estende-me a segunda colher de gelado. Ergo a mão para a tirar dos seus dedos mas ele não a solta e os meus dedos fecham-se sobre os dele.

Os seus olhos fixam os meus, escuros e ilegíveis.

Guia as nossas mãos até à minha boca. Chupo os cristais gelados da colher. O sabor é doce, ácido, fugidio.

– Maravilhoso – concordo.

Ele leva a colher novamente à taça. Desta vez eu guio as nossas mãos até à boca dele. Obedientemente, ele abre-a, fecha-a.

Alternamos – uma para ele, uma para mim, as nossas mãos sempre juntas. Quando acabamos ele diz baixinho:

– Nunca tinha compreendido a admiração, até agora.

Está a olhar para a minha boca. Sinto a garganta seca – quero engolir, inspirar uma golfada de ar. Vejo os lábios dele entreabrirem-se e depois a sua cabeça inclina-se ligeiramente para o lado e aproxima-se um pouco.

– De que estávamos a falar? – pergunto rapidamente, levantando-me. – Eu ia procurar aquele livro de versos, não era?

Irrepreensível.

Uma tarde, ele pede-me que me sente ao seu lado na corte, na sala de audiências. Fico pouco à vontade – parece-me demasiado público, demasiado exposto, mas este é o objectivo por trás da minha presença aqui, incentivá-lo a voltar à vida pública, portanto não posso recusar. Assim, sento-me ao seu lado, a ser exibida como uma rainha, enquanto ministros e peticionários se aproximam com os seus pedidos. Aqueles que sofrem de hidropisia ou sezões até pedem que ele lhes toque, para curar as suas doenças. Como representante de Deus na Terra, tem alguns dos poderes de Deus. Ele aceita estas pessoas com cortesia e paciência, mas por cima das suas cabeças olha para mim e torce o nariz.

Um dos peticionários oferece-lhe um suborno – não um presente, como uma caixa de rapé ou um broche com pedras preciosas, mas dinheiro vivo. Ouve-se um murmúrio de revolta entre os cortesãos.

Carlos faz uma piada da situação.

– Dê o dinheiro a outra pessoa – diz. – Dê-o a… – Olha em volta. – À Louise. Ela está sempre a perder ao *basset*.

O peticionário segue o olhar dele e traz-me a bolsa.

– Não posso aceitar – digo, com firmeza.

– Por favor, *madame*? – diz o homem em voz fraca, consciente de que cometeu um erro terrível.

– Preferia cortar a garganta do que manchar a minha honra – digo-lhe.

– Bravo – murmura lorde Arlington. – Bem dito, Louise. – Aplaude delicadamente, incitando os restantes a fazer o mesmo.

De um dos lados, reparo numa mulher que está a olhar para mim. Pequena, ruiva, bastante bonita, mas vestida com uma indumentária extraordinária – o seu vestido é tão garrido que mais parece um vestido de boneca. Na verdade, ela é tão pequena que, por um instante, penso que é uma criança que veio à corte ver os crescidos. Ela fita-me fixamente, quase como se estivesse a estudar-me. Estranhamente, faz uma careta, depois inclina a cabeça para o lado e franze os olhos. Olha de mim para Carlos e novamente para mim, confusa, como se estivesse a tentar perceber o que se passa. Depois vejo-a mover os lábios, como se estivesse a murmurar qualquer coisa.

Tenho intenção de perguntar a Carlos quem ela é, mais tarde, mas acabo por me esquecer completamente.

CARLO
As sebes inglesas fornecem muitas coisas boas para os gelos.
O Livro dos Gelos

Finalmente, o rei estava a comer gelos. Mas apenas com Louise. Todos os dias eu enviava um diferente para os aposentos dela. Ameixas, rosa selvagem, pêra, amora silvestre e as grandes avelãs doces a que chamam avelãs do Kent. As nozes e frutos semelhantes colocam os seus próprios desafios, claro – têm de ser picadas e depois tostadas: eu ansiava por conseguir juntar a sua textura crocante ao creme aveludado que conseguira no meu gelado de pêra, mas, embora tivesse tentado muitas vezes replicar essa textura suave, continuava a ser algo que parecia acontecer apenas por acaso. A dada altura, pensei que devia ter algo a ver com ovos, uma vez que tanto o *crème anglaise* como a *posset* e o leite-creme de Hannah tinham claras ou gemas de ovos, mas quando tentei juntar ovo batido ao meu xarope, consegui apenas uma omeleta com recheio de fruta.

Havia agora trabalho suficiente para eu ter Elias comigo todos os dias. Embora ele fosse novo, não era mais novo do que eu quando comecei a trabalhar para Ahmad, e, do ponto de vista do segredo, quanto mais novo, melhor, uma vez que dificilmente compreenderia o suficiente para explicar o processo a outra pessoa. Na verdade, ele revelou-se um aluno interessado, passando horas sem fim a raspar o gelo sem queixumes, e, embora fizesse muitas perguntas, eu tinha o cuidado de não lhe dizer demasiado.

No entanto, fiquei menos satisfeito quando um dia entrei na copa e o apanhei a enfiar os dedos na última taça de sorvete de ananás que me restava.

– O que vem a ser isto? – gritei, horrorizado.

Ele deu um salto para trás, com o rosto vermelho.

– Eu disse-te para nunca provares os gelos! – exclamei, furioso.

Ele baixou a cabeça.

– Perdão, mestre. Estava apenas curioso.

– Enfiaste os teus dedos sujos num prato guardado para o rei – disse-lhe. – Possivelmente, é traição. Mais ainda, desobedeceste ao teu mestre, o que é indubitavelmente traição. Agora vais ser espancado… e podes dar-te por feliz de ser apenas por mim e não pela guarda.

Peguei numa colher de madeira e comecei a bater-lhe. Ele gritou. Levantei a colher para lhe bater de novo e, de súbito, senti-a presa por alguém atrás de mim. Virei-me. Era Hannah, a olhar para mim com ar furioso.

– O que está a fazer? – perguntei, tentando libertar a colher da sua mão. Contudo, ela era surpreendentemente forte e não consegui.

– Eu é que devia fazer essa pergunta – respondeu ela calmamente.

– Não é evidente? Estou a bater-lhe por ser um ladrão.

– O que quer que ele tenha feito, está a bater-lhe com demasiada força.

– Sou o mestre dele, e bater-lhe-ei com a força que entender – retorqui.

– E eu sou a mãe dele e não o permitirei.

– A mãe dele! – Fiquei tão surpreendido que abrandei a força com que estava a puxar a colher; ela, contudo, não fez o mesmo e a colher saiu-me da mão. Nunca ninguém me dissera que Hannah era mãe de Elias.

– Sim. – Hannah atirou a colher para o lado. – Porque parece tão surpreendido?

– Mas, nesse caso… onde está o pai dele?

Ela hesitou.

– O Elias não tem pai.

– Não sabe quem ele é, é o que quer dizer – murmurei.

– É exactamente isso que quero dizer – respondeu ela em tom desafiador. – Não sei quem ele é. E depois?

Passei a mão pela testa.

– E depois? Senhora, eu tenho o alvará real. No entanto, descubro que o meu assistente é o filho de uma meretriz. Em França ou Itália, isso seria suficiente para eu ser banido da corte.

Por um momento, os olhos dela brilharam de fúria.

– Nesse caso, as cortes de França e de Itália devem ser muito diferentes da nossa – disse. Virou-se para Elias. – É verdade? Roubaste?

– Sim – respondeu ele muito baixinho. – Provei o gelo. O de ananás.

Ela suspirou.

– Estou muito desiludida contigo. Primeiro, por tirares o que não te pertence, e segundo, por acreditares nestes disparates todos sobre gelos e ananases. Não te eduquei para seres tão idiota.

– Desculpe – disse Elias, com o lábio a tremer.

– O teu castigo será trabalhar uma semana inteira sem receberes nada. Porém, se ele te bater de novo, diz-me e deixarás de trabalhar para ele.

Eu estava tão estupefacto com esta interferência nunca antes vista na relação entre mestre e assistente que nem sabia como reagir; quando consegui recompor-me, ela já tinha saído.

– Desculpe, mestre – disse Elias, com hesitação. Nesta altura, a minha raiva já se dissipara. Na verdade, a sua expressão compungida era quase engraçada.

– Aprendeste a tua lição? – perguntei, no tom mais severo que consegui.

– Aprendi.

– Voltarás a comer os gelos do rei?

Ele abanou a cabeça.

– E o que achaste, agora que provaste? – perguntei, curioso. Esperava que ele franzisse a cara e dissesse que, afinal de contas, não era grande coisa, mas para minha surpresa os seus olhos iluminaram-se.

– Oh! É maravilhoso! – exclamou.

Ergui as sobrancelhas.

– Bom, não te habitues. Não te deixarei provar outro durante muito tempo.

– Porque está tão macambúzio? – perguntou Cassell. O soldado aparecia mais ou menos uma vez por semana, para trazer cartas ou para me extrair informação sobre a corte. Hoje, contudo, apanhara-me de mau humor.

– Sempre sofri de melancolia – disse-lhe. – Particularmente nesta altura do ano.

– Vocês, italianos, são reconhecidamente temperamentais. Deviam tentar montar a cavalo, ou praticar esgrima. – De súbito, a sua expressão animou-se. – Já sei! Vou levá-lo ao teatro. Vamos, eu insisto. – E assim, dei por mim num barco a caminho de Charing Cross, e depois a subir Drury Lane até ao Teatro do Rei.

Esta era a maior das duas companhias teatrais de Londres, explicou-me ele enquanto fazíamos fila para nos sentarmos. A outra era a do Duque, que tinha o patrocínio do irmão do rei, o duque de Iorque. Era a primeira vez que eu visitava qualquer uma das casas. Para minha surpresa, homens e mulheres sentavam-se abertamente na plateia, lado a lado, enquanto na segunda plateia algumas das

mulheres tinham máscaras. Isto, disse-me Cassell, era sinal de que estavam ali para se divertirem e não se importavam de ser apalpadas. Entretanto, pequenas raparigas órfãs corriam pelas coxias com cestos de laranjas; o cheiro dos frutos, quando eram descascados, misturado com o das velas de cera que iluminavam o palco, mitigava felizmente o fedor de tanta gente vulgar apinhada no mesmo espaço.

Antes de a peça começar, dois trombeteiros anunciaram o rei e as pessoas levantaram-se com um respeito superficial enquanto o séquito real se sentava num camarim ao lado do palco – mais uma vez, fiquei espantado com a ausência de formalidade com que isto era feito, em comparação com França ou Itália. Louise estava ao lado do rei e trazia um chapéu francês elegante, o que queria dizer grande. Ouviram-se murmúrios entre a audiência quando ela apareceu.

O papel feminino principal, nesse dia, era desempenhado por uma actriz identificada no programa como senhora Eleanor Gwynne, embora, tanto quanto percebi por aquilo que me disse Cassell, ela não fosse casada. O público – que obviamente a adorava, ao ponto de chamar por ela durante a representação – tratava-a por «Nellie» ou «Nell». O programa era duplo. Primeiro, uma peça séria sobre o martírio de Santa Catarina; achei-a bastante boa, embora os espectadores estivessem agitados, atirando cascas de laranja aos actores menos impressionantes – mas nunca a Nellie. Só aplaudiram a sério no momento em que, depois de a acção terminar, quando Nell jazia morta no palco e o cangalheiro se aproximava para a levar, ela se levantou subitamente e o deteve.

«Alto! Está louco? Seu maldito cão rafeiro!
Tenho de me erguer e declamar o epílogo!»

O teatro quase veio abaixo com aplausos e risos, que se silenciaram apenas quando Nellie ergueu a mão. Depois seguiu-se um discurso repleto de insinuações libidinosas até que, por fim, ela avançou até à parte lateral do palco e se dirigiu ao próprio rei.

«Até à vista, senhor, apressai-vos a regressar para mim:
Em breve terei de novo a vossa companhia.
Quanto ao meu epitáfio, quando eu morrer
Não confio em nenhum poeta, serei eu a escrevê-lo:
'Aqui jaz Nellie, que, embora vivesse na má vida,
Morreu uma princesa, a representar Santa Catarina.'»

Depois começou a dançar, levantando as saias e rodopiando de modo a que estas subissem cada vez mais, uma exibição que o público encorajou com assobios e aplausos. Ela era bastante bonita, com pernas bem torneadas e um rosto que parecia repleto de piada e exuberância; mas eu, pessoalmente, não via qual era o atractivo.

A segunda peça chamava-se *A Conquista de Granada*. Desta vez, a senhora Gwynne fez a sua entrada com uma indumentária exótica, um

chapéu do tamanho da roda de uma carruagem, uma grande cabeleira preta caída sobre os ombros e botas demasiado grandes nos pés. O público riu ruidosamente.

– Qual é a piada? – perguntei a Cassell. Ele também estava a rir, mas limitou-se a abanar a cabeça.

Ainda com o chapéu enorme na cabeça, a actriz avançou até junto de um actor, com uma coroa de papel na cabeça, que estava a remexer numa caixa de jóias. Depois começou a falar. A sua voz mudara desde a peça anterior – agora falava numa espécie de inglês macarrónico e arrastado. Mas havia qualquer coisa familiar naquele sotaque.

De súbito, percebi o que estava a ver. O chapéu enorme era uma imitação da moda francesa e o sotaque pretendia ser o de Louise – na verdade, *era* Louise: com uma precisão inquietante, a actriz transformara-se, de alguma forma, na mulher francesa. A dada altura atravessou o palco, a estrutura delicada adoptando o passo ágil das pernas compridas de Louise; o leve toque de determinação na postura de Louise estava agora comicamente exagerado, numa paródia de uma coquete mandona, mimada e provocante.

– Mim não má senhora! – ceceou Nellie, empurrando o actor. – Se mim pensar ser tão má senhora, mim cortar a garganta!

– Madame Cartwheel! Não vê que eu a amo? – implorou o homem, caindo sobre um joelho e piscando o olho à audiência, que estava agora perdida de riso. Até as vendedoras de laranjas estavam agarradas à barriga, com a mercadoria a tombar dos cestos.

– Oh, Vossa Majestade, mim não poder amar vós. Pois mim ser grande dama de França.

O homem ofereceu-lhe algumas jóias.

– Bom… talvez mim poder amar vós só um *bocadinho* – disse ela, enfiando as jóias no decote. O público estava descontrolado.

Olhei para o rei, que estava a tremer de riso. Ao lado dele, no camarote real, o rosto de Louise permanecia inexpressivo.

– Já estou farto – disse a Cassell.

Ele estava agarrado à barriga, como se lhe doesse.

– Não… espere – disse. – A peça já vai começar.

– Já vi palhaçadas suficientes para um só dia. – Zangado, abri caminho entre a multidão até ao exterior, empurrando homens e mulheres, com Cassell a seguir-me de má vontade.

– Quis que eu visse isto – disse-lhe, quando nos vimos finalmente em Drury Lane.

Ele acenou, sem qualquer sinal de embaraço.

– Porquê?

– Venha, vamos procurar uma taberna. – Começou a descer em direcção ao Strand e eu acompanhei-o.

– Uma coisa é seduzir o rei – disse ele, calmamente. – Outra

muito diferente será mantê-lo. Como acabou de ver, não há falta de mulheres ansiosas por partilhar os despojos.

– A Nell Gwynne?

– Entre outras. A duquesa de Cleveland conquistou os seus títulos na cama dele, e ainda é bem capaz de acrescentar mais alguns à colecção. A actriz Moll Davies tem uma bela casa em Pall Mall. A Peggy Clift tem uma pensão de oitocentas libras por ano. E estas são apenas as que ele já teve. Há neste preciso momento uma vintena de jovens na corte, todas elas ansiosas por ocuparem o lugar de madame Carwell. – Virou na direcção de uma taberna com vista para o rio. – Será preciso mais do que mera aquiescência: ela vai precisar de todos os seus truques sujos franceses se quer…

Nunca terminou a frase. Rodei sobre mim próprio e dei-lhe um soco na cara. Senti os nós dos dedos contra os dentes dele e depois dei por mim no chão, com a faca de Cassell encostada à garganta, a lâmina tão firme como os olhos que se cravavam nos meus.

– Cuidado, *signor* – murmurou ele. – Ganhei simpatia por si, mas não aceitarei um insulto desses de homem nenhum.

– Nem eu – retorqui, devolvendo o olhar.

Passado algum tempo, ele afastou a faca.

– Por amor de Cristo – disse, incrédulo. – Também tem um fraquinho por ela.

Levantei-me.

– Não seja ridículo. Simplesmente ofende-me a insinuação de que sou, de alguma forma, o chulo de Louise. Se deseja falar com ela sobre o que deve ou não deve fazer, faça-o directamente.

Ele começou a sacudir-me a terra das costas, tão calmo agora como se a nossa altercação nunca tivesse acontecido.

– Se o ofendi inadvertidamente, *signor*, por favor aceite as minhas desculpas. – O seu tom era cortês mas, apesar disso, a expressão dos seus olhos era pensativa.

LOUISE

Fico quase sem fôlego com a franqueza da peça. Estou habituada a *bon mots* maliciosas, a observações cortantes, aos apartes sorridentes mas corrosivos de Versalhes, mas a pura barbaridade descarada do ataque de Nell Gwynne é algo completamente diferente. Só com grande esforço me contenho para não gritar enquanto assisto.

E depois todos a aplaudem. Os risos, posso perdoar – qualquer pessoa pode rir-se e depois arrepender-se – mas aplaudir!

Mantenho propositadamente as mãos cruzadas no colo. Carlos repara e inclina-se para mim.

– Ao princípio, eles podem parecer muito rudes – diz, em tom apologético. – Mas é apenas a maneira que têm de lhe dar as boas-vindas.

– Mas porque é que ela me odeia tanto?

Ele olha para o palco, onde Eleanor Gwynne está neste momento a dançar outra vez, ao ritmo dos aplausos da multidão.

– Ela não a odeia. É apenas a ideia de diversão da Nelly. Por favor, não dê importância a isto, Louise. A Nell gosta muito de se divertir.

CARLO
Para uma ocasião especial, nada é melhor do que um gelo.
O Livro dos Gelos

–É um ataque a todos nós – disse Arlington. – A Nell é uma criatura do Buckingham. Ele ainda não se esqueceu de como foi enganado com o tratado. Tem estado à espera de uma oportunidade.

– É, particularmente, um ataque a França – disse Colbert. O pequeno embaixador francês juntou-se desta vez à nossa reunião. – Não podemos dar-nos ao luxo de o ignorar.

– Não devíamos fazer nada. – Era Walsingham. – A sátira da Nell pode ter feito o rei rir, mas o seu único efeito prático foi empurrá-lo ainda mais para os braços de madame Carwell. Ele não voltou a visitar Nell desde a morte da irmã. Nem qualquer outra das suas amantes habituais, na verdade. A duquesa de Cleveland está reduzida a ter de satisfazer os seus apetites carnais com um artista da corda bamba.

Ninguém lhe perguntou como sabia. Presumia-se que a informação de Walsingham era sempre correcta.

– *Vocês* podem ignorá-lo – admitiu Colbert. – Mas eu não posso. É a reputação de França que está em jogo.

– E o que pensa fazer? – perguntou Arlington em tom irónico. – Ripostar com uma peça sobre o Cerco de Orleães?

– Um baile – disse o embaixador com firmeza. – Vou dar um baile. Afinal de contas, impõe-se que celebremos o regresso da saúde de Sua Majestade. E será uma oportunidade para mostrar aos vossos conterrâneos como se fazem estas coisas. Não serão poupados esforços, nada! – Olhou directamente para mim. – Teremos gelos, *signor*. Gelos, para oitocentos convidados. Temos de recordar a toda a gente de onde vêm os prazeres do rei.

Não era um pedido.

Porém, na verdade, mesmo que o embaixador me tivesse dado a possibilidade de recusar, eu teria agarrado com unhas e dentes a oportunidade que este baile representava. Estava a ficar louco, aqui em Inglaterra, fechado nesta pequena corte, neste pequeno país, a fazer gelos para um círculo tão reduzido.

Não era apenas o embaixador que queria mostrar-lhes como estas coisas se faziam em Versalhes.

Aos poucos, os planos foram surgindo. Íamos apoderar-nos do Parque de St. James e transformá-lo numa réplica dos jardins de Versalhes. Haveria um grande palácio de lona e *papier mâché*, erigido apenas por uma noite, como acontecia nos *divertissements* de Luís XIV. Uma orquestra de músicos franceses, trazida especialmente para a ocasião. Os próprios convidados nobres estariam todos mascarados, como num baile de máscaras.

Até os gelos seriam particularmente notáveis. Colbert ia servir o vinho *pétillant blanc* de Champagne que era um tão forte símbolo da cooperação anglo-francesa: o vinho era francês, mas as garrafas extra fortes que o tornavam possível tinham sido inventadas por um membro da mesma Sociedade Real a que pertencia o ilustre Robert Boyle.

E eu – eu serviria sorvetes de champanhe.

Sabia muito bem que a inclusão de álcool dificultava muito a preparação dos gelos. O vinho era particularmente complicado; o vinho espumante ainda mais. No entanto, a crescente confiança que tinha nas minhas próprias capacidades era suficiente para querer tentar.

Não seria esse o único gelo na ementa, claro. Depois de muito reflectir, decidi-me por um sorvete de romã com molho de champanhe; uma geleia de maçã e crisântemo e um *granite* de leite de funcho. As cozinhas do embaixador produziriam o prato principal, uma refeição leve de carnes francesas, mas as sobremesas seriam todas minhas: uma selecção de sorvetes e – finalmente! – a primeira aparição pública do meu gelo cremoso de pêra e *crème anglaise*, essa nobre aliança, servido numa dupla coroa de biscoito, para representar a feliz união dos dois reis.

LOUISE

O embaixador francês quer saber se o rei irá ao baile.

– Não faço ideia – digo. – Ainda está de luto pela morte da irmã.

– Claro – murmura o embaixador. – Foi uma infelicidade, a morte dessa senhora… e contudo, não consigo lamentá-la, porque a trouxe para cá, *mademoiselle*. Que fortuito que o rei tenha encontrado conforto na companhia de uma das nossas conterrâneas.

Todo o seu discurso é assim – ligeiro e empolado e pretensioso. Lança uma insinuação e espera que eu a contradiga; se não o faço, pensa que confirmei o que ele está a pensar, quando a verdade é que, pura e simplesmente, não é nada da conta dele.

– Encomendei gelos – diz ele, passado um momento. – Gelos, na esperança de que o rei nos honre com a sua companhia.

– Sim – digo. – Esperemos que o faça.

Dois dias antes do baile, chegam três embrulhos, trazidos por lacaios de libré. Com eles, vem um bilhete:

Chega de luto – CR

Carolus Rex. Carlos o rei. Uma ordem real.

Dentro do primeiro embrulho, encontro uma máscara na qual foram cosidos diamantes minúsculos. O segundo contém uma fantasia – calças de salteador da estrada, um casaco curto, como o de um conquistador, um tricórnio, tudo a brilhar com fios de prata e feito de sedas reluzentes. No último embrulho estão botas, um cinto, uma pistola prateada.

Prendo o meu cabelo rebelde num rabo-de-cavalo de homem e pinto os lábios do mesmo vermelho-escuro da máscara.

CARLO

Para um sorvete de champanhe: misture quatro chávenas de champanhe, uma chávena de água e uma chávena de açúcar numa panela, e leve a ferver com a raspa de um limão até o açúcar se dissolver. Deixe arrefecer e adicione o sumo do limão. Enquanto gela, vá soltando o sorvete com um garfo.

Geleia de crisântemo e maçã: ferva em lume brando cinco ou seis maçãs verdes e uma dúzia de flores de crisântemo, depois passe por um coador. Assim que arrefecer, adicione uma chávena de xarope de açúcar e um pouco de goma. Deite em taças e refresque, mas sem gelar.

O Livro dos Gelos

Ainda bem consciente da necessidade de segredo, contratei apenas o pessoal do Red Lion para meus assistentes. Havia muito a

fazer e atirei-me ao trabalho, feliz por, para variar, poder pensar noutra coisa além de política. Durante duas semanas trabalhámos, armazenando em gelo os sorvetes terminados para manterem a frescura.

Atrasei tanto quanto me atrevi a minha chegada ao baile – sabia que, ao final da noite, o calor seria imenso, e queria que os meus gelos ficassem frios tanto tempo quanto possível. Assim, não fiquei surpreendido ao encontrar uma multidão compacta em volta do parque. O que me surpreendeu, contudo, foi descobrir que, longe de estarem a apreciar o espectáculo, estas pessoas eram hostis.

– Porque estão a gritar daquela maneira? – perguntei.

Hannah, que ia na caixa da carroça com as arcas de gelo, disse calmamente:

– Pensam que França pretende convencer-nos a lutar contra os Holandeses e que depois, quando estivermos enfraquecidos, se virará contra nós.

«Guerra não… papa não» era o cântico da multidão, bem como «Vão para casa» e «Católicos fora». Enquanto tentávamos entrar no parque, a carroça foi empurrada de um lado para o outro e só com grande esforço consegui manter as arcas de gelo seguras.

– Os soldados não podem manter a ordem? – perguntei, exasperado.

Um homem estendeu-me um panfleto.

– Veja as imagens, leia as rimas! A escandalosa sedução de madame Carwell, com gravuras. Veja o que o velho Rowley anda a fazer agora… – Empurrei-o com o pé e ele caiu na lama.

Dentro da tenda, em contraste, havia apenas decoro e elegância. Em cada esquina estavam lacaios de cabeleira, prontos para servirem o meu sorvete de champanhe em travessas de prata; havia música francesa e conversas em francês e as danças lentas e majestosas de Versalhes. Vi que a luz dos quatro grandes candelabros se reflectia nas taças de vidro, fazendo com que os sorvetes brilhassem como diamantes. Até as garrafas de champanhe estavam a ser arrefecidas em urnas feitas de blocos de gelo reluzente.

Havia muito para fazer – os primeiros convidados já estavam a chegar enquanto eu distribuía as arcas de gelo, uma para cada dois criados.

– Mantenham os gelos tão frescos quanto conseguirem – ordenei. – Quando a travessa estiver vazia, reabasteçam da arca, mas mantenham a tampa fechada, senão em breve terão apenas uma sopa fria. – Eles olharam para mim com expressões de incompreensão: nunca tinham ouvido falar de gelos e, por mais do que uma vez, tive de explicar pacientemente por que motivo as bebidas que iam servir deviam ser mesmo assim tão frias e porque não era boa ideia aquecê-

las. A orquestra afinou os instrumentos e começou a tocar: os trombeteiros anunciaram as primeiras chegadas; o próprio embaixador pegou numa travessa de gelos e posicionou-se à entrada, para receber as pessoas e impingir a cada uma esta novidade de França.

Mesmo assim, não parei – andava de um lado para o outro, a tentar que os lacaios compreendessem que um sorvete, depois de derretido, já não prestava. Alguns estavam a ficar sem sorvetes mais depressa do que os outros e as arcas de gelo tiveram de ser redistribuídas para garantir que todos tinham o suficiente.

E depois vi-a. Vi-a, e o mundo parou.

LOUISE

As outras mulheres vieram mascaradas de pastoras, ninfas, figuras da mitologia romana e francesa. Até as danças são francesas – minuetes e portamentos e marchas. Todas as pessoas que têm alguma importância em Londres estão presentes, bem como todos os nobres e cortesãos franceses que se encontram em Inglaterra. Um ataque a França é um ataque a todos eles, e agora toda a gente está à espera para ver se o rei mostrará o seu apoio a França ao comparecer na recepção do embaixador francês.

Se ele não aparecer, será com certeza um sinal de que a aliança está quebrada.

E depois – finalmente! – uma figura alta e mascarada aparece ao cimo das escadas, acompanhada por um pequeno grupo de cortesãos privilegiados. O ruído da multidão diminui, como um animal que sustém a respiração para olhar, e depois recomeça, mais alto ainda do que antes.

O rei. O rei está aqui.

E…

Ele já não veste o preto de luto pela irmã, mas sim o tricórnio de plumas, o casaco prateado e as botas enroladas de um mosqueteiro francês.

O rei inclina-se perante França.

À medida que ele se dirige a mim, as pessoas curvam-se numa grande onda, abandonando instantaneamente qualquer fingimento de que ele está incógnito sob a máscara – a força da sua passagem espalha as vénias pela multidão como uma foice a cortar o milho.

Curvam-se atrás dele e ele ignora-os, continuando a avançar.

Pára à minha frente.

Em vez de fazer uma reverência, ergo a pistola e aponto para o

peito dele. Para o seu coração. Ouve-se uma exclamação colectiva e a sala silencia-se.

– Uma dádiva, por favor – digo, calmamente.

O rosto mascarado vira-se para mim.

– Há três coisas que poderia dar-lhe, bonita salteadora. Consegue adivinhar quais são?

Os cortesãos riem-se, já com a mente na alcova. Eu abano a cabeça.

– Posso dar-lhe uma dança, posso dar-lhe um beijo ou posso dar-lhe o meu coração. Qual será?

Levanto a arma.

– Uma dança, então.

– Muito bem. – Enquanto me escolta até à pista, os músicos voltam ao princípio da peça, pelo que toda a gente se vê forçada a recomeçar.

Quando chegamos ao fim do grupo ele coloca as mãos contra as minhas, palma com palma, e entrelaçamos os dedos. Os seus olhos, escuros por trás da máscara, trespassam-me.

Depois abre um pouco os braços, ainda com os dedos presos nos meus, e puxa-me para si. Mais uma vez, sinto a sala à nossa volta silenciar-se.

Será isto parte do nosso jogo? Ou algo mais?

O mais leve dos beijos, mesmo no canto da minha boca. O cheiro da sua colónia, almiscarada e francesa. Os pêlos do seu bigode. E depois os seus lábios pressionam mais e envolvem os meus.

Involuntariamente, fico rígida e ele recua.

Oiço os murmúrios à nossa volta.

Ele encosta os lábios ao meu ouvido.

– Por um beijo destes, travaria mil guerras.

CARLO

Para fazer um sorvete de romã: esprema romãs suficientes para encher duas chávenas de sumo. Adicione meia chávena de açúcar para adoçar, depois mexa e congele. Para servir, deite champanhe sobre o sorvete, decorando com sementes de romã e pedacinhos de laranja cristalizada.

O Livro dos Gelos

O fato de salteador ficava-lhe bem, realçando a cintura fina, as ancas esguias, as costas longas, o pescoço elegante. Mas era a sua postura que a distinguia das damas inglesas à sua volta. Bastaria

observar o seu porte para perceber que era uma filha de boas famílias de França.

O rei dançou com ela. Não consegui desviar os olhos. Nem eu, nem ninguém: mas para mim era diferente.

Pela forma como as outras pessoas olhavam para ela, parecia que ela era uma galinha e eles uma matilha de lobos, prontos para a despedaçarem. Estava sozinha contra todos, mas nunca vacilou.

Olhei para ela e percebi que a amava.

Como podia tê-lo negado durante tanto tempo? Amava-a desde que a encontrara sob as nespereiras em Versalhes.

Talvez nos voltemos a encontrar.

Se ambos continuarmos à procura de sítios para estarmos sozinhos, signor*, pode ter a certeza disso…*

A dança chegou ao fim. O tempo retomou a sua marcha inexorável. Apesar disso, continuei a olhar para ela, enquanto o rei a soltava. Ela voltou para o fundo da sala. Não tinha ninguém com quem ir ter, ninguém com quem estar.

Já ouvi o amor ser comparado a um fogo, mas essa comparação está errada. Quando tocamos numa chama, afastamo-nos. A dor é rápida e súbita e depois desaparece.

O amor é como gelo. Apodera-se de nós sorrateiramente, penetrando no nosso corpo de forma furtiva, desfazendo as nossas defesas, encontrando os recantos mais escondidos da nossa carne. Não é como calor ou dor ou ardor, mas antes como um entorpecimento interior, como se o nosso coração estivesse a solidificar, a transformar-nos em pedra. O amor aperta-nos com uma força capaz de partir rochas ou estilhaçar o casco de barcos. O amor consegue levantar lajes do pavimento, desfazer mármore, fazer mirrar as folhas nas árvores.

Eu amava-a, e nunca a poderia ter.

Depois algo chamou a minha atenção e vi uma figura alta a observá-la também, por cima das cabeças dos seus cortesãos. As pessoas estavam a rir e a brincar mas ele não lhes prestava qualquer atenção. Estava a olhar para Louise, imóvel como uma estátua. Tão imóvel como eu.

O rei.

Vi que ele a amava, tal como eu.

Carlo e rei Carlos. Fruto da mesma árvore. Reflexos num espelho. Rivais, sem o serem.

Pois ele era rei e eu não. Ele podia tê-la e eu não. O gelo acabaria por deixar o seu coração, mas ficaria para sempre no meu.

LOUISE

As máscaras não enganam ninguém. No entanto, não reconheço a mulher de viseira xadrez que se coloca ao meu lado mais tarde, junto da mesa.

– Então é a senhora a minha substituta.

Viro-me para ela. Alta, elegante, mais velha do que eu. Mas há qualquer coisa no seu porte – confiante, forte, autoritário – que me põe de sobreaviso.

– Oh, não se preocupe – diz ela. – Foi bom enquanto durou. Além disso, como sem dúvida já deve ter descoberto, alguns dos… pecadilhos dele podem tornar-se bastante aborrecidos.

– Quem é a senhora?

– Não sabe? – Ela parece divertida. – Bom, suponho que há, de facto, muitas de nós. Mas eu sou a única, até agora, que ganhei um título. Bom, é verdade que tive de o deixar ver-me com três dos seus guardas para ele fazer de mim duquesa.

O meu choque deve ser evidente, apesar da máscara.

– Oh, ele ainda não lhe sugeriu isso? – murmura. – Dê-lhe tempo, minha querida, dê-lhe tempo. Mas não se deixe enganar por aquelas maneiras impecáveis. Apesar de todo aquele charme, ele é tão libertino como os outros todos.

Um lacaio avança com uma travessa carregada de lagostins. Espeta uma faca num e oferece-mo. Olho em volta. A outra mulher desapareceu.

– Onde fica a retrete? – pergunto ao lacaio. – Depressa… acho que vou vomitar.

PARTE TRÊS

«O afecto do rei de Inglaterra por mademoiselle de Keroualle cresce de dia para dia, e o pequeno ataque de náusea que ela teve ontem deixa-me esperançoso de que a sua sorte continue, pelo menos durante o tempo restante da minha embaixada…»

Colbert de Croissy, embaixador francês em Inglaterra,

para Louvois, ministro da Guerra francês

«O rei ficou surpreendido com o que me escreveu sobre mademoiselle de Keroualle, cuja conduta enquanto esteve aqui, e desde que está em Inglaterra, não inspirava grande expectativa de que conseguisse obter tal sucesso tão rapidamente. Sua Majestade aguarda ansioso por mais informações sobre a ligação que o senhor julga existir entre o rei e ela…»

Louvois para Colbert

Louise

–Sua Majestade Cristã quer saber *o quê*?

– Se existem, ah… notícias felizes. Se o rei de Inglaterra irá ser abençoado, talvez, com um filho.

– Terá de perguntá-lo à rainha. Não ouvi dizer nada a esse respeito, nem será provável que oiça.

– Na verdade, *mademoiselle*, eu não estava a referir-me à rainha.

– Então a quem? De quem estava a falar, Excelência?

O embaixador tem a decência de parecer embaraçado.

– Tinha formado a opinião de que as suas excelentes relações com o rei poderiam, talvez, ser…

Olho para ele.

– Inteiramente respeitáveis. E assim permanecerão.

– Compreendo. – O embaixador parece ter empalidecido um pouco. – Então não há nada que eu deva transmitir a Versalhes? O próprio rei pediu um… esclarecimento.

– Pode dizer a Sua Majestade Cristã que estou perfeitamente consciente do facto de que a honra de França depende da honra de cada um dos seus cidadãos. E que nunca, nunca, farei algo para causar descrédito à reputação do nosso país.

– Sim. Sim, com certeza.

– Eu sou Louise Renee de Penacöet, dama de Keroualle, a filha mais velha da família mais antiga da Bretanha. Não uma florista vulgar.

Ele faz uma vénia rígida.

– Somos de facto afortunados por ter entre nós alguém de tão distinta linhagem. E de moral tão irrepreensível, claro.

Bennet, lorde Arlington, para Ralph Montagu, enviado inglês:

Colbert é um idiota: prometeu ao rei de França que o jogo estava quase no fim e agora tem a infeliz tarefa de lhe dizer que ainda mal começou. Contudo, Louvois parece ter as suas próprias fontes e sabe muito mais do que o seu embaixador sobre o que se passa realmente

em Whitehall– certamente que sabe o que a rapariga em questão fez ou não fez e, a julgar pelas cartas que vimos, ele disse a Colbert, em termos muito claros, para confirmar os factos antes de enviar mexericos através do correio diplomático. Porém, tudo isto teve como consequência que o embaixador está agora embaraçado e deseja que nós aceleremos as coisas. Naturalmente, deixei-lhe bem claro que pode contar com a nossa ajuda, mas que também está na altura de o seu rei desempenhar o seu papel. Isto deixou-o ainda mais ansioso, pois claro que não pode dizer ao rei o que deve fazer, mas não seria embaixador se não fosse capaz de encontrar maneira de colocar a minha sugestão de modo a que pareça ser ideia do próprio Luís…

Colbert para Sua Majestade Cristã, Luís XIV:

Senhor: é certo que o rei de Inglaterra mostra um caloroso afecto por mademoiselle de Keroualle, e talvez tenhais tido conhecimento, por outras fontes, dos aposentos sumptuosos que lhe foram atribuídos em Whitehall. Sua Majestade dirige-se ao apartamento dela todas as manhãs, às nove horas, e nunca fica menos de uma hora, por vezes duas. Regressa depois de jantar, cobre todas as suas apostas na mesa de jogo e não deixa que lhe falte nada. Todos os ministros cortejam avidamente a amizade desta senhora e lorde Arlington disse-me recentemente que estava muito satisfeito por ver cada vez mais reforçada a ligação do rei a mademoiselle de Keroualle. Lorde Arlington disse-me também que Sua Majestade não é homem de partilhar assuntos de Estado com as senhoras; no entanto, já que elas têm sempre o poder de prejudicar quem não lhes agrada, é muito melhor para os bons servos do rei que Sua Majestade tenha inclinação por esta senhora, que não é pessoa maliciosa e é uma fidalga, em vez de por actrizes e outras criaturas indignas do género, que são sempre uma incógnita. Disse-me ainda lorde Arlington que era necessário aconselhar esta jovem a dedicar-se ao rei, de modo a que ele não encontre outra coisa junto dela senão prazer, paz e sossego. Acrescentou ainda que, se lady Arlington tivesse seguido as suas sugestões, aconselharia esta jovem a ceder sem reservas aos desejos do rei e dir-lhe-ia que não havia alternativa para ela a não ser um convento em França, e que eu devia ser o primeiro a fazê-la compreender isto. Em tom jocoso, respondi-lhe que estou demasiado grato ao rei e não sou idiota o suficiente para dizer a mademoiselle para preferir a religião às boas graças de Sua Majestade; que estava também convencido de que ela não estava à espera dos meus conselhos mas que, apesar disso, lhos daria, para mostrar o valor que lorde Arlington e eu damos à sua influência, e para a informar da obrigação que ela tem perante o meu senhor…

CARLO
O momento de servir um gelo é o ponto alto de qualquer reunião.
O Livro dos Gelos

O baile foi um sucesso. Um grande sucesso: o rei Carlos era novamente o monarca alegre, o príncipe do prazer. Todas as noites havia festas, bailes de máscaras, jogos de cartas com apostas altas, brincadeiras e frivolidade e graça. E fora França que o conseguira. Mais uma vez, França era a epítome de tudo o que é elegante. Peças francesas eram representadas nos teatros reais; pratos franceses servidos em todas as mesas da aristocracia; gelos franceses – ou seja, os *meus* gelos – adornavam todos os jantares e bailes. A nobreza começou a construir febrilmente plantações de ananases, pomares e casas de gelo nas suas propriedades, e as grandes casas de Inglaterra mandaram remodelar as *façades* ao estilo dos *châteaux* franceses. Os tectos eram pintados como em Versalhes e todas as mulheres da alta sociedade exigiam uma *salle des miroirs* onde beberricarem as suas chávenas de porcelana de *thé*.

Apenas as pessoas comuns estavam taciturnas e inquietas, sem saber onde isto iria acabar. Todos os mecânicos ou criados sabiam dizer o que estava a acontecer na Europa: juntavam-se para comprar os jornais baratos vendidos em tabernas e cafés e depois sentavam-se a discutir as notícias, com expressões graves. Luís queria guerra, isso era evidente. Mas seria a Holanda ou a Espanha o primeiro país a ser engolido? E, se a vitória era inevitável, seria melhor ser seu aliado ou seu inimigo? Ele já fizera alianças antes, para depois se virar contra os seus aliados quando mais lhe convinha.

O parlamento ratificou o Tratado de Paris, mas o Tratado de Dover continuava a ser um segredo conhecido apenas por muito poucos.

Agora mais ocupado, comprei uma cadeirinha para me deslocar mais depressa entre a multidão. Vi os olhares desaprovadores de Hannah e pensei que fosse apenas por causa da extravagância. Mas depois vi-a discutir com um dos brutamontes que eu contratara para transportar a cadeirinha, chamar-lhe um cepo inútil que estava sempre a estorvá-la, e perguntei-lhe qual era o problema.

– O problema é tratar ingleses como escravos e bestas de carga – respondeu ela, furiosa. – Esse tipo de cadeiras não se via em Inglaterra antes de o rei ter voltado.

– Nesse caso, com certeza que é um progresso, não?

– Trata-se apenas de homens a considerarem-se melhores do que outros homens.

– Se a minha sorte melhorou – observei –, a sua melhorou com ela. E a de Elias também. – Era verdade: eu estava a pagar-lhe mais um xelim por semana e Elias tinha agora um uniforme elegante para poder acompanhar-me à corte.

Ela limitou-se a resmungar qualquer coisa entre dentes, com maus modos, e voltou ao que estava a fazer.

Quanto a Louise, a sua estrela subira ainda mais do que a minha. Onde o rei estava, ela estava também, ajudando-o a descontrair em *soirées* e festas, o seu riso límpido e francês a cortar através do zunzum de mexericos e do som dos instrumentos dos músicos, o seu sorriso atraindo todos os olhares.

Quem olhasse para ela poderia pensar que estava triunfante; que, depois de ter conseguido arrancar o rei ao seu luto, fizera o suficiente. Contudo, não era assim, e estava agora a ser mais pressionada do que nunca.

LOUISE

Recebo uma carta. Uma carta do próprio Luís XIV.

Leio-a sentada ao meu cravo, com o embaixador de pé ao meu lado. Ele tem um sorriso sofredor nos lábios, como se fosse um professor de música e eu uma aluna particularmente recalcitrante.

– Sabe o que aqui diz? – pergunto, depois de acabar de ler. Coloco a carta no suporte da música, para que ele não perceba como a minha mão treme.

– Não tenho a presunção de adivinhar os pensamentos do meu rei. – Reparo que não responde concretamente à minha pergunta. – Talvez ele tenha algum conselho paternal para lhe dar?...

– «O rei de França recomenda-lhe que agrade ao rei de Inglaterra.» O que supõe que ele quer dizer com isto?

Colbert não responde.

– Embora, naturalmente, sendo eu uma súbdita leal, ele tenha todo o prazer em me receber de volta a França quando eu desejar regressar. E, em consideração pela estima que Madame tinha por mim, falou com a abadessa do convento de Marselha, que teve a generosidade de me oferecer um lugar como noviça; isto, claro está, se decidir que prefiro realmente virar costas à diplomacia e prosseguir, em vez disso, uma vida de virtude e reflexão. Bom, o rei não falou realmente com ela, uma vez que a ordem em questão fez votos de silêncio, mas trocaram correspondência. Ao que parece, as freiras desse convento estão a fazer um trabalho admirável junto dos leprosos. É por isso que há a certeza de uma vaga, uma vez que as irmãs são recompensadas pela sua virtude sendo chamadas para junto de Deus mais cedo do que a maioria das pessoas.

– Como sempre, os conselhos de Sua Majestade são muito generosos – murmura ele.

– Oh, sim… e há umas terras em Brest, que pertenceram anteriormente à minha família e que reverteram agora para o rei. Ele está a pensar o que há-de fazer com elas. Então, o que pretende que faça, Excelência?

O sorriso de Colbert é inescrutável.

– Como assim?

– Sua Majestade termina sugerindo que eu procure o seu conselho… o seu e o dos Arlington. Bom, já sei qual será o deles. Lady Arlington pensa que eu devo ceder ao rei, sem reservas. Foram essas as suas palavras, ainda esta manhã. «Ceder sem reservas.» O que me

diz a isso?

Ele parece aflito.

– Aqui em Inglaterra têm uma maneira de falar que, por vezes, é detestavelmente franca. Grosseira, mesmo.

– E contudo, uma coisa podemos dizer a seu favor: é também perfeitamente clara. Por exemplo, só agora é que eu compreendo o total alcance dos desígnios do meu rei. – Falo calmamente, mas só com grande esforço não mostro a minha fúria.

Ele consegue parecer ao mesmo tempo ignorante e inquisitivo, apenas com um erguer de sobrancelha.

– Oh, penso que ambos sabemos o que isso significa – digo. – Ou prefere que eu seja ainda mais grosseira do que lady Arlington?

– Ah, sim, compreendo. Bom, deve fazer aquilo que achar melhor.

– De facto. – Dobro a carta e entrego-lha. – É evidente para mim que Sua Majestade Cristã não foi informado da existência de outra possibilidade.

– Qual?

– Refiro-me à sugestão de lorde Arlington de que eu poderei tornar-me rainha de Inglaterra, quando Catarina de Bragança falecer.

O embaixador empalidece. Os seus olhos desviam-se para a porta, como se quisesse confirmar que não há ninguém à escuta.

– *Lorde Arlington* fez essa proposta?

– Sim. Não estava a par deste plano? O raciocínio é simples. Uma francesa… uma católica… no trono de Inglaterra significaria…

– Não diga essas coisas! – sussurra ele. – Nem sequer as pense!

– Tinha presumido que sabia…

– Não há plano algum! – guincha ele. – E não acredito que lorde Arlington, de todas as pessoas, alguma vez tenha sugerido que havia.

– Ele disse… – começo, mas depois calo-me. O que dissera Arlington, concretamente? Tento recordar. Com um aperto no estômago apercebo-me de que, na verdade, ele não disse nada. Foram apenas insinuações, sugestões. Desenhos traçados no ar. – Ele disse que o estado de saúde da rainha é muito grave.

Colbert acena afirmativamente.

– Isso é certo. Naturalmente, França espera que Sua Alteza recupere completamente.

– E disse que podia ser Luís, e não o parlamento inglês, a decidir a sua sucessora.

O embaixador olha para mim como se eu estivesse a dizer disparates sem sentido.

– Se houvesse uma sucessora, e se Sua Majestade Cristã fosse consultado, naturalmente que daria ao primo o benefício dos seus conselhos. No entanto, qualquer rainha sugerida seria de sangue real.

– Eu sou uma de Keroualle, e portanto descendente indirecta dos

antigos reis da Bretanha pela parte da minha mãe…

– É uma dama de companhia! E na miséria, ainda por cima!

– A minha linhagem…

– Linhagem! Que conversa é esta sobre linhagem? Isso é para cães, não para rainhas e princesas de sangue real. – Ele passa a mão sobre o rosto. – As rainhas têm *dotes*. Catarina de Bragança trouxe ao rei inglês Tânger e Bombaim. Sem ela, ele não teria nada. Não poderia ter sido rei.

Olho para ele, aturdida e sem palavras. Todo este tempo, enquanto eu tenho estado a tentar Carlos, eles estavam a tentar-me a mim; a seduzir-me com a ilusão de um futuro que não tinham a mínima intenção de ver concretizado.

– Mas se Carlos *casasse* comigo…

– Claro que o rei Carlos não casará consigo. Não pode. O parlamento nunca o permitiria. Os seus conselheiros não o permitiriam. Sua Majestade Cristã não o permitiria.

Estou quase a chorar. Sinto as lágrimas a arderem-me nos olhos.

– Se ele quiser casar por amor…

– O casamento não é o que os reis fazem quando amam – diz ele, calmamente.

Voltamos portanto a isso.

– Nesse caso, o que quer que eu faça? – pergunto, entorpecida.

Ele faz uma vénia.

– É como dissemos. A senhora tem a sorte de ser alvo das atenções de um rei, e assim encontra-se em posição de prestar um grande serviço a França. Porém, se sentir que esta… esta honra, é algo que a deixa pouco à vontade, tem uma alternativa. – Indica a carta com um aceno. – O convento. Portanto, agora, é duplamente afortunada. Poucas mulheres, na sua posição, têm o luxo de poder escolher.

CARLO

Um gelo demasiado doce ou pesado nunca congelará.

O Livro dos Gelos

–Enganada não – disse ela. – Iludida. Oh, foram tão espertos. Espertos, espertos, *espertos*.

– Mas… – Olhei para a carta, com a cabeça a andar à roda. – Não compreendo. Isto significa que, afinal de contas, não é amante do rei?

– Claro que não – respondeu ela, em tom cortante. – Pensou mesmo que eu iria desonrar o nome da minha família assim tão

facilmente?

– Não sabia o que pensar. – Mas o meu coração cantava ao ouvir as palavras dela. – Então foi enganada? Nunca concordou com nada disto?

Ela assentiu, envergonhada.

– Eles sabiam como me levar, de modo a que eu agisse conforme os seus planos.

– A culpa foi minha. Desculpe, Louise… Eu disse-lhes que era virtuosa, que os seus pais a tinham mandado para Versalhes para fazer um bom casamento. Deve ter sido por isso que decidiram usar o casamento como isco…

– Dificilmente a culpa poderá ter sido sua. Afinal de contas, cinco minutos de conversa comigo teriam revelado o mesmo a qualquer pessoa. E eu não seria certamente a primeira rapariga a ficar tão deslumbrada com a perspectiva de uma coroa ao ponto de esquecer a inconveniente necessidade de um casamento para a conseguir. – Suspirou. – Quase foram bem-sucedidos, ainda por cima. Se Carlos tivesse sido um pouco mais determinado, ou eu um pouco menos…

– Mas agora não é apenas com a determinação de Carlos que tem de se debater.

– Pois não. É isso que mais me choca… o facto de Luís fazer parte de tudo isto. Desde que cheguei a Versalhes, ele foi como um pai para mim.

– E os pais não vendem as suas filhas a quem dá mais dinheiro? – retorqui, secamente. – Além disso, ninguém sabe melhor do que Luís que um rei consegue por vezes triunfar onde outros falharam.

– É verdade. Mas não quero que se sinta mal, Carlo. Eu é que devia estar a pedir-lhe desculpa. Quando lhe disse, em França, que era demasiado vulgar para casar comigo… agora que estou do outro lado, compreendo como isso foi insultuoso. Comportei-me de forma abominável.

– Não importa, agora. – Ergui a carta. – Não em comparação com isto. O que vai fazer? Vai escolher a cama do rei ou o convento?

– Nem uma coisa, nem outra.

– Como?

Ela ergueu o queixo.

– Ainda sou Louise Renee de Penacöet, dama de Keroualle, a filha mais velha da família mais antiga da Bretanha. Não sou concubina de homem nenhum, rei ou não. E nunca o seria porque um embaixador, que não passa de um moço de recados arrivista, me diz que devo ser.

– Nesse caso, com certeza que tem de se afastar, não?

– Talvez haja outra maneira. – Começou a percorrer o chão de madeira com passo nervoso. – Penso que Luís não quer realmente saber se eu sou amante do rei Carlos ou não… isso é simplesmente um

meio para atingir um fim. E o fim é influência… quer isto dizer, levar Carlos a cumprir os termos do tratado.

– Guerra contra a Holanda.

– Exactamente. Se eu conseguir alcançar esse objectivo sem me entregar ao rei, até Luís terá de admitir que ser amante dele não é necessário.

– Mas como conseguirá fazê-lo?

– Carlos dá-me ouvidos. E confia em mim. Já falou comigo sobre o tratado e sobre as suas dúvidas em relação a ele. Parece-me que consigo defender a causa da guerra com igual facilidade, sem… sem todos estes disparates sobre cedência e amantes. – Olhou para mim. – Ajudar-me-á?

– Não estou a ver como.

– Eu também não, por enquanto. Mas sei que seremos nós os dois contra todos eles. E sei que não posso fazê-lo sozinha.

– Nesse caso, farei o que puder.

Claro que sim: faria tudo para não a ver na cama do rei. Porém, no fundo do coração, eu estava inquieto.

Pois quem melhor do que eu sabia que aquilo que os homens mais desejam é precisamente aquilo que lhes foi dito que não podem ter?

LOUISE

Informo o embaixador da minha decisão. Ele parece angustiado, mas não me ordena directamente que apanhe o próximo barco para França. De momento, pelo menos, parece que eu ainda sou a sua melhor esperança.

– E como pretende conseguir isso? – quer saber. – Através da razão e de debate educado?

– Em parte. E, em parte, invocando os desejos da sua falecida irmã.

– Não é apenas uma questão de persuadir o rei Carlos da necessidade de uma guerra. Ele terá de desafiar o seu próprio parlamento, o que envolverá um risco considerável para a posição dele.

– Os parlamentos podem ser dissolvidos.

– *Mon Dieu*… tenha cuidado – diz ele, debilmente. – Foi assim que o pai dele ficou sem cabeça.

– Subornados, então. Por aquilo que vi de Inglaterra até agora, todos têm o seu preço.

– Tanto suborno, *mademoiselle*, apenas para salvar a sua honra? –

diz ele, laconicamente.

– Tanto suborno para alcançar o nosso objectivo. Afinal de contas, não creio que a minha honra, só por si, bastasse para persuadir o parlamento da necessidade de entrar em guerra, não lhe parece?

*

Depois de ele sair, aproximo-me da janela e tento acalmar-me.

Isto é novidade: encontrar-me com um embaixador e vergar a vontade dele à minha. Mais ainda, reformular uma sugestão – quase uma ordem – do meu próprio rei. Não desafiei Luís, exactamente – isso seria muito insensato – mas estou a deixar bem claro que eu, uma simples mulher, vou fazer isto à minha maneira.

Na melhor das hipóteses, ser-me-á permitido tentar. Se falhar, as consequências podem ser ainda mais desagradáveis do que ser enclausurada num convento

Penso também noutra coisa: Madame não teria falado com um embaixador desta maneira. Madame confiava sempre nas pessoas, acreditava na sua bondade, fixava-as com a radiância do seu olhar até a pessoa com quem estava a falar ficar presa na força da sua convicção.

Contudo, começo a perceber que eu não sou assim.

Volto para junto do cravo. O banco é também uma arca para guardar as folhas de música. Levanto a tampa estofada e procuro algo no fundo da pilha.

As Posturas de Aretino: um relato verdadeiro dos Métodos libidinosos e das diversas Posições usadas por uma suposta Senhora, recentemente chegada de França.

Pornografia, enfiada por baixo da minha porta. Nem sequer tentaram que a pessoa das imagens se parecesse comigo, mas é essa a sugestão.

Porque será, pergunto-me, enquanto folheio as páginas, que há tanto espalhafato por causa das maneiras como uma pessoa se deita para copular? Que importância poderá ter se estamos à direita ou à esquerda, ou de pé, ou sentadas? E o que poderia convencer alguma mulher de que acocorar-se em cima de um homem, como se ele fosse um penico, é uma forma decente de se comportar? Estremeço. Quanto às últimas imagens, as que incluem mais de uma mulher, ou mais de um homem…

Contudo, por algum motivo, não consegui atirar o panfleto para as chamas. Há qualquer coisa nos desenhos, apesar de toda a sua grosseria, uma espécie de prazer vulgar, que fascina e repele ao mesmo tempo.

E inclui algumas instruções.

Oiço a voz de lady Arlington na minha cabeça. *O rei é um amante exímio.* Talvez a cópula seja, afinal de contas, como o ténis; um jogo

que tem de ser aprendido, como qualquer outro, inicialmente confuso mas bastante simples depois de dominarmos as regras.

E eu nunca encontrei um jogo no qual não consiga vencer.

Penso: será que quero mesmo casar – tornar-me a égua de procriação de algum nobre, obrigada a fazer *isto* sempre que ele quiser – quando podia, em vez disso, ser a confidente de um rei?

E ao pensar em como a parada neste jogo está a subir – como o abismo de ambos os lados é cada vez mais profundo – fico surpreendida, e bastante curiosa, ao perceber que aquilo que sinto não é tanto medo, ou repugnância, mas excitação: a emoção de alguém que entra num campo de ténis e sente o peso da raquete na mão.

LOUISE

Carlos ouve-me tocar, refastelado numa cadeira ao meu lado, com as pernas compridas quase a tocar nas minhas. No seu colo, um *spaniel* coça a orelha amarfanhada com a pata de trás, letargicamente.

– Haveis pensado na questão dos Holandeses? – pergunto, como se não fosse mais importante do que qualquer um dos outros temas que costumamos discutir.

Ele ergue os olhos para mim.

– Porquê? O seu rei está a ficar impaciente?

Toco outra frase.

– O *meu* rei? Agora tenho dois reis. – Sorrio-lhe. – Contudo, se vos referis a Luís, creio que ele está sempre consciente da necessidade de se apressar.

Carlos resmunga.

– Ouvi dizer que, por vezes, é demasiado apressado.

– Como estadista?

– Em todos os aspectos. – Inclina-se para a frente. – Eu prefiro fazer as coisas com calma.

– Como estadista?

– Em todos os aspectos.

Em resposta, reduzo a velocidade com que toco, de forma cómica, de *andante* para *adágio*.

– Já estive noutras guerras, sabe – diz ele. – Raramente são tão gloriosas como as pessoas pensam. Quando era jovem… um rapaz, na verdade… lutei contra Cromwell, o meu exército contra o dele, lanças contra espadas, inglês contra inglês… Isso deixou-me com uma aversão vitalícia ao derramar de sangue humano. – Sorri tristemente. – Não diga nada aos meus ministros, mas sempre preferi a negociação à

conquista.

Há uma insinuação neste último comentário: já não estamos a falar unicamente de guerras.

– Gosto de a ver tocar – diz, distraidamente. – Sabia que levanta o queixo no começo de cada compasso?

– Luís acredita que adiar só tornará a guerra mais penosa. Um ataque rápido e decidido poupará mais vidas do que as que custará.

– Estou familiarizado com esse argumento – concorda ele. – Mas não explica por que motivo temos sequer de atacar.

– Para ter paz na Europa…

– É preciso haver guerra primeiro? Mas não haverá paz na Europa se houver uma guerra civil aqui em Inglaterra.

Sorrio e toco mais um pouco. Ambos sabemos que não me cabe a mim tecer comentários sobre a política de França.

– Aceita jantar a sós comigo esta noite, *mademoiselle*? – pergunta, abruptamente.

Mantenho os olhos na folha de música.

– Vossa Majestade sabe que não posso.

– Porquê?

– As pessoas falarão.

Ele faz um gesto impaciente.

– Deixá-las falar.

– Pensava que Vossa Majestade tinha sugerido ainda agora que não é, por natureza, pessoa de apressar as coisas? – digo, num tom que espero que seja de malícia sedutora.

– Contudo, já acharia bem que me precipitasse para esta guerra. – De súbito, fala em tom petulante. – A Louise não pode ser apressada, ao que parece, mas eu sim. A Louise tem de conservar a sua honra, mas eu devo abandonar a minha.

Toco sem dizer nada por um minuto. Estes acessos de irritação surgem-lhe de vez em quando e, geralmente, passam com igual rapidez.

Mas não desta vez.

– Por amor de Deus, mulher, como é que isto é justo? – troa ele. Do outro lado da sala, Anne e Lucy erguem os olhos da costura, espantadas. O *spaniel*, assustado, salta rapidamente para o chão quando Carlos se levanta sem aviso. – Quer que eu lute contra os Holandeses, mas consigo… consigo…

Continuo a tocar, ansiosa por não fazer uma cena ainda maior.

– Consigo tenho de ser um pau-mandado – diz ele, dando um pontapé ao cão. – Jantarei noutro lado. Quanto à guerra… diga a Luís que vou tratar disso.

Mas não o faz.

– Ele é um homem habituado a manejar o poder – diz lady

Arlington. – O desejo que sente por si é tanto, que é a Louise que detém o poder neste momento, não ele. Nenhum homem gosta de estar nessa posição.

– O que hei-de fazer?

– Ceder, claro. Nada devolve tão depressa a boa disposição a um homem como despir uma amante nova.

Mas eu não cederei. Nem o rei.

– Já o perdeu – diz lady Arlington. – Ouvi dizer que ele tem visitado a casa da Nell Gwynne em Pall Mall. Bem pode voltar para França.

Tenho de ter cuidado com a forma como lido com a situação. Vejo-o nos rostos deles – de Arlington, do embaixador: todos pensam que, para ele declarar a guerra, terá de haver uma troca.

O meu corpo por um exército. É um negócio que quase todos os envolvidos considerariam uma pechincha.

CARLO

Um gelo, devidamente guardado, aguentará um mês sem se estragar.

O Livro dos Gelos

O esforço estava a custar-lhe, eu estava bem consciente disso. Nos bailes e bailados e jantares ela sorria e gracejava e ninguém pensaria que havia alguma coisa errada – a menos que a vissem depois de todas as carruagens terem partido e de o riso ter abandonado os seus olhos, tão abruptamente como uma vela a ser apagada.

– O que tenho de fazer para recuperar a boa vontade dele? – perguntou-me uma noite, fatigada, enquanto eu recolhia as taças do seu apartamento.

– Absolutamente nada.

– Pensa que é impossível?

– Pelo contrário… quero apenas dizer que o melhor que tem a fazer é não fazer nada. Creio que Carlos está dividido. Há uma parte dele que gostaria de parar de a desejar. Mas outra parte sabe que não conseguirá. Por isso está zangado, não consigo por ser virtuosa, mas com ele próprio, por se importar tanto. – Evitei os olhos dela enquanto falava. – Mais cedo ou mais tarde, essa batalha terminará e ele saberá então aquilo que sente.

A voz dela, quando falou, era suave.

– E o que é, Carlo? O que sentirá ele? Irá o rei amar-me, ou odiar-me?

Abanei a cabeça.

– Não a odiará.

– Como gostava que não fosse uma coisa nem outra – murmurou. – Oh, como queria um mundo sem todo este amor.

LOUISE

Passam quase duas semanas até ele voltar aos meus aposentos.

– Vossa Majestade – digo, com uma reverência.

– Oh, está aí – diz ele, como se eu tivesse estado fora; como se tivesse sido eu, e não ele, a evitar este momento. Estende o punho. – Tenho uma coisa para si.

– Não preciso de presentes, senhor.

– «Senhor», não. «Carlos». A menos que estejamos acompanhados, o que, felizmente, não é o caso.

– Carlos. – A palavra sai-me dos lábios com algum embaraço, devido à minha pronúncia francesa.

Ele sorri.

– A minha irmã também nunca o pronunciava bem.

Tento de novo.

– Não preciso de presentes… Carlos.

– Está melhor. Mas ainda é mais bonito quando o pronuncia mal. – Levanta a mão. – Aqui tem.

Mantém a mão fechada, pelo que sou obrigada a virá-la e a abrir-lhe os dedos, afastando-os um a um do presente. Um relógio de bolso, o mais pequeno que já vi, uma ostra de ouro reluzente.

– Abra-o.

Abro a tampa. É diferente de todos os relógios de bolso que já vi. Tem três ponteiros, um dos quais corre sobre o mostrador.

– Diz os segundos – explica ele, orgulhoso. – É uma mola dentro do mecanismo, mais apertada do que qualquer pêndulo. E veja atrás.

Viro-o. Tem uma inscrição: *Não desperdices estas horas com arrependimentos.* E uma data.

É o dia em que cheguei a Inglaterra.

– Foi o dia em que começou o meu calendário – diz ele, simplesmente.

Carlos quer mostrar-me o seu apartamento. Passamos pelo quarto real, onde ele nunca dorme, e entramos por uma porta quase escondida atrás de uma cortina. Do outro lado está uma sala de trabalho, não muito maior do que a de Madame, cheia de relógios. O barulho que fazem é como chuva, um aguaceiro ensurdecedor de

tempo; segundos e minutos a tombarem em volta dos nossos ombros.

Ele vai buscar os seus preferidos – o relógio que diz as fases da Lua, o relógio de mesa que contém um carrossel de cavalos de prata minúsculos a perseguirem uma raposa. São feitos por um dos seus *virtuosi*, o seu bando de filósofos e eruditos. Tem muitos grupos, como começo a perceber. Gosta de passar de um para outro, mudando de papel ao fazê-lo: aqui o libertino, aqui o filósofo, aqui o estadista, mas sempre ávido por entretenimento, por diálogo, por entusiasmo. Sempre como um menino.

Certamente que é difícil de acreditar que, entre o seu irmão Jaime e ele, Carlos seja o mais velho. Ou que tem mais do dobro da minha idade. Contudo, um rei é jovem aos quarenta e dois anos, uma mulher é velha aos vinte.

É chamado para tratar de um assunto mas pede-me que espere. Quando chega a hora certa, uma dúzia de carrilhões toca, o som saltando de relógio para relógio.

Curiosa e um pouco entediada, inspecciono o que me rodeia. Há uma porta que dá para uma latrina almofadada. Outra divisão contém os seus químicos e máquinas. E depois há uma sala iluminada e quadrada, numa torre, forrada com painéis de madeira do chão até ao tecto.

Um dos painéis está entreaberto. Aproximo-me para ver melhor: tem dobradiças, como a porta de um armário.

Abro-o. Na parte de dentro, de modo a que ele possa escolher exibi-la ou não, está uma pintura. Uma mulher, completamente nua, reclinada sobre uma cama de almofadas e veludos. A sua pele clara parece brilhar, como o luar, contra os tecidos escuros e pesados. À sua volta há adereços teatrais, um cenário pintado. Cabelo ruivo, um sorriso malicioso.

A actriz.

Será que ele manda pintar todas as suas mulheres assim, pergunto-me? Abro outro painel. Outro corpo nu, com rosto altivo. Reconheço a mulher que falou comigo no baile do embaixador francês. E outra – uma mulher com o vestido enrolado por baixo dos seios, a sorrir descaradamente. Abro outro, depois outro… os painéis baloiçam e embatem suavemente uns contra os outros, como as páginas de um livro de madeira gigantesco.

Oiço vozes na outra sala. Rapidamente, volto a fechá-los todos, um a um, terminando com Nelly. Novamente escondida atrás dos lambrins, da madeira castanha e respeitável, para o prazer exclusivo do rei.

LOUISE

Ele dança comigo e sinto a urgência do seu desejo. Beija-me durante a dança, como os outros pares, e os seus lábios demoram-se um pouco mais do que deviam.

Quando tem de me soltar a mão para eu poder rodar para outro parceiro, sinto a sua relutância, os meus dedos a deslizarem entre os seus até que, com um suspiro, se vira.

No entanto, mantém a sua promessa. Nunca tenta fazer-me sentir como se não tivesse escolha.

Isso, mal ele o sabe, está a ser feito por terceiros. Colbert recorda-me quase diariamente que estou a abusar da paciência não de um, mas de dois reis. Lady Arlington diz-me que tenho de agir, antes que Carlos se interesse por outra. Lorde Rochester fita-me com olhos cínicos e embriagados e declara que estou a jogar um jogo de astúcia.

– Não sabia que as cadelas francesas eram cães de caça tão espertos – diz.

E Carlos trata-me com tanta cortesia que só quando estou com ele é que não me sinto cercada.

Contudo, esta agitação por causa do seu filho deu-lhe algo novo com que se preocupar. Tal como me deu a mim, talvez, uma nova maneira de cair nas suas boas graças.

*

Trata-se de lorde Monmouth – o seu filho mais velho, ilegítimo, claro: fruto de uma união com uma mulher chamada Lucy Walters, durante os primeiros anos do seu exílio. Agora o rapaz tem vinte anos e é um estouvado.

No parlamento, recentemente, houve um debate sobre a angariação de dinheiro – há sempre debates sobre a angariação de dinheiro, para pagar as dívidas do rei. Alguém propôs que se podiam lançar impostos sobre os teatros. Um membro do partido da corte observou que os teatros davam muito prazer a Sua Majestade e deviam, portanto, estar isentos. A isto, um membro da facção parlamentar, um tal de John Coventry, respondeu com ar pensativo se seriam os teatros que davam grande prazer a Sua Majestade, ou aqueles que neles representavam – numa clara alusão à preferência do rei por actrizes.

O silêncio que se seguiu a esta observação persuadiu-o de que era altura de se sentar, mas o mal estava feito: ao fim do dia, o seu gracejo estava a ser repetido em todas as tabernas e cafés de Londres.

Estava também a ser falado em Whitehall, onde um dos mais escandalizados com a impertinência de John Coventry era Jemmy Monmouth. Declarando que o pai fora insultado, interceptou Coventry

no caminho para casa e cortou-lhe o nariz com uma espada.

Em resposta, o parlamento aprovou uma lei que declarava ser crime para qualquer pessoa tocar ou atacar um membro dessa assembleia. Não podiam acusar Monmouth, claro, uma vez que o ataque tivera lugar antes da aprovação da lei; mas estavam a dizer que, no futuro, teriam o direito de o fazer.

Isto, por sua vez, causou mais ultraje – a ideia de que as leis feitas no parlamento podiam ser aplicadas a pessoas de sangue real. Em vez de manter a discrição, lorde Monmouth e os amigos decidiram fazer uma exibição pública da sua desobediência. Depois de uma noite de copos foram à procura de diversão, que encontraram na pessoa de uma menina de dez anos que ia com o avô. A menina era bonita e decidiram abusar dela. O avô protestou e eles atiraram-no ao chão. Apareceu um bedel nocturno que também protestou; tanto pela juventude da menina, como pelo facto de a quererem tomar à força e pelo tratamento dispensado ao avô. Então eles mataram o bedel ao pontapé.

Aqueles que defendiam Monmouth até aqui deram por si numa posição complicada. Pois se ele podia cortar o nariz a um homem sem se submeter à lei, certamente que seria a mesma coisa agora que tentara violar uma criança e assassinara um funcionário público de idade avançada?

Os ministros do rei estão divididos. Aqueles que dizem que Monmouth deve ser castigado temem que o povo se revolte caso lhe permitam sair impune. Os que dizem que o parlamento não tem de ser aplacado afirmam que os motins podem sempre ser controlados com balas.

Carlos está relutante em usar o exército. Ninguém sabe melhor do que ele que os motins facilmente se transformam em revoluções.

– Uma coisa é manter a coroa sobre a cabeça – diz. – Outra, completamente diferente, é manter a cabeça sobre os ombros.

Começo a ver aqui uma oportunidade.

A questão é subtil. Monmouth, por mais que acredite estar ligado à facção do pai, é o aliado natural dos parlamentares. Como protestante e filho reconhecido do rei, podia ser a escolha popular para o trono se Carlos se convertesse ao catolicismo.

Assim, quanto menos popular Jemmy Monmouth for, melhor para os interesses de França.

E – mais importante ainda – se eu conseguir demonstrar a minha influência sobre Carlos numa questão menor como esta, talvez consiga conquistar alguma liberdade.

*

Por fim, Carlos encontra-se num impasse. Entre os conselheiros que dizem que tem de lidar com Monmouth e os que defendem que é

preciso enfrentar o parlamento, está preso num pânico de indecisão.

Enquanto caminho com ele nos seus jardins privados, digo, calmamente:

– Parece-me que o seu dilema é não conseguir decidir se deve castigar o Jemmy ou perdoá-lo.

– Sim – diz ele, com um suspiro. – É precisamente isso.

– Então porque não fazer ambas as coisas? – sugiro. – Perdoar-lhe primeiro, para que não seja preso pelos tribunais, mas depois castigá-lo de outra forma qualquer, para que todos possam ver que o rei não está disposto a tolerar este tipo de comportamento.

Ele pensa no que eu disse.

– Mas como o castigaria?

– Podia ser banido. Afinal de contas, ele é pouco mais do que um adorno da sua corte. E, assim, deixaria bem claro ao povo que o rei é uma autoridade superior à lei. – Hesito. – Na verdade, Carlos, sairia disto com a sua posição reforçada.

– Louise, é um excelente conselho! – exclama ele. – Porque é que os meus ministros não se lembraram disso?

Encolho os ombros.

– Às vezes, quem está de fora tem mais facilidade em dar conselhos. Diga-me, é verdade que o Grammont inventou uma dança nova e engraçada?

No dia seguinte, os meus aposentos estão cheios. Ministros que mal conheço aparecem para me cortejar. lorde Arlington exibe-me, correndo de um lado para o outro e mandando trazer mais cadeiras. Os jovens libertinos vêm namoriscar com as minhas damas de companhia; os mais velhos vêm tirar-me as medidas.

Sirvo-lhes gelos em taças de vidro minúsculas. Discuto teatro com o senhor Dryden e teologia com o bispo de Chester.

É a isto, penso, que sabe a influência.

Em breve será altura de falar novamente de guerra com Carlos. Porém, desta vez, não o farei directamente. Aprendi a lição. Tenho de ser mais subtil, de usar uma abordagem indirecta.

CARLO

As pêras de cozer, tal como os marmelos, têm de ser amaciadas antes de usar, e são melhores de adoçar depois de cozinhadas ou com a adição de outra fruta.

O Livro dos Gelos

O rei mandara-me chamar. Caminhámos lado a lado no Parque de

St. James, com os *spaniels* a correrem entre as nossas pernas. Sua Majestade estava com vontade de passear, hoje – *deambular*, como ouvira os cortesãos chamar-lhe, as longas pernas reais a cobrirem terreno sem esforço, mas sem nenhuma direcção em particular.

Eu levara-lhe um gelo novo no qual estava a trabalhar, um creme com passas brancas e as duras pêras de Inverno a que os Ingleses chamam «pêras de cozer».

– Isto está muito bem feito – comentou ele, enquanto caminhávamos.

– Obrigado, senhor.

Com a colher, apontou para o lado mais distante do parque.

– A minha casa de gelo está a ser reconstruída de acordo com as suas instruções. Disse-lhes que dessem prioridade a esse trabalho.

Assenti.

– Tem de estar terminada antes da chegada das geadas, caso contrário a colheita deste ano estará também arruinada.

Ele sorriu com a minha escolha de palavras.

– Penso que não está familiarizado com os nossos Invernos ingleses.

– Não, senhor.

– O gelo é uma das poucas colheitas em que raramente passamos necessidades. – Estendeu-me a taça vazia. – Todos os meus ministros estão a construir casas de gelo, sabia? O Arlington em Newmarket, o Clifford em Chudleigh. O senhor e eu começámos uma moda, e agora todos querem superar-me.

– Ou talvez, senhor, queiram apenas superar-se uns aos outros, na ânsia de serem tão parecidos convosco quanto possível.

– Sim – disse ele com ar pensativo. – Sim, é exactamente isso. Bem dito.

Encolhi os ombros.

– Os cortesãos são assim em todo o lado.

Ele virou para um caminho de gravilha.

– No próximo ano, celebrarei um aniversário especial. Fará dez anos desde a minha coroação… da minha segunda coroação, claro, a restauração do meu trono. Tenciono que seja uma grande celebração: um Verão de esplendor e festas, começando por um grande banquete… um *divertissement*, como creio que Luís lhe chamaria. Para a Ordem da Jarreteira. Mais de mil convidados.

– Mil!

O rei acenou afirmativamente.

– Todos os homens e mulheres de nascimento nobre do meu reino. Vou mandar reconstruir o castelo de Windsor propositadamente para a ocasião. Terá um Grande Salão novo, tão grande como qualquer salão de Versalhes, onde terá lugar a festa. E será tudo

moderno… quer isto dizer, francês. Nada de grifos ou aves canoras ou *rosbif* seco para nós, *signor*. Terei gelo… grandes recipientes de gelo, para refrescar os meus caranguejos, os meus morangos e espargos; banheiras de gelo para refrescar o meu champanhe… talvez até algumas dessas fontes de gelo movidas a corda de que tenho ouvido falar.

– Eu não poderia… – comecei, mas depois calei-me. Ninguém dizia que não, directamente, a um rei. – Seria preciso muito gelo, senhor… mais do que alguma vez foi usado neste país.

– E, *signor*, quero que crie um prato especialmente para a ocasião – continuou ele, como se eu não tivesse falado. – Algo ainda mais esplêndido do que os gelos que criou para o Rei Sol.

– Este gelo seria em honra de algum convidado em particular, senhor?

– Sim, seria. – Fez uma pausa, mas eu já sabia o que ele ia dizer. – É para mademoiselle de Keroualle. Quero que faça algo para ela.

– E será para servir a toda a gente?

O rei abanou a cabeça.

– Apenas para a mesa real. Será como esturjão, ou golfinho, ou cisne… um prato reservado para mim e para aqueles que eu entender. Para ela e para mim, e para mais ninguém.

Percebi, então, as intenções dele. Pois cada banquete, quer seja de Estado ou não, tem um tema. Cada refeição exprime a visão que o seu anfitrião tem de si próprio e do seu lugar no mundo. Desde o chefe da casa a trinchar a ave de domingo à mesa de família, a um círculo silencioso de puritanos a abençoar o seu pão diário, todas as refeições, humildes ou elaboradas, falam uma linguagem de cerimónia para aqueles que a conseguem descodificar.

Que melhor forma para Carlos expressar a sua submissão às modas, às políticas e aos prazeres de França, do que através de uma exibição extravagante do alimento mais fino e elegante de França?

E que melhor forma de simbolizar o seu próprio estatuto do que ao servir como peça central da refeição um prato que os seus próprios convidados estavam proibidos de comer?

Ele não estava apenas a mostrar os seus gostos continentais. Estava a fazer uma declaração política. Ao dedicar este prato a Louise, estava a dizer que não lhe importava o que qualquer pessoa pensasse sobre o facto de dar abertamente preferência a França. Tal como Luís XIV era o governante incontestado e autocrático de França, assim o gelado de Carlos diria que este era o papel que ele tencionava assumir em Inglaterra – o de monarca absoluto e arbitrário.

Era tudo a que o parlamento o obrigara a renunciar quando o tinha restaurado no trono. E seria o meu trabalho fornecê-lo.

Curvei-me de novo.

– Esforçar-me-ei por criar algo digno da ocasião, senhor.

– Estou certo disso, *signor* – disse ele, com aquele sorriso charmoso. – Quero que este banquete mostre ao mundo aquilo de que somos capazes, o senhor e eu. Sei que não me desiludirá.

– É bom para nós – disse lorde Arlington imediatamente. – Ele não tem dinheiro para isso.

– Terá então de se conter nos seus planos?

Arlington abanou a cabeça.

– O rei considera-se acima das questões económicas. Não… se ele se comprometer com a reconstrução de Windsor e com um banquete para mil convidados, não terá alternativa senão ir para a guerra. Sem a pensão de Luís, estará na bancarrota em menos de seis meses. Faça o que ele lhe pede, Demirco. E certifique-se de que não poupa despesas.

A água em Londres era notoriamente nauseabunda e o Tamisa estava negro com excrementos. Bem antes de os rios congelarem, comecei à procura de uma boa fonte de gelo fresco.

Encontrei-a por trás de Hampton Court. Uma série de lagos alimentados pela sua própria nascente. Solo nivelado, fácil de percorrer com uma carroça, e já era propriedade do rei. Expliquei a um intendente perplexo aquilo de que precisava.

– Quer cortar o gelo? E guardá-lo?

– Exactamente. Vou precisar de trabalhadores… um bom número deles. E ferramentas especiais que terão de ser feitas por um serralheiro. Vou fazer os esboços.

Ordenei a construção de um celeiro para guardar o gelo à medida que fosse retirado do lago e ele recusou directamente.

– Não há dinheiro para construções. O rei não paga ao seu próprio pessoal doméstico há três meses.

– Pagará por isto – respondi, confiante. – É necessário, se ele quer os seus gelos.

Disse a Elias que passaríamos o Inverno em Hampton e ele fez uma expressão desolada.

– O que é, rapaz?

Com alguma hesitação, respondeu:

– É só porque vamos perder o Natal.

– Elias! – exclamou a mãe, que estava a ouvir a conversa. – Natal? O que é isto que estou a ouvir?

Ele inclinou a cabeça, envergonhado.

– Algumas das outras crianças dizem que vai ser uma festa.

Sem me pedir permissão, ela agarrou nele e puxou-o para um canto. Pensei que estaria a repreendê-lo pela sua falta de entusiasmo pelo trabalho, até me aperceber de que as objecções dela eram outras. Estava a tentar falar em voz baixa, mas a irritação era muita.

– …já é suficientemente mau trabalhares para um papista, mas

não te admito que celebres também os festivais papistas. Agora desaparece e não quero ouvir falar mais de Natal.

Esperei até o rapaz sair e Hannah estar a bater com as panelas, irritada, antes de falar. Para dizer a verdade, estava divertido: nunca me ocorrera que, enquanto eu estava preocupado com a decência de ter ao meu serviço o filho de uma meretriz, a meretriz em questão estivesse preocupada com a decência de ele estar ao meu serviço.

– Então não celebram o Natal, presumo? – perguntei, em tom neutro.

– Não.

– Posso perguntar porquê?

– Sob o regime do lorde Protector, percebeu-se que não havia necessidade disso.

– Enquanto o aniversário do próprio lorde Protector, estou certo, era feriado público.

Ela lançou-me um olhar furioso.

– Mostre-me onde é que diz nos Evangelhos que o dia vinte e cinco de Dezembro é o aniversário de Cristo, e serei a primeira a celebrá-lo. Até lá, o domingo é Dia do Senhor suficiente para nós.

– Realmente parece ser mais do que suficiente – respondi. – Desde que aqui estou, ainda não vi um único dos criados desta estalagem ir à igreja, nem mesmo no domingo.

Ela respondeu de forma inexpressiva:

– Vamos quando temos de ir. Em Inglaterra, agora, é assim. Temos de ir à igreja quando nos mandam, ou seremos identificados como dissidentes.

– Nesse caso, parece-me que precisam de mais festivais, e não de menos.

– Porquê? – perguntou ela, irritada. – Para ouvirmos sermões de homens com vestes sagradas que afirmam ser os únicos a conhecer a palavra de Cristo? Que murmuram as orações como se fossem feitiços e falam do Espírito Santo e de Deus como se fossem magos invisíveis?

– Parece-me também – continuei, em tom ligeiro –, que embora os vossos bispos pudessem chamar-me sem dúvida um papista iludido, não ficariam muito mais satisfeitos consigo.

– Bispos! – exclamou ela, com repugnância.

– Não podem ter uma igreja sem bispos.

Por um momento, pareceu-me que ela se estava a esforçar por não responder. Depois disse:

– Mas tivemos. Pelo menos, durante algum tempo.

– O quê? Sem Natal e sem bispos?

– Estávamos a construir o reino de Deus – disse ela, com uma espécie de orgulho estranho e desafiador. – Uma experiência sagrada. Foi o que nos disseram. E conseguíamos ver a verdade nisso… *senti-la*,

quando o Espírito se movia dentro do nosso peito. Um reino sem reis. Uma Igreja sem igrejas. Um país onde não haverá vínculos: nem de propriedade, nem de privilégio, nem de nascimento. Um sítio onde nenhum homem nascerá com estribos nas costas, para ser montado por outros homens. Onde cada homem poderá escolher a sua forma de veneração; sim, e cada mulher também, e as únicas leis a que deveremos obediência serão as que estão escritas no nosso coração. – Disse tudo isto em tom monótono, como se fosse uma litania que já recitara muitas vezes e que sabia que não devia estar a dizer agora. Fitou-me directamente nos olhos. – E ainda acredito que um dia acontecerá de novo, aqui, quer eu esteja viva para o ver, quer não. O rei Carlos deixar-nos-á e o rei Jesus sentar-se-á no trono em seu lugar. Não nos ajoelharemos perante qualquer homem e seremos todos livres.

– Basta – disse-lhe, subitamente assustado. – Isso é traição e heresia, mulher. Controle a língua e não quero ouvir mais essa conversa.

LOUISE

Uma manhã, Carlos traz-me um presente. Outro presente, deveria dizer, pois houve vários nas últimas semanas. Contudo, nenhum como este.

Um colar. Rubis. Mais escuros do que groselhas, mais escuros do que sangue. Ele próprio mo prende na nuca e depois vira-me para um espelho.

Vejo-o acariciar o lado do meu pescoço com a parte de trás do dedo, tão suavemente que mal o sinto, traçando uma linha desde a minha orelha até ao ponto onde o colar pousa no meu pescoço.

– Precisa de uns brincos, ao estilo francês – diz ele, abruptamente. – Sou um idiota por não ter pensado nisso. Vou arranjar-lhe uns brincos.

– Vossa Majestade já foi suficientemente generoso. A sério, não há necessidade de jóias.

– A Louise é uma grande dama de França – diz ele, em tom irónico. – De que outra forma hei-de fazer-lhe a corte, se não com jóias?

– Vossa Majestade *está* a fazer-me a corte?

Silêncio. No espelho, os seus olhos encontram os meus.

– Suponho que sim.

– Nesse caso, não posso aceitar este colar, porque nunca poderei

cumprir a minha parte do acordo. – Tento tirar o colar, mas o fecho é complicado. – Pode ajudar-me, por favor?

Ele ergue a mão como se fosse ajudar, mas depois coloca-a sobre as minhas, para as deter. Com o outro braço, envolve-me e pousa a mão na minha barriga.

E eu sinto… sinto…

Não consigo escrevê-lo. Quais são as palavras para isto, para esta explosão de calor e trepidação? Apercebo-me de uma sensação – uma espécie de moleza – algo desconhecido e inesperado. Unguentos a dissolverem-se dentro de mim, como uma vela derrete sob a chama.

Os lábios dele roçam no meu pescoço – com hesitação, como se soubesse que não devia fazê-lo mas não conseguisse conter-se.

Ergo o queixo. Sinto as costas arquearem, involuntariamente.

Ele aumenta a pressão da mão, puxando-me contra si, e percebo que está excitado. Sobressaltada, sustenho a respiração.

– Fique com o colar – diz ele, soltando-me. – Não há acordo nenhum para manter ou quebrar. É um presente sem condições.

Uma vez, ele pede-me:

– Diga-me uma coisa.

– O quê, Carlos?

– Se não fosse pela sua virtude… se o mundo fosse um sítio diferente e se nós os dois fôssemos livres para fazer o que quiséssemos… seria eu o tipo de homem que…

Não é normal nele, esta hesitação. Penso: em tempos, houve uma mulher que foi cruel para ele, e, apesar de todo o seu charme, ele nunca o ultrapassou.

– Carlos, é um homem muito atraente e bondoso. Qualquer mulher teria sorte por o ter como marido. Mas não posso responder à sua pergunta. A minha virtude faz parte de mim, tanto como as minhas mãos ou a minha cabeça. Como poderia imaginar como seria se não a tivesse?

Bruscamente, ele diz:

– Então fique com a sua virtude. Amo-a demasiado para lhe desejar outra coisa.

Vira-me costas, mas até eu, habituada à corte, não consigo conter completamente a minha surpresa por o ouvir usar pela primeira vez essa palavra.

CARLO

Recolha o gelo no Inverno, para poder ter o prazer dos gelos no calor do Verão.

«Uma colheita», chamara eu à recolha de gelo na conversa com o rei; e era exactamente disso que se tratava. Ver as primeiras geadas no Parque de St. James era como ver os primeiros rebentos de uma safra há muito aguardada. Todos os dias os rebentos ficavam um pouco mais fortes, um pouco maiores, alimentados pela escuridão e pelo frio crescente. Os homens caminhavam apressadamente pelas ruas, envoltos agora em peles. Os cavalos batiam os cascos no chão, enquanto esperavam que as carroças fossem descarregadas, e sopravam trompetas de hálito quente enquanto se esforçavam para percorrer as ruas irregulares.

Depois chegou a neve. Se as geadas eram os rebentos, isto era a flor. Grandes pétalas de neve pairavam sobre a cidade, pintando os telhados de branco; assentando um bocadinho mais fundo, um bocadinho mais de tempo, de cada vez que nevava.

Contudo, o gelo ainda não endurecera. O gelo era o fruto do Inverno e amadurecia lentamente. Primeiro uma camada fina de caramelo transparente na superfície de uma poça. Depois um disco de vidro. E, finalmente, uma placa grossa e branca de porcelana, coberta de fendas onde as crianças tinham tentado parti-la com os pés, apenas para descobrir que não conseguiam.

– O gelo – disse a Elias –, até mesmo o gelo que parece congelado, precisa de tempo. Solidifica lentamente, ao longo de uma semana ou mais. E quanto mais duro for o gelo, mais lentamente derreterá. Queremos ferro, não porcelana.

– Esperamos?

– Esperamos – confirmei.

Ao fim de uma semana, o gelo estava duro como ferro. Era altura de passar para Hampton. Onde, claro, o caos se instalara. O intendente negligenciara as minhas instruções; os trabalhadores estavam parados; o celeiro que eu encomendara estava a ser usado para o gado. Apenas o gelo era perfeito, suficientemente espesso para suportar o peso de um cavalo, tão duro e firme como o próprio solo gelado.

Invoquei o nome do rei e praguejei generosamente em italiano. Pouco a pouco, a minha colheita foi recolhida.

Certa manhã, acordei e vi que o próprio ar estava branco. Uma neblina marítima gelada aproximara-se de leste, trazendo consigo um frio tão cortante que as folhas de azevinho se partiam em duas como biscoitos, e todos os ramos e galhos estavam cobertos de barbas de gelo.

Lembrei-me do que Louise me contara sobre Brest e perguntei-me o que estaria ela a fazer agora. Tentei afastá-la da mente. No entanto, às vezes, através da neblina congelada, julgava vislumbrar uma figura,

com um vestido puído, a dançar na neve.

LOUISE

Agora os canais e lagos no Parque de St. James estão congelados. Carlos e o seu irmão Jaime ensinam-me a deslizar no gelo – «patinar», como lhe chamam. Aprenderam nos anos que passaram nos Países Baixos. Jaime é o melhor dos dois, algo que irrita Carlos, uma vez que em todos os outros desportos é muito superior ao irmão mais novo.

Às vezes, Jaime patina ao meu lado para me segurar: uma mão sobre o lado do meu corpo para me equilibrar, a outra esticada à minha volta para eu não cair, fazendo-me acelerar num grande arco, os dois impelidos apenas pelos movimentos das suas pernas compridas, enquanto eu me concentro em manter as pernas direitas e firmes para não cair.

– Raios, ele parece prestes a tomá-la nos braços – resmunga Carlos.

Está com ciúmes. E não totalmente infundados: Jaime aperta-me um pouco mais do que precisaria, coloca as mãos um bocadinho mais abaixo ou mais acima do que seria necessário.

É um homem estranho. Fisicamente, é parecido com Carlos – quer isto dizer, atraente. Contudo, de alguma forma, aquilo que em Carlos se transformou em charme, em Jaime tornou-se frieza. Questões de fé e política perturbam-no. No rosto ostenta perpetuamente uma expressão de ansiedade ou arrependimento. No entanto, diz-se que é mais inteligente do que o irmão e que faz a maior parte do meticuloso trabalho governamental quando Carlos perde a paciência.

O seu gosto em amantes é uma anedota em Whitehall: diz-se que, numa espécie de penitência, se certifica de que são sempre mais feias do que a mulher.

Contudo, é também almirante da Frota. Nessa qualidade, ninguém é mais importante em termos de aconselhar Carlos a entrar ou não em guerra. Consta também que, secretamente, tem uma inclinação para a Fé Verdadeira. Se assim for, não terá os mesmos escrúpulos que alguns dos ministros do rei sobre entrar em guerra com uma nação protestante. Esta guerra pode até ser vista como um teste. Decidir-se-á por salvar a própria alma, ou por ajudar o irmão a manter o trono? É um dilema difícil para um homem devoto.

E quem melhor para falar com ele sobre estas questões, do que uma dama católica de grande virtude, recentemente chegada de França?

Passamos longas tardes a ler *Lettres Provinciales* e a discutir a opinião de Pascal sobre a alma.

Carlos não acha muita graça.

– Porque passa tanto tempo a ler com o meu irmão?

– Vossa Majestade é bem-vindo para se juntar a nós.

– Não imagino nada mais entediante do que discutir religião com o Jaime. Apesar de qualquer um de nós ter pouco com que se ocupar neste momento. Se o solo não descongelar rapidamente, as corridas terminarão antes mesmo de ter começado, este ano.

– Cuidado para não prolongar isto tempo de mais – avisa-me lady Arlington. – O rei fica irritável quando o tempo está assim. Na verdade, seria uma época perfeita para passar na cama. Uma lareira quente e uma manta de peles, e o apartamento dele seria o sítio mais acolhedor do reino.

A minha táctica, quando ela fala assim, é parecer vaga.

– A minha lareira chega perfeitamente, obrigada. O carvão marinho aqui em Londres é muito bom, não acha?

Nesse Inverno, um dos membros do parlamento põe a circular um poema que começa assim:

Se tivéssemos tempo e mundo suficientes,

Este pudor, minha dama, não seria crime…

Carlos envia-mo com um bilhete: *Este homem é um dos meus inimigos e um panfletário infame, mas, de alguma forma, conseguiu exprimir os meus pensamentos de forma mais eloquente do que eu próprio.*

À noite, entretenimento. A grande moda, este Inverno, são os bailes de máscaras. Na Casa de Banquetes, nas mansões de Pall Mall, dançamos e trocamos mexericos atrás dos nossos disfarces. Tenho uma dúzia de máscaras diferentes, feitas com renda, penas, folha de prata e cabedal trabalhado.

E uma que continuo a usar quando tiro as outras.

Tantas camadas de disfarces. Já vi o rei sem a sua máscara, mas não sem a cabeleira. Será que a tira quando se deita com uma mulher, pergunto-me? Tenho uma imagem súbita do rei, de camisa de noite, sem a cabeleira luxuriante na cabeça, o cabelo verdadeiro cortado como o de um soldado. Rente e escuro. Devia ser cómico, ridículo, o monarca despido da sua dignidade – mas, em vez disso, sinto uma espécie de ternura.

Nos bailes, o rei e o irmão identificam-se facilmente, tanto pela qualidade das suas roupas como pela sua altura acima da média. No entanto, por vezes, é difícil distinguir um do outro. Apenas a postura do rei – a forma atlética como dança – os diferencia.

E isto: Jaime namorisca comigo, um pouco desajeitadamente. Tenta conversar comigo, captar o meu interesse com actualidades ou mexericos.

Carlos limita-se a olhar para mim por trás da máscara, os olhos escuros e brilhantes mais eloquentes do que palavras.

CARLO

Canela, junça, sassafrás e cravo-da-índia são todas boas especiarias para gelos. Na verdade, o gelado de noz-moscada pode ombrear com o mais grandioso dos *gelati*, e é um excelente gelo de Inverno. Sirva-o com tarte de maçã morna e um copo de cerveja quente com açúcar e canela.

O Livro dos Gelos

A Inglaterra estava agora coberta de neve, submersa, empanturrada. Os meus trabalhadores entraram em desespero, empurrando carroças carregadas de gelo através dos intermináveis bancos de neve. Os cascos dos cavalos tinham de ser enrolados em pedaços de pele; apesar disso, alguns apanharam distomatose por andarem ao frio e na humidade e tiveram de ser libertados para se arranjarem sozinhos o melhor que pudessem. Por vezes, ficávamos presos durante dias, por tempestades ululantes que nos queimavam a pele e empurravam neve para todas as fendas das nossas roupas. Noutras alturas, o céu estava azul e brilhante e calmo, sobre um mundo pintado de branco, o ar parado a cintilar como a poeira da broca de um cortador de mármore; havia montes de neve em todas as casas e carroças, como a crosta de uma tarte acabada de fazer.

Eu estava no meu elemento.

Não era apenas de gelo para encher a casa de gelo do rei que eu precisava. Isso talvez fosse suficiente para a casa real, mas a corte, e o seu banquete, exigiam mais. Tal significava encontrar e encher grutas onde o ar pudesse ficar frio o ano todo, celeiros de gelo de onde pudesse reabastecer a copa de St. James.

As grutas raramente ficam perto de estradas boas, e mesmo as estradas boas estavam agora intransitáveis. As cernelhas dos cavalos em breve estavam indelevelmente esfoladas com as marcas dos nossos chicotes.

Quando eu e Elias regressámos a Londres, à frente de uma caravana de carroças, já íamos a meio de Janeiro. Embora não passasse muito do meio-dia, a escuridão já estava a cair – havia poucas horas boas de luz nesses dias no pino do Inverno. Passámos por Ludgate e vimos o grande rio por baixo de nós. Por um momento pensei que deviam ter acendido os famosos fogos que avisavam Londres das invasões. Depois percebi que – e como era assombroso –

as fogueiras estavam no próprio rio, mesmo em cima do gelo, uma linha de chamas que se estendia em direcção a oeste até onde a vista alcançava.

Era como a reunião de um circo ou o acampamento de um exército. Havia castelos feitos de lona; comedores de fogo e ursos dançarinos; malabaristas e bobos; balões de fogo e as centelhas cintilantes de pólvoras coloridas a iluminar os rostos da multidão. Bandeiras esvoaçavam na brisa e o som de música chegou até nós.

– É obra dos barqueiros – disse Elias, do seu lugar ao lado do carreteiro. – Quando já não conseguem trabalhar nos seus barcos, declaram aberta a feira do gelo. Ninguém tem jurisdição entre as margens do rio a não ser eles.

A estrada onde nos encontrávamos levava até ao rio. Pouco depois, senti o cheiro de castanhas assadas e o odor quente e almiscarado de cerveja quente.

– Quer parar? – perguntou o carreteiro, lambendo os lábios.

– Não – respondi secamente. – Temos de levar o gelo até ao seu destino.

*

Quando finalmente chegámos ao Lion, exaustos depois de uma noite passada a descarregar as carroças de gelo, encontrei o estabelecimento deserto, à excepção de um solitário empregado de balcão. Titus Clarke abrira uma tenda de bebidas na feira do gelo, explicou ele, e Hannah estava lá a vender as suas tartes.

Curioso, acompanhei Elias até ao rio, onde uma carruagem puxada por seis cavalos levava os passageiros de uma margem para a outra. O condutor assegurou-me que era perfeitamente seguro, mas eu tinha demasiado respeito pelo gelo para brincar com os seus perigos e decidi ir a pé. Na tenda do Red Lion, Elias reuniu-se com a mãe: ela abraçou-o e disse-lhe que devia ter crescido pelo menos trinta centímetros. Ele pareceu um pouco embaraçado com esta manifestação de afecto. Não crescera apenas por fora, pensei, divertido.

O sorriso de boas-vindas de Hannah para mim foi caloroso.

– Obrigada por cuidar dele – disse. Acenei e deixei-os a conversar.

Cada tenda tinha o letreiro de uma estalagem e, por acordo mútuo, vendia apenas uma espécie de bebida. O Three Bells era uma tenda de araca; o Coach and Horses vendia absinto, enquanto o Red Lion servia uma variedade de cerveja a que chamavam «muda».

– Porque se chama assim? – perguntei a Titus Clarke.

– Porque quem beber demasiado fica mudo – disse ele alegremente enquanto me estendia uma caneca cheia de espuma. – Tem o poder de nos roubar as palavras, como muitos homens já descobriram às suas próprias custas.

Provei um pouco: era uma cerveja quente com açúcar, espumosa, aromatizada com sassafrás e cravo-da-índia, agradável, embora um pouco aromática de mais, de uma forma que me fazia lembrar um xarope para a tosse. À minha volta, homens e mulheres esvaziavam grandes canecas da bebida. Bebi a minha com alguma moderação – em Itália não temos tanta tendência para a embriaguez como os Ingleses. Para minha surpresa, era bom estar de volta a Londres: não me tinha apercebido, no campo, do quanto sentia falta da sua energia perpétua e rude. Caminhei lentamente. Vi várias lutas de touros com cães e uma ou duas lutas de galos, que me divertiram durante algum tempo. As pessoas comiam tartes de maçã e outras guloseimas e o ar estava repleto dos cheiros quentes de noz-moscada e canela.

Depois ouvi um grito: *O rei*. Ergui os olhos. Uma procissão de uma dúzia de carruagens estava a descer o gelo, proveniente da direcção de Whitehall. Enquanto eu observava, pararam e a corte desembarcou, homens e mulheres que se espalharam sobre o gelo. Muitos calçavam patins por baixo das belas roupas e, quando começaram a deslizar, graciosos como dançarinos, a multidão aplaudiu. Vi Louise entre eles, a patinar de costas, num círculo, com o vestido de seda dourada a ondular. Depois o rei estendeu-lhe a mão e os dois aceleraram juntos em direcção à Grande Ponte, deixando todos os outros para trás, as pernas de ambos movendo-se em perfeita sintonia, o longo cabelo preto de Louise a esvoaçar atrás dela; como se fossem dois pássaros deslumbrantes, a voar rio abaixo.

Virei-me para a feira que, subitamente, me pareceu um pouco mais escura, um pouco mais fria, sem eles ali.

A próxima coisa de que me lembro é de acordar, em agonia, no meu quarto no Lion. Alguém me despira: quem quer que fosse tinha dobrado as minhas roupas muito bem ao lado da cama e até deixara as minhas botas do lado de fora do quarto para serem limpas. Sentei-me, alarmado, e rapidamente desejei não o ter feito: tinha uma dor de cabeça insuportável, como uma rocha a ser aberta pelo martelo de um pedreiro. Parecia que, afinal de contas, tinha sucumbido ao vício dos Ingleses e bebera de mais.

Com um gemido, desci até à sala de jantar. Percebi que as cozinhas estavam abertas – o cheiro a tartes pairava no ar, proveniente das traseiras da sala – mas não havia ninguém por perto e eu não estava em condições de gritar. Por fim, Rose, a mais inferior das criadas, trouxe-me o pequeno-almoço.

Demorei algum tempo a perceber que ela se sentara numa mesa próxima e estava a ver-me comer.

– Como se sente? – perguntou, com um sorriso que pretendia ser compreensivo.

Franzi a testa.

– Dói-me um pouco a cabeça.

– Não admira, se foi a primeira vez que experimentou a muda.

Então ela vira-me na noite anterior.

– Presumo que fiquei mudo? Entorpecido pela bebida?

Ela atirou a cabeça para trás e riu.

– O senhor? Mudo? Não. Deu-lhe para o outro lado. Arengou como um padre.

Escusado será dizer que não me recordava de nada disto.

– E sobre o que é que eu estava a… arengar?

– Não se lembra mesmo?

– Se me lembrasse – observei –, não precisaria de perguntar.

Ela acenou.

– Bem visto. Digamos apenas que a maior parte da conversa me passou ao lado. E da Mary também. Especialmente as partes em italiano. Bonito, e muito persuasivo, mas nada que se pudesse considerar compreensível.

Estranhei o uso da palavra «persuasivo». Pelo menos, ao que parecia, eu não tinha revelado nenhum dos meus segredos. Mais um motivo para jurar nunca mais tocar na bebida, se o estado da minha cabeça não me tivesse já decidido por esse caminho.

O que quer que tenha acontecido nessa noite, teve outra consequência imprevisível. Longe de ficarem horrorizados com a minha falta de controlo, os habituais do Red Lion pareceram considerá-lo evidência de que eu era agora, como diziam, «um dos seus».

– Ao princípio, pensámos que era um bocadinho snobe – confidenciou-me Mary, a outra criada. – Mas, afinal, é um bom tipo, não é?

Eu estava bastante dividido em relação a isso. Por um lado, sentia-me tentado a chamar a atenção para o facto de que, sendo o confeiteiro de Sua Majestade, dificilmente poderia ser um deles; por outro lado, estava contente por estas pessoas já não me considerarem um forasteiro, portanto decidi que o melhor a fazer seria aceitar a sua amizade no espírito em que me era oferecida.

Mary e Rose, em particular, adoravam trocar mexericos sobre a corte, e agora que eu – de alguma forma – lhes indicara que era mais acessível do que tinham tido motivos para acreditar até então, vinham frequentemente incomodar-me enquanto trabalhava.

– E lady Castlemaine? É tão bonita como dizem?

– Ainda não tive o prazer de ver essa senhora.

– E o rei? Como é ele?

– Sua Majestade é muito gracioso. E alto. É a sua característica mais distintiva: a altura.

– É verdade que lady Arlington tem cem vestidos?

– Não os contei pessoalmente. No entanto, em Versalhes, cem vestidos não seriam considerados demasiados para uma senhora verdadeiramente elegante.

Em particular, elas estavam fascinadas de forma inimaginável por Nell Gwynne – «a nossa Nell», como lhe chamavam. Eu podia olhá-las de lado quando ouvia esse nome, e oferecer a opinião de que a actriz era uma criatura grosseira e desinteressante, mas, para elas, isso era apenas parte do seu fascínio. O facto de Nell ter começado como uma meretriz vulgar – «uma puta dos carvoeiros», chamava-lhe Mary – tendo ascendido ao palco, à fama e, daí, à cama real, parecia-lhes uma espécie de conto de fadas, ainda mais pela forma como as origens sórdidas de Nell lhes faziam lembrar as suas próprias vidas.

– Eu fui uma menina das laranjas, como ela, mas no teatro do duque, não no do rei. Tinha onze anos quando um cavalheiro decidiu que queria descascar mais do que aquilo que pagara – disse Mary.

Mudei rapidamente de assunto, apesar de o desconforto ser todo da minha parte, não da dela.

Elas tinham ouvido falar de Louise de Keroualle, mas a impressão que haviam formado dela tinha na base um preconceito diferente: que, como francesa, fora enviada para a corte inglesa com o único propósito de enfeitiçar o seu rei. Todos os meus protestos de que isso não era verdade eram recebidos como uma descrença educada mas inabalável. Uma das raparigas até tinha um livro que reivindicava ser a biografia de Louise e, uma vez que não sabia ler, pedira-me para lhe descrever o conteúdo. Era, claro, mais lixo, e depois de dar uma vista de olhos recusei-me terminantemente a fazê-lo.

Havia mais mexericos e conversas às quais eu prestava pouca atenção; contudo, para minha surpresa, quando Robert Cassell apareceu numa das suas visitas regulares, foi nestes mexericos da taberna, e não nos meus progressos na feitura de um gelo mais suave, que pareceu mais interessado.

– Mais alguma coisa? – perguntou, debruçando-se sobre a mesa e fixando em mim o olhar vivo e militar. – E conversas sobre outras nações, por exemplo?

– Bom, estão bastante convencidos de que foram os Holandeses que atearam o Grande Incêndio.

– Estão? – perguntou, com um leve sorriso.

– Eu disse-lhes que é muito mais provável que Deus esteja a castigar o país pelo regicídio.

– Hum… – disse ele. – Penso que, por enquanto, talvez seja melhor guardar esse ponto de vista para si. Nos próximos meses, as opiniões vão tornar-se bastante acesas sobre temas como esse. Na verdade, por muitas razões, seria melhor que confidenciasse ter ouvido várias pessoas importantes na corte dizerem também que os

Holandeses estiveram por trás do incêndio.

Uma pessoa que participava pouco nos mexericos era Hannah. Contudo, de forma talvez surpreendente, eu dava por mim a discutir com ela quase tanto como com as outras duas. Pois, se Rose e Mary eram demasiado crédulas, Hannah era demasiado desdenhosa.

– Hannah – chamavam-na elas quando ela passava –, anda ouvir. O signor Carlo está a falar-nos sobre a vez em que serviu taças de neve misturada com uma conserva de água de rosas à condessa de Sedburgh, num baile.

– Não conheço a condessa de Sedburgh – dizia Hannah, sem parar. – Por isso não estou muito interessada no que ela come.

– Mas ela é linda… – gritava Rose, mas era tarde de mais; Hannah já estava fora do alcance da sua voz. Parecia-me que ela era ainda mais seca com todos nós desde a noite da feira do gelo; por outro lado, o Inverno era a época mais movimentada do ano para as suas tartes, portanto podia simplesmente andar com pouco tempo.

Depois houve a ocasião em que eu estava a repetir alguns comentários que o rei fizera, relativamente ao banquete para os cavaleiros da Jarreteira em Windsor, e o meu papel central nessas festividades.

– Então ele tem dinheiro suficiente para gastar em palácios e banquetes, mas não tem dinheiro para poços ou hospitais – disse Hannah. – E cada um desses tostões veio do dinheiro dos nossos impostos.

– Onde o rei gasta o tesouro público é assunto apenas para Sua Majestade e para os seus conselheiros – observei, calmamente. – Como podemos nós, com a nossa informação limitada, ter a presunção de questionar as decisões dos grandes homens?

Ela parou então – estacou abruptamente, na verdade, algo suficientemente raro para eu reparar.

– E, diga-me, o que torna uma pessoa grande e outra não? – inquiriu.

– O nascimento, as maneiras e o sangue – respondi de imediato. – Pode nem sempre gostar daqueles que Deus colocou acima de si, mas com certeza que não pode duvidar de que Ele tem os meios para o fazer. Tal como o rei tem direito a parte do respeito que é devido a Deus, de quem é representante, da mesma forma os seus cortesãos têm direito a parte do respeito que é devido aos anjos.

Talvez eu não me tivesse explicado muito bem, porque Hannah simplesmente atirou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada sarcástica.

– E suponho que se inclui a si próprio nisso? – perguntou, quando acabou de rir. – Porque, se o senhor é um anjo, eu sou o rabo de um francês.

Olhei para ela, espantado com esta nova animosidade. Tinha a certeza de que ela não podia estar a referir-se ao meu nascimento humilde: esse era um segredo vergonhoso ao qual eu nunca aludira. A menos que tivesse, de alguma forma, traído as minhas origens quando estava bêbado… Observei-a, tentando encontrar alguma pista na sua expressão. Mas ela já me virara costas e afastara-se.

CARLO

Para fazer um sorvete de nêsperas: leve a ferver um quilo de polpa de nêspera com uma chávena de açúcar e o sumo de um limão, mexendo sempre com uma colher ou vara. Ficará melhor se adicionar um ou dois copos de cordial feito de bagas de espinheiro-negro ou dos abrunhos selvagens que crescem em climas setentrionais.

O Livro dos Gelos

De todas as árvores do pomar, a nespereira deve ser a mais estranha. Na árvore, os frutos são duros e amargos. Contudo, se os deixarmos no Inverno, as geadas quebram a polpa dura. Só quando a pele fica castanha é que a polpa está suficientemente macia para se comer, com algo da suculência almiscarada de caça fumada, ou de queijo que foi envelhecido em caves húmidas. É um processo que sugere ao mesmo tempo amadurecimento e apodrecimento.

A primeira vez que eu falara com Louise fora numa pequena mata de nespereiras.

Fiz um gelo de nêsperas e adocei-o com um licor fragrante, levemente medicinal, feito de bagas de espinheiro-negro. Coloquei-o numa cama de neve fresca do campo e levei-lho.

*

Nos aposentos dela havia grande actividade. Uma parede fora derrubada, abrindo o espaço para as salas do lado. Os trabalhadores estavam a pintar as paredes com novos frescos e colunas *trompe l'oeil*. Outro pintor estava a fazer o retrato dela. E um bando de damas de companhia observava e coscuvilhava do outro lado da sala.

– Trouxe-lhe um gelo – disse, com uma vénia.

– Signor Demirco. – Virou-se para o pintor e disse: – Já retomamos o trabalho. – Ele pareceu furioso, mas pousou o pincel com um aceno da cabeça.

– Venha. – Conduziu-me para uma alcova privada.

– O que se passa? – perguntei, enquanto lhe entregava o gelo.

– Isto? Oh, estão a remodelar os meus aposentos. Ao que parece, tenho de ter um quarto do tamanho de um salão de baile, para a

minha *ruelle* matinal, quando ele me visita com os amigos. E uma sala de baile para quando ele quer dançar. – *Ele*, reparei. Já não era *o rei*, nem sequer *Carlos*.

O vestido dela estava salpicado com centenas de pérolas. Estava vestida para o pintor do retrato, claro, mas também mudara. Já não era uma rapariga, uma criança, mas sim uma senhora – uma grande dama de França, refinada e elegante.

Ou estariam estas diferenças não nela, mas na forma como eu a via, por causa dos adereços que a rodeavam – o vestido, as sedas, as damas de companhia, o pintor de retratos, os próprios aposentos sumptuosos?

– Como foi o seu Inverno? – perguntou ela. – Conseguiu o seu gelo?

Acenei afirmativamente.

– O suficiente para fornecer gelados à Europa inteira. E o seu? Como estão as relações com Sua Majestade?

– Oh, Carlo – suspirou ela.

– O que se passa?

– O rei está apaixonado por mim.

– E então? Já estava apaixonado por si antes de eu me ir embora.

– Mas agora parece quase… *tresloucado*. Como se estivesse em sofrimento. Lidei mal com ele. Agora estamos ambos encurralados. Ele não pode casar comigo; não suporta deixar-me partir; e nenhum de nós pode voltar para casa enquanto esta guerra não acontecer. O que hei-de fazer?

– O que desencadeou isto?

– A mulher do irmão dele, Anne Hyde, morreu.

– Eu soube. – Dizia-se que, no leito de morte, ela recusara o padre, dizendo que preferia morrer sem absolvição na Fé Verdadeira do que abençoada numa fé falsa. As pessoas com quem eu falara, na província, estavam mais convencidas do que nunca de que os Stuart eram católicos secretos.

– A questão é, com quem casará Jaime a seguir? Uma mulher jovem, diz ele, bonita e, claro, católica.

De súbito, percebi.

– A Louise?

Ela acenou.

– Ele falou com Carlos sobre o assunto, pelo menos. Houve uma discussão tão grande… Carlos pensou que eu o encorajara. Não é verdade, claro. Estava apenas a tentar obter o apoio dele para a guerra.

– Então o que aconteceu?

– Disse a ambos que nunca poderia aceitar.

Eu sabia o que isto devia ter significado para ela: recusar uma

oferta de casamento do herdeiro do trono inglês.

– Não tive escolha – acrescentou. – O Colbert e o Arlington deixaram-no perfeitamente claro. Serei amante de Carlos, ou nada.

– E a guerra?

Ela encolheu os ombros.

– Receio que, agora, esteja mais longe que nunca. Consegui influenciá-lo em pequenas coisas, sim. Mas não nisso.

Ela parecia tão abatida, ali sentada, que tomei uma decisão súbita.

– Fuja comigo – disse-lhe. – Agora. Hoje mesmo. Apanharemos um barco para Espanha ou para a Sicília. Case comigo ou não, é consigo. Podíamos estar em Dover ao nascer do dia. Em Madrid dentro de uma semana. Os meus gelados são os melhores da Europa; os espanhóis são grandes apreciadores, nunca passaríamos fome…

Ela abanou a cabeça.

– Não – disse, baixinho. – Carlo, não faça isso. O rei ama-me.

– E ama-o a ele?

Ela abanou novamente a cabeça e percebei que não estava a responder-me, mas apenas a avisar-me para nunca mais lhe fazer essa pergunta.

Voltei ao Red Lion. Admito: parei noutra taberna pelo caminho, a primeira que encontrei, e bebi três canecas de cerveja forte.

Depois entrei no Lion à procura de uma mulher.

Podia ter sido qualquer uma delas. Por acaso, foi Hannah que encontrei nas escadas.

– Venha – disse, abruptamente. – Preciso dos seus serviços.

– Leite-creme para os seus gelos?

– Refiro-me aos seus outros serviços. Os serviços que presta a certos homens. Quanto cobra?

Ela fitou-me nos olhos por um momento. Estava sem dúvida a calcular que preço poderia levar-me.

– Um xelim – disse, por fim.

– Muito bem. Vamos para o meu quarto.

Ela seguiu-me pelas escadas sem uma palavra. Apontei para a cama e disse-lhe onde se colocar. E depois…

Oh, tenho vergonha de escrever isto. Mas jurei contar tudo, sem embelezamentos nem rodeios.

Tomei-a na cama, como uma besta de quinta, sem sequer tirar as botas.

Ela não soltou qualquer som enquanto eu o fazia e fiquei-lhe grato por isso. Não teria aguentado se ela tivesse guinchado e gemido e elogiado, num fraco simulacro de prazer. Não havia qualquer prazer naquela cópula. Nem para ela, nem para mim. A única coisa que senti foi uma leve agonia de desejo a ser purgada do meu ventre, como se

tivesse sangrado uma veia, deixando a dor no meu coração ainda mais clara.

Depois, fiquei deitado na cama a olhar para o tecto.

– Porque chora? – perguntou ela. Eram as primeiras palavras que pronunciava desde o princípio. Cuidadosamente, como se eu fosse um fogo que a pudesse queimar, pousou a mão no meu rosto.

– Não estou a chorar – respondi, virando a cara. Ela não disse mais nada e levantou-se.

– O dinheiro está na minha bolsa, ao pé da janela – disse-lhe. Ouvi-a pegar-lhe, o tilintar de moedas, e depois fiquei sozinho.

LOUISE

Não há qualquer abrandamento. Pelo contrário, mordem-me os calcanhares de todos os lados. Arlington, Luís, Louvois… Até as minhas damas de companhia foram subornadas para me sussurrarem ao ouvido enquanto me penteiam ou estão de vigia junto às janelas, na esperança de um vislumbre do rei. *Como ele é belo,* mademoiselle *tem tanta sorte, lembro-me da minha primeira vez, é um prazer deitarmo-nos com um homem como este…*

Colbert visita-me todas as tardes. Hoje, porém, tem algo delicado para me dizer. Espera até estarmos a sós.

– Sua Majestade honrou-me com a sua presença num pequeno jantar em minha casa, ontem – murmura.

– Espero que tenha sido uma noite agradável.

– Sim, de facto. – Colbert parece não saber bem como continuar. – O rei Carlos ficou bastante relaxado com o progredir do serão.

– Relaxado?

– Quer isto dizer, que se aliviou.

– Falou sobre mim?

– Não directamente. Uma das criadas que nos serviu o jantar era uma rapariga da Gasconha. Talvez já a tenha visto? Uma jovem muito bonita.

Garanto-lhe que nunca reparei particularmente nas criadas do embaixador.

– Sua Majestade reparou nela. Na verdade, sentiu-se tão… à vontade na minha companhia, que mais para o final da noite perguntou se a rapariga poderia juntar-se a nós.

Ergo as sobrancelhas.

– Sua Majestade fez-me a honra de me mostrar que confia *ao máximo* em mim.

– Compreendo.

– O que se seguiu… Foi um deboche sem entraves – diz, debilmente. *Une débauche très libre.*

Na verdade, começo a compreender, um pouco. As palavras da sua ex-amante mascarada ecoam-me nos ouvidos. *Um libertino, como os outros.*

– Aguardo ansiosamente pelo dia em que o ardor de Sua Majestade possa ser temperado pela sua influência. Estou certo, Louise, de que seria uma força defensora da moralidade no meio de toda esta escuridão. – Continua, com alguma hesitação. – O problema é que parecemos ter chegado a um impasse.

– Como assim?

– Sua Majestade parece ter percebido que a Louise não é a única com argumentos para negociar.

– Ele quer *negociar*?

– Por assim dizer. Antes de deixar a minha residência, deixou bem clara a sua posição.

– Sim? O que tenciona ele oferecer-me, que julgue ser mais valioso para mim do que a minha honra?

Colbert parece agora positivamente atrapalhado.

– Não é a si que ele faz a oferta, *mademoiselle*. É ao rei… a Sua Majestade Cristã. Carlos pediu-me para deixar bem claro a Versalhes que, enquanto não houver amante, não haverá aliança. E vice-versa. Está a fazer uma proposta bastante directa. Quando a Louise for receptiva às súplicas dele, então pensará no assunto da guerra com os Holandeses. Mas, até lá, nada.

CARLO

Para meio litro de groselhas negras, junte quatro pés de hortelã, picada, uma chávena de açúcar e duas claras de ovo. Este gelo, um pouco ácido, é na minha opinião ainda melhor do que a fruta do qual é feito.

O Livro dos Gelos

Ela não o faria.

Não se deixaria chantagear até à cama dele, disse, tal como não se deixaria subornar com o mesmo fim.

Arlington disse:

– A culpa é toda dela. Inflamou-o além do que qualquer homem poderia suportar.

– Uma mulher tem o direito de não ser coagida.

– Porquê? – retorquiu Arlington. – Se uma rapariga não pode escolher o seu marido, porque havia de ter o direito de escolher com quem se deitará?

Deram-me uma carta para lhe levar.

– É a última oportunidade que ela tem – disse-me Colbert. – E, mesmo assim, pode ser tarde de mais.

Olhei para o envelope de linho no qual estava a carta. O selo tinha a insígnia de um sol, rodeado por raios líquidos – o brasão pessoal do próprio Rei Sol, Luís XIV.

*

Ela leu-a, pálida como a cal.

– O que diz?

Silenciosamente, estendeu-me a folha. Depois das cortesias habituais, o rei foi directo ao assunto, sem rodeios. A sua raiva era evidente, mesmo naquelas poucas linhas.

Consideramos agora que não há nada mais que possa fazer. Está na altura de regressar a França. Parte na próxima semana, de Dover.

– Vão enviar outra para o meu lugar – disse ela, com expressão carregada. – Outra mais receptiva. E, para mim, o convento ou pior.

– Pelo menos ficará livre de tudo isto.

Ela abanou a cabeça.

– Falhei. A minha promessa a Madame… o Grande Negócio… tudo. Falhei. Nunca estarei livre disso.

Parecia tão desanimada que tive vontade de a tomar nos braços, mas não o fiz.

– Acabou. – Olhou em volta, para os aposentos sumptuosos, para os presentes do rei: os relógios, os livros, os quadros e tapeçarias e mobílias e os embutidos deslumbrantes. – Acabou, antes sequer de ter realmente começado.

Ouvi-me então dizer as palavras que pensara que nunca pronunciaria.

– Talvez devesse ceder à vontade do rei.

– A sua virtude é mais do que a sua virgindade – disse-lhe, num tom meigo. – Bem como a de todas as mulheres. Está no seu carácter, no seu temperamento, em quem é e naquilo em que acredita. Esta é a escolha que tem de fazer: o que é mais importante para si, a sua virgindade ou a promessa que fez a Madame?

– Não compreende, Carlo. A minha família… conquistámos os nossos títulos no campo de batalha, a servir reis. A honra é o que nos diferencia de outros homens. Podemos ser pobres, mas ainda temos isso.

– Pode ser amante de um rei e conservar a sua honra.

– Terei perdido…

– Não! – exclamei. – Terá *vencido*. Não compreende? Assim que

for amante dele terá poder… muito poder!... não só sobre Carlos, mas sobre Luís também. Assim que for amante de Carlos, Luís nunca mais poderá ordenar-lhe que volte para França. Poderá fazer aquilo a que se propôs. E aquilo que perdeu… aquilo de que se desfez… terá realmente assim tanta importância, em comparação com isso?

Ela levantou os ombros, respirou fundo e, nesse momento, percebi que o faria. Vi, também, que eu era a única pessoa que poderia ter falado assim com ela; porque mais ninguém a conhecia ou amava o suficiente para pensar na sua felicidade no meio de todas estas intrigas.

Ela era uma mulher para quem o amor tinha uma importância secundária. Eu não a amava menos por isso, mas ajudava um bocadinho saber que não era por desejar o rei que ela faria isto, mas por um objectivo – um objectivo patriótico – com o qual se comprometera muito tempo antes.

Conversámos durante muito tempo – discutimos o assunto, pesámos os prós e os contras. Era, ambos o sabíamos, um passo irrevocável.

– Se eu o fizer – disse ela –, quero que saiba que o levarei às últimas consequências. Não serei sua amante de forma furtiva e escondida. Tem de ser reconhecido, às claras, à maneira francesa, para que todos estejam conscientes da minha posição. Farei com que ele dependa de mim para cada julgamento e decisão que tiver de tomar. Não serei menos do que uma rainha, apesar de não ter o título.

– Eu sei.

Por um longo momento, nenhum de nós falou. Depois ela disse, num tom diferente:

– Como hei-de dar a entender que mudei de ideias? – Soube então que a decisão estava tomada.

– Fale com o Arlington – aconselhei. – Ele que seja o intermediário. Estará mais do que disposto a colher os louros por isto.

No Red Lion, encontro Hannah a fazer tartes.

– Quando terminar… – digo, com voz rouca.

Ela percebe o que quero dizer com um único olhar para o meu rosto.

– Tenho de pôr estas tartes no forno. – Aponta para o tabuleiro.

– Bom, não as estrague por minha causa. Estarei lá em cima.

Quando ela entra no meu quarto, ainda traz o avental.

Era sempre igual: ela de gatas em cima da cama; as minhas ancas a movimentarem-se; o meu gemido de libertação. Nem uma palavra da parte dela. O tilintar de moedas – verifiquei: ela nunca tirava dinheiro a mais nem a menos.

A única diferença, desta vez, era um leve cheiro a tarte e um pouco de farinha no cabelo dela, como uma madeixa grisalha, onde o

ajeitara distraidamente enquanto amassava.

Dei por mim a olhar para baixo enquanto copulávamos. Estava a pensar num casal há muito casado, um casal que fazia este acto por companheirismo, por amor, e não por sofrimento. Presumivelmente, haveria pessoas assim neste mundo.

LOUISE

Convido lady Arlington para jogar às cartas. Agora é fácil ganhar-lhe – ela joga sempre a mesma mão, da mesma maneira. No entanto, pela mesma razão, é igualmente fácil deixá-la ganhar.

As perguntas habituais sobre o rei. Ele ainda me visita todas as manhãs? E à noite?

– Claro que só lhe permito que me visite durante o dia – digo. – A menos que fôssemos casados, qualquer outra coisa seria indecorosa.

Ela emite um ruído de desdém.

– Mas não podem casar. Não com a rainha ainda viva.

Distraidamente, enquanto jogo uma carta, digo:

– Sabe, às vezes penso que é uma pena que um rei não possa ter duas rainhas. Isso resolveria tantos problemas, não era?

Jogo a dama de ouros e a dama de copas juntas, uma de cada lado do rei, como se os meus comentários fossem relativos apenas às cartas.

Pelo canto do olho, vejo-a arregalar os olhos enquanto morde o isco.

*

Menos de um dia depois, o marido dela vem visitar-me.

– Tive uma ideia – diz ele, jovialmente. – Uma sugestão, melhor dizendo.

– Estou certa de que tem muitas ideias, lorde Arlington. Todas elas excelentes.

– Tenho, de facto – concorda ele. – Muitas ideias. Mas… ah, apenas uma esposa.

– Uma é o número habitual, não é?

– Para os homens vulgares, sim.

– Oh, não diga isso, lorde Arlington. O senhor é tudo menos um homem vulgar.

Ele aceita o elogio com uma inclinação da cabeça.

– Mas não sou um rei. Não… – continua, quase como se estivesse a falar apenas com os seus botões – …se eu fosse como Sua Majestade… um governante absoluto, chefe da Igreja e representante

ungido de Deus na terra… podia certamente ter uma segunda… *consorte* oficial, se assim o desejasse. – Olha para mim, muito satisfeito consigo próprio.

– Sim? Que interessante. – Passado um momento acrescento, quase como uma reflexão posterior: – Espanta-me que os padres sancionassem uma coisa dessas… sei como eles podem ser difíceis nestas questões. Mas, naturalmente, confio na sua perícia nestes assuntos.

– Padres! – exclama ele, arregalando os olhos. É evidente que não estava a contar que eu exigisse os padres.

– Uma cerimónia dessa natureza certamente que exigiria um padre, não é assim? – pergunto, distraidamente. – Para ser oficial e reconhecida aos olhos de Deus? Bom, claro que não estou *au fait* com os costumes da vossa Igreja inglesa.

Uma ligeira pausa e depois ele vê a abertura que lhe estou a criar. É óbvio, quando pensamos bem: eles já têm uma religião inventada, com cerimónias inventadas, os salmos e a liturgia e os rituais num estado de mudança contínua. Que diferença fará mais uma?

– Na verdade, não sei qual seria a cerimónia exacta para uma ocasião tão… invulgar – diz ele lentamente.

– Mas o senhor não é bispo.

– Pois não. – Outra pausa. – É uma questão teológica interessante. Terei de a colocar a um bispo meu conhecido. Sabe, não ficaria nada surpreendido por descobrir que afinal de contas essa cerimónia existe mesmo.

– Nem eu – respondo. – Nada surpreendida.

E assim, através de insinuações e sugestões, chegamos a um acordo.

Não um casamento, mas uma *união*. Não uma rainha, mas uma *consorte*. Haverá um casamento, mais ou menos. Haverá votos, orações, uma bênção. Haverá madrigais, um epitalâmio especialmente composto em nossa honra, um baile de máscaras. E depois seremos acompanhados à cama de forma ritual, como quaisquer outros noivos.

E Luís terá a sua guerra.

Quanto ao local da cerimónia, Arlington sugere o seu palácio de campo, Euston Hall, perto de Newmarket. Há uma capela – de estilo ambíguo, nem simplesmente protestante nem extravagantemente católica – dentro da casa. Claro que sei por que motivo sugere este palácio: quer que isto aconteça fora de Londres. Assim, se alguma vez se vier a saber, pode justificar tudo isto como uma brincadeira, uma farsa rústica para entreter os seus convidados. Contudo, mesmo assim, quer que aconteça sob os seus auspícios. Tenciona enriquecer às custas disto. Almeja o cargo de chanceler, pelo menos, dádiva de um rei agradecido.

Encontra-se um bispo que jura que é tudo perfeitamente digno. Quer isso dizer que não é mais indigno do que a alternativa. Quer isso dizer que, já que vai acontecer algo indigno, mais vale que seja à vista de Deus. Assim, é quase como se o rei estivesse a pedir o Seu perdão e a Sua compreensão. Esse perdão é, de certa forma, uma espécie de bênção neste mundo de pecado.

Acredito que o bispo quer ser arcebispo, e em breve. Os seus argumentos são disparatados – até uma criança conseguiria derrubá-los. Porém, ninguém opta por discordar. Muito menos Carlos. Ele não quer saber quantas regras é preciso dobrar para poder ter aquilo que quer.

O embaixador, Colbert, está ainda mais impaciente do que o rei.

– Precisamos da guerra, já. Porquê esta demora?

– Neste preciso momento estão a ser construídos trinta e dois navios de guerra nas docas de Chatham. A demora beneficia-o a si, não a mim.

– Mas porque não pode a cedência acontecer primeiro e os navios virem depois?

Olho para ele.

– Pode saber muito de diplomacia, Excelência, mas parece não saber muito sobre homens e mulheres. Para quem supõe que esses navios estão a ser construídos com tamanha urgência? Para Luís ou para Louise?

Ele compreende o que quero dizer e inclina a cabeça.

– Tenhamos então esperança – diz, baixinho –, de que o rei Carlos nunca se venha a arrepender do elevado preço que pagou pela sua companhia, *madame*.

Reparo no uso de «*madame*». E por essa ofensa, Excelência, penso, e pelo pequeno tremor de desagrado com o qual condescende em olhar para mim, certificar-me-ei de que, assim que eu for amante dele, o senhor será recambiado para França.

CARLO

Por mais picante que seja o ruibarbo, o sumo de um limão reforçará o seu sabor.

O Livro dos Gelos

Mesmo a meio do Inverno, os Ingleses cultivam uma estranha colheita: metade vegetal, metade fruta. Parece-se um pouco com aipo, mas os caules são de um rosa vivo, uma curiosidade que ainda é mais estranha pelo facto de terem de os obrigar, como dizem, a crescer em

baldes virados ao contrário e barracões escuros. A planta parece medrar no escuro e no frio: na verdade, ambas as coisas são necessárias para o ruibarbo desenvolver o sabor picante, quase como o de um morango, que tanto apreciam.

Fiz-lhe um gelo da fruta do Inverno, o primeiro ruibarbo do ano, os rebentos amargos um lembrete de todas as colheitas ainda por vir.

Depois de a decisão estar tomada, ela não perdeu tempo a lamentá-la. Era tarde de mais para mudar de ideias e, além disso, qualquer sinal de indecisão só enfraqueceria a sua posição.

Só por uma vez a vi preocupada com a forma como poderia ser vista.

– Pode certificar-se de que isto chega à Bretanha?

Olhei para o envelope que ela me tinha dado. Estava dirigido ao conde e à condessa de Keroualle, em Brest.

– Sabe que será lida, de qualquer maneira? Se não for pelos espiões ingleses, pelos franceses?

– Eu sei. Tentei ser circunspecta. Não duvido de que eles receberão a notícia por terceiros muito em breve, mas queria que soubessem que, apesar de tudo, ainda sou sua filha.

Tirando essa ocasião, portou-se de forma muito terra-a-terra. Até que, um dia, disse:

– Carlo?

Esperei.

– Como é que… – Hesitou. – Como é que se comporta uma mulher apaixonada?

O seu tom de voz era prático, como sempre, mas estava ligeiramente mais corada do que habitualmente.

– Com o homem por quem está apaixonada, é isso que quer dizer?

Ela acenou afirmativamente.

– Na cama?

Novo aceno.

– Os seus romances e livros não explicam isso?

– Oh… esses. – Fez um gesto desdenhoso. – Pelos vistos, tenho de suspirar e desfalecer. Ou protestar estridentemente todos os minutos que ele não estiver comigo. Ou portar-me como uma megera ciumenta. Desconfio que nenhuma destas opções me ajudaria a cativar Carlos.

– Nem pareceriam naturais em Louise de Keroualle – concordo. – No entanto, presumo pela sua pergunta que está com receio de que ele perceba que não o ama, não é assim?

– Ele tem muito mais experiência do que eu.

– Bom, não sou a melhor pessoa a quem perguntar, uma vez que não creio alguma vez ter sido amado por uma mulher da forma que descreve. Nem devia estar demasiado ansiosa por renegar a sua

inocência, já que, para muitos homens, é em si mesma uma espécie de afrodisíaco. Posso dizer-lhe o pouco que sei.

– Sim, por favor. – Ela está agora muito vermelha.

Tentei recordar as relações do meu passado. Olympe não me amava, mas tinha um à vontade consigo própria, uma confiança, que fazia com que deitar-me com ela fosse uma espécie de banquete. Ela fazia-me sentir um homem do mundo, sofisticado, para quem o sexo era apenas mais um dos prazeres sensuais que uma pessoa educada devia apreciar.

Com Emilia não houvera cópula, mas quando me lembrava da avidez e deleite dos seus beijos, da excitação que ambos sentíamos, a alegria de descobrir que a pessoa amada sentia o mesmo por nós do que nós por ela, isso fora ainda mais doce do que a pele perfumada de Olympe.

Perguntei a mim próprio como teria sido com Louise, se o destino e a sorte tivessem sido diferentes.

– Tem de fazer com que ele sinta que ambos são continentes novos, à espera de serem explorados – disse-lhe. – Que, de cada vez que ele lhe toca, é como uma nova descoberta… como se, tal como com o microscópio de Hooke ou os telescópios de Newton, estivesse a ser revelada uma nova maravilha até então escondida. Tem de ser ávida, mas a sua avidez tem de parecer surpreendê-la a si própria. Os seus beijos devem ser tão excitantes para ele como o primeiro ananás que os jardineiros alguma vez cultivaram, e, quando ele a beijar, tem de pensar na coisa mais surpreendente, mais encantadora e mais extraordinária que alguma vez viu ou fez.

– Nesse caso, pensarei na primeira vez em que provei um gelado.

– Mas não se engasgue, nem grite, nem leve as mãos à garganta e diga que está dormente, como as pessoas fazem frequentemente quando provam os meus gelos.

Ela sorriu.

Mas eu não consegui.

– Assim? – perguntou, suavemente, beijando-me.

Ela beijou-me.

Ela beijou-me.

– Não, assim não – disse-lhe, com voz rouca, quando finalmente nos afastámos. – Foi demasiado meiga e demasiado triste. Se o beijar assim, ele vai pensar que tem pena dele.

Quando cheguei ao Lion, disse a Hannah:

– Para cima.

Silenciosamente, ela seguiu-me até ao meu quarto.

Uma cópula sem palavras, como os animais.

No entanto, desta vez, não consegui acabar. Um grande cansaço abateu-se sobre mim. Parei, caí sem forças sobre a cama e fiquei

imóvel.

– Pode ir – disse, de olhos postos no tecto.

Talvez ela estivesse com medo que eu não lhe pagasse este fracasso, ou que estivesse a ficar farto dela e em breve deixasse de a procurar. Fosse qual fosse a razão, ouvi-a dizer baixinho:

– Vou buscar-lhe um cordial.

Tinha na ponta da língua a resposta torta de que eu próprio era criador de cordiais e não precisava de mais.

Contudo, não disse nada.

Mais tarde, ouvi a porta abrir-se quando ela regressou.

– Aqui tem. – Estendeu-me uma caneca. Cheirava a ervas aromáticas, algo verde, como o sabor de trigo de Primavera quando arrancamos um caule branco e grosso do seu invólucro de folhas e esmagamos a sua suculência leitosa entre os dentes.

Algo amargo, também, um gosto que ficava na boca.

– Valeriana – disse ela, adivinhando os meus pensamentos. – Casca de salgueiro e hipericão e extracto de urtigas.

– Medicinal?

– De certa forma.

Resmunguei:

– Normalmente não me vou abaixo desta maneira.

– Não é para… – Calou-se. – Beba, seja como for.

Engoli a bebida.

– Obrigado – agradeci, de má vontade, devolvendo a caneca.

Quando me deitei, ouvi-a mexer na minha bolsa e o tilintar de moedas. Depois, surpreendentemente, mergulhei num sono profundo e sem sonhos.

Mais tarde, quando acordei, estava tudo silencioso. Desci. Hannah não estava lá. Fiquei contente por isso.

Em cima do balcão da copa, algo me chamou a atenção. Um livro.

Peguei-lhe. *O Herbário Completo*, de Nicholas Culpeper. Olhei para a prateleira onde ela guardava os seus livros de receitas. Havia um espaço vazio onde o tirara, entre *Excelentes Receitas de Culinária* e *O Companheiro da Criada*.

Abri-o e folheei-o. Parecia ser tanto sobre astrologia como sobre ervas. *Sabemos que Marte é quente e seco, e sabemos também que o Inverno é frio e húmido; então, podemos saber também o motivo pelo qual as urtigas, comidas na Primavera, consomem as superfluidades mucosas do corpo de um homem, que a frieza e a humidade do Inverno deixaram para trás…*

Passei as páginas até encontrar uma referência ao hipericão. Estranhamente, Culpeper não parecia prescrevê-lo para a impotência, mas sim para os males do coração.

CARLO

Até simples arroz branco faz um gelado surpreendentemente delicado.

O Livro dos Gelos

–Precisa de alguma coisa? – perguntou-me Louise.

– Em que aspecto?

– Estou a fazer uma lista. Afinal de contas, agora posso pedir o que eu quiser. Vou trazer um séquito de pintores e músicos… Até um tutor de filosofia. Se quiser alguma coisa, mais vale aproveitar.

– Bom, na verdade, há uma coisa.

– Sim?

– Há um homem, aqui em Inglaterra, que percebe de gelo. Chama-se Boyle. É químico e membro da Real Sociedade.

– E?

– Penso que ele pode ajudar-me a fazer um gelado para o banquete do rei. Um gelo verdadeiramente digno do seu destinatário.

Ela lançou-me um olhar de estranheza.

– E é mesmo isso que quer? Sabe que o seu papel foi muito importante em tudo isto… pode pedir o que quiser. Qualquer favor ou presente. Até mesmo – hesitou – o seu regresso a França.

Não tinha sequer pensado nisso. Mas claro que não podia deixá-la agora.

– A ajuda do Boyle é tudo o que quero – disse-lhe. – Pelo menos, a única coisa que o rei Carlos tem poder para me dar.

– Eu estava errada, não estava? – disse ela baixinho. – Quando o acusei de ser apenas um libertino e um fazedor de guloseimas… Na altura, não me tinha apercebido de que um homem pode levar tão a sério os prazeres que cria. Certificar-me-ei de que terá o seu químico.

Cumpriu a sua palavra. Não sei que estímulos terão sido necessários, mas alguns dias depois recebi uma mensagem de Boyle, a convidar-me para ir ao seu laboratório onde, prometia, me apresentaria dois outros homens de experimentalismo – Christopher Wren e Robert Hooke – que tinham concordado em nos ajudar nesta tarefa, todos sob condições da mais estrita confidencialidade.

Desse dia, e das experiências que levámos a cabo, direi pouco. Não por não ter conseguido compreender os métodos dos *virtuosi*; pelo contrário, eram admiravelmente claros e só diferiam do senso comum na sua grande diligência e meticulosidade. Nem existiu qualquer hierarquia ou distinção entre nós enquanto trabalhávamos. Eu sabia que Boyle era filho do conde de Cork; Hooke, vim a saber, fora um

órfão miserável; Kit Wren era filho de um mercador. No entanto, apesar de ambos cederem a Boyle em questões filosóficas, creio que isso se devia apenas ao seu conhecimento superior; quando se tratava de matemática era para Wren que se viravam, enquanto Hooke era o mestre indiscutível em tudo o que fosse prática ou experimental.

Fizemos mais de uma vintena de gelos diferentes; variando a quantidade de nata, pouco a pouco, e depois o açúcar, e depois a temperatura, e por fim os ovos. Enquanto trabalhávamos, disse-lhes o que sabia mas não conseguia necessariamente explicar, como por exemplo que um tacho de leite, deixado a macerar de um dia para o outro, fazia um gelo mais espesso do que leite fresco. A partir destes fragmentos de informação eles *colocavam hipóteses*, como Boyle dizia: cada hipótese era então passada a Hooke para que este criasse uma experiência que a provasse ou refutasse. E…

Não houve um grande momento de iluminação, como aprendemos na escola. Arquimedes pode ter, um dia, saltado nu da banheira, Isaac Newton (que não pertencia à companhia nessa ocasião, embora outros falassem com admiração do seu trabalho com telescópios) podia ter visto uma maçã a cair – embora Hooke afirmasse que isto era apenas uma fábula criada pelo próprio Newton para esconder o facto de ter sido ele, Hooke, a descobrir as forças que governavam a rotação da Terra: os membros da Real Sociedade eram muito dados a discutir estas questões. Porém, no meu caso, foi simplesmente um período de descobertas tranquilas mas admiráveis, tal como o navegador que parte para novas terras não chega de repente ao seu destino, mas tem primeiro de o avistar no horizonte, depois esperar pacientemente que as várias características do terreno se tornem mais visíveis, e só ao fim de muitas horas pode procurar um sítio adequado para desembarcar. Foi uma viagem, sem dúvida, que demorou mais de um dia a completar. Mesmo com os admiráveis poderes de concentração dos *virtuosi*, as experiências no frio do laboratório de gelo tornaram-se insuportáveis para eles ao fim de algumas horas. Insistiram então para que nos retirássemos para um café e levaram-me ao Garraway's, onde interrogaram um capitão de alto mar sobre o melhor método de propagar palmeiras; depois ao Will's, onde teve lugar um debate aceso sobre a possibilidade de os Holandeses abrirem as represas caso os Franceses os invadissem; e depois ao Scott's, onde se juntaram a uma competição para criar uma nova roda de azenha para a Ponte de Londres. E em todo o lado onde íamos – não só nos cafés, mas nas ruas e nos sítios entre elas – as pessoas abordavam os meus companheiros para inquirir sobre o progresso deste ou daquele projecto de construção, ou para perguntar sobre uma experiência, ou para lhes transmitir uma observação. Comecei a perceber porque preferiam, geralmente, o café ou o vinho à

cerveja, pois estes *virtuosi* moviam-se e falavam e pensavam habitualmente com uma impaciência animada e bem-humorada que o café parecia apenas exacerbar, muito diferente do estupor que eu sentira com a cerveja da feira de gelo.

Ao fim de três dias, tínhamos feito tantos progressos que foi com alguma surpresa que olhei para trás e vi o quanto havíamos avançado. Tornara-se evidente que os ovos eram, de certa forma, a resposta, pois conseguíamos agora produzir de forma consistente um creme gelado feito com ovos – ou testículos de galinha, como Wren insistia em chamar-lhes – que era tão suave e cremoso que parecia não conter um único cristal de gelo. Porém, os meus amigos não estavam satisfeitos com esta solução: queriam saber o *porquê* de os ovos produzirem este efeito e se poderia ser duplicado com outros ingredientes. Primeiro tentámos substituir os ovos de galinha por ovos de ganso e de gaivota (os primeiros eram muito bons, os segundos nem por isso), depois separámos os ovos em claras e gemas para ver qual das partes do ovo era responsável; depois, aos poucos, fomos reduzindo os ovos e começámos a trabalhar novamente com natas.

A intenção declarada de Wren, como geómetra, era encontrar uma fórmula matemática para exprimir a solução.

– Pois só pela matemática – disse –, podem as receitas ser recuperadas do caos e superstição dos cozinheiros. Quando vou ao Garraway's, insisto para que o meu café seja feito com sessenta e oito grãos; quando como um bife de vaca, exijo que esteja na grelha exactamente quatro minutos. O seu gelado, *signor*, pode ser mais complexo nos seus elementos constituintes, mas não é certamente mais resistente às leis do mundo físico do que o movimento ou a luz.

Foi por causa deste cavalheiro que eu adquiri posteriormente o hábito de registar exactamente as quantidades e métodos que usava para fazer os meus gelados, permitindo-me assim duplicar cada um deles sem ter de depender apenas das minhas memórias.

Hooke, por outro lado, estava mais interessado em criar uma máquina prática para tornar o processo mais eficiente. Depois de me ver fazer a primeira dose, anunciou que estaríamos aqui o Inverno todo se tivéssemos de proceder sempre assim. Tirou-me a pá das mãos e fez-lhe meia dúzia de orifícios grandes com uma broca, ignorando os meus protestos de que o instrumento em questão fora especialmente feito para mim em Paris.

– Experimente agora – disse, indicando a *sabotiere*.

Assim fiz e descobri imediatamente – claro! – que a mistura passava através dos orifícios à medida que se tornava mais espessa, acelerando assim o movimento da pá e trabalhando o gelado de forma mais eficaz.

E não se ficou por aí. Enquanto Boyle, Wren e eu fazíamos a

próxima série de experiências, Hooke retirou-se para a sua oficina «para experimentar uma coisa», como disse. Voltou com uma tampa para a *sabotiere*, na qual inserira uma simples manivela. Girar a manivela fazia com que a pá rodasse no interior, facilitando muito o trabalho.

– Não será de grande utilidade para si – observou –, uma vez que faz os seus gelos em quantidades ínfimas. Mas para nós, já que temos de fazer tantos para estas experiências, servirá para tornar o trabalho mais rápido.

Quando percebi que ele tencionava oferecer-me o aparelho, perguntei-lhe como poderia alguma vez pagar-lhe.

Ele encolheu os ombros.

– Se alguém perguntar, diga que foi Hooke que o inventou. É tudo o que eu, ou qualquer outra pessoa, poderia pedir.

Qual foi, então, o resultado de todas as nossas deliberações? Veio a verificar-se que não era nenhuma fórmula secreta, nenhum ingrediente mágico ou feitiço, mas simplesmente exactidão e equilíbrio. Descobrimos que o gelado é como um triângulo com três lados iguais: esses lados são a fruta, a mistura de açúcar ou leite-creme, e o mexer. Quando os três estavam em perfeita proporção, o gelado era tão suave e cremoso como manteiga acabada de bater.

Recordei as palavras de Hannah, sobre mais açúcar para solidificar o leite-creme. Na verdade, ela tinha razão, embora só pudesse ter sido um palpite de sorte, uma vez que nunca poderia compreender o processo como eu o compreendia agora.

– Terminámos – disse Boyle por fim, pousando a colher. – Cavalheiros, para o Garraway's. Ouvi dizer que há notícias interessantes sobre um tratado de paz no Reno.

Fomos ao Garraway's, onde se juntaram a nós um homem que inventara uma prensa de cidra mais eficiente e outro que fazia desenhos das perturbações no céu. A conversa virou-se então para a alquimia, e se haveria alguma diferença fundamental entre esta e o Novo Método. Hooke e Boyle diferiam neste ponto. Boyle, esse homem bom e amável, era da opinião de que Deus criara a Natureza deliberadamente misteriosa, enquanto Hooke – de quem eu não conseguia gostar, apesar da sua generosidade pessoal para comigo, pois era um indivíduo difícil e irritadiço – defendia que o universo não era mais do que um mecanismo, uma espécie de relógio gigante cujas engrenagens e objectivos estávamos agora apenas a começar a descobrir. Contudo, o que mais me intrigou foi que eles se envolveram num debate furioso, em que nenhum cedeu, por mais de meia hora; embora ambos tivessem dado muitos murros na mesa, nenhum esmurrou o outro, e cinco minutos depois de concordarem finalmente que nenhum deles podia provar a sua hipótese, estavam lado a lado a

examinar um estranho escaravelho morto que alguém trouxera de Epsom, novamente os melhores amigos do mundo.

Fizemos espaço para a criada nos servir mais uma rodada de bebidas. A maioria estava a beber café, mas Boyle e eu bebíamos chocolate, por razões de saúde.

– Aí está um belo e elegante sabor para os seus gelos, Demirco – disse Kit Wren, virando-se para mim. – Um prato de gelado com sabor a café.

– Na verdade, seria muito fácil de preparar – respondi. – Os grãos fazem uma excelente infusão com água, portanto certamente que o fariam também com leite.

– Eu preferia chocolate – disse Boyle. – O café não me cai bem, quase tanto como aqui o Hooke. – Sorriu para mostrar a Hooke que não pretendia ofendê-lo. Menciono esta troca de palavras tanto para mostrar a boa vontade com que estes cavalheiros partilhavam as suas ideias, como a origem de duas das minhas receitas mais curiosas. Sei que o público pensa que estas confecções em particular provam que sou ligeiramente louco, e houve muitas piadas e comentários adversos quando elas se tornaram conhecidas; tudo o que posso dizer é que aqueles que desdenham da sua estranheza nunca as provaram, e que, além de serem requintadas, são extraordinariamente boas.

Em breve chegou a hora de eles partirem para uma reunião da sua Sociedade e, para meu grande prazer, perguntaram-me se queria acompanhá-los, como seu convidado. Tenho de dizer que não compreendi muito do que se discutiu nessa noite. Houve um debate sobre se o ar opaco ou nebuloso era mais pesado do que o ar limpo; Hooke mostrou-nos alguns desenhos muito belos de flocos de neve, que apanhara no feltro do seu chapéu novo e observara com o microscópio; Henshaw leu uma carta sobre a dissecação de um testículo de arganaz, e houve uma discussão prolongada sobre o porquê de uma porta, que não empena no Verão, empenar por vezes no Inverno. Wren descreveu uma forma de fazer uma chaminé cheirar bem e debateram um trabalho em curso. Por fim, levaram a cabo uma experiência, criada por Hooke, para soprar ar para os pulmões de um peixe; para minha surpresa, o próprio rei esteve presente nesta parte do serão.

– Signor Demirco – disse, quando me viu. – Não sabia que era filósofo.

– Senhor, alguns dos membros da vossa Sociedade têm estado a ajudar-me a criar um gelado melhor.

Ele ergueu as sobrancelhas.

– Presumo que se trata do prato para o meu banquete? O que será dedicado a mademoiselle de Keroualle?

Hesitei… e depois acenei afirmativamente.

– Na verdade, este será um prato bem indicado para dedicar a essa senhora. Pois é um prato, não apenas de um sabor, mas que pode ter muitos sabores, conforme o que escolhermos colocar nele. Um dia pode ser morangos, noutro pêssegos e noutro nozes ou *posset* ou chá. Só a textura é sempre a mesma: frio e duro na taça, mas derrete-se na língua como o mais suave dos cremes…

– Um gelo que é duro na taça mas que se derrete na boca? – disse ele com um sorriso. – Na verdade, *signor*, parece muito apropriado. Estou ansioso por o provar.

Mais tarde, enquanto saíamos, manifestei a Boyle a minha surpresa por ver o rei naquela companhia.

– Oh, ele vem com bastante frequência – garantiu-me Boyle. Estava agora acompanhado pela sobrinha; ela viera ao seu encontro, explicou, pois nos serões da Sociedade ele tinha tendência a esquecer que estava enfermo e a passar a noite toda em debate filosófico, a menos que ela o fosse buscar para ir para casa. – Todos os dias, independentemente dos assuntos de Estado com que tem de lidar, Sua Majestade executa pelo menos uma experiência. Na verdade, é um químico exímio.

A liberdade de discurso deu-me coragem para dizer algo em que andava a pensar muito, ultimamente.

– Antes de eu vir para este país – disse –, disseram-me que Carlos era um governante efeminado e de vontade fraca. Eu próprio tenho visto como ele se rodeia de imbecis bêbados e ministros interesseiros. No entanto, parece-me ser um homem encantador e, na verdade, muito inteligente.

– O Rochester tem a liberdade de ser ofensivo, e o Harvey tem a liberdade de dissecar o cérebro humano – disse Boyle. – Talvez, no fundo, sejam quase a mesma coisa. – Pareceu pensativo. – Conheci Galileu, uma vez. Eu era um jovem, andava a estudar pelas universidades da Europa, e ele estava em prisão domiciliária em Florença. Fui visitá-lo mas, nessa altura, ele já tinha perdido o juízo, sem dúvida graças, em grande medida, à forma como fora tratado pelas autoridades. A Inglaterra tem muitos defeitos, mas isso, pelo menos, nunca poderia acontecer aqui. Não me parece que seja coincidência que tenhamos entre nós eruditos como Halley, Harvey e outros que tais.

– Para não falar em Boyle – murmurou a sobrinha.

Ele fez um gesto impaciente.

– Podia ter feito algum trabalho útil, se não fosse a minha doença.

– É demasiado modesto, tio. A sua bomba de vácuo…

– Um começo, nada mais.

Tínhamos chegado junto da carruagem dele e o lacaio contornou-a para o ajudar a subir.

– Obrigado, Edwards – agradeceu ele, instalando-se com um suspiro. – Não fui sempre assim tão frágil – disse-me. – Um ataque apopléctico. Aquilo a que chamam uma carícia da mão de Deus. Embora eu sempre tivesse imaginado que a Sua carícia seria mais meiga do que isto. Sempre quer os tais panfletos?

Demorei um instante a recordar de que panfletos estava ele a falar: no princípio da noite, oferecera-se para me dar uma cópia das suas publicações relativamente ao frio.

– Com certeza.

– Muito bem… eu mando entregar-lhe. Depois de os ler, talvez possamos retomar as nossas conversas.

– Gostaria muito – disse-lhe. – Há muita coisa que gostaria de compreender melhor sobre aquilo que faço. É bem possível que seja preciso alguém como o senhor, um filósofo natural, para as deslindar.

Ele acenou.

– No meu estado actual, é precisamente o tipo de investigação que devo empreender. Deixaremos os segredos do cosmos para outros durante alguns meses, talvez, e comeremos gelados. O que dizes, Elizabeth?

Elizabeth estava a abrir uma manta sobre os joelhos dele.

– Não me parece que seja assim tão insignificante andar a chapinhar em água gelada.

Recuou e reparei que a rapariga sorria de forma familiar ao lacaio, Edwards. Para minha surpresa, ele sorriu também, de forma igualmente familiar. Era evidente para mim que existia algum tipo de intimidade romântica entre eles, algo que, noutra ocasião, me teria chocado. No entanto, ouvira e vira tantas coisas estranhas nessa noite que dei por mim a pensar, simplesmente: «Porque não?»

Depois de Boyle partir, caminhei de novo em direcção ao rio, imerso em pensamentos – em grande medida, sobre aquilo que ele dissera. Pois era certamente verdade que havia algo que todas as pessoas neste país tinham em comum, desde o ilustre Robert Boyle até Hannah Crowe. Não era exactamente orgulho, embora fosse algo de que eles se orgulhavam; não era teimosia, embora fossem certamente capazes de ser teimosos em relação a isso, quando queriam. Era antes uma preocupação feroz por chegar à verdade de cada questão; um amor pelo debate e uma recusa em aceitar o ponto de vista de outra pessoa sem primeiro o testar vigorosamente contra o seu, tal como uma moeda era mordida, dobrada e finalmente atirada ao chão para testar a sua qualidade, antes de ser aceite com um «Muito bem» resmungado. Para um povo tão conflituoso e libertário, talvez um governo por debate não fosse, afinal de contas, tão má ideia quanto isso.

Eu tinha reparado, quando comecei a ler livros e jornais em

inglês, que sempre que escreviam a palavra que indicava a pessoa que estava a dar a sua opinião – eu, «I» – usavam habitualmente uma letra maiúscula, como que para salientar a sua importância. Isto, claro, não era algo que um francês ou um italiano alguma vez fizesse com *je* ou *me*. Ao princípio, parecera-me apenas mais um exemplo, quase engraçado, da presunção das pessoas comuns, cada uma das quais considerava a sua opinião tão boa como a de qualquer outro.

Tinham-me dito que havia uma moda, entre eles, de escrever diários: não necessariamente para publicação, mas apenas para dar forma duradoura aos seus pensamentos fugazes. Também isso me parecera cómico. Contudo, talvez tivesse sido demasiado precipitado a tirar estas conclusões. Talvez a opinião de uma pessoa comum pudesse realmente ter tanto interesse como o parecer de grandes homens: talvez, na verdade, a única diferença entre os grandes homens e os outros fosse que os grandes homens se davam ao trabalho de formar estas opiniões… Percebi que tinha a cabeça a zumbir, mas não sabia se era do efeito de tanto café ou de tantas ideias novas.

CARLO

Gelado de morangos brancos: o sabor delicado destes frutos não precisa de adornos, excepto, talvez, uma pitada de pimenta branca.

O Livro dos Gelos

O grande banquete de Carlos, o arranque do seu Verão de festividades, teria lugar no dia festivo de São Jorge, o santo patrono de Inglaterra. A ironia, claro, não passou despercebida àqueles que sabiam quem era realmente o patrono do rei, ou que país estava na prática a pagar as suas celebrações.

Quase um mês antes da festa, mudei-me para Windsor de modo a poder supervisionar os preparativos. Os construtores ainda estavam a trabalhar no Grande Salão novo, enquanto os carpinteiros faziam as últimas mesas às quais se sentariam os convidados do rei. Os despenseiros estavam também ocupados, a desembrulhar milhares de peças de loiça que não eram usadas desde a coroação. Só o candelabro precisava de uma equipa de oito pessoas e duas semanas para ser limpo.

Não havia casas de gelo, mas requisitei uma cave e mandei trazer o gelo directamente das grutas onde o guardara. Primeiro, comecei o trabalho de fazer as esculturas de gelo e pus trabalhadores a preparar as grandes camas de gelo esmagado onde seria servida a comida fria.

Contudo, ainda não tinha decidido exactamente que gelado

serviria na mesa do rei.

Nas semanas depois do meu encontro com os *virtuosi*, e de ter aperfeiçoado a técnica de fazer um gelo perfeitamente suave, fizera experiências com todos os sabores à face da Terra. Assim que um novo fruto ou vegetal aparecia nos mercados, eu congelava-o. Espargos, tupinambor, aipo vermelho, até couves… Os rabanetes revelaram-se surpreendentemente bons, bem como espinafres de Primavera; as azedas tinham os seus méritos, também. Fui às docas e comprei frutas estranhas aos barcos regressados das colónias. Fiz gelados de pimentos, de melões, de mangas e de frutas tão feias que nem sequer tinham nome.

Nenhum deles era o certo. Não para um prato criado em honra dela.

Percorri os laranjais e plantações de ananases das propriedades dos grandes nobres, com uma *carte blanche* do rei no bolso. Mais do que um ananás foi arrancado da árvore, partido, cheirado e posto de lado.

Elias disse-me:

– Há um homem em Sonning que, dizem, cultiva morangos brancos. São grandes como ovos de gaivota e absolutamente doces.

– Não me parece que isso seja possível.

– Ele é marinheiro. Trouxe as plantas da América.

Não acreditei, mas viajei até Sonning, de qualquer maneira, para verificar pessoalmente. E descobri que Elias tinha razão: havia um velho marinheiro, com as botas cobertas de lama, que cultivava morangueiros num canteiro elevado, aquecido pelos respiradouros de uma lareira. Enquanto sopesava os frutos nas mãos calejadas, murmurava a cada planta, acariciando-a e pedindo-lhe desculpa pela perda dos seus filhos. Era louco, mas os seus morangos eram extraordinários. Os frutos eram completamente desprovidos de cor: primeiro, pensei que não estavam maduros, mas depois ele deu-me um para provar e percebi que, não só era doce, como era completamente diferente dos morangos normais – branco como nata, carregado de aroma e sem nenhuma da acidez habitual da maioria dos morangos. Cada baga estava aninhada debaixo de uma folha coberta de espinhos muito finos, como uma groselheira ou uma urtiga: picavam ligeiramente quando a manuseávamos.

Recordei-me que havia um velho costume que ditava que todos os animais brancos ou albinos pertenciam ao rei. O cervo ou veado branco era o antigo símbolo dos reis; os cisnes eram reservados para a mesa real, enquanto uma carruagem puxada por cavalos brancos era sinal de que o ocupante estava ligado à família real.

Louise, também: aquela pele branca, tão branca, reservada apenas para o rei.

Trouxe todos os morangos que o homem tinha e dividi-os em duas partes. Uma delas seria servida simples; com a outra, faria um gelado, com um pouco de pimenta branca, para prazer exclusivo do rei.

O dia do banquete chegou – ou melhor, o primeiro dia, uma vez que os festejos iriam durar quase uma semana. Bandeiras esvoaçavam em todas as esquinas e torreões do castelo; tocavam-se fanfarras e, para onde quer que olhássemos, havia soldados em desfiles cerimoniais. Fizeram-se exibições de equitação para entreter os convidados e havia uma estátua que cantava. Não era Versalhes – o castelo era demasiado castelo para ser completamente elegante e a atmosfera aproximava-se mais de uma feira rural do que das cerimónias formais e coreografadas de França – mas a majestade da ocasião era indiscutível. Os frescos no tecto do Grande Salão podiam ainda não estar secos, mas esse tecto era vasto e estava pintado, e, à medida que os mil convidados nobres entravam pelas portas trabalhadas, olhavam para cima e admiravam-no.

E depois Louise fez a sua entrada.

O vestido que escolhera para esse dia era admirável. Assentava-lhe como uma luva e, na verdade, a sua cintura era tão estreita que um par de mãos enluvadas quase a conseguiriam contornar. No tecido, estava bordado um padrão delicado em forma de diamantes; a saia e o corpete eram separados, como era o novo estilo em França; a saia tinha uma racha de lado, de modo a que, quando ela caminhava, era possível apanhar um vislumbre da sua perna esguia entre as pregas do tecido, que estava apanhado de um lado e preso com um broche. Apenas o seu cabelo – aquela cabeleira desobediente de caracóis escuros – não tinha nada de francês: não estava apanhado ao alto debaixo de um chapéu, mas simplesmente dividido ao meio. Era como se ela estivesse a dizer: *De hoje em diante, serei eu o árbitro por aqui. Copiarei o que quiser, e todos me copiarão.*

O rei fez-lhe uma vénia e conduziu-a à sua mesa, que estava separada das outras, num pequeno estrado elevado. A rainha não estava presente.

Pouco antes de eu começar a servir o gelado, um dos criados do rei aproximou-se.

– Isto deve ir dentro do gelo – disse. – Por ordens do rei. – Abriu uma pequena bolsa de veludo e sacudiu qualquer coisa para a palma da minha mão.

Na ementa, colocada junto de cada convidado, estava escrito: *Para prazer exclusivo do rei: um prato de morangos brancos e um prato de gelado.*

Mas não estava escrito como aconteceu: o som dos trompetes, o grito dos arautos, um silêncio súbito: todos os olhos sobre mim enquanto eu caminhava, à frente de uma procissão solene de criados,

na direcção da mesa principal.

Creio que o meu olhar se cruzou com o dela, quando fiz uma vénia profunda. Porém, com aquele olho preguiçoso, era difícil ter a certeza.

Recuei. O rei estendeu a mão para a travessa de gelo esmagado sobre o qual se encontrava a tigela de morangos e puxou a ponta de uma fina corrente. Puxou de novo, e desta vez ela libertou-se; carregada, a baloiçar, pesada com pepitas cintilantes do que parecia ser gelo: gelo que se incendiou subitamente sob o brilho das velas.

Um colar de diamantes brancos, as pedras tão grandes como morangos, a pingarem nos seus dedos enquanto os retirava daquele ventre gelado.

Só nesse momento reparei que ela não tinha nada ao pescoço, em antecipação deste momento. Enquanto ele prendia o colar, murmurando algo que só ela conseguiu ouvir, imaginei a pele dos seus ombros e garganta arrepiada pelo frio da jóia; a textura suave, quase aveludada que a sua pele teria sob as mãos do rei.

Ela olhou para ele, com uma expressão adoradora mas tímida, e depois virou-se para sorrir para toda a sala: uma inocente encantada, a rapariga mais feliz do mundo. Instintivamente, as pessoas começaram a aplaudi-la, muitas levantando-se ao fazê-lo; e se houve alguns, como Rochester e Buckingham, cujos aplausos foram um pouco mais lentos, um pouco mais cínicos, isso perdeu-se no momento geral de aprovação.

Para prazer exclusivo do rei.

E até eu – cortesão, confeiteiro, cúmplice do meu próprio desgosto – até eu juntei as mãos e soltei um grito de aprovação que não sentia.

PARTE QUATRO

«Foi contado por todo o lado que a bela dama foi acompanhada à cama uma destas noites, e os rituais cumpridos como se fosse casada; reconheço que ela esteve quase sempre em trajes menores o dia todo, e que houve carinhos e brincadeiras com essa jovem libertina; disse-se que eu tinha estado presente na cerimónia anterior; mas é completamente falso.»

Diário de Sir John Evelyn, Setembro de 1671

LOUISE

Está feito. Estou deitada na cama real, molhada com a semente do rei. Ungida pelo ungido do Senhor. As minhas coxas ensanguentadas. A minha virgindade misturada com os fluxos do seu desejo.

O sangue de Louise, derramado para que Luís possa derramar o sangue holandês nos Países Baixos.

Aturdida, na cama, com as palavras em turbilhão na minha mente. Sou uma fortaleza em chamas, uma aldeia saqueada, terra queimada.

– Por favor, não chore, meu amor – murmura ele. – Meu amor, meu amor querido.

Por favor, Louise.

Estou acabada, desonrada, caída em desgraça. Sou Eva, Madalena, a Meretriz da Babilónia, a libertina *dama recém-chegada de França* que os panfleteiros sempre disseram que eu era. A minha preciosa honra roubada, manchada como os lençóis. Estou, literalmente, despedaçada.

Porém, acima de tudo, o que eu penso é…

A sério?

Este espalhafato todo, por isto? De certeza?

Oh, claro que doeu. Eu estava à espera que doesse. Mas a primeira vez acabou tão depressa que mal tive tempo para dizer a mim própria que não era tão mau como eu esperava.

Talvez seja esta a natureza da sua famosa perícia como amante? Talvez seja como ser um cirurgião – se conseguir serrar um braço em menos de um minuto, os pacientes não lhe largam a porta.

Fico ali deitada, incapaz de me mover, todos os meus membros serrados, espalhados pelo quarto, para onde ele os atirou. Carlos, o cirurgião, a limpar o suor da testa com as costas da mão.

Sim, ele tira a cabeleira. Por baixo, o cabelo curto está a ficar grisalho. Não, não dá pontapés aos cães. Graças a Deus, os três que ele trouxe para Newmarket são demasiado pequenos para conseguirem saltar para a cama. Toda a noite os ouvi a agitarem-se do outro lado das cortinas.

Carlos, o cirurgião, foi muito mais lento na segunda operação do que na primeira. Talvez esteja cansado. Os seus dedos em mim, frios da sua semente, a trabalharem entre as minhas pernas. Porque é que está a fazer aquilo, lá dentro? Será para preparar o caminho, de alguma forma?

A serrar, a serrar, a serrar.

Penso em Aretino, todas aquelas imagens que estudei tão atentamente em preparação para esta noite, para tentar compreender o que iria acontecer. Até tirei apontamentos. Mas agora não há a mínima hipótese de eu fazer nada dessa natureza. Nem ele parece esperá-lo, felizmente. Só com grande esforço consigo ficar aqui deitada sem parecer exausta, quanto mais agachar-me ou ajoelhar-me ou qualquer outra dessas contorções.

– Meu amor, meu amor – diz ele, colocando-se novamente em cima de mim. E outra vez. Esmaga-me. Penso, com súbita inveja, no mecanismo de um relógio, frio e mecânico e limpo.

Com um gemido, ele unge-me pela segunda vez. Um súbito estremecimento nas suas pernas. Da primeira vez pensei que fosse algum tipo de ataque, que eu tinha matado o rei. Desta vez não me alarma tanto. Mas não é menos desagradável.

Setecentos anos de serviços leais a França. Para isto.

O polegar dele toca-me na face, numa carícia.

– São lágrimas de alegria – murmuro.

Satisfeito, ele deixa-se cair sobre mim, um peso morto. Sinto o seu coração a bater contra os meus seios. Todo ele é tão duro e sólido como uma estátua. Excepto a suavidade húmida onde estamos unidos. Onde a estátua derrete dentro de mim.

Da terceira vez, o dia está a nascer. Acordo com ele ajoelhado sobre mim, o seu mastro erguido perante os meus olhos, grosso e aterrorizador. Os pêlos nos seus ombros largos e no ventre são escuros como os de um macaco.

Viro a cabeça para o lado e ele beija-me na face, lenta e deliberadamente, enquanto me penetra.

Como uma bandeira. Agora, sou território seu. Conquistada.

Desta vez o serrar é lento e sonoro.

Depois, ele pergunta:

– Como foi?

É como se estivesse a pedir a minha opinião sobre uma peça.

Reflicto um pouco.

– Não foi bem como eu esperava.

– Não? Como assim?

– Foi mais como montar a cavalo ou jogar ténis do que como poesia ou música.

Ele franze a testa e lembro-me de onde estou. Com quem estou. E porquê.

– Quero dizer, foi maravilhoso. Eu era a rapariga mais feliz do mundo; agora, sou a mulher mais feliz.

Apaziguado, ele afasta a cortina da cama do seu lado. Aparecem instantaneamente dois criados de quarto, um com uma bacia de água, outro com uma toalha.

O que segura a bacia, o mais novo, está a olhar para a frente. Depois, como se não conseguisse evitá-lo, os seus olhos viram-se para onde eu estou, deitada, com os seios húmidos do suor do rei. Ontem, talvez o tivesse mandado chicotear pela sua ousadia. Hoje, sou uma mulher desgraçada. Ele que olhe.

Carlos levanta-se. Vejo o membro real ser lavado, as roupas interiores reais levantadas para ele as enfiar. Nesta altura está já rodeado por uma boa multidão, criados que o pulverizam e sacodem e ajeitam até que, por fim, já não é o homem que ali está, mas o monarca, a puxar as mangas de renda da sua sobrecasaca.

Finalmente, a cabeleira.

Ele dá um passo em frente, na direcção da porta, que se abre como que por magia.

Música. Aplausos.

Do meu lado da cama, a cortina é também afastada. Estão ali duas criadas, de olhos baixos, à espera para fazerem o mesmo por mim. Oiço os zunzuns de conversas vindos da divisão contígua. Um grito:

– Para Newmarket, Vossa Majestade? Ou já montastes o suficiente por hoje?

Os risos erguem-se, masculinos e ruidosos. Entram no quarto, grossos e húmidos. Há um cântico, canções, uma dúzia de vozes ásperas a gritarem o refrão.

– Um grande viva para o velho Rowley!

Ponho os pés no chão, rígida e um pouco dorida. Lady Arlington está ali, à espera.

– Há trabalho a fazer – diz ela, simplesmente.

Tenho de ficar com o meu *déshabillé* a manhã toda, em sinal de que estou casada. Escovam-me o cabelo, mas não muito. Foi encomendado um retrato de nós os dois, um presente do embaixador – ou melhor, dois retratos: as conveniências sociais têm de ser observadas. Eu ficarei com a mão direita estendida, Carlos com a esquerda, na direcção da moldura; não temos propriamente as mãos dadas mas, quando os quadros forem pendurados lado a lado, o simbolismo será evidente. Contudo, o pintor não terá muita sorte em conseguir que o rei pose hoje. Uma hora, no máximo, e depois ele partirá para as corridas.

Lorde Arlington aparece ao meu lado.

– Está tudo bem? – pergunta baixinho.

– Sim.

– Peça-lhe esta manhã. Antes que ele trate de outros assuntos.

– Como desejar.

Aproximo-me de Carlos. Ele vira-se para mim com um sorriso e os cortesãos que o rodeiam afastam-se.

– Lorde Arlington deseja que eu lhe peça um favor.

Ele ergue as sobrancelhas.

– O momento do pedido também é por solicitação dele.

Carlos acena, reconhecendo que eu compreendi – como Arlington devia ter compreendido – que esta falta de subtileza não é apropriada ao espírito da ocasião.

– Ele deseja ser lorde Chanceler.

Carlos parece genuinamente chocado com o tamanho da exigência de Arlington. Depois diz, com ar pensativo:

– Vejo que me transmite o pedido, Louise, sem me pedir que o conceda.

Encolho os ombros.

– O Arlington é um idiota – diz ele, calmamente. – Devia ter-lhe dito para mo pedir ontem. Ontem, eu ter-lhe-ia dado tudo o que quisesse.

– Eu sei – respondo. – Foi por isso que não o pedi ontem.

Carlos ri-se e alguns dos cortesãos erguem os olhos.

– Então não quer que nomeie um idiota para o cargo mais elevado do país?

– Nem por isso.

– Ele é o meu amigo mais antigo.

– E construiu o mais recente palácio do reino às custas disso – digo, olhando em volta.

– Se não ele, então quem?

– Para chanceler? O Shaftesbury.

– O Shaftesbury?!

– Se um parlamentar descobrir que nem sequer consegue equilibrar as contas, o parlamento não terá outra opção senão aprovar a atribuição de mais fundos. E será difícil para Shaftesbury opor-se à guerra se o rei tiver de o encarregar disso. – Além do mais, a nomeação de Shaftesbury irritará lorde Arlington mais do que qualquer outra coisa em que eu consiga pensar.

Ele acena.

– E suponho que estava a pensar nisto, mesmo enquanto estávamos na cama?

– Claro que não – minto. – Estava demasiado ocupada a pensar em si, meu amor adorado.

– Bom, vou tratar disso. Já?

Sorrio para o outro lado da sala, onde os Arlington fingem estar a conversar um com o outro.

– Oh, penso que podemos manter lorde Arlington na expectativa mais algum tempo, não acha? Hoje quero ir às corridas e conhecer esse garanhão de que tanto ouvi falar. Afinal de contas, já tive oportunidade de conhecer bem aquele em honra de quem foi baptizado.

CARLO

Gelado de framboesas: faça um litro de leite-creme; quando arrefecer, junte-lhe um litro de framboesas vermelhas maduras, esmague-as, passe o preparado por um coador, ferva e congele. Mas não adoce demasiado: o sabor das framboesas fica ainda melhor se estiver um pouco ácido.

O Livro dos Gelos

Ela aguentou até Setembro – um ano completo desde que chegara a Inglaterra. Já ouvi dizer que ela sempre teve intenção de se deixar seduzir; que os seus escrúpulos eram apenas uma representação, a sua timidez um estratagema. Certamente que isso não explica que o homem mais determinado da Europa tenha levado doze meses para a deitar na sua cama.

Endureci o coração e tentei não pensar no que eles os dois faziam nela.

As consequências políticas, contudo, foram imediatas. Encontrou-se um pretexto para a guerra: o pequeno iate real passou pela frota holandesa e não foi saudado com todas as solenidades devidas a um grande navio de guerra. Os Holandeses pediram desculpa pela sua falha, mas os Ingleses, apesar disso, anunciaram o início das hostilidades. O governo interrompeu os pagamentos da sua dívida, para que o dinheiro pudesse ser canalizado para a guerra. E Carlos aprovou pessoalmente uma lei a que chamou a Declaração de Benevolência. Todos os homens e mulheres passariam a ser livres no seu coração. Livres para terem a religião que quisessem, livres para pensarem o que quisessem, livres para dizerem o que quisessem.

Contudo, a julgar pelas consequências, seria de pensar que ele anunciara que, daí em diante, todos os bebés ingleses seriam passados a fio de espada e todas as virgens inglesas violadas. O país explodiu. Os aprendizes amotinaram-se e incendiaram os bordéis. As prostitutas marcharam e incendiaram as lojas. Os lojistas entaiparam as suas lojas; os padeiros não conseguiam vender o seu pão; os padres denunciaram nos púlpitos a licenciosidade do seu próprio rei. Dizia-se que o exercito estava prestes a revoltar-se, embora nunca tenha sido claro contra quem, ou porquê.

– Mas com certeza que era isto que pretendia – disse eu a Hannah, exasperado. – Está sempre a falar dos direitos dos Ingleses. Agora Carlos tornou-os lei.

– Não percebe? O problema é precisamente esse. Temos esses

direitos porque nascemos com eles. Não está no poder de Carlos concedê-los ou retirá-los. – Suspirou. – Além disso, toda a gente sabe que esta declaração é suspeita, não por causa daquilo que diz, mas daquilo que não diz.

– Como assim?

– O rei pretende na realidade beneficiar os católicos, e não os dissidentes, com estas liberdades. Depois, quando a Inglaterra for novamente católica, a Inquisição voltará para torturar os dissidentes.

Comecei a ver pessoas nas ruas com fitas verdes na lapela. Era um sinal, explicou-me Cassell, de que eram partidários de Shaftesbury e dos parlamentares.

– São pouco melhores do que *Whigs*, alguns deles – disse Cassell, com uma fungadela desdenhosa.

– *Whigs?*

– Ciganos. Amadores. – No entanto, parecia preocupado. – Não via uma situação tão grave como esta desde a Restauração – admitiu. – Com a maior parte do exército fora, em França, há pouco que possa impedir uma revolta aqui. Se isso acontecer, o parlamento ficará quase de certeza do lado da insurreição.

– Qual é a solução?

– Desconfio que o rei terá de retirar a declaração. A questão é, que mais lhe exigirá o parlamento? Depois de estarem na mó de cima, porque hão-de ficar apenas pela revogação de uma lei pouco popular? – Lançou-me um olhar de soslaio. – Tem de tomar precauções pela sua própria segurança, *signor*. Desconfio que qualquer católico poderá facilmente ser vítima da populaça, neste momento.

Na verdade, eu já o fizera. As ruas em volta de Whitehall estavam muitas vezes bloqueadas por multidões descontentes; quase não passava um dia em que não ouvisse uma ou outra pedra atingir a madeira da minha carruagem e, por mais do que uma vez, tivera de dar meia-volta e voltar para trás. Contratei dois criados corpulentos para viajarem do lado de fora, mas eram mais para as aparências do que por uma questão de segurança. Eu sabia que, num confronto a sério, eles dificilmente salvariam a minha vida à custa da sua.

Seria portanto de pensar que a atmosfera na corte estava tensa. No entanto, passava-se o oposto. Era como se a declaração tivesse introduzido um novo estado de espírito, de prazer e descontracção. Agora que finalmente tinha Louise, Carlos andava despreocupado; e, tal como ela sucumbira a ele, assim a corte sucumbia agora a ela. Todas as senhoras da alta sociedade usavam o cabelo *au naturel*, com risco ao meio; todos os vestidos foram modificados para terem uma racha de lado. Apareceram mais franceses em Londres. Le Nôtre veio de Versalhes para remodelar o Parque de St. James e estremeceu ao ver o canal à holandesa. Um alfaiate chamado Sourceau chegou para

vestir o rei, monsieur de Pontac estava a cargo dos vinhos, enquanto os vestidos de Louise eram feitos por uma modista chamada Desborde. Até ouvi algumas das damas de companhia mais novas a falarem com um falso sotaque, como se – como Louise – o inglês não fosse a sua língua mãe. Não gostavam dela; na verdade, acho que a odiavam e se ressentiam dela em igual medida, mas Louise tinha a protecção do rei e isso era tudo o que importava.

E eu estava lá. Movia-me entre eles, distribuindo os meus cordiais e o meu *granite*, quase como se estivesse de novo em Versalhes. Estava presente nos bailes, nos jogos de cartas, nos jantares e nas representações e bailes de máscaras privados. Estava lá – Deus me ajude – enquanto o rei e a sua nova amante se divertiam: até estava no apartamento dela quando se deitavam juntos.

O rei era um homem físico: o exercício causava-lhe calor e, quando tinha calor, gostava de pedir algo que o refrescasse. Todos os dias eu fazia, para os amantes, cordiais frescos de sabugueiro, alfazema, borragem ou goivo. Fazia-lhes infusões doces de hortelã-pimenta e gengibre, derramadas sobre punhados de gelo esmagado. Fazia-lhes gelados de limão e alperce, de marmelo e de maçã, de amora silvestre e de baunilha e de figo. Levava-lhes taças de limonada feita com limões espremidos na hora, adoçada com mel de dente-de-leão e refrescada com neve prensada. Levava os meus gelos em travessas de prata até ao quarto dela, com a sua cama francesa trabalhada; atrás das cortinas fechadas, até à própria cama, até aos lençóis revolvidos. Sentia o cheiro dele nela; sentia o cheiro dela nele; servia-os a ambos, com um sorriso insondável, e ela agradecia-me com um sorriso igualmente dissimulado.

Só por uma vez, nessas primeiras semanas, consegui falar a sós com ela. O rei fora chamado – na maior parte das vezes, recusava-se a ouvir os pedidos de atenção aos assuntos de Estado dos seus ministros. Contudo, se fossem suficientemente persistentes, lá ia de mau humor ler apressadamente uma pilha de papéis ou assistir a uma reunião do conselho, embora raramente ficasse até ao fim. Desta vez, deixara a cama dela precisamente quando eu estava a chegar, ainda a tempo de tirar um copo de sumo de pêssego gelado da bandeja que eu trazia e de lhe dizer por cima do ombro:

– Venho já… não saia daí. – Mal se deu ao trabalho de abotoar as roupas.

Por um momento, nenhum de nós falou.

– Então – disse eu, por fim. – É aquilo que esperava?

– Isto? – Ela encolheu os ombros. – Isto seria o meu dever de qualquer maneira, quer o fizesse como esposa ou como amante. Pelo menos faço-o com alguém para quem *eu* não sou apenas um dever. Torna mais fácil fingir.

– Fingir? Então é só isso que faz?

Não devia ter perguntado – era como tocar numa ferida: não conseguimos evitar, apesar de sabermos que não é boa ideia.

– Às vezes sim – disse ela suavemente –, e às vezes não.

– Mas ama-o, agora?

– Não penso nisto como amor ou prazer – respondeu ela. – Sei apenas que estou em posição de alcançar aquilo que vim fazer a Inglaterra. Será amor? Será prazer? Seja o que for, estou-lhe grata por isso.

A minha própria posição na corte, claro, subira novamente a par da dela. Não havia nada mais francês do que gelos; logo, não havia nada mais na moda. Desde Newmarket, os meus serviços tinham-se tornado tão indispensáveis para qualquer grande reunião como a presença da própria Louise de Keroualle.

Contudo, havia um prato que eu nunca fornecia. Servia cordiais, *granite*, sorvetes e até gelos de leite; mas, a menos que o rei estivesse presente, não havia gelado. O gelado, conforme criado por mim próprio e pelos *virtuosi*, era o prato real; a menos que o próprio rei o oferecesse a um convidado, mais ninguém podia comê-lo.

Houve muitos que tentaram. Perdi a conta ao número de vezes que me pediram para preparar um pouco, «por curiosidade»; a minha resposta era sempre um franzir de sobrolho e a frase:

– Receio que tal não será possível.

Alguns, claro, não admitiam ser envergonhados desta forma. Lorde Rochester entrou certa manhã no Red Lion e atirou uma bolsa para cima do balcão da copa onde eu estava a trabalhar.

– Quero provar o gelado de framboesa que o rei comeu ontem à noite.

– Receio que tal não será possível.

– Ele disse que foi a melhor coisa que já provou.

– É verdade.

Apontou para a bolsa com um gesto impaciente.

– Tem aí vinte *pistoles*. Tire o que quiser.

Peguei na bolsa e devolvi-lha.

– Já tenho tudo o que preciso.

Ele fitou-me. Os seus olhos, posso acrescentar, eram como os olhos de um lagarto, totalmente desprovidos de humanidade, e mesmo àquela hora já tresandava a vinho.

– Está a desafiar-me, signor *De hirto*? – murmurou.

Devolvi o olhar, bastante calmo.

– Parece-me que talvez o senhor esteja a desafiar o rei.

Passado um momento ele assentiu.

– Pensa que porque a sua amiga francesa tem a atenção do rei, pessoas como o senhor estão protegidas de pessoas como eu. E, de

certa forma, é verdade. Mas lembre-se de uma coisa: ela tem a atenção do rei porque o tem preso pela braguilha. Quando ele se cansar disso, a atenção também se acaba. E o que será então do pobre signor *De hirto*?

Outros eram mais circunspectos. Vi Chiffinch, o intendente, pegar numa taça para a passar ao rei. No meio de floreados elaborados, o manuseamento de guardanapos e por aí fora, reparei que quando foi apresentada, momentos depois, a taça tinha significativamente menos gelado do que antes, apesar de o rosto de Chiffinch continuar impassível.

A famosa Barbara Villiers, duquesa de Cleveland, anterior amante de Carlos, mandou-me chamar a sua casa – ou melhor, ao seu palácio, pois Carlos dera-lhe Nonsuch, uma das melhores residências reais, como paga pelos seus serviços. Ostensivamente, a nossa reunião era para discutir os cordiais que eu podia fornecer para um baile; mas rapidamente se tornou claro que aquilo que ela realmente queria era gelado e que, em troca, tencionava fornecer-me os mesmos favores de que o rei em tempos gozara. Quando deixei claro que não era tão fácil de comprar, ela perdeu a cabeça – nunca tinha visto uma fúria assim; parecia uma mulher possuída, arremessando todos os objectos a que conseguiu deitar a mão, com o belo rosto contorcido de raiva.

Foi isto – o facto de apenas Carlos e Louise comerem os meus gelados – que me deu uma ideia na qual, provavelmente, nunca devia ter pensado duas vezes.

Estava a trabalhar na minha copa ao final da tarde, quando não havia mais ninguém por perto. Olhei para a alcova de Hannah e reparei que estava deserta.

Hesitei, depois dirigi-me à prateleira onde ela guardava os seus livros. Passei o dedo pelas lombadas. *O Guia do Cozinheiro: Ou, Raras Receitas de Culinária… Medicina, Beleza e Culinária… Receitas Excelentes & Aprovadas…*

O Herbário Completo, de Nicholas Culpeper.

Tirei-o da prateleira e comecei a virar as páginas.

– O que está a fazer?

Era Hannah, atrás de mim.

– Não foi com má intenção – assegurei-lhe. – Estou apenas à procura de alguma informação.

– Nesse caso, é melhor dizer-me o que precisa. Conheço esse livro de cor e não é objecto que deva andar por cima das mesas.

– A medicina de que preciso não é para mim. É para… – Hesitei. – Para um dos meus clientes nobres. Ele deseja evitar as paixões do amor.

– *Evitá-las?*

Assenti.

– Definitivamente. É um homem muito ocupado, com o seu tempo muito requisitado. Não pretende ser perturbado por pensamentos de natureza libertina.

– Bom, não há dúvida de que isso é invulgar – disse ela. – A maioria das pessoas pergunta se existe uma erva que consiga precisamente o oposto. Mas sim, por acaso há várias infusões que têm o efeito que pretende.

– Que o meu cliente pretende – corrigi.

Ela fez um gesto impaciente, como que a dizer que era a mesma coisa, para ela.

– Presumo que estamos a falar do desejo, e não do desempenho?

– Ambas as coisas, se for possível.

– Bom, deixe-me ver – disse ela, tirando-me o livro das mãos e folheando as páginas. – Sim… a camomila é boa para isso e… e a flor de sabugueiro, quando a lua está cheia. Mas o tratamento mais eficaz seriam groselhas uva-crespa.

– Groselhas uva-crespa?

Ela assentiu e leu em voz alta.

– *Por vezes chamadas groselhas verdes, estas bagas subjugam as paixões, particularmente as paixões de Vénus, sob cujo domínio se encontram. Uma infusão das folhas arrefecerá mais ainda o sangue e acalmará todas as formas de cólera e imoderação.*

– Tem essas bagas?

– Posso arranjar-lhe algumas em conserva, em frascos. No entanto, se as vai usar para gelado, é melhor deixar-me mostrar-lhe como fazer uma *mousse* de groselha verde. É demasiado tentador tentar disfarçar a acidez das bagas com demasiado açúcar e, se o fizer, o gelado nunca solidificará.

Estranhei mais uma vez o conhecimento que ela parecia ter destas questões e a cautela fez-me hesitar. Com uma leve impaciência, ela disse:

– Ainda acha mesmo que lhe vou roubar os segredos? Seja como for, ensiná-lo a fazer uma *mousse* de groselhas verdes é mais o contrário.

Após um instante, acenei com a cabeça em sinal de concordância.

– Obrigado.

E assim ela ensinou-me o método de fazer este simples prato inglês: cozeu as frutas em água, juntamente com duas cabeças de flor de sabugueiro; depois esmagou, coou e adoçou, e finalmente misturou o puré com leite-creme e um pouco de noz-moscada ralada. Era tão fácil e tão perfeito para um gelado que me espantava que os meus colegas confeiteiros na Europa ainda não o tivessem descoberto.

Como se adivinhasse os meus pensamentos, ela disse:

– Talvez um dia alguém consiga congelar uma mistura destas.

– E destruir o meu meio de subsistência, é isso que quer dizer?

– Os cozinheiros são pagos pelos seus segredos ou pela sua perícia? Não há segredo nenhum para fazer tartes, e no entanto as minhas são mais procuradas do que quaisquer outras em Vauxhall. – Disse-o com naturalidade, sem falso orgulho mas também sem falsa modéstia.

– Talvez seja por isso que não há nenhum fazedor de tartes com o alvará real – resmunguei.

Ela encolheu os ombros.

– Talvez. Seja como for, deixo-o. Tenho de acabar o meu outro trabalho. E espero – hesitou –, espero que o seu amigo encontre alívio dos seus anseios. Se as groselhas verdes não resultarem, diga-me, está bem? Há vários outros remédios que ele pode tentar.

Fiz os meus gelados de groselha verde e enviei-os ao rei. Uma semana mais tarde, quando perguntei a Louise se o ardor dele diminuíra, ela fitou-me com estranheza e perguntou porque queria eu saber. Tentei insinuar que estava apenas preocupado com o facto de as suas obrigações continuarem a ser tão desagradáveis como antes.

– Bom, ele está um pouco mais lento – disse ela. – É melhor, na verdade. Agora, às vezes, preocupa-se realmente com o meu prazer.

Era um desfecho que eu não antecipara e, depois disso, não mandei mais groselhas verdes ao rei.

LOUISE

É preciso saber lidar com ele, e estou a aprender a fazê-lo. Os negócios entediam-no – o processo do governo, o alinhamento cuidadoso de interesses, a busca de consenso. É um homem de golpes temerários, de decisões súbitas. Nesse aspecto, complementamo-nos um ao outro.

Odeia problemas. Deixa para outros a procura de soluções – ou seja, para mim. *Louise, porque é que mais ninguém se lembrou disso?* A isto, a resposta honesta, se eu fosse suficientemente tola para a dar, seria: *Porque não lhes deu oportunidade.*

E depois, se o problema era realmente grande, há um presente: um colar, por exemplo, ou uma peça de prata. Contratei um intendente, Hawton, para as vender discretamente.

As minhas despesas são enormes. Pois o rei, apercebi-me entretanto, não me quer apenas como amante. Nem sou bem uma rainha. Sou antes uma espécie de princesa, como Minette era – pródiga, culta, encantadora, com os meus aposentos sempre cheios de

arte e diversão e boa comida francesa. Ele encoraja-me a encomendar tapeçarias Gobelins, taças de vidro, sedas parisienses, perfumes de Grasse e vinhos de Champagne.

Os meus aposentos são a corte com a qual ele sempre sonhou. Quando está comigo, é o rei que sempre quis ser – quer isto dizer que não é Carlos de Inglaterra, mas sim Luís de França, todo-poderoso no seu reino. Já não é rei por condição e consentimento do parlamento: é *Carolus Rex*, absoluto e arbitrário, o imperador de Inglaterra.

Esta é a mascarada final: poder fingir que as coisas não são como são. Penso que explica o seu amor pelo teatro: ele próprio é uma espécie de actor e, como actores que com ele contracenam, a nossa tarefa é simplesmente manter a peça em cena. O rei não quer as suas ilusões perturbadas pela realidade inconveniente.

Contudo, é amável quando terceiros me tratam mal. Num baile, dou por mim junto de duas mulheres mais ou menos da minha idade. Uma delas é lady Sedburgh; a outra, Caroline de Vere. São inteligentes, estão à vontade com os costumes da corte mas não fascinadas por eles, falam quatro línguas, tocam, dançam e escrevem. Em suma, são precisamente o tipo de mulheres que eu poderia gostar de ter como amigas.

Quando dou um passo na direcção delas, viram-se, fingindo estar imersas em conversação. Paro e depois continuo, como se estivesse apenas de passagem.

E penso: em tempos, eu teria feito o mesmo que elas.

Carlos pergunta-me porque estou distraída. Como uma tola, digo-lhe: ele manda imediatamente chamar as duas mulheres à sua presença.

– Decidi que se juntarão ao séquito de madame Carwell – diz-lhes peremptoriamente. – De hoje em diante, estarão entre as suas damas de companhia.

Vejo o desdém nos rostos delas e penso: *Não é a melhor maneira.* Sorrio de forma aprovadora, mas tenho o coração apertado.

– Têm alguma objecção? – troa ele.

Docilmente, ambas abanam a cabeça.

– Aquelas com quem me deito são companhia adequada para os maiores deste país – diz ele, mal-humorado. – Podem ir.

Em resultado, claro, sou ainda mais odiada. Não ajuda nada o facto de Arlington andar a chamar-me abertamente uma cabra ingrata. Ingrata! Lady Arlington passeia-se pela corte com um colar de diamantes que, ao que dizem, vale seis mil libras. Quando o elogio, diz simplesmente:

– Oh, foi um presente do seu rei, por a ter enfiado na cama de Carlos.

Sorrio com doçura e digo:

– Nesse caso, tenho de lhe dar também um presente, Elizabeth, pois não imagino maior felicidade do que a que sinto. – Não lhe darei nada, claro. Um colar de diamantes é recompensa mais do que suficiente pelo trabalho de dona de bordel.

E depois, rapidamente, tudo muda outra vez.

CARLO

Gelado queimado: derreta o açúcar numa frigideira sobre o lume até queimar levemente: entretanto, prepare uma mistura de seis ovos, um decilitro e meio de xarope e meio litro de natas. Mexa tudo, passe por um coador e congele.

O Livro dos Gelos

–Grávida? Tem a certeza?

Ela acenou com ar infeliz.

– Já vomitei duas vezes hoje.

– E isto vai alterar as coisas?

– Para mim? Não sei. O embaixador parece achar que é uma boa notícia.

– Mas a Louise não tem tanta certeza?

Ela encolheu os ombros.

– O rei já teve outros filhos bastardos: parece haver dezenas de crianças a correr por aqui. Suspeito que pode significar que a minha posição ficará consolidada e, portanto, mais difícil de mudar.

Percebi o que ela queria dizer.

– Ainda tem esperança de que ele a faça sua rainha.

– Se a Catarina morrer, sim. Porque não? É a única saída que me resta neste momento… a única maneira de a minha posição se tornar honrada. Mas acho que nem os Ingleses gostariam de ver uma francesa grávida e gorda a percorrer a coxia para casar com o seu rei.

– O que disse Carlos do bebé?

– Oh, ele está encantado. Mais ainda, julgo eu, por provar a sua potência do que por querer realmente outro filho. – Hesitou. – Há mais uma coisa. Assim que lhe contei, o interesse dele por mim diminuiu.

– Acha que ele ficou aborrecido?

Ela abanou a cabeça.

– Ainda me visita… mas para se sentar comigo, ou passear, ou conversar. Ninguém diria que algo está diferente pela atitude dele… continua atencioso como sempre… mas quando nos deitamos, só me cobre uma vez. – Reparei no tom prático com que ela o dizia: já não havia rubores. As suas cópulas eram questões políticas e de estratégia, para serem analisadas da mesma maneira que qualquer outro assunto da corte. – É quase como se, agora que já me emprenhou, sinta que cumpriu o seu dever, como qualquer marido que planta um herdeiro na esposa.

– Talvez seja isso. E é normal que o desejo de um homem acalme depois da lua-de-mel. – Talvez, pensei, as groselhas verdes de Culpeper tenham tido também algum efeito, afinal. – De qualquer forma, ele terá de se abster completamente assim que a sua barriga crescer. Depois de um período de abstinência forçada, voltará para si ainda com mais vigor.

– Se estiver mesmo em abstinência – disse ela secamente.

– Pensa que ele tem outras mulheres?

– Tenho a certeza – respondeu calmamente. – E não me importo nada, se reduzir as suas exigências para comigo. Mas isto é diferente. Não é apenas o Will Chinffinch a fazer entrar uma criadita qualquer pela escada das traseiras. Ele não tem jantado comigo.

– Está com a rainha?

Ela abanou a cabeça.

– Quando vai ter com ela, fá-lo publicamente, para que todos vejam. Temo que o Arlington tenha encontrado alguém por quem tenciona substituir-me.

Cassell foi ainda mais directo.

– O rei cansou-se dela – disse, com franqueza. – Não me admirava nada que a mandasse para França, para ter o seu bastardo lá.

– Então quem é agora a sua preferida?

– Consta que voltou para a actriz.

– A actriz! Porquê ela?

– Volta sempre para ela. A Nell diverte-o. Sua Majestade não é um homem de constância.

– Nesse caso, ainda pode voltar para a Louise.

– Suponho que é possível. Mas não as deixe lutar por ele. Não há nada de que o rei goste mais do que sossego, e já tivemos mulheres a lutarem por ele antes.

– A Louise não se rebaixará a esse ponto. Muito menos por causa de uma actriz.

– Oh, ela terá certamente de lutar – disse Cassell. – Queria apenas dizer que tem de o fazer discretamente. A actriz já se livrou de outras rivais e a sua madame Carwell faria bem em não a subestimar.

LOUISE

No Parque de St. James, aproximo-me de um grupo de cortesãos, pensando que o rei está entre eles, mas em vez disso encontro a actriz a andar de um lado para o outro, com o nariz empinado, a falar numa algaraviada com sotaque francês e a chamar-se a si própria «Madame

Zarolhabela». Alguns dos que a rodeiam conseguem parar de rir quando eu me aproximo, mas a actriz vira-se para mim sem qualquer atrapalhação.

– *Oui? Bonjour?* – diz. Mais risos. Reparo que ela tem a cabeça inclinada para o lado, com um olho semicerrado, como se estivesse a espreitar por um telescópio. A troçar do meu olho preguiçoso.

– Estava à procura do rei – digo, calmamente. – Mas vejo que não está aqui. Vou procurar noutro lado.

– Oh, Sua Majestade está muito bem – diz ela, agora com a sua voz normal. – Na verdade, nunca o tinha visto em melhor forma do que como esteve comigo ontem à noite.

– Obrigada – agradeço, em tom gelado. Quando me afasto, oiço-os aplaudir a representação dela.

– *Merci, merci* – diz ela, com uma reverência delicada. – Mas madame Zarolhabela prefere jóias a aplausos.

*

Parece espantoso que ela tenha permissão para frequentar a corte, tendo em conta a sua grosseria. No entanto, ele instalou-a numa casa ao fundo de St. James, com um portão que liga o jardim dela ao parque.

Lembro-me daquelas damas de companhia. Teria sido a repreensão de Carlos para elas também um aviso codificado para mim? *Aquelas com quem me deito são companhia adequada para os maiores deste país.* Terei de aceitar não só partilhar a sua predilecção, como que esse facto me seja esfregado na cara?

Só me resta um caminho possível: ignorá-la e esperar que isto passe depois da minha gravidez.

Parece que é mais uma das situações em que tenho de me comportar como uma rainha.

Entretanto, é preciso lidar com Jemmy Monmouth, o primeiro bastardo do rei. Ele voltou do seu curto – demasiado curto – exílio e anda à procura de sarilhos.

Visita o rei quando ele está comigo e pergunta, abruptamente, se podem falar a sós.

– Jemmy – protesta Carlos –, não tenho segredos para a Louise.

– Ainda assim, deixo-vos a sós – digo, graciosamente. E, para o espicaçar um pouco mais, acrescento: – Talvez nos voltemos a ver daqui a pouco, Carlos?

– Muito pouco, espero eu.

O olhar furioso de Monmouth segue-me enquanto saio da sala.

Claro que, depois, Carlos me conta o que ele queria. Agora que o exército está em batalha, Monmouth quer que o rei o coloque no comando.

– Tentei dissuadi-lo – diz Carlos. – Mas, como todos os jovens, ele

quer provar o seu valor no meio dos perigos da batalha.

Mais provavelmente, penso, quer provar que é digno da Coroa. Em voz alta, digo:

– Suponho que, do ponto de vista dele, é justo. Afinal de contas, o seu irmão tem o comando da marinha. Porque não havia o seu filho de comandar o exército?

Uma sombra passa pelo rosto de Carlos.

– É muito diferente. O meu irmão é filho legítimo de um rei, e meu herdeiro.

– Pensa que, se o Jemmy comandasse o exército, isso transmitiria a impressão errada? – pergunto, com ar pensativo. – Sim, não tinha pensado nisso.

– Eu também não, até termos esta conversa. Mas agora estou decidido… ele não deve ir.

Isto é bom – mas pode ser ainda melhor.

– Talvez haja um meio-termo – sugiro. – Deixe-o ir combater para a Holanda, mas apenas com um cargo honorário. Assim pode provar a sua coragem sem que o rei sugira de qualquer forma que ele é mais do que apenas um súbdito leal. Penso que seria um acto de bondade, deixá-lo redimir-se das coisas terríveis que fez o ano passado.

– Louise, é muito boa para ele.

– Se sou boa para ele, é apenas porque sei como ele é importante para si – digo, com um sorriso.

Os perigos da batalha. Gosto do som dessas palavras: um sítio mais do que satisfatório para o bastardo mais velho do rei.

Buckingham também está a candidatar-se ao cargo.

– Estou inclinado a fazer-lhe a vontade – diz Carlos com ar pensativo. – Apesar de isso tirar o Jemmy da corrida.

Não esqueci o insulto que Buckingham me fez em Dieppe. *Foi enviada para o seduzir.* Na verdade, ele estava certo, mas a presunção de que podia enfiar-me na sua própria cama ainda me fere.

– O Buckingham? E ele é de confiança?

– O George é imprudente, sim, e um pouco presunçoso, mas essas são qualidades úteis num soldado. Sim, penso que o cargo deve ser dele.

Fala como se a decisão já estivesse tomada. Penso rapidamente.

– Ele é protestante, não é?

– Sim. – Carlos encolhe os ombros. – Tal como eu.

– Por enquanto – observo. – Mas um protestante a liderar o exército contra os Holandeses… Luís não verá isso como um sinal de que pretende adiar a sua conversão?

– Não é essa a minha intenção. – Carlos parece inquieto. É sempre vago quando falamos sobre a altura exacta da sua conversão. Já escreveu a Luís, sugerindo que pretende primeiro discutir com o papa

certas questões que a conversão pode levantar. Infelizmente, o papa encontra-se demasiado doente para poder viajar, neste momento.

– Se o Buckingham deixar Inglaterra, metade das senhoras da corte ficarão de coração partido – digo, em tom de provocação. – Principalmente a pobre lady Shrewsbury.

A paixoneta desta dama por ele é lendária, apesar do facto – ou talvez por causa dele – de Buckingham ter matado o seu marido num duelo.

Carlos parece aliviado.

– Muito bem. Dir-lhe-ei que as damas de Inglaterra não podem ficar sem ele.

Buckingham fica furioso e chega ao ponto de acusar o rei, à minha frente, de se deixar influenciar por mim: o rei, igualmente furioso, diz-lhe que a decisão é apenas dele.

É assim que as coisas funcionam, estou a descobrir: não podemos dizer a um homem o que deve pensar, mas apenas aquilo que ele próprio está a pensar. Nove em cada dez vezes, ele percebe que está de acordo.

Então, se consigo lidar com Monmouth, Buckingham e Arlington, porque não Nell Gwynne? Ela afirma nunca ter lido um livro, muito menos uma peça – para decorar as suas falas, alguém lhas lê em voz alta; a sua voz é estridente e vulgar, embora, quando quer imitar uma da grandes damas da corte, consiga ser extraordinariamente fiel. Quando a oiço falar com a voz de Elizabeth Arlington – «Não, Bennet, temos absolutamente de construir outra casa antes do Natal, caso contrário teremos de ficar no mesmo palácio dois meses seguidos!» – há algo nos maneirismos, no sentido de oportunidade, que é ao mesmo tempo Elizabeth e, contudo, de alguma forma, ainda mais engraçado do que Elizabeth. Suponho que a imitação que faz de mim é igualmente fiel: embora eu não consiga vê-lo.

No entanto, se ela consegue falar como uma senhora quando quer, por que diabo não o faz sempre?

Há muitos meses que não choro. Nem por ela, nem por mim. Mas agora, com a chegada do bebé iminente, choro.

A minha honra é uma coisa invisível e, além disso, às vezes é possível esquecer que fui desonrada. Mas um bebé – uma criança – é algo tangível. Será ele conhecido para sempre como o bastardo de uma amante? Ou será o filho da rainha de Inglaterra?

O embaixador visita-me e, na minha confusão, choro por causa de Carlos. O idiota afectado entende imediatamente que deve dar-me uma repreensão.

– Não é correcto – opina Colbert –, especular sobre a saúde de Sua Alteza. Particularmente porque há boas notícias a esse respeito. Parece que o seu médico terá sido precipitado. O doutor Frazer pensa agora

que, afinal, não é de tísica que ela sofre, ma sim de um excesso de susceptibilidade ao prazer.

Não acredito no que oiço.

– Um excesso de susceptibilidade?

Ele acena.

– Como deve saber, o rei é abençoado com os meios para proporcionar às senhoras uma satisfação excepcional. Parece que a rainha sofria de tais paroxismos de felicidade quando o rei se deitava com ela, que sangrava. Agora que se viu aliviada da necessidade de copular com ele, a sua saúde melhorou muito.

– Mas tinha-me dito…

– A medicina não é uma ciência exacta. Felizmente, neste caso.

– Então ela não vai morrer – digo, entorpecida. – A rainha não vai morrer.

– Todos vamos morrer – diz ele, piedosamente. – Mas a rainha pode, ao que parece, gozar ainda de muitos anos de boa saúde.

– Mentiram-me. O senhor e o Arlington mentiram-me. Disseram-me que ela morreria.

Ele franze a testa.

– Penso que lhe disse na altura que isso era irrelevante, já que a senhora não é de forma alguma feita do mesmo pano de que são feitas as rainhas. O que quero dizer é que não lhe compete continuar a especular…

– Não me compete? Não me compete? – As minhas lágrimas dão lugar à raiva. – Há anos que o senhor faz pouco mais senão especular sobre esses assuntos. Não se atreva a dizer-me o que me compete ou não. Os membros da minha família já eram cortesãos quando os seus ainda andavam a lavrar os campos, como animais. – Um pouco injusto, talvez, mas quero apenas magoá-lo.

– Deixo-a, senhora – diz ele com uma vénia rígida. – Vejo que está perturbada e é bem sabido que as senhoras no seu estado precisam de manter a calma, pelo bem da criança. A propósito, Sua Majestade Cristã autorizou-me a transmitir as suas congratulações pessoais por esta ocasião tão afortunada.

Colbert. Estou mais determinada do que nunca a fazer com que seja demitido, mas ainda não: um inimigo de cada vez.

Tento uma abordagem diferente: fazer amizade com ela. O rei está ausente, a inspeccionar a frota em Portsmouth, pelo que a corte está sossegada. Enquanto passeio pelo parque com as outras senhoras, vejo que Nell traz um vestido novo.

– Que vestido tão bonito, Miss Gwynne – digo, em tom agradável.

Não é verdade, claro: ela não tem qualquer gosto ou contenção. Não é capaz de ver uma fita cara ou um fio de prata sem que, como uma gralha, tenha de os usar aos metros.

Ela devolve o sorriso.

– Suficientemente bonito para uma dama, é o que quer dizer?

– Estava a perguntar-me quem seria a sua modista. Tem de me dar o nome dela.

– Porquê? A senhora já anda suficientemente bem arranjada para uma meretriz.

Mesmo na corte inglesa, são palavras fortes; oiço algumas exclamações abafadas, mas as damas que nos rodeiam parecem petrificadas. Nell olha em volta.

– Se ela é uma senhora de tão alta sociedade, porque se rebaixa ao ponto de ser uma meretriz? – pergunta, despreocupadamente. – Devia morrer de vergonha. Quanto a mim, é a minha profissão; não finjo ser melhor do que aquilo que sou. E, mesmo assim, o rei ama-me tanto como a ela.

Sinto-me um pouco tonta, mas consigo dizer:

– E que belos sapatos. Acho que os vossos sapateiros ingleses são os melhores da Europa.

Fico com esta pequena vitória: o que quer que ela diga, independentemente daquilo que eu sou agora, não conseguirá provocar-me ao ponto de discutir com ela, como se fosse uma peixeira vulgar. É essa a minha honra, a minha educação, nos dias que correm. Enquanto tiver as minhas maneiras, não sou o que ela é.

CARLO

Para aromatizar leite-creme com baunilha, pegue na vagem de baunilha e raspe as sementes, adicionando-as depois ao leite-creme.

O Livro dos Gelos

O orgulho de Inglaterra navegou com a sua frota, sob o comando do duque de Iorque, uma armada de sessenta navios e vinte mil homens. O plano era que se juntassem à frota francesa em Solebay, Suffolk, para, juntos, bloquearem os portos holandeses.

No entanto, os Holandeses, apesar de a sua marinha ser muito inferior, fizeram uma ofensiva. Enquanto a armada aliada ainda estava ancorada, os Holandeses apareceram no horizonte com o vento por trás. Os aliados separaram-se de imediato em dois, os navios franceses virando as velas e navegando para sul. Os Ingleses, entretanto, não tiveram alternativa a não ser ficar e lutar. Mais de mil canhões pulverizaram-se uns aos outros durante quase um dia inteiro antes de os Holandeses recuarem.

Foi posto a circular que a ausência dos Franceses da batalha fora

apenas um simples erro, devido a sinalização deficiente, mas a maioria dos ingleses preferia uma explicação diferente: a França quisera que a Inglaterra apanhasse com o pior do embate. Era o que sempre tinham temido. A Inglaterra estava a ser atraída para esta guerra com a intenção deliberada de enfraquecer o país, de preparar o caminho para uma invasão católica.

Os recrutadores percorriam agora as ruas, alistando à força para a marinha todos os jovens saudáveis que encontravam. Os impostos foram aumentados e a ordem só era mantida graças a um acentuado aumento de flagelações e enforcamentos públicos.

Eu fiz um gelado de espargos de Primavera, acondicionado num molde em forma de espargo, feito de modo a que uma ponta de cada talo fosse branca e a outra verde, como o legume verdadeiro. Carlos, que adorava tudo o que não era aquilo que parecia, declarou-o o melhor gelo que eu já servira. Gostava de o servir aos seus convidados, para ver o espanto deles.

Louise, grávida, chamou-me com outro objectivo em mente.

– Pode fazer-me alguma coisa? Ando com desejos de pepinos doces e gelado cremoso.

Suspirei.

– É bem sabido que as mulheres, durante a gravidez, comem alimentos estranhos. Verei o que posso fazer.

Fiz-lhe um gelado de leite-creme fresco e cremoso, aromatizado com sementes de baunilha; a baunilha serviria para contrabalançar pelo menos a acidez dos pepinos. Mesmo assim, ela não ficou satisfeita.

– Quer deixar-me gorda – queixou-se, enquanto comia. – Gorda e deformada.

– É o bebé que está a fazer isso. Perderá a gordura depois de ele nascer.

– Nenhum homem em Londres olhará para mim, muito menos o rei. Pareço uma porca prenha. Ele começou a chamar-me «Bucha».

– Bucha?

– Ou «Buchinha». Pelos vistos, tenho as bochechas gordas.

– Nesse caso, parece que a gravidez não diminuiu o afecto que ele sente por si.

– Belisca-me as bochechas, admira a minha barriga e depois desaparece e vai passar a noite com a actriz. O afecto não me serve de nada. O afecto não compensa a perfídia da frota francesa. Não preciso de afecto. Preciso de *desejo*. Preciso de *paixão*.

– Pelo contrário. Qualquer homem pode estar apaixonado; se existe também afecto, isso sugere que os sentimentos serão duradouros. Tenha paciência. Quando o bebé nascer, ele voltará rapidamente para a sua cama.

Noutra ocasião ela disse:

– Tenho sido demasiado ingénua. Se quero mantê-lo no futuro, tenho de aprender alguns truques.

– Truques? – perguntei, apesar de saber exactamente ao que ela se referia.

– Antes, confiei na minha inocência, como me sugeriu. Mas agora já não posso ser inocente, tenho de ser astuta.

– E como tenciona aprender esses truques?

– O Carlo tem de me ensinar, claro. – Viu a minha expressão. – Não *assim*. Tem de me explicar: onde devo ir, como devo deitar-me, o que devo dizer. Já sei o básico, será mais fácil compreender o que está a dizer.

Eu não podia recusar-lhe nada. Assim, subimos para a cama dela, com a porta fechada e o ferrolho corrido para nos protegermos de espiões entre as suas damas de companhia, e ela ensaiou com esforço as várias posturas do amor, de acordo com as minhas instruções. Estávamos ambos completamente vestidos: ela estava pesada e grávida; naturalmente, não havia uma única centelha de paixão na ocasião ou na atitude dela, até que, por fim, eu não consegui deixar de acrescentar:

– Claro que, com ele, terá de ser também afectuosa.

– Afectuosa?

– Sabe… ardente. Sorrisos. Palavras de carinho murmuradas.

– Isso também? – Ela parecia perplexa. – Não basta fazer tudo isto? Tenho de fingir que estou a gostar?

– Claro. O seu ardor é o maior elogio que pode fazer-lhe. – Tirei um pepino da travessa. – Imagine que isto é o rei. – Mergulhei-o no prato de gelado. – Imagine que ele está coberto do sabor que mais deseja… pense que o deseja mais do que qualquer outro alimento que desejou em toda a sua gravidez. – Passei-lhe o pepino. – Experimente.

Ela assim fez: deitou a língua de fora e lambeu em volta da ponta do pepino, olhou para mim para ver se estava a fazer bem e, por um momento, os seus olhos verdes encheram-se de uma tal luxúria inconfundível que eu não consegui respirar.

Depois, com a boca ainda cheia de gelado, desatou a rir. Encostou as costas da mão à boca enquanto engolia. Quando conseguiu falar, disse:

– Portanto, a julgar pela sua cara, aquela era uma expressão adequada de desejo avassalador?

– Sim – respondi, com voz rouca. – Em que estava a pensar?

– Estava a pensar no gelado, que em breve desapareceria todo. E depois senti-me um bocadinho séria, revirei-o na boca e desapareceu *mesmo*.

– Faça isso – aconselhei, com um suspiro. – Faça precisamente

isso e ele pensará que o adora.

No Lion, chamei Hannah ao meu quarto.

– Suponho que sabe alguns truques? – perguntei, secamente.

– Truques?

– Adornos. Extras. Como fazem em França.

– Sei fazer um fricassé, se é a isso que se refere.

– Sabe muito bem que não é.

– Sim, sei. Mas queria ver se conseguia fazê-lo sorrir – disse ela, misteriosamente.

– Pago-lhe mais – resmunguei.

– É muito generoso, mas receio não poder ajudá-lo. Se quer truques franceses, terá de encontrar uma francesa. – Hesitou. – Talvez já a tenha encontrado.

Olhei para ela.

– O que quer dizer?

– Apenas que o que anda a fazer na corte, seja lá o que for, não parece deixá-lo muito feliz.

– Não é nada da sua conta.

– Claro que não – disse ela, com expressão ilegível. – Nesse caso, é apenas o habitual, presumo?

– Sim. O habitual.

O habitual, levado a cabo no silêncio habitual. O tilintar de moedas habitual. As habituais lágrimas nas minhas faces, antes do esquecimento breve do sono.

Quando acordei descobri, para minha surpresa, que passava das três horas. Aproximei-me da janela e fiquei ali sentado muito tempo, no parapeito, a olhar para as pessoas que tratavam da sua vida na rua lá em baixo.

Depois vi Hannah, a sair do pátio da estalagem. Provavelmente não teria reparado nela – trazia uma capa escura, com capuz puxado sobre o cabelo – mas quando se virou para olhar para um lado e para o outro apanhei um vislumbre nítido do seu perfil.

Na mão, bem apertada, levava uma bolsa.

Alguma coisa, não sei dizer o quê, despertou a minha curiosidade quanto ao que ela iria fazer. Enfiei um casaco e desci as escadas a correr. Tinha visto a direcção que ela tomara e não tive dificuldade em apanhá-la, até estar a caminhar dez passos atrás dela.

Reparei na quantidade de pessoas que a cumprimentavam ao passar por ela, não de forma efusiva mas com um aceno ou um pequeno gesto de reconhecimento. E depois havia algumas que paravam e lhe apertavam a mão.

Lembrei-me das palavras de Cassell. *Recusam-se a curvar-se perante qualquer homem, uma vez que dizem que todos fomos criados iguais.*

Contudo, era evidente que Hannah estava com pressa e não se

demorou muito a trocar palavras de circunstância. Cerca de cinco minutos depois, virou para uma viela de pequenas lojas que vendiam livros e mapas. Ao fundo, entrou numa das mais pequenas. Parecia que seria esse estabelecimento o destino da sua viagem, pois demorou vários minutos a sair. Esperei até ela ter virado a esquina e entrei na loja.

Era ainda mais pequena do que parecia do exterior. Quase todas as superfícies estavam cobertas por livros. No entanto, no balcão, desenrolado como se tivesse sido recentemente ali colocado, estava um mapa. Inclinei-me para o examinar. No cimo havia uma inscrição.

Um Mapa do Mundo Novo e Exacto. Desenhado segundo as descrições mais fiéis, as últimas descobertas e as melhores observações feitas até à data por ingleses ou estrangeiros.

– É aquele de que andam todos à procura – disse o lojista, quando me viu a olhar. – É baseado nas projecções do próprio John Speed. Veja, até mostra a ilha.

– A ilha?

– Da Califórnia. – Apontou. – E aqui… se Sir William Penn conseguir o que quer, tudo isto será Nova Gales.

Olhei para o mapa, à procura de alguma pista sobre o motivo do possível interesse de Hannah.

– Tem passagem marcada? – perguntou o livreiro. – Bom, quando estiver pronto para a comprar, venha ter comigo. Fazemos facilidades. Um sinal, e depois um pequeno pagamento todos os meses. O barco pertence ao meu cunhado; é o melhor de Bristol…

De súbito, percebi o que estava a acontecer.

– A mulher que esteve aqui há pouco, veio comprar um bilhete?

Ele abanou a cabeça.

– Já comprou o dela há um ano. Devia ter partido em Maio, mas atrasou-se nos pagamentos. Agora já só lhe faltam seis e… – Parou, subitamente consciente de que o meu interesse podia ser mais do que o de um cliente qualquer. – Está à procura de alguma coisa em particular? – perguntou, enrolando o mapa com a delicadeza fria que é tão natural aos Ingleses.

Então Hannah ia emigrar para a América. Não devia ter ficado surpreendido: era onde acabavam todos os descontentes e heréticos. E também não era nada da minha conta se ela estava a pagar o bilhete prostituindo-se.

Apesar disso, fiquei inquieto. Agora que sabia para que precisava Hannah do dinheiro, sentia-me algo envergonhado do que ela tinha de fazer para o conseguir. E – para minha surpresa – descobri que estava também com alguma inveja dela: não do que tinha feito, mas de ter podido fazê-lo; de ter conseguido ver uma oportunidade e aproveitá-la, em vez de estar sempre às ordens de ministros e reis.

LOUISE

Parece que Londres inteira fala da minha rivalidade com Nell. E não só Londres: o embaixador deixa escapar que também em Paris observam, na expectativa.

Os homens podem travar duelos com espadas, ou raquetas de ténis, ou competir por honrarias no campo de batalha. Mas eu tenho de combater com Nell apenas com sorrisos e palavras.

Infelizmente, as palavras são o forte dela. Mesmo na minha língua mãe, não possuo o seu espírito vivaz. A última história que se conta diz que ela descobriu que a sua casa em Pall Mal, que lhe foi oferecida por Carlos, estava apenas arrendada e que o arrendamento não era de mais que vinte anos. A implicação é óbvia: enquanto o rei partilhar a sua cama, ela será mantida com esplendor, mas quando o caso terminar voltará para a sarjeta. Por algum motivo, as pessoas de Londres adoptaram esta causa como sua e a Questão da Propriedade de Nell tem sido esmiuçada em todos os jornais e periódicos de escândalos.

Nell, diz-se, informou o rei de que se entregou a ele isenta de encargos e não por aluguer, e espera a mesma cortesia em troca. Ao que parece, Carlos achou tanta graça a isto que cedeu. Para celebrar, ela vai mandar construir uma *salle des miroirs* no seu quarto, bem como uma cama de prata trabalhada, com bustos esculpidos do rei e dela, e as iniciais de ambos entrelaçadas! Com certeza que Carlos, cujo bom gosto é inatacável, se encolherá de horror perante tal exibição de mau gosto?

Digo-lhe que vou reconstruir os meus aposentos para se assemelharem mais aos de Minette em Versalhes. Claro que ele concorda. Mais tapeçarias, mais carpetes, mais pratas, mas tudo da melhor qualidade – ou seja, francês. Quando ele finalmente tiver de escolher, as suas opções têm de ser bem claras: exibicionismo ou educação, grosseria ou requinte.

Parece que Nell encontrou o seu lacaio a lutar na rua: quando lhe perguntou porquê, ele disse que estava a lutar com um homem que lhe chamara puta.

– Nesse caso, tem de encontrar outro motivo – disse ela. – Pois é o que eu sou.

Como é que posso combater alguém que não se envergonha daquilo que é?

Se ela tem uma fraqueza, é a de não ver a diferença entre nós.

Para ela, meretriz e amante são uma e a mesma coisa; menina das laranjas e dama de companhia diferem apenas em grau.

Apesar de todo o seu despudor, tem pretensões a um título e será isso, sem dúvida, a sua desgraça. Se Carlos fizer dela duquesa, todas as famílias nobres de Inglaterra se sentirão aviltadas.

A minha estratégia, assim, é recordar a Carlos a nobreza do meu berço. Surge uma oportunidade quando um meu familiar distante, o Chevalier de Rohan, morre. É verdade que foi executado por Luís por estar de conluio com os Holandeses, mas posso fazer luto por ele, de qualquer maneira, e descende dos antigos reis da Bretanha, o que significa que é também parente afastado de Carlos.

Carlos vê-me de preto e pergunta-me, em frente da corte, o que se passa.

– Estou de luto pelo nosso primo, o príncipe de Rohan – explico.

Tenciono usar preto apenas uma semana, não mais – o período de tempo apropriado para um familiar tão afastado. Contudo, quando chego à corte no dia seguinte, Nell está também vestida de negro. Enquanto o rei fala com alguns dos seus conselheiros, ouve o som de soluços abafados provenientes da direcção dela. Por fim, chama-a.

– Então, Nell? A sua mãe morreu?

– Não – responde ela. – Não foi a minha mãe.

– Então quem foi?

– O Cã da Tartária – soluça ela. – Está morto. Oh, meu Deus, está morto.

– Mas qual é a sua relação com o Cã da Tartária? – pergunta ele, espantado.

– Exactamente a mesma – funga ela –, que a do Chevalier de Rohan com a Louise: ou seja, absolutamente nenhuma.

Há um momento de silêncio e depois as gargalhadas erguem-se na corte. Como um cão que tivesse fugido das cozinhas com uma fiada de salsichas na boca, o riso salta de canto para canto, de grupo para grupo, e, embora eu o persiga furiosamente com os olhos, não consigo travá-lo.

– Nesse caso – diz o rei, limpando os olhos –, talvez a Nell e a Louise possam dividir o mundo entre ambas, pois entre a Tartária e Rohan haverá uma grande quantidade de estranhos por quem ficarem de luto.

– Já o fizemos – responde ela com naturalidade. – A única coisa que não ficou decidida é qual de nós ficará com Inglaterra.

Agora todos se riem abertamente. Estou envergonhada: não me apercebera de que a minha abordagem era assim tão óbvia. Contudo, o que ela não compreende é que, de cada vez que faz uma destas cenas ultrajantes, joga a meu favor. Podem rir-se com ela, mas vêem cada vez mais claramente que ela não é um deles; mais cedo ou mais

tarde, terão de cerrar fileiras sobre ela e eu triunfarei.

CARLO

Gelado de parmesão: junte seis ovos, um quarto de litro de xarope e meio litro de natas. Coloque numa caçarola e ferva até engrossar, depois raspe cem gramas de queijo parmesão, misture, passe no coador e congele. É um gelado rico e nutritivo, adequado para mães a amamentar.

O Livro dos Gelos

Louise só recolheu para o seu retiro de maternidade no último momento possível. Não podia dar-se ao luxo de o fazer mais cedo: já se riam o bastante na cara dela, mas nas suas costas ainda se riam mais.

– Diga-me, onde está a Carwell? – perguntou-me Rochester um dia, com o rei a ouvir. – Ainda não pariu a cria? – Por isso, pelo menos, foi banido durante alguns dias, pois uma coisa era denegrir a amante do rei, outra muito diferente era incluir na piada o seu filho por nascer.

Entretanto, tal como Cassell previra, o parlamento estava a apertar o cerco. A Declaração de Benevolência foi revogada e substituída pela Lei da Profissão de Fé, uma lei segundo a qual todos os ocupantes de cargos públicos tinham de jurar professar a fé protestante. Lorde Clifford, o Tesoureiro, foi um dos forçados a abandonar a vida pública: suicidou-se na sua casa de campo. Lorde Arlington, que Louise sabia ser católico, fez o juramento sem hesitação. O duque de Iorque hesitou e depois demitiu-se do cargo de almirante da marinha, confirmando efectivamente ao país que o próprio irmão do rei era um converso.

Mais uma vez, eu tinha razões para estar grato por ninguém, a não ser eu, possuir os segredos do gelado: isso significava que nenhum inglês poderia substituir-me e continuei a servir o rei e os seus preferidos como até então.

No entanto, se o parlamento tencionara com isto restringir a influência de Louise, enganara-se. O seu bebé nasceu em Julho; no Natal, ela estava de novo em alta, e de uma forma com a qual Nell nunca poderia sonhar rivalizar.

LOUISE

O meu filho nasceu. Carlos. Até para lhe dar um nome, a política assume precedência e o mundo tem de saber quem é o seu pai.

O parto, claro, é agonizante. Contudo, não é nada em comparação com a dor de entregar o bebé a uma ama-de-leite para o amamentar como se fosse seu. Os meus seios, entumescidos, molham de leite os meus belos vestidos franceses. No entanto, este seria também o meu dever se fosse uma esposa: voltar à corte como se nada tivesse acontecido, como se ter filhos fosse tão fácil que não me afecta minimamente.

Carlos gosta de crianças. É uma surpresa, uma vez que é ele próprio um homem tão mimado, tão facilmente distraído. Mas gosta de se sentar com o bebé ao colo, brincando com os seus labiozinhos franzidos. Mas só por pouco tempo, claro. Quando o bebé chora, devolve-o à ama.

– Que choro vigoroso – diz, suavemente. – É melhor levá-lo. – Não gosta de quem faz exigências, muito menos tão ruidosas.

– Diga-me – pergunta. – Em que religião será ele educado?

Já pensei nisso, claro. Para eu poder ser rainha de Inglaterra, os meus filhos teriam de ser protestantes. No entanto, se optar por esse caminho, estarei a dizer que não acredito que Carlos alguma vez honre a sua promessa de se converter.

– Será educado na Fé Verdadeira – digo. – Talvez, um dia, o rei e o seu filho possam rezar juntos.

– Talvez – diz ele, de forma prudente.

Escrevo aos meus pais para lhes dar a notícia e convido-os a virem conhecer o neto. Com orgulho discreto, descrevo os favores que o rei me concede, o tamanho dos meus aposentos, as jóias que ele me deu. Deixo bem claro que eles não me viriam causar o mínimo incómodo.

Tenho esperança de, até lá, já me ter conseguido livrar de madame Gwynne. Isso é algo que preferia que os meus pais não vissem: a filha a ser chamada de meretriz por uma actriz inglesa.

Em termos políticos, as intrigas neste momento giram à volta das eventuais noivas para o irmão do rei. Os Ingleses puseram de parte a esperança de ele aceitar uma esposa protestante. Luís XIV ainda preferia a fecunda mas feia duquesa de Guise, mas Jaime, diz-me o rei, está a guardar-se para uma bela virgem.

– Já tem alguém em mente? – pergunto.

Carlos ergue as mãos.

– O problema é esse. Ele diz que está abaixo da sua dignidade escolher a sua própria esposa… mas depois rejeita todas as que lhe sugiro. Até agora, já recusou a arquiduquesa de Innsbruck por causa

da figura, a princesa de Württemberg por causa da mãe, a princesa Maria da Alsácia por causa do cabelo ruivo, e duas princesas alemãs por causa de serem alemãs. Os meus ministros estão de cabeça perdida. Já lhe disse que é um disparate casar por beleza. Numa semana, habituamo-nos de tal maneira a uma cara que, de qualquer maneira, deixa de nos agradar ou desagradar. – Hesita. – Não a sua, claro.

Sorrio para mostrar que sei que não pretendeu insultar-me.

– Tenho uma jovem prima muito bela.

O rei ergue as sobrancelhas.

– De boas famílias?

– Françoise Marie é filha da duquesa d'Elboeuf e princesa da casa de Lorraine.

– Claro – murmura ele. – Às vezes esqueço-me de que está ligada a todas as melhores famílias de França.

Estará a provocar-me?

– Tenho o retrato dela nos meus aposentos. Talvez possa persuadir o seu irmão a vir conhecer o novo sobrinho e o retrato lhe chame a atenção?...

Carlos ri-se e dá-me uma palmadinha no joelho.

– Oh, como tive saudades suas, minha querida. Somos tão parecidos.

– Claro que sim – respondo. – É a nossa educação.

Jaime visita-me e mostra-se profundamente intrigado pelo retrato de Françoise Marie. Poucas horas depois, Colbert, furioso, entra intempestivamente nos meus aposentos.

– Sua Majestade Cristã ordenou-me expressamente para trabalhar no sentido de conseguir o noivado com a viúva de Guise – quase guincha.

– Estou certa que sim – respondo, calmamente. – Mas Jaime é um devasso e descobriu recentemente a religião; em resultado, quer casar com uma rapariga da idade das filhas. Só um tolo pensaria que ele vai casar com uma viúva feia.

– Está a chamar tolo a Luís XIV? – balbucia Colbert.

– Claro que não. Referia-me àqueles que o aconselharam. Aqueles que, quando o plano de Guise for por água abaixo, Luís culpará por certo.

Vejo Colbert pensar nisso. Se puder usar-me para mudar a mira de Luís para um alvo mais fácil de atingir, pode colher os louros se resultar, e pôr as culpas em mim se falhar.

– Luís que encontre outra rapariga católica – digo. – Mas tem de ser jovem, atraente e virgem. Depois nós os dois podemos trabalhar juntos para garantir o casamento.

– Na verdade, há outra candidata – diz ele, com alguma hesitação.

– Quem?

– A princesa Maria de Modena. Treze anos de idade, e dizem que vai ser uma grande beleza. Mas ela manifestou o seu desejo de entrar para um convento em vez de casar com um homem muito mais velho.

– Uma jovem beleza devota? – digo. – Parece perfeita. Mande trazer o retrato dela de imediato.

Um mês depois, está tudo tratado. Casarão no próximo ano, assim que ela fizer catorze anos. Em troca, Jaime concordou em ter duas cerimónias de casamento – uma privada, católica, e uma pública, segundo os rituais anglicanos.

– Como é que consegue? – quer Carlos saber. – Comigo, ele é teimoso que nem uma mula. Mas parece que a Louise consegue fazer dele o que quer.

– Talvez ele tenha ciúmes de si.

– Ciúmes? – Carlos parece surpreendido.

– O seu irmão ainda está um bocadinho apaixonado por mim, sabe. – Encolho os ombros com modéstia. – Não sei porquê.

– Sim, claro. – Carlos olha para mim e percebo que está a ver-me através dos olhos do irmão: desejável, um bom partido, mas acima de tudo inatingível. – Jantará comigo esta noite, senhora? – pergunta, abruptamente.

Sorrio.

– Com todo o prazer, Carlos.

Nessa noite, ele toma-me como se eu fosse outra vez virgem e ele um jovem garanhão.

Depois, diz-me:

– Meu Deus, estava muito ávida hoje.

Beijo-lhe o peito.

– Carlos, é tão delicioso. Não consigo afastar a boca de si.

Ele recosta-se, satisfeito. Continuo a beijá-lo: o peito duro, as costelas que se destacam sob a pele como o casco de um navio. Não sei se é por causa do bebé, ou de alívio por estar de novo nas suas boas graças, ou outra coisa qualquer, mas sinto uma certa ternura por ele, um desejo que nunca senti antes. Viro-me sobre ele, beijando-lhe os mamilos, soltando exclamações sobre o seu sabor delicioso, sobre a sensação e a força das suas mãos quando se cruzam sobre a minha cabeça.

E assim, tudo está novamente alinhado. Estou na cama de Carlos e nas boas graças de Luís. Fiz com que Colbert parecesse ineficaz e os meus aposentos são, mais uma vez, o verdadeiro parlamento de Inglaterra.

Carlos quer dar-me um colar. Os meus espiões dizem-me que há um que Nell anda a tentar obter: está a ensinar o rei a pescar, na esperança de o conseguir. O colar custa mais de oito mil libras. Como

seria bom conseguir arrancá-lo dos dedos dela!

Mas o meu jogo vai mais além.

– Meu amor? – digo.

– Hum?

Estamos deitados na cama, depois de fazer amor.

– Não quero presentes caros.

– A sério? – Ele parece surpreendido.

– Ser amada por si é toda a recompensa de que preciso. No entanto, se quer realmente mostrar a sua boa vontade…

– Sim? – diz ele, e percebo que está a preparar-se para alguma exigência escandalosa: uma pensão, talvez, ou o pagamento de uma dívida de jogo.

– Como sabe, venho de uma família nobre e antiga.

– Sim.

– A minha avó materna era marquesa. Os de Keroualle são Seigneurs de Brest há mais de setecentos anos. No entanto, creio que algumas pessoas na corte não estão conscientes da minha linhagem. Vêem apenas que sou sua amante e, como não possuo qualquer título inglês, consideram-me pouco melhor do que uma vulgar menina das laranjas.

Ele acena com ar pensativo.

– Quer um título inglês?

– Se fosse de sua vontade.

Ele reflecte sobre o pedido. É, aparentemente, um presente barato, mas Carlos sabe tão bem como eu que, normalmente, os títulos vêm com pensões ou outros rendimentos.

– Sou capaz de estar disposto a dar-lhe algo dessa natureza – diz, lentamente.

– Obrigada. – Beijo-lhe a face, a barba dura do final do dia. – Claro que, para isso, terá de me fazer também cidadã inglesa. Caso contrário, não posso ser duquesa. Ou o que quer que decida fazer de mim. Na verdade, é completamente consigo.

Penso que começo a compreender agora um pouco melhor o papel de amante. Não é apenas ouvir, mas reflectir; não é apenas estar disponível, mas agir como representante de todas as outras mulheres que não o estão – as mulheres que ele teria também, se tivesse tempo e oportunidade. Ser a mulher que todos os homens desejam mas que apenas um pode ter.

Compreendo agora por que motivo Nell Gwynne mandou colocar a sua cama num Salão de Espelhos.

Estava enganada quando disse a Carlo que não sabia nenhum truque de alcova. Os truques mais subtis não são feitos com o corpo, nem podem ser aprendidos num livro de posições.

LOUISE

Ele quer mandar pintar o meu retrato.

– Agora que a sua figura elegante regressou – diz, em tom casual. – E antes que engravide outra vez.

– A minha figura ainda não regressou. Pareço um elefante.

– Minha querida buchinha – murmura ele. – Gosto de si assim.

Pela referência à minha figura, percebo que não é apenas o meu rosto que ele deseja ver pintado.

– Quer que me pintem sem roupa?

– Porque não? – Olha para mim de lado. – Estava a pensar em Sir Peter Lely. Um cavalheiro muito discreto e um excelente pintor. Além disso, praticamente ninguém o veria.

Para prazer exclusivo do rei. Mas o prazer do rei, tenho vindo a perceber, encontra-se em parte naquilo que é apenas seu, e em parte em imaginar como os outros o verão.

– Em França, é considerado muito indecente uma mulher ser pintada sem roupa.

– Eu sei o extraordinário favor que estaria a conceder-me, Louise. Faria tudo por tudo para encontrar uma maneira extraordinária de a recompensar.

Um título?

– Imagine a vergonha, se a minha família soubesse.

Os meus protestos estão a excitá-lo. Tem algo novo para perseguir, uma nova virgindade para tirar.

– Para actrizes ou meninas das laranjas não é nada, claro – acrescento. – Mas um rei pediria tal coisa a uma rainha? Não me parece.

– A menos que a amasse muito – murmura ele.

Ambos sabemos como esta dança terminará. Não posso dar-me ao luxo de resistir por demasiado tempo. Pelo menos, enquanto ele tiver Nell Gwynne.

Por fim, concordamos numa camisa de seda, desabotoada. Não tapa nada, mas significa que não estou, tecnicamente, nua. Reclino-me num divã, exposta ao olhar de Lely enquanto ele move o pincel sobre uma tela que não consigo ver.

Se baixo os olhos, nem que seja por um momento, ele murmura:

– Olhe para mim.

É que o meu olhar tem de encontrar o dos homens que virem o quadro. É tão estranho pensar que, quando olho para Peter, para o seu ar impessoal de concentração, estou a olhar directamente para os

olhos de todos os homens que olharão para mim. Podem ser dezenas, centenas, os que estarão perante este quadro, alguns até depois de eu morrer.

E cada um deles olhará para mim e pensará como eu sou desavergonhada por fazer isto para gratificação privada do rei.

Sem se aperceberem de que são eles, e não eu, que o fazem.

Carlos vem conversar. Estava com receio de que eu estivesse entediada, diz. Aproxima-se do pintor para olhar para o quadro. Peter afasta-se, tão paciente quanto o rei é impaciente. De vez em quando, envolve o seu cliente em algum detalhe de desenho ou técnica. *Aqui. A isto chama-se empaste. Prefere aqui o verde ou o verde-azulado?*

Há qualquer coisa neste processo que excita Carlos: os dois homens, completamente vestidos, a olharem para o meu corpo nu e a discutirem-no. Quase como se eu fosse um osso que Carlos larga da boca para deixar outro cão cheirar.

Lembro-me das palavras de Colbert. Um deboche sem entraves.

Lely sugere frutas, do lado esquerdo, para equilibrar a composição.

– Laranjas não – recuso, em tom firme.

Ele ergue um pouco as sobrancelhas.

– As laranjas fazem-me lembrar as meninas das laranjas.

Ele sorri ao ouvir isto. Foi ele, claro, que pintou Nell.

– Já sei – diz Carlos. – Gelado! Vamos pôr gelos na pintura.

– Derreteriam antes de o Peter os conseguir pintar – digo.

– Podiam ir sendo substituídos – diz o artista. Tamborila na tela com a ponta do pincel, de ar pensativo, para mostrar ao rei onde os colocaria. – Aqui, ao lado, podiam ir sendo substituídos sem perturbar a *mise en scène*. Na verdade, seria interessante. As pessoas questionariam como foi feito. Um momento capturado. A ilusão de instantaneidade, no meio do tempo congelado. – É o discurso mais longo que já o ouvi fazer em cinco dias de pintura.

Outra mulher qualquer, reflicto friamente, talvez ficasse ofendida por ele estar muito mais excitado com o desafio técnico de pintar um gelado do que com o seu corpo nu.

– Boa ideia – sussurra Carlos. – Uma travessa de gelos. Tenciona pintá-los meio derretidos?

– Quando começam a derreter, senhor. O gelo a ficar macio. Como uma fruta a amadurecer na taça, captada no preciso instante antes de apodrecer. Antecipar a inevitável corrupção da carne. – Olha para mim e percebo que não é apenas o desafio técnico que lhe interessa. Há também aqui algum tipo de simbolismo.

Assim, mandam trazer gelos. *Depressa. Diga-lhe que é para o rei. No estúdio de Lely.* Carlo entra com a arca de gelo. Não posso mexer-me, não posso avisá-lo. Estou fixa e imóvel no meu divã, como Daphne

pregada ao chão enquanto se transforma em arbusto.

– Ah, Demirco. Ponha-os ali.

Ele estacou abruptamente e está a olhar para mim.

– Vá lá, homem. Até parece que nunca viu uma mulher nua.

Ele recupera rapidamente.

– Nenhuma tão bela como esta, senhor.

– Sim. – Carlos acaricia o bigode, satisfeito. – É encantadora, não é?

Olha para Peter, depois para mim. Peter parou, com o pincel suspenso sobre a tela, surpreendido. Ambos fixam os olhos em mim.

Um rubor – profundo e escarlate, como uma folha de vinha no Outono – invadiu a minha pele branca, desde as pernas expostas até à ponta das orelhas.

Nell, na corte.

– Oh, madame Carwell. Ouvi dizer que foi pintada recentemente apenas com uma camisa de seda.

– É verdade, Nell. O retrato de Sir Peter está muito bonito.

– Talvez fiquemos penduradas lado a lado na galeria do rei. Para que os cavalheiros seus amigos possam comparar-nos. Como meretriz, claro, eu consideraria uma grande honra, ser comparada com uma dama tão fina como a senhora.

Não respondo.

– Diga-me, já viu Carlos Terceiro esta manhã? – pergunta.

Sinto que é uma armadilha, mas mesmo assim caio nela.

– Porque lhe chama Carlos Terceiro? É Carlos Segundo.

Ela começa a contar pelos dedos.

– O meu primeiro Carlos era Carlos Hart, o segundo Carlos Sackville, portanto Carlos Stuart é o meu Carlos Terceiro. Presumo, então, que a senhora só teve dois Carlos até agora?

Quando ela começa com estas coisas, não há nada a fazer senão manter a calma. É como uma criança que se recusa a ir para a cama, cuja única maneira de falar com os adultos é chocar. Amavelmente, digo:

– Antes de conhecer o rei, Nell, eu nunca tinha tido outro homem.

– Oh, enfim – diz ela, sacudindo a cabeça. – Ainda há tempo. Ele não se importa, sabe. A Barbara Villiers teve quatro de uma vez, e o rei só disse que o que serve para um homem, também serve para outro.

Um insulto simples e óbvio, como tantos que ela faz. No entanto, deixa-me a pensar.

As jóias da coroa estão em exposição na Torre de Londres, onde qualquer homem as pode ver por um dinheiro. Quase foram roubadas alguns anos antes, mas Carlos não as guarda em lugar seguro, escondidas. Porque não?

Uma actriz. Uma mulher que representa muitos papéis. Um rei que é forçado a fazer o mesmo.

Uma meretriz. Uma mulher que teve muitos amantes e poucos deles por amor. Um rei que escolhe fazer o mesmo.

Colocar-me contra Nell Gwynne – poderá ser, de alguma forma, deliberado? Fará tudo parte da mesma característica?

Estou a aperceber-me de que existe em Carlos um cinismo muito profundo – quase uma escuridão. Ao seu cepticismo natural, juntaram-se os efeitos das suas experiências no exílio: vaguear de corte em corte, bem recebido para o caso de poder vir a revelar-se útil, tolerado apenas até as considerações politicas em constante mutação tornarem os seus anfitriões receosos de o receber.

Nell e eu temos isto em comum, compreendo sobressaltada, tanto uma com a outra, como com o próprio Carlos: sabemos o que é estar na miséria, sem qualquer poder e com frio.

Será por isso que ele mantém homens como lorde Rochester por perto – encontrará no seu sarcasmo amargo e trocista um eco do que se encontra na sua própria mente?

E quando diz que eu e ele somos iguais – será mesmo isso que quer dizer? Só será verdadeiramente feliz depois de eu lhe dar a satisfação de provar que ele está certo?

Será que precisa que lhe mostre que sou capaz de me rebaixar tanto como ele?

CARLO

Uvas-espins e bergamotas estão entre as frutas que ficam melhor em gelos do que ao natural.

O Livro dos Gelos

Luís XIV conduziu pessoalmente o avanço sobre os Holandeses, cavalgando quase sem oposição à cabeça de um grande exército franco-inglês através da Holanda espanhola. Os Holandeses, porém, percebendo que não conseguiriam batê-lo em guerra aberta, abriram os diques e inundaram uma grande área do país que ele esperara conquistar. Frustrado, o Rei Sol foi forçado a jogar o jogo da espera.

Os exércitos são coisas dispendiosas, e os exércitos que não estão em movimento – que não vão pilhando e saqueando pelo caminho – são ainda mais dispendiosos. Para Luís, claro, não era nada estalar os dedos e exigir outro imposto. Para o seu aliado Carlos, que tinha de levar em consideração o parlamento, era diferente.

A Grande Paragem do Tesouro, quando o seu governo anunciara

grandiosamente que não iria pagar capital nem juros sobre as suas dívidas durante um período de um ano, parecia agora um terrível erro de cálculo. Pois que banqueiro emprestaria mais dinheiro a um rei que não cumpria os seus pagamentos? Que dívida estava segura, se um rei podia subsequentemente alterar as suas condições conforme lhe agradava mais?

O seu único rendimento era agora a pensão de Luís e aquilo que conseguia do parlamento. O parlamento deixou bem claro que não lhe atribuiria mais sem resultados. O rei estava à beira da bancarrota.

Foi nesse mês que ele deu a Louise uma cadeirinha de transporte estofada a seda de prata, e dois lacaios negros para a transportarem; um colar no valor de três mil libras, uma fiada de pérolas no dobro desse valor e reconstruiu o seu apartamento para incluir um salão de espelhos. Foi nesse mês que ele deu a Nell uma carruagem com seis cavalos brancos, para mostrar que ela era a amante da realeza, e uma mesa de prata para combinar com os seus pratos de prata. Foi nesse mês que ele ordenou a construção de novos aposentos oficiais em Windsor e inundou o Parque de St. James para uma batalha aquática simulada.

Foi um Verão de gelados – claro que foi. O rei estava muito entusiasmado com as suas novas estufas; os jardineiros tinham conseguido cultivar uma bela colheita de ananases, damascos e meloas, e ele deu ordens para que eu tivesse acesso a tudo o que desejasse. Fiz um gelado que parecia exactamente um ananás, adoçado com um pouco de açúcar e sumo de uva. Rodeei-o com ananases a sério e cortei-o com um gesto floreado em frente do próprio rei, declarando que o acharia o fruto mais doce e maduro do seu reino. Este evento causou mais espanto na corte, creio, do que a capitulação de Utrecht.

Dei por mim a ficar sem ideias. Depois de ter servido ao rei e aos seus convidados todas as frutas que existiam em Inglaterra, todos os cordiais da Europa, todas as águas de sementes do mundo, o que restava?

Às vezes dava por mim a desejar ser mais como Hannah, que não servia mais de cinco ou seis tartes por mês, consoante o que lhe chamara a atenção no mercado.

– O que é isto? – perguntei-lhe na sala de jantar da estalagem um dia, enquanto levantava a crosta fumegante sobre algo suculento e de um vermelho escuro que não me era familiar.

– Tarte de miúdos.

– Fiquei na mesma.

– Vísceras de veado. Coração, língua, miolos e estômago, com molho de cebola e tomilho. Todas as partes que as pessoas ricas não querem comer.

No entanto, reparei que mesmo as pessoas ricas mandavam agora os criados ao Red Lion para comprarem tartes para o seu jantar. A fama de Hannah estava a espalhar-se.

– E amanhã?

– Galinha e alho francês. Na quinta-feira, cerveja e rim. E na sexta-feira, queijo e cebola. Porquê?

– Preciso de sabores novos para o rei – resmunguei.

– Mande-lhe uma tarte – disse ela, em tom de brincadeira.

Não podia fazer isso, claro, mas da próxima vez que fui à copa tirei os livros de culinária dela da prateleira e folheei-os, à procura de ideias.

– O que está a fazer? – perguntou Hannah, quando entrou.

– Estou a pensar em fazer uns sorvetes de ervas aromáticas. Por exemplo, isto parece interessante. O Culpeper fala dos usos culinários das urtigas…

– Devia ter mais cuidado. Já lhe disse que esse livro não pode ficar de fora – interrompeu ela, calmamente.

Olhei para ela, perplexo.

– Pensava que queria dizer para não se sujar.

Ela abanou a cabeça.

– Os livros do Culpeper foram banidos pela conservatória da propriedade literária. Quando encontram algum, queimam o livro e prendem o seu dono. Se ele tiver sorte. Às vezes queimam ambos. Os herbários dão boas fogueiras para as bruxas, dizem eles.

– Mas porquê?

Ela tirou-me o livro das mãos e arrumou-o novamente na prateleira.

– O Culpeper era um quinto-monárquico… quer isto dizer, um daqueles que acreditavam que o tempo dos reis estava a chegar ao fim e o tempo dos homens nascidos livres estava a começar. Foi por isso, em parte, que publicou o seu conhecimento e em inglês simples… para que as pessoas vulgares pudessem ter a informação que médicos e boticários estavam a tentar guardar para eles, com o seu latim e as suas corporações. De muito lhe serviu. E àqueles que o seguiam.

Lembrei-me das ervas que ela punha nas tartes – salva, azedas, uma deliciosa sugestão de estragão, molho de cebola e tomilho…

– Era uma delas? Uma ervanária?

Ela acenou.

– Entre outras coisas.

– Nesse caso, pode ajudar-me a criar alguns gelos?

Ela encolheu os ombros.

– Suponho que sim. Porque não?

– Óptimo. Eu pago-lhe mais…

– Não quero que me pague – interrompeu ela, baixinho. – O

Culpeper deu o seu conhecimento de graça, na esperança de que as pessoas o usassem. Não me cabe a mim lucrar com ele.

E assim começou outra fase da minha educação culinária. Pois embora tenhamos começado por fazer simples sorvetes de plantas – urtigas, salva, folha de figueira, pelargónio e erva-cidreira – rapidamente se tornou evidente que as ervas eram ainda melhores quando combinadas, quer umas com as outras, quer com outros sabores, e que ao usá-las desta maneira era possível criar uma variedade quase infinita de sabores.

Na verdade, isto já não era engenharia. Era culinária, pura e simples. Pois certos sabores combinavam, e outros não, e era preciso imaginação e perícia para visualizar como seria cada combinação – se seria um casamento frutuoso ou estéril. Quem diria, por exemplo, que gelado de maçã-reineta e pétalas de rosa seria tão bom, a suculência doce das maçãs e o perfume voluptuoso das flores tornando o gelado quase ridiculamente sensual e embriagante na boca? Quem diria que aipo – o mais sensaborão e aguado dos vegetais – teria o sabor limpo e penetrante que tinha quando as suas sementes eram torradas e combinadas com flores de hibisco? Quem teria juntado groselhas negras e hortelã, ou laranjas e manjericão, ou feito um cordial de avenca e pimenta preta?

Folhas de figueira e de louro, pêssego e hissopo, nata talhada e alfazema, damasco e cardamomo – estes foram alguns dos gelados que fizemos nesse dia. Eram majestosos, fascinantes, até extraordinários – e contudo, os ingredientes eram tão simples como um jardim inglês de Verão.

Não podia pedir a Hannah que não os provasse, claro; precisava da sua experiência e do seu palato. E quando ela, por sua vez, quis pedir a opinião de uma terceira pessoa, alguém que não soubesse o que esperar, virou-se com naturalidade para Elias e deu-lhe uma colherada, e ele disse-nos o que achava.

– É maravilhoso! – exclamou de um gelado directamente inspirado em Culpeper, feito com pepinos e aipo.

– É mesmo, não é? – respondeu a mãe. E os dois dançaram uma pequena dança pela copa.

– Pensava que seria contra estas coisas – disse eu, surpreendido.

– Porquê? Não nos opomos ao prazer, apenas ao privilégio.

– No entanto, estes gelados são apenas para o rei – recordei-lhe. – Para o rei e para alguns dos seus preferidos.

– Sim – disse ela, um pouco desanimada. – Claro.

– Talvez não fosse tão contra ele se o conhecesse. É um homem encantador.

– Talvez – disse ela, em tom inexpressivo, e não dançou mais.

Mais para o fim desse mês, enquanto o rei comia um gelado de

uvas-espins e erva-cidreira, disse-me com ar pensativo:

– O senhor é um homem que percebe de gelo, Demirco.

– De facto, senhor.

– O plano de Luís é esperar pelo Inverno. Afinal de contas, se conseguimos atravessar o Tamisa com carruagens, porque não conseguiria ele empurrar os seus canhões pelas terras drenadas e geladas?

Hesitei e ele disse:

– Acha que não resultará?

– A questão é a quantidade de sal – expliquei. – Tal como o Tamisa não congela por baixo da Grande Ponte, deixar entrar a água do mar faria com que esses terrenos descongelassem imediatamente. Tudo depende de até que ponto os Holandeses estão dispostos a ir para resistir à invasão.

– Guilherme de Orange declarou que todos os Holandeses preferiam morrer afogados do que verem o seu país católico.

– Nesse caso, eu certamente que não confiaria apenas no gelo para vencer esta guerra.

Algumas semanas depois, Arlington e Buckingham foram enviados à Holanda para tentar chegar a um acordo de paz independente. Os Franceses, furiosos, acusaram os Ingleses de traição. Por fim, não se conseguiu alcançar a paz e voltámos para a guerra, com a complicação acrescida de, agora, os próprios aliados de Carlos também não confiarem nele.

– Acha que alguma vez voltaremos para França? – perguntei um dia a Louise, quando lhe levei um gelo de junquilhos e limões.

– Não sei – disse ela em tom fatigado. – Seja como for, para mim agora é diferente. Quem casaria comigo e aceitaria um bastardo real? Uma coisa é fechar os olhos a um passado escandaloso, outra bem diferente é ter esse passado a crescer em nossa casa.

– Talvez possa casar com alguém de nascimento inferior – disse-lhe –, que a ame e ame também o seu filho. Talvez possam ser felizes juntos, sem títulos nem riqueza.

Ela olhou para mim e sorriu.

– Conhece algum homem assim?

– Ouvi rumores de que existem alguns.

– É demasiado leal, Carlo – disse ela, gentilmente. – Não fiz nada para merecer essa adoração.

– Pelo contrário. Não a adoro, nem por sombras. Acho-a prática de modo exasperante; de cabeça dura, altiva, orgulhosa…

– Obrigada. Não estava a pedir um catálogo dos meus defeitos.

Encolhi os ombros.

– É melhor admirar alguém cujos defeitos conhecemos, do que um estranho.

– E o rei?

– O que tem?

– O facto de eu ser amante dele. Isso não muda os seus sentimentos?

– Porque havia de mudar? – Ocupei-me com os copos. – Sei que não o faz por amor.

Ela ficou um momento em silêncio.

– Costumava pensar que o amor era apenas uma fantasia. Mas agora percebo que é uma força quase tão forte como um exército.

– Carlos ama-a.

Ela abanou a cabeça.

– Gosta de mim e deseja-me e gosta de me ver feliz. Ama-me da mesma maneira que ama Windsor ou ténis… sou necessária para o seu bem-estar e para a sua noção do que é ser rei. E também sou útil, no sentido em que lhe dou bons conselhos. Ama a Nell Gwynne muito mais do que a mim.

– A Nell!

– Com certeza. Pelo menos, ela é a única mulher da qual ele nunca poderia desistir, apesar de saber que Luís, ou qualquer outro rei, ficaria chocado com a ideia de manter uma prostituta vulgar como amante. Portanto sim, penso que ele a ama.

– Enquanto ela, presumivelmente, pretende apenas o dinheiro dele.

– Oh, não… isso é compreendê-la mal. Pode ser uma actriz e uma meretriz, mas gosta verdadeiramente da ligação entre ambos.

– E a Louise – disse –, que não é actriz nem meretriz…

– Tenho de representar um papel e deitar-me com um homem que não amo. Sim, essa ironia também me ocorreu.

– Consegue vencê-la?

– Talvez. Mas há muito mais a fazer. Temos de encontrar uma forma de o manter nesta guerra. É preciso impedir o parlamento de o forçar a pedir pela paz. O Jaime tem de casar antes que mude de ideias. Mais dinheiro. Mais batalhas.

Voltei para o Red Lion, nesse dia, um pouco melancólico. Hannah estava na copa, a fazer a massa para as suas tartes.

– Para onde está a olhar? – perguntou.

– Para nada.

Ela mediu um frasco de farinha, partiu dois ovos lá para dentro e começou a mexer. Passado algum tempo, virou-se para mim.

– Não consigo trabalhar se continuar aí parado a olhar fixamente para mim.

– Não estou a olhar fixamente – expliquei. – Pelo menos, não para si. A Hannah está simplesmente na direcção geral do meu olhar, mais nada.

Ela suspirou e voltou-se novamente para a massa.

– Mas, já que pergunta – acrescentei –, podíamos ir ao meu quarto, mais tarde.

A voz dela, quando respondeu, era inexpressiva.

– Esteve na corte hoje, presumo?

– Sim.

– Com madame Carwell?

– O que é que isso tem a ver com o assunto?

– Apenas que reparei que é sempre depois de estar com ela que me convida a ir ao seu quarto.

Encolhi os ombros mas, uma vez que ela não estava a olhar para mim, não viu.

– Convido-a para o meu quarto porque o acordo nos convém a ambos. Pode vir ou não, como preferir. É consigo.

Pareceu-me que ela estava a debater consigo própria se devia ou não dizer uma coisa.

– Diga-me – disse, por fim. – Quando chegou aqui, como soube o que eu era? Que eu iria consigo por dinheiro?

– Um conhecido disse-me como eram as criadas das estalagens inglesas. E depois encontrei-a com aquele homem. Ele sabia o que você era.

– Sim – admitiu ela. – Chamou-me puta. Mas isso foi uma maneira de dizer. Referia-se ao facto de eu ser uma dissidente da igreja.

– Ameaçou-a com a prisão.

– Ele era um espião. Estava a tentar coagir-me para o espiar a si.

– A mim?! – exclamei, estupefacto.

– Queria que eu descobrisse como é que faz os seus gelados. Mas eu já lhe tinha dado a minha palavra de que não contaria a ninguém, por isso não contei.

– Mas… – Eu estava perplexo. – Quando lhe disse para vir ao meu quarto, daquela primeira, vez, a Hannah veio. Aceitou o meu dinheiro.

– Sim.

– Então o Cassell tinha razão. É *mesmo* aquilo que ele disse que seria.

Ela olhou para a massa.

– Talvez. Mas decidi que no futuro, *signor*, ficaria agradecida se pedisse antes à Mary ou à Rose.

– Porquê?

Ela não disse nada durante muito tempo, enquanto trabalhava o monte de massa com os dedos. Por fim, respondeu:

– Não seria justo para o Elias, se ele descobrisse o que fazemos.

– Oh, compreendo.

– Ele admira-o muito. Podia… entender mal a nossa associação. Podia ver nela mais do que realmente é.

– Bom, nesse caso pode estar descansada, não lhe voltarei a pedir.

– Obrigada.

– Pedirei à Mary. Ou à Rose, conforme.

– Exactamente. – Pegou no rolo da massa e bateu com ele no monte de massa, com tanta força que levantou uma nuvem de farinha.

LOUISE

O parlamento vai insistir na paz assim que se reunir; é um segredo que todos sabem. Todas as noites Carlos tem reuniões com os seus ministros, para debater o que fazer. O seu objectivo é ganhar tempo: uma política que o irmão, num raro acesso de graça, descreveu como sendo indistinguível de perder tempo.

A única solução é que a sessão do parlamento seja interrompida – ou seja, suspensa pela autoridade do rei sem dissolução do mesmo. Contudo, desafiar desta maneira o mesmo parlamento ao qual deve a sua restauração pode desencadear uma rebelião armada. Os seus ministros – com um olho na sua própria popularidade junto da populaça – aconselham-lhe cautela.

Não o conhecem tão bem como eu. Os gestos imprudentes atraem-no. Prefere o rumo mais ousado, o jogo com as paradas mais elevadas. E o seu ódio pelo parlamento é muito profundo. Publicamente, tem de parecer grato por o terem restaurado no trono. Em privado, não se esquece de que o trono só estava vago porque eles assassinaram o seu pai.

Eu penso que há uma maneira. Mas primeiro tenho de ser tão ousada como ele.

*

Dou uma festa, um jantar no meu apartamento, para o rei e quarenta dos seus amigos mais chegados. Até convido alguns dos libertinos frívolos cuja influência sobre o rei é mais forte do que ele gosta de admitir.

Um festim de comida francesa, vinhos franceses, gelos franceses, pensamentos franceses expressos em francês. Excepto que o vinho corre de uma forma que não é bem francesa e a conversa rapidamente volta ao inglês e degenera – como acontece sempre neste país – do sedutor para o obsceno. Em breve os cortesãos e as damas da corte se retiram para os cantos para encontros amorosos. O deboche torna-se a ordem da noite.

Não, claro, para Carlos e para mim. Ele lança olhares para as sombras e sinto que, noutra ocasião, teria gostado de se juntar a eles,

mas não pode ser visto a abandonar a minha companhia para esse fim na minha própria festa.

De madrugada, exaustos ou envergonhados, saem quase todos: todos excepto as minhas damas de companhia, a ilustre Lucy Williamson e lady Anne Berowne. O rei boceja e diz que tem de ir também. É nessa altura que sugiro uma última ronda de Perguntas e Ordens. Mas ninguém tem dinheiro.

Quando o rei pergunta o que apostaremos, respondo:

– As nossas roupas.

As raparigas não parecem muito à vontade, mas não se atrevem a protestar.

De cada vez que um de nós perde, despe qualquer coisa. Lucy é a primeira a ficar nua. No seu nervosismo, tenta cobrir-se com as mãos, com risinhos quase histéricos. O efeito – será intencional? – é chamar ainda mais a atenção para a sua nudez.

Anne não vai muito atrás. Eu sou a última a ficar despida. Carlos, claro, teve sorte. Na verdade, como banqueiro, ganhou a maior parte das roupas de Lucy e tem o saiote dela vestido por cima da camisa.

– Venham. – Empurro a cadeira para trás, pego na mão das duas raparigas e levanto-me. Elas não hesitam quando as conduzo à volta da mesa até estarmos de pé em frente dele.

– Então? – pergunto, em tom ligeiro. – Qual de nós merece a maçã?

Claro que ele conhece a história e sabe por que motivo faço alusão a ela. O Julgamento de Paris. Um concurso de beleza que levou a uma guerra.

– Uma decisão dessas não pode ser tomada de ânimo leve – diz, com um sorriso esfomeado, enquanto se levanta.

Espero, como se fossemos uma escultura viva, que ele nos examine, o que faz, lentamente, com o olhar de conhecedor a deslizar devagar sobre a nossa pele nua. Anda à nossa volta: os seus dedos roçam nas minhas costas, na curva da minha cintura, nas minhas ancas. Sinto a sua respiração na nuca. A sua mão apalpa-me a nádega, compara-a com a outra…

Um dedo grosso toca-me *ali*. Ao meu lado, Anne sustém a respiração e sei que ele lhe fez o mesmo.

Ele ergue a mão até ao meu seio, deixa-a ficar um instante, antes de a retirar com um suspiro.

Vira-se para Lucy, que ainda está a rir, nervosa. Do meu outro lado, Anne olha para ele com uma intensidade que me dá vontade de sorrir. Não tenho dúvidas de que ela espera que esta exibição dos seus encantos possa levar a algo mais.

– A sua pergunta, Lucy – murmura ele.

Ela não sabe o que perguntar.

– Gostais do que vedes? – diz, por fim.

– Claro.

Ela cora.

– E desejais-me?

– Claro – diz ele de novo.

– Nesse caso, ordeno que façais um brinde à minha beleza – diz ela, com um movimento coquete de cabeça.

– Com todo o prazer – concorda ele, pegando num copo. – *Madame*, encantou-me. Espero um dia poder retribuir o elogio. – Faz o brinde, bebe e depois vira-se para Anne. – E lady Anne? Qual é a sua pergunta?

Ela também hesita – mas, no seu caso, pressinto, apenas porque está a tentar perceber como aproveitar ao máximo a situação.

– Quem desejais mais: a Lucy ou eu? – Uma pergunta inteligente, penso. Ela sabe que se tivesse incluído o meu nome ele se sentiria obrigado a escolher-me.

– Não é pergunta a que um homem galante deva responder – objecta ele.

– O jogo chama-se Perguntas e Ordens – recorda-lhe ela. – Tendes de responder.

Ele acena.

– Muito bem. Desejo-as a ambas, mas à Lucy menos do que a si. – Através das nossas mãos dadas, sinto, mais do que oiço, a exclamação de protesto de Lucy. – Qual é a sua segunda pergunta?

– Quantas amantes tivestes este ano?

Ele sorri.

– A essa pergunta não posso mesmo responder, pois nunca as conto.

– Então a minha ordem é que ainda tenhais outra – diz ela, e é impossível não perceber o que quer dizer, apesar da minha presença.

Ele acena e bebe antes de se virar para mim.

– E a Louise, o que quer perguntar-me?

– Quem é o monarca mais feliz do mundo?

Ele parece surpreendido com a pergunta, mas responde:

– Luís, claro.

– Porque é ele feliz?

Carlos ainda não percebeu onde quero chegar.

– Porque tem o poder indisputado no seu reino.

– Então esta é a minha ordem – digo. – Mande o parlamento para casa.

Ele pestaneja, embora eu não consiga dizer se está chocado com a minha ousadia ou incomodado com o assunto. Sorrio e começo a virar-me; de mãos dadas comigo, as outras duas têm de rodar também, em torno do meu eixo, até termos feito uma volta completa.

– Ordeno que faça apenas aquilo que quer fazer – digo, quando estamos de novo cara a cara.

– Porque só existe um rei ungido de Inglaterra – acrescento, na segunda volta.

– E apenas num jogo como este – concluo, quando o encaro pela terceira vez –, é que alguém neste país poderia arrogar-se a pretensão de lhe dizer o que fazer.

Sinto Lucy a tremer ao meu lado. Estava preparada para o deboche, mas a política aterroriza-a.

– Com mil raios – sussurra ele. – Assim farei. – Dá um passo na minha direcção. Ainda seguro as mãos das minhas damas de companhia. Ele fita-as com ar desesperado. – Louise…

Encolho ligeiramente os ombros. Vejo-o abrir as narinas, como se quisesse inalar o aroma da nossa pele. Põe as mãos na minha cintura.

– Senhoras, podem ir – digo, largando-lhes as mãos. – Tenham uma boa noite.

O parlamento reúne-se nesse mesmo dia e ele manda-os imediatamente embora, de volta para os seus círculos eleitorais. O parlamento está suspenso até ordens em contrário. O país sustém a respiração – mas não há nenhuma rebelião armada. A jogada compensou.

Os Franceses continuam a lutar. Chegam as primeiras geadas mas os Holandeses rompem os diques e derretem o gelo dos terrenos. Luís vai avançando pelos que não derreteram, lentamente, com os seus canhões e a sua cavalaria sobre o gelo. Do nada, aparecem regimentos holandeses que arrasam as suas fileiras – os Holandeses foram buscar os marinheiros aos navios de guerra presos pelo gelo, armaram-nos com mosquetes e calçaram-lhes patins. Depois abrem buracos no gelo, afundando os canhões sob os pés dos artilheiros franceses. Os Franceses retiram – retiram! O exército francês não batia assim em retirada desde que há memória.

O Sol foi primeiro detido e depois obrigado a recuar. Os Holandeses são aplaudidos nas ruas de Londres por aqueles que, supostamente, são seus inimigos.

Entretanto, a noiva criança de Jaime chegou, trazida de barco pelo rio para não ouvir as vaias do povo. É – de forma algo infeliz – a Noite da Pólvora, a noite em que toda a Inglaterra queima efígies de papistas para celebrar o fracasso de uma conspiração.

Este ano, além de Guido Fawkes, queimam também o papa, o rei francês e, pelo sim, pelo não, a minha própria pessoa. As barrigas das efígies são enchidas com pólvora e gatos vivos, que guincham de forma hedionda quando sentem as chamas. Uma destas efígies é queimada directamente em frente das minhas janelas, no parque real. Arlington avisa-me, com um sorriso, de que não devo sair do palácio

sem um guarda armado.

– Raramente saio do palácio – informo. – Tudo o que preciso vem até mim.

– É muito afortunada, senhora. – Os seus olhos lançam facas quando me fita. Ainda acredita que fui eu que lhe roubei o cargo de chanceler.

A princesa sai do barco, dá três passos em direcção a mim e afunda-se numa reverência graciosa.

– Vossa Alteza.

Ouve-se de imediato uma vaga de risos. A pobre rapariga parece confusa. Rapidamente, retribuo a reverência.

– Não sou a rainha, Alteza. Ela não está na corte, hoje. Porém, em seu nome, tenho o prazer de lhe dar as boas vindas. Venha, deixe-me apresentar-lhe alguns dos seus novos parentes.

Carlos, saindo do barco atrás dela, vê que eu dei os passos necessários para evitar um incidente e acena com gratidão. Jaime nem sequer repara. Diz-se que ele tem andado tão dominado pela devoção que ainda não falou com a sua noiva a sós. No entanto, esta noite, vai deflorá-la. Não admira que a pobre criança pareça aterrorizada; não admira que me tenha confundido com a rainha. Com o pretexto de lhe mostrar a corte, aperto-lhe o braço de forma tranquilizadora.

Apesar disso, não posso deixar de pensar que nunca ninguém confundiu Nell Gwynne com um membro da realeza.

Quando, um mês mais tarde, a princesa Maria é finalmente apresentada à rainha, Catarina trata-a com desprezo. Parece uma forma demasiado dura de tratar uma criança.

Esta corte é um sítio selvagem, muito mais brutal do que Versalhes. Pergunto-me se terei dificuldades em adaptar-me, quando voltar. Se voltar. É cada vez mais difícil ver o que será de mim se não for bem-sucedida em Inglaterra.

Estes pensamentos sombrios surgem numa altura estranha, pois a verdade é que não fui apenas bem-sucedida aqui – estou triunfante. Finalmente, Carlos fez de mim duquesa.

Serei a baronesa de Petersfield, condessa de Farham e duquesa de Pendennis. Depois, alguns dias mais tarde, ele acrescenta o título de duquesa de Portsmouth.

– Uma cidade naval – diz Nell Gwynne em voz alta, na minha presença. – Cheia de meretrizes. E muito perto de França. Que apropriado. – Mas ninguém se ri. É evidente que ela está fora de si de inveja. Por sua parte, Luís responde com uma honra equivalente: o feudo ducal de Aubigny. A mensagem é clara: eu sou uma ilustre protegida do rei francês, tal como sou a ilustre preferida do rei inglês.

Contudo, contudo… Se é possível que um presente destes tenha uma desvantagem, é que Carlos não podia ter escolhido pior altura

para o conceder. A guerra, por estar parada, não se torna menos cara. Os Franceses são cada vez mais detestados. É quase como se Carlos quisesse chamar a atenção para a minha presença na corte.

Terá sido aconselhado por alguém a seguir este caminho? Nesse caso, por quem? Terão esperança de que o povo me atribua as culpas a mim, e não a ele?

Em teoria, as damas menos importantes da corte deviam agora cumprimentar-me com uma reverência. Muitas não o fazem, ou tentam livrar-se da obrigação com algo tão superficial que mais parece um encolher de ombros. Deixá-las empinar o nariz. A minha família já pertencia à nobreza quando a Inglaterra não era mais do que um posto avançado de bárbaros celtas.

Escrevo aos meus pais para lhes dar a notícia dos títulos. Eles ainda não responderam à minha carta anterior, onde os informava da chegada do seu neto. Talvez tivesse sido melhor esperar e amortecer o golpe com esta notícia. Não importa: em breve poderei fazer algo por eles, um gesto grandioso qualquer que deixe bem claro o quanto a sorte da nossa família se alterou.

Uma noite, uma figura de casaco escuro entra no meu apartamento. Um secretário qualquer. Educado, discreto, inescrutável. Reconheço-o vagamente: um homem do parlamento, do partido de Arlington.

– Pensei que talvez quisesse ver isto – diz, estendendo-me uma carta.

É um despacho, ou a cópia de um despacho, de Colbert de Croissy para Versalhes. Assume a forma de uma diatribe contra uma certa mulher.

Confesso que a encontro em todas as ocasiões com tanta má vontade para o serviço do nosso rei, e tão antagonista contra França (quer seja por se sentir desprezada lá, ou por mero capricho) que considero francamente que ela não merece a protecção de Vossa Majestade. Porém, como o rei de Inglaterra lhe mostra ter muito amor e gosta tão visivelmente de lhe agradar, Vossa Majestade poderá decidir se será ou não melhor tratá-la de acordo com os seus méritos…

– Porque me mostra isto? – pergunto. – Sei que é um homem do Arlington.

– Era – responde ele. – Agora ando à procura de um novo protector.

Ergo as sobrancelhas.

– Eu?

– Preciso de alguém que esteja inclinado para distribuir riqueza, e não apenas para a acumular. E lorde Arlington não vai subir mais do que já subiu.

– No entanto, isto não vale muito – digo, levantando a carta. –

Uma diatribe precipitada, talvez, mas sem consequência a nível político.

– Sim – concorda ele. – Mas leia a última parte.

Viro a folha de papel e continuo a ler. Demoro um instante a compreender as implicações.

Corremos o risco de ofender Arlington com a aproximação ao seu rival, Buckingham; e para quê? Não devemos imaginar que, com duzentas mil coroas, conseguiremos obrigar um corpo tão grande como o parlamento a seguir um caminho que a mera razão devia ditar…

– Buckingham abordou um intermediário na corte francesa e ofereceu-se para vender os votos do seu partido a Luís – explica ele. – A sua intenção era que Colbert não soubesse, mas, como pode ver, ele foi informado e não está nada satisfeito.

– O que diz Luís?

– Nada, por enquanto. Mas mandou para Londres um homem chamado Ruvigny, um antigo soldado, como seu negociador.

Penso furiosamente. Se este esquema for em frente, Buckingham substituirá Arlington em termos de influência. No entanto, terá igualmente traído o parlamento ao vender os votos do seu partido. Talvez seja possível, mais tarde, destrui-lo com esta revelação.

Como se estivesse a ler os meus pensamentos, o jovem educado diz:

– O Arlington será substituído pelo Buckingham. O Colbert será substituído pelo Ruvigny. A França chegará a acordo com a Holanda. Assim que houver paz, talvez os Franceses deixem de ser tão odiados em Inglaterra como são agora. Quanto ao Buckingham, quem sabe o que poderá acontecer-lhe?

Dobro a carta.

– O que sugere que eu faça, para desencadear essa feliz sequência de acontecimentos?

– Deixe bem claro a Luís que não apoia o Colbert. Sem ele, o Arlington afundar-se-á

– E o Buckingham subirá.

– O Buckingham subirá – admite ele. – Por agora.

A política inglesa é um carrossel constante de traição e contra-traição, de subornos e intrigas e ambição. Nada é fixo; tudo é possível; todos os desfechos podem ser manipulados. As possibilidades dançam em frente dos homens como fogos-fátuos. Mas este jovem parece ter um dom para ver claramente através destas quimeras de acaso e favorecimento.

– Como se chama?

– Thomas Osborne, Vossa Graça. Ao seu serviço. – Faz uma vénia.

– Obrigada, Thomas. Escreverei a Sua Majestade Cristã imediatamente. E direi a Carlos o que o Buckingham está a planear.

Creio que ele ficará muito interessado em saber.

CARLO

Os gelos, como a vingança, devem ser servidos frios: mas, tal como na vingança, o excesso de frio embotará o sabor.

O Livro dos Gelos

Parecia que nada conseguiria impedir a conquista de Louise na corte. No final do ano, Arlington já fora afastado do seu cargo. Em Janeiro foi a vez de Buckingham ser impugnado, julgado pelo mesmo parlamento que ele ajudara a ser tão poderoso e cujos votos tentara vender a França. À última hora, tentou cair nas boas graças dos seus acusadores, declarando que a culpa não era sua, mas do rei e do irmão.

– Posso caçar a lebre francesa com uma matilha de cães, mas não com uma braça de lagostas – disse-lhes. Uma observação tola, pois custou-lhe o apoio das duas únicas pessoas que se erguiam agora entre ele e a Torre. Desesperado, anunciou então ter compreendido os erros dos seus actos. Baniu para um convento a sua amante, lady Shrewsbury, reconciliou-se com a esposa, abandonou os luxos e adoptou a indumentária e os hábitos de um puritano. Conseguiu salvar a vida, mas não o orgulho, e daí em diante foi um homem sem qualquer influência.

Carlos assistiu, sem nada fazer para o ajudar.

Nell Gwynne convenceu um dos seus compinchas, o velho Tom Killigrew, a aparecer na presença do rei em traje de montar, incluindo a capa e o pingalim. Quando o rei lhe perguntou onde ia com tanta pressa, o homem gritou:

– Ao Inferno, buscar Mestre Cromwell para nos governar de novo, pois ele não faria pior do que isto.

Carlos olhou para ele com expressão impassível: para variar, o seu bom humor abandonou-o e disse em tom seco:

– A política não é o seu forte, Nell, tal como não era o forte do seu amigo George Buckingham. Faria melhor se deixasse esses assuntos para quem os compreende.

Agora apenas Louise podia aconselhá-lo, juntamente com Osborne e o novo embaixador, Ruvigny. O rei cobria-a de prendas – não simples jóias, mas feudos, pensões, rendas e terras. Ela era a senhora do seu palácio, o seu primeiro-ministro não oficial e a rainha não reconhecida: a mulher por quem tinham de passar todos os pedidos, cujas opiniões se tornavam política de Estado; a mulher que tomava as

decisões no lugar de um rei que preferia não ter de o fazer.

CARLO

Para uma celebração: sorvetes, bandeiras, bolos e outros gelos extravagantes.

O Livro dos Gelos

–Tenciono organizar um baile – disse-me ela um dia, no princípio de Abril. – Algo especial. Algo de que se falará ainda muito tempo depois de Nell Gwynne ter sido esquecida.

– O que tem em mente?

– Um festival de gelo – respondeu ela sem hesitar. – Uma feira do gelo… mas no Verão. Talvez no princípio de Junho, para celebrar o aniversário do rei. É possível?

Pensei no assunto.

– Pode ser. Se pegarmos em todo o gelo que eu recolhi para o ano inteiro e o usarmos todo de uma vez.

– Consegue congelar o Tamisa?

Sorri.

– Isso está para além até mesmo dos meus recursos. Mas podíamos colocar blocos de gelo sobre a relva, lado a lado, e selá-los com água para fazer uma espécie de lago de patinagem.

– E um edifício? Um palácio de gelo?

– Não vejo porque não. O Buontalenti fez uma vez uma gruta para os Médicis em pleno Verão. Mandou os escultores fazerem animais de gelo, e árvores entre as quais os colocar…

– Sim! Animais e árvores também – interrompeu ela. – E um jardim de gelo, ao longo das margens do rio. O Arlington negou-me uma coroação: este baile tem de estar à altura disso.

– Talvez um arco triunfante de gelo, então, sob o qual passaria com o rei…

Estava meio a brincar, mas ela assentiu.

– E mesas de gelo para comer…

– Fontes geladas…

– E fogueiras entre o gelo, e lanternas. Quanto à comida, que seja um festim de gelados, para aqueles que o rei e eu honrarmos com um convite.

– Custará uma fortuna – avisei.

– Ele gosta de gastar dinheiro – respondeu ela, simplesmente. – Fá-lo sentir-se como um rei.

Eu devia ter considerado extravagante, até mesmo ridículo, gastar

o abastecimento de gelo de um ano inteiro numa única noite de prazer. No entanto, parte de mim estava encantada. A festa pretendia ser o triunfo dela; mas seria também o meu. Depois disto, o nome Demirco seria certamente tão famoso em toda a Europa como o de Buontalenti ou de Varenne.

Um espectáculo desta natureza exigia um exército e, em nome do rei, consegui reunir um. Era exactamente o tipo de ilusão efémera e fantástica de que ele gostava. Inverno em pleno Verão, custos assombrosos, um presente da sua amante preferida, um evento que seria falado por toda a Europa – tinha todos os ingredientes certos. Recebi ordens para não poupar despesas nem pormenores. Se me faltasse o gelo, devia requisitá-lo aos nobres que já tinham construído casas de gelo, ou mandá-lo vir de França. Se precisasse de mais alguma coisa, qualquer talento ou perícia especial, devia falar directamente com o rei.

Creio que ele recordava sempre o dia da sua restauração: entrar em Londres à frente de vinte mil soldados; as pessoas a chorarem de alegria, as ruas pejadas de flores, os sinos das igrejas a tocarem e as fontes a jorrarem vinho.

Na escuridão das caves frias, os homens começaram a fazer as árvores, animais, fontes e outras decorações de gelo que eu pedira. Dryden e Marvell foram contratados para escrever as pantominas. Kit Wren suspendeu os planos da Catedral de São Paulo para poder desenhar um grande pavilhão de gelo, uma catedral de prazer cuja fachada trabalhada e cintilante ultrapassaria qualquer maravilha que o país já vira. Hooke e Boyle, esses homens engenhosos, conceberam um sistema de canos que transportariam água do mar gelada por baixo da estrutura, de modo a que não derretesse. E o próprio Carlos escolheu o local – Barn Elms, a cinco quilómetros de Londres, onde uma curva do rio daria a impressão de uma planície congelada.

Era impossível manter uma ideia destas em segredo: na verdade, Louise não queria que fosse segredo – esta festa era, como ela dissera, uma espécie de coroação, e acreditava que o ódio do povo por ela podia ser transformado em apoio.

– Será um circo – disse –, e a populaça adora o circo.

Mandou que a semana fosse declarada de festa e que os mastros fossem enfeitados. O próprio Luís XIV enviou uma carruagem de vidro, para que Carlos e ela pudessem chegar com pompa e circunstância.

– E faça-nos algo especial – disse-me ela. – Um gelado particular, em honra de Sua Majestade, tal como já fez um para mim.

Olhando para trás agora, essa Primavera foi uma das épocas mais felizes que vivi em Inglaterra. Estava com Louise quase todos os dias, a planear os detalhes do baile. Estava envolvido num grande

empreendimento que sabia que consolidaria o meu nome. Dominara a arte de fazer gelados a tal ponto que, provavelmente, não tinha igual no mundo inteiro. Se a paz entre França e Holanda fosse negociada, havia mesmo a possibilidade de, um dia, ela e eu termos liberdade de regressar a França.

*

A notícia de que Rochester fora banido da corte em nada perturbou o meu bom humor.

– Ele escreveu uma sátira que foi longe de mais, até para o rei – contou-me Louise.

– Qual era o assunto?

– A impotência do rei.

– Percebo que o rei não quisesse deixar uma calúnia dessas sem punição.

– Pelo contrário. – Olhou em volta para se certificar de que ninguém nos ouvia e disse, baixinho: – O Rochester já fez piadas parecidas antes e nunca foi banido. A diferença é que, desta vez, é verdade.

– O rei não consegue funcionar?

– Só raramente.

– Com certeza que isso deve facilitar as coisas para si, não?

– Não exactamente. – Fez uma careta. – Ele não quer admiti-lo, por isso tenta… E quanto mais tenta, mais duro é. Ou não, na verdade.

– Mas é apenas consigo?

– Aparentemente, não. Espere aqui, vou buscar o poema. Deixaram uma cópia debaixo da minha porta, como de costume. – Abriu o banquinho da música e encontrou-o.

Era o lixo habitual, mas havia uma secção em particular que me fez suster a respiração.

Nisto acreditariam, se eu tivesse tempo para contar,
O muito que custa à pobre e esforçada Nelly,
Que usa mãos, dedos, boca e coxas,
Para conseguir erguer o membro de que tanto gosta.

– Até o Rochester percebeu que, desta vez, fora longe de mais… não pretendia que o rei visse isto. Deu-lho por engano, juntamente com outro poema. Mas, claro, agora que foi banido da corte, as pessoas andam a dizer que deve ser verdade.

– Isso afectará a sua posição?

– Não vejo porquê. Ele depende demasiado de mim para me dispensar agora.

– Estou certo de que o Arlington terá dito o mesmo, em tempos – avisei. – E o Clifford, o Clarendon, o Buckingham e todos os outros ministros que ele dispensou ao longo dos anos.

– Não se preocupe, sei o que estou a fazer.

Louise tinha razão, até certo ponto: tinha agora as mãos firmemente fechadas sobre todas as alavancas do poder. No entanto, isso não impediu os seus inimigos de fazerem uma última tentativa para a destronar. Enquanto planeávamos a ocasião que celebraria a sua ascendência, aqueles que ela derrubara estavam a conspirar. Sabiam que não conseguiriam vencê-la sozinhos; precisavam de um campeão, e encontraram-no na encantadora pessoa da irmã de Olympe de Soisson, Hortense Mancini, duquesa de Mazarin.

«A duquesa de Mazarin é uma dessas belas romanas que não possuem qualquer beleza de boneca e em quem a natureza pura triunfa sobre todas as artes do coquetismo. Os pintores não conseguem dizer qual a cor dos seus olhos: não são azuis, nem cinzentos, nem pretos, nem castanhos, nem verdes. Nem são lânguidos nem apaixonados, como se exigissem amor ou o demonstrassem. Parecem apenas que ela é iluminada pelo amor do sol. A sua tez é levemente tingida, e contudo quente e fresca. É tão harmoniosa que, embora morena, parece de uma brancura deslumbrante. O seu cabelo negro ergue-se em ondas fortes sobre a testa, como se se orgulhasse de cobrir e adornar cabeça tão esplêndida. Nunca usa perfumes.»

César de Saint-Réal, *Memories de la Duchesse Mazarin*

LOUISE

É Nell quem me alerta primeiro, quando aparece na corte, um dia, toda vestida de preto. À espera de uma repetição da piada do Cã da Tartária, não digo nada.

– Por quem está de luto, Nell? – pergunta alguém por fim, dando-lhe a deixa.

– Por ninguém – diz ela, naquele seu sotaque nasal característico. – Estou de luto pelas ambições de madame Carwell, que morreram e foram enterradas, agora que a duquesa de Mazarin chegou.

Arrebito as orelhas ao ouvi-lo – não os disparates de Nell, mas o título. Mazarin… já ouvi esse nome antes, um mexerico qualquer dos meus dias em França.

E depois lembro-me. Algo que Madame disse uma vez, quando falava sobre o irmão.

Ele apaixonou-se por uma beleza italiana chamada Hortense Mancini, mas foi nos dias do seu exílio e o tio dela, o cardeal, considerou que ele

era um candidato demasiado fraco. Portanto agora está casado com Catarina de Bragança e Hortense anda a escandalizar toda a Europa como duquesa Mazarin…

Um amor que ele não conseguira alcançar. Uma velha paixão. *Muito inteligente*, penso. Pergunto-me qual dos meus inimigos a terá trazido para Inglaterra. Estou disposta a apostar todas as minhas consideráveis pensões em como não aconteceu por acaso.

Claro que estou certa. Algumas perguntas discretas feitas pelas pessoas que estão do meu lado, e rapidamente se torna evidente o que está de facto a acontecer.

Mazarin deixou o marido e desbaratou todo o seu dinheiro. Desde então, tem andado a viver à conta de vários amantes ricos – de ambos os sexos, dizem – em várias partes da Europa; agora, depois de Montagu lhe dizer que talvez haja uma vaga em Inglaterra para a posição de amante do rei, foi enviada para cá às custas dele. Ela tem um grande ódio pela França: acha que Luís devia ter obrigado o marido a devolver-lhe o dote.

Sei tudo isto antes de a conhecer. Estou preparada para uma mulher astuta – sabendo que ela é irmã de Olympe de Soissons, suponho que estou à espera de uma coisinha roliça, bonita e maliciosa.

Céus, como uma pessoa se pode enganar.

Vejo-a pela primeira vez a caminhar no Parque de St. James, ao nascer do dia, com Anne Fitzroy ao seu lado, a condessa de Sussex, de quinze anos de idade. Veste roupas de homem, mal-arranjadas: tem duas espadas casualmente presas debaixo do braço e na outra mão leva máscaras de esgrima. Quando se aproxima, vejo-a melhor e quase fico paralisada.

Ela é linda. Absoluta e perfeitamente bela.

Há uma claridade simples no seu rosto, uma inteligência, que me faz querer gostar dela imediatamente. É alta, esguia, de pernas compridas como um homem, mas no seu passo há uma graciosidade, uma flexibilidade, que é totalmente feminina.

Ao ver-me, ela pára também, à espera de ser apresentada. Sinto o sangue a latejar nos ouvidos.

– Olá, Annie – digo, à rapariga ao lado dela.

– Olá – responde ela. Uma breve pausa. – Posso apresentar-lhe a duquesa Mazarin? – acrescenta, um pouco amuada por ter de partilhar esta mulher que, obviamente, idolatra.

Hortense e eu trocamos reverências, ao estilo francês.

– Vejo que esteve a praticar esgrima – digo, para quebrar o gelo, mas tudo o que quero é regalar os olhos nela, na frescura natural do seu rosto.

Os olhos dela iluminam-se e, de súbito, fica ainda mais bela.

– Também pratica?

– Infelizmente, não…

– Temos estado a lutar pela minha honra – intervém lady Anne.

– Céus, isso parece perigoso.

– Estou a ensiná-la a defender-se – diz Hortense com um sorriso. – Nunca se sabe quando poderá ser preciso.

A rapariga pega numa das espadas e faz alguns passes no ar. Hortense coloca-se instantaneamente na posição de *en garde*, graciosa como um gato, e defende os golpes amadores de Anne com três gestos casuais da espada.

– Nunca aprendi esgrima – digo.

– Posso ensinar-lhe também, se quiser – diz Hortense, em tom franco, sem tirar os olhos da espada de Annie. – Depois podemos travar um duelo. Seria divertido, não seria?

Talvez esteja a tentar desarmar-me, mas não sinto qualquer maldade nela: sou apenas um obstáculo no seu caminho. Talvez nem sequer isso. Deve estar habituada ao facto de todos os homens que conhece se apaixonarem por ela. E as mulheres, também. As outras mulheres – esposas, amantes – não são verdadeiramente rivais. Pode dar-se ao luxo de não ter de se esforçar, de não ter de lutar por aquilo que quer.

Claro que Carlos sucumbirá. Claro que dirá a si próprio que tem de possuir esta mulher extraordinária, tal como em tempos disse a si próprio que tinha de me possuir. A cura para a sua impotência é o namoro: na batalha para a possuir, descobrirá o seu vigor perdido.

Tudo o que posso fazer é ser paciente e ter esperança de que, depois, volte à minha cama, em vez de ser impotente na cama dela.

Tenho a minha estratégia. Um jogo de espera. É a abordagem correcta, tenho a certeza disso. Contudo, nestas manhãs, quando me levanto da cama e me sento em frente do espelho para começar os trabalhos necessários no meu rosto, sinto um grande cansaço, como se mal tivesse dormido. Como se o esforço de colocar os meus vestidos deslumbrantes, as minhas jóias, os meus colares de pérolas e os meus broches de safiras fosse mais do que consigo suportar.

No entanto, continuo a fazê-lo. Não me deixei vencer pela odiosa e vulgar Nell Gwynne, e não serei vencida pela encantadora e educada Hortense Mancini.

Assim, pinto o meu rosto, penteio o cabelo, delineio os olhos. Para quê? O rei raramente me procura, ultimamente. Quando a corte se muda para Newmarket, como de costume, para as corridas de Primavera, o seu mordomo nem sequer me atribui alojamento. Quando pergunto a Carlos, com um sorriso, se se esqueceu de mim, ele diz, genuinamente surpreendido:

– Pensei que preferisse ficar em Londres, querida buchinha, e

governar o país por mim enquanto estou fora.

Tornei-me uma espécie de segunda esposa, tão esquecida como a rainha. Fico em Londres e governo o país. Chega-me a notícia de que, em Newmarket, Hortense Mancini acorda cedo todas as manhãs para montar os cavalos mais rápidos e perigosos.

Ninguém parece saber ao certo se ela e o rei já são amantes. Anne Sussex tem os aposentos por cima dos do rei, onde Hortense a visita; diz-se que o rei a visita também, mas ninguém sabe exactamente o que se passa lá. O embaixador acredita que a duquesa está a ter um caso com lady Anne e que o rei está a conter-se apenas por esse motivo. Outros pensam que é tudo um jogo, para incendiar o seu desejo.

Eu continuo a planear o meu baile. Talvez, nessa altura, ela já cá não esteja.

Outro poema, enfiado por baixo da minha porta.

Parece-me que a vejo, acabada de acordar
Da sua cama bordada, depois de mijar;
Com expressão estudada e muitas caretas
Colocar-se perante o espelho
Para apagar e alisar a beleza
Que desapareceu nos enlaces nocturnos.

Rochester, claro; está de volta à corte, odioso como sempre. Diz-se que, enquanto esteve banido da corte, escreveu uma peça chamada *Sodoma* que ultrapassa em torpeza tudo o que os próprios romanos escreveram. Há cenas que envolvem seis homens e seis mulheres, dildos, sodomia e o resto. Foi encenada uma representação privada para Carlos e um grupo seleccionado dos seus amigos libertinos. Um presente para excitar a virilidade minguante de um rei.

– A verdade – diz o embaixador –, é que estamos a entrar numa fase delicada.

Esforço-me por lhe prestar atenção. Courtin, é o seu nome. Um homem pequeno, elegante, discreto. Ruvigny, ao que parece, pediu demissão. «Um tráfico nojento», foi como ele resumiu esta corte de Inglaterra.

A visão dos Franceses a distribuírem subornos, dizem, repugnou-o ainda mais do que a visão dos Ingleses a aceitarem-nos.

– Delicada porquê?

– Sua Majestade Cristã está inclinado a procurar a paz. Como medida temporária, compreende? Uma retirada estratégica. Os seus negociadores estão a reunir-se em Nimeguen neste preciso momento.

– O que tem isso a ver com Hortense Mancini?

– O maior trunfo de Sua Majestade nas negociações ainda é a aliança com Inglaterra. Se se soubesse lá fora que Carlos a pôs de lado e introduziu na sua cama uma inimiga de França…

– Ele não me porá de lado – digo. – A minha posição está mais

segura do que nunca. Em breve, toda a Europa falará do meu baile. Do meu palácio de gelo. Da minha festa de aniversário para o rei.

Ele sorri friamente. Ambos sabemos que é agora muito mais do que uma festa de aniversário.

CARLO

De todos os gelos extravagantes, o *gelato luminoso*, um gelo em volta de uma fonte de fogo-de-artifício, é um dos mais espectaculares.

O Livro dos Gelos

Eu já a vira cansada antes, mas em todo o seu tempo em Inglaterra, nunca a vira deprimida. Havia agora nela uma espécie de tristeza, uma resignação calma – não por estar vencida, longe disso; mas talvez por se ter apercebido de que esta seria sempre a sua sorte: uma vida inteira a lutar contra rivais mais bonitas, ou mais novas, ou mais exóticas.

– Já é certo – disse-me, um dia, no princípio de Maio. – Carlos e a Mazarin são amantes. Lady Anne foi enviada para a província, mas ele passa quase tanto tempo nos seus aposentos como antes.

– Tome, fiz-lhe um cordial – disse-lhe. – É de bagas de sabugueiro destiladas. Os boticários dizem que é revigorante.

– Obrigada. – Ela bebeu um pouco, mas percebi que mal estava a saboreá-lo.

– Pensa que ele voltará para si?

Ela encolheu os ombros.

– Começo a desconfiar de que sou agora apenas uma espécie de símbolo para ele. Não me deseja, na verdade; quer apenas que toda a gente pense que sim. Sou a amante francesa, tão necessária para ele como um alfaiate francês ou um cozinheiro francês, nada mais.

– Nesse caso, é um louco – respondi.

– Oh, também não será fiel à Mazarin. É tão incapaz de estar ao lado de uma só mulher como de cumprir um tratado.

– Então é duplamente louco.

– Eu não devia importar-me, na realidade, pois não? Agora tenho influência sem ser preciso deitar-me na sua cama para a obter. Houve uma altura em que era tudo o que desejava. Além disso, significa… – Hesitou ligeiramente. – Significa que estou também livre de outras formas.

– O que quer dizer?

Não me respondeu directamente, mas aproximou-se da janela e olhou para o parque.

– Lembra-se do que eu respondi, daquela vez em Versalhes, quando lhe disse que não podia casar consigo e me perguntou se não podíamos amar-nos apesar disso?

– Claro. Disse-me que não era como a minha amiga Olympe.

– Sim. – Falou calmamente, mas sem tirar os olhos da janela. – Era tão orgulhosa, nesse tempo… Mas agora sou como a Olympe, não sou? Sou exactamente igual a ela. Uma amante do rei posta de lado.

Olhei para ela.

– Está a dizer…

– Agora que não tenho honra para proteger e ninguém a quem tenha de ser fiel, posso arranjar um amante. Se quiser.

– E quer? – perguntei baixinho.

Ela corou um pouco.

– Pensei que, já agora, podia ver qual o motivo de tanto espalhafato.

– Tem alguém em mente?

– Pensei em pôr um anúncio no *London Register*. «Meretriz da Babilónia, a mulher mais odiada do país, procura amante. Tem de saber fazer gelados.»

– Só há uma pessoa neste país capaz disso.

– Nesse caso, terei de esperar que seja ele a responder ao meu anúncio.

Não consegui falar, com o coração subitamente cheio de mais.

– Se ainda me quiser, claro está – acrescentou. – Todas as outras pessoas parecem ter decidido que eu não valho o trabalho. Compreenderei se pensar da mesma maneira.

– Oh, Louise – disse. – Louise… – Aproximei-me dela e puxei-a para os meus braços. – Tem a certeza?

Ela estava a acenar e a arquejar e a rir ao mesmo tempo, mas não se esquecera da necessidade de cautela.

– Espere – protestou. – Aqui não, alguém pode ver-nos. Mas sim, tenho a certeza. Nunca tive tanta certeza de nada. Teremos de ser discretos…

– Claro. Não sonharia em pôr em risco a sua reputação.

– Não tenho reputação, seu tolinho. Quero simplesmente evitar ser novamente alvo de mexericos.

– Quando devo procurá-la?

– Esta noite. Não haverá ninguém a ver.

– Virei – prometi. – Mas… porquê agora? O que a fez mudar de ideias?

Ela encolheu os ombros e não queria responder, mas eu pressionei-a e, por fim, disse-me.

– Os meus pais estão em Inglaterra.

– Os seus pais! Onde?

– Estão em casa de Sir Richard Browne, no Hampshire. Um velho amigo do meu pai. Combateram juntos contra os Espanhóis.

– Quando virão à corte?

– Não virão.

– Porque não? – perguntei, confuso.

– Não respondem às minhas cartas. Mas soube que eles não tencionam voltar a dirigir-me a palavra.

– O quê? Como se atrevem…

– Não, não faz mal. Eu compreendo: pensam que eu os desgracei. Têm uma visão muito antiquada do que é honroso, percebe. E nunca compreenderão que a culpa foi, em parte, deles. Pensavam que os duques e os lordes fariam fila para casar comigo, por causa do meu nome. Não conseguiram compreender que, sem dinheiro, o seu precioso nome não vale nada. – Estava a chorar, o que me fez perceber que não a via chorar há meses. – Bom, agora estou livre deles – disse, furiosa. – Cumpri o meu dever e vejam o que ganhei com isso. De hoje em diante, vou preocupar-me apenas comigo própria.

CARLO

Gelado de morango e pimenta branca; sorvete de amoras silvestres e nata; leite-creme de chocolate e baunilha… Independentemente de quantas combinações novas inventarmos, os melhores gelos serão sempre os mais simples.

O Livro dos Gelos

Caminhei pelos corredores escuros do palácio, com uma arca de gelo nos braços. Se alguém perguntasse, ia levar um gelo à amante abandonada do rei, para a consolar. Qualquer pessoa que se desse ao trabalho de verificar encontraria dentro da arca um gelado de morangos vermelhos e pimenta branca, aninhado numa grinalda de folhas de morangueiro.

Ninguém me deteve. Ninguém fez perguntas. O rei estava fora. Os que tinham ficado para trás não eram importantes.

Os aposentos dela, geralmente tão apinhados com cortesãos e ministros, estavam vazios.

– Mandei-os todos embora – disse, quando me viu olhar para as sombras. – Não seremos incomodados.

Tinha o cabelo solto, torcido numa espécie de corda sobre um dos ombros do *déshabillé*. Estava descalça e retirara as jóias do rei. Mas não era isso que a tornava tão diferente hoje. Parecia mais nova, de alguma forma, como se parte do cansaço tivesse sido retirada dos seus

ombros juntamente com o peso dos rubis do rei.

– Está feliz – disse-lhe, espantado. – Acho que nunca a tinha visto feliz.

Ela aproximou-se de mim. Sem os sapatos da corte, era mais baixa do que o habitual. Pousei as mãos nos ombros dela…

– Espere – disse baixinho, beijando-me e recuando. – Quero que esta noite dure para sempre.

– Já esperámos tempo suficiente. – Peguei-lhe ao colo e levei-a em braços para o quarto.

A sua pele branca, tão branca: da cor de velas, de morangos brancos, de gelado.

Coloquei uma colherada de gelo de morango na sua barriga e levei-lha até aos lábios com a boca. Passámos a doçura de um para o outro, até se ter derretido em nada nas nossas línguas.

Ela demorou mais tempo a derreter. O gelado em breve desaparecera, mas continuei a lambê-lo da sua barriga. Da sua barriga e do prato suave e aveludado ao cimo de cada coxa, e da sua boca, fria e cremosa com beijos e gelo.

Esperara tantos anos. Podia esperar mais alguns minutos.

Até que, por fim, com um suspiro, ela puxou a minha cabeça para a sua e me beijou com uma súbita paixão desesperada, e percebi que estava preparada para sentir o prazer.

Esta era uma nova Louise. O seu desejo nessa noite – a sua *avidez* – quase me apanhou de surpresa. Era como se estivesse esfomeada de sensações há tanto tempo que agora tinha de se banquetear com elas sem limitações.

No entanto… no entanto…

Não lhe disse isto, mas enquanto estávamos deitados, juntos, senti a presença de uma terceira pessoa no quarto – ou talvez seja mais correcto dizer que senti a ausência dele. Quando ela virava a cabeça, assim, era porque ele a beijara *ali*, na face; quando olhava para mim com aqueles olhos sonolentos e sorridentes, era porque ele gostava que olhasse assim para ele. Quando arquejava, era um arquejo que ele ouvira mil vezes.

E quando o paroxismo se apoderou dela, todos os músculos tensos enquanto aguardava o momento da libertação, murmurando imprecações em francês demasiado depressa para eu compreender, foi quase como se nos tivesse deixado a ambos, levada pelo prazer para um sítio onde nenhum de nós a poderia seguir.

É bem sabido, claro, que no meio do êxtase do amor podemos sentir um momento de tristeza inesperada. Senti-a nessa noite. Conseguira aquilo que o meu coração desejava e não estava desapontado – longe disso – mas faltava alguma coisa, algo que eu não conseguia identificar ou nomear.

CARLO

Pêssegos brancos, perfeitamente maduros, com o perfume dos últimos dias de Verão. Chocolate, espesso e macio e rico com nata. Na verdade, não há combinação mais divina de gelos neste mundo.

O Livro dos Gelos

Lancei-me nos preparativos para o baile do gelo. Nada foi deixado ao acaso. Fiz uma miniatura do lago de patinagem, para me certificar de que funcionava, e um modelo à escala do palácio de gelo, no qual uma Louise e um Carlos de papel se sentavam em tronos minúsculos a receber uma fila de convidados de papel. Quanto aos gelados, fiz experiências com sabores extraordinários. Fiz um gelado que fumegava, levemente, ao acender uma pequena pilha de folhas de tabaco por baixo de um *frigidarium* perfurado: à medida que as folhas se consumiam, o fumo fragrante atravessava a mistura, perfumando-a. Fiz um gelo envolto numa tarte quente de merengue e outro que continha no seu centro uma bola fervilhante de molho de caramelo. Até fiz um gelado com maçãs que começavam a apodrecer: o sabor era perfeitamente decadente, rico com os sucos da mortalidade, e ao mesmo tempo doce como *brandy*.

No entanto, para o rei, criei um gelo que era simultaneamente simples e extraordinário. Na verdade, a ideia fora de Wren, naquele dia no Garraway's, quando sugerira distraidamente que eu transformasse a nova bebida da moda, o chocolate, num gelo. Quando combinei ovos, xarope e nata com cacau em pó e uma dúzia de tabletes de chocolate, fiz um gelado tão voluptuoso, tão espesso e suave que nada mais poderia ser a atracção principal.

Lembrei-me da tábua de sorvetes de pêra que fizera para Luís XIV. Como me pareciam agora primitivos! Contudo, como Luís dissera, há virtude na simplicidade. Fiz uma tábua de gelos de chocolate – primeiro um gelado de chocolate simples; depois um de chocolate perfumado com rosmaninho; outro que combinava chocolate e hortelã, depois chocolate e laranja, chocolate e framboesa, chocolate e cerejas e, finalmente, um gelo escuro e pungente baseado no *sanguinaccio* de Florença, chocolate com sangue e pinhões.

De poucos em poucos dias, ia ver Louise, mostrar-lhe aquilo que fizera. E, sob o disfarce do secretismo – «Esta parte será surpresa: têm de nos deixar a sós» – as damas de companhia e os ministros de Estado e os pintores e os ociosos eram enxotados dos seus aposentos e levávamos ansiosamente os meus gelos para a cama dela.

Fiz um gelado de pêssegos brancos e almíscar – aquilo a que ela me sabia – e perfumei-o com uma ou duas gotas do perfume de água de rosas que ela usava.

Quando olhei para o meu modelo do palácio, achei que faltava alguma coisa. Fiz um boneco de neve e coloquei-o sobre um pedestal no átrio do palácio de gelo, logo atrás do rei e da sua amante. Quando os foliões entrassem no pavilhão, cristais minúsculos de neve perfumada flutuariam e cintilariam sobre as suas cabeças, enquanto o boneco de neve sorria o seu sorriso inescrutável e lhes dava as boas-vindas ao baile.

Hannah veio falar comigo.

– Venho dar o meu pré-aviso – disse, sem preâmbulos. – O meu navio parte de Bristol dentro de três semanas.

Olhei para ela, surpreendido.

– Mas… e o baile de gelo?

– Terei de o perder. E lamento muito, pois parece que será uma ocasião memorável. Mas se não apanharmos este barco perderemos a nossa passagem para a América.

Reparei no plural.

– O Elias também vai?

– Sim. Ficará muito triste de o deixar. Gostou do tempo que passou a trabalhar para si.

– Isto é muito inconveniente – queixei-me, irritado. – Estamos mais ocupados do que nunca. O próprio rei conta connosco…

– Lamento muito – interrompeu ela em tom paciente. – Mas há anos que andamos a planear isto. Nunca me perguntou durante quanto tempo trabalharíamos para si. Se o tivesse feito, já saberia.

– Então, se tem mesmo de ir, deixe ficar o rapaz – ouvi-me dizer.

– Deixar o Elias! Como poderia fazer uma coisa dessas?

– Eu era mais novo do que ele quando deixei os meus pais. Eles deixaram-me ir porque… – Fiz uma pausa. – Porque sabiam que eu teria um futuro melhor. Que me tornaria um homem da corte. Tal como o Elias. Ensinar-lhe-ei os meus segredos, Hannah, tal como o meu mestre me ensinou. Ele será um homem rico. Um favorito de reis e imperadores. Depois deste baile, a nossa fama chegará ainda mais longe, estou certo disso. Levá-lo-ei a Paris, a Nápoles, a Espanha…

– Mas não é esse o futuro que eu escolho para ele – disse Hannah.

– Porque não? Que mais poderia desejar?

– Que mais poderia desejar? – repetiu ela, com um sorriso triste. – Um reino sem reis. Uma Igreja sem igrejas. Um país onde não haverá vínculos: nem de propriedade, nem de privilégio, nem de nascimento. Um sítio onde nenhum homem nascerá com estribos nas costas, para ser montado por outros homens. Onde cada homem poderá escolher a sua forma de veneração; sim, e cada mulher também, e as únicas leis a

que deveremos obediência serão as que estão escritas no nosso coração.

Suspirei.

– Nesse caso, o seu novo país será uma matilha de animais. Sem leis nem líderes, simplesmente lutarão uns com os outros.

– Se precisarmos de líderes, seremos nós a escolhê-los. Se precisarmos de leis, nós próprios as faremos. – Hesitou. – Talvez devesse vir também.

– Para a América?

– Porque não? Há muito gelo no Inverno e dizem que os Verões são quentes. As condições perfeitas para um vendedor de gelos, parece-me. – Encolheu os ombros. – Gelados e tartes. Quase que combinam, não é? Talvez pudéssemos montar um negócio juntos, nós os dois.

Olhei para ela.

– Os meus gelados são comprados por reis e cardeais. Nenhum dos quais, segundo sei, existe na América.

– Claro – disse ela calmamente. – Perdoe-me. Foi uma sugestão estúpida.

Deu a volta à copa e arrumou as suas coisas em silêncio durante algum tempo. Depois, ao dirigir-se à porta, disse:

– Esta é a minha última oportunidade de dizer isto, portanto vou dizê-lo. Aquilo que tem agora, com a Louise de Kerouallе… é escravidão, não é amor.

Rigidamente, respondi:

– Não é da sua conta.

– Mas é – disse ela, com alguma tristeza. – Oh, é sim.

– Porquê?

Mas ela não me respondeu directamente.

– Parece-me que há dois tipos de amor – disse. – O amor que nos acontece e o amor que convidamos. O amor que nos acontece sem convite é uma coisa física, como uma doença, e, como uma doença, deixa-nos fracos. É um amor que tem de doer, porque se baseia na necessidade de possuir alguém e não em afecto ou respeito. Mas o amor que convidamos… aquele que duas pessoas escolhem ter juntas… esse cresce, todos os dias, de origens modestas. É como um fogo que pode ser mantido apenas com a temperatura suficiente para cozinhar e aquecer a casa, mas que não tem permissão para grassar enquanto não consumir toda a cidade, como o grande incêndio de Londres. Mas não podemos fazê-lo sozinhos. São precisas duas pessoas.

Irritado, perguntei-lhe:

– Que conversa louca é essa sobre fogos e cozinhados? Vá para a América, mulher, com o seu bastardo. Vá e o Diabo que a carregue.

Acabará como meretriz lá, tal como foi uma meretriz aqui em Inglaterra.

Lentamente, ela disse:

– Perguntou-me um dia porque fui ao seu quarto, daquela primeira vez. Não lhe disse a verdadeira razão. Fi-lo porque gostava de si. E pensei que talvez conseguisse aliviar a sua melancolia. Mas acabei por compreender que nenhuma mulher conseguirá fazê-lo.

– Uma consegue – retorqui, secamente. – Na verdade, já conseguiu.

– Então não é o amor que o entristece, pois não está menos melancólico do que antes – respondeu ela baixinho. – Devem ser os seus segredos. Enquanto não decidir abandoná-los, acho que nunca será livre.

Olhou para mim durante um momento e depois, sem mais uma palavra, deu meia-volta e saiu.

No dia seguinte partiu para Bristol, sem sequer se despedir.

LOUISE

O rei, de volta de Newmarket, visita-me solicitamente. Mas apenas à tarde. À noite, está noutros lados.

Uma tarde assistimos ao concerto dado por uns músicos visitantes. Estes convidam o rei a escolher uma canção.

– Perguntem à buchinha – diz. – Ela conhece estas baladas francesas melhor do que eu.

– Cantem aquela que começa por «Deixem-me morrer de dor, mas não de ciúme» – peço. Ele sorri, percebendo a piada.

Mais tarde, os músicos dedilham as suas guitarras.

– Dançamos? – pergunta ele.

– Não conseguiria dançar esta música, senhor – respondo. – É demasiado mexida e frenética para dançar.

Ele vira-se para trás.

– Alguém quer dançar?

– Eu – responde uma voz, e Hortense Mancini avança para o espaço entre os músicos e as nossas cadeiras. Sem qualquer embaraço, adopta uma pose: uma perna dobrada, os braços erguidos acima da cabeça.

Recordo-me da sua posição *en garde*: flexível, equilibrada, à espera.

Depois a música começa – rápida e estonteante. Ela rodopia e bate os pés e estala os dedos – há uma parte de mim que quer dizer:

Oh, veja, Carlos, ela dança como uma cigana napolitana. Mas as palavras ficam-me presas na garganta. A dança é cruamente sensual, pagã. Mas Hortense não dança apenas para o rei: é também para mim que vira o olhar penetrante, os olhos brilhantes. Mal consigo respirar. Olho de soslaio para o rei. Está a olhar fixamente para ela.

Quando acaba e faz uma vénia despreocupada para a corte que a aplaude, somos nós, e não ela, que estamos ofegantes.

CARLO

Gelado de chocolate: este não é um gelo fácil de fazer, mas o resultado compensa o esforço. Misture meia chávena de chocolate em pó e meia chávena de açúcar. Junte leite frio suficiente para formar uma pasta, depois duas chávenas de leite quente. Ferva em lume muito brando, mexendo sempre, durante oito minutos. Depois tire do lume e misture cento e setenta gramas de chocolate em tablete, partido em bocadinhos muito pequenos. Numa tigela à parte, bata seis gemas de ovo com meia chávena de açúcar até formar um creme esbranquiçado. Junte a mistura de chocolate, mexendo vigorosamente. Aqueça, mas sem deixar ferver; junte meia chávena de xarope de açúcar; arrefeça num banho de água fria e, finalmente, acrescente duas chávenas de natas espessas antes de congelar.

O Livro dos Gelos

O rei pedira um gelo, o primeiro em muitos meses. Fiz um gelo de chocolate e passas e levei-o aos seus aposentos.

– Ele está no laboratório – disse-me o lacaio. – Pode entrar.

Encontrei o laboratório cheio de um fumo malcheiroso e o rei a tossir.

– Ah, signor Demirco – disse, em tom animado. – Nunca misture enxofre e magnésia.

– Com certeza, senhor.

Junto da janela, estava um grande prisma de vidro. Fora colocado de forma a captar a luz do sol, espalhando-a num arco-íris de cores. Não pude deixar de perguntar a mim próprio como seria alcançado aquele efeito, pois o vidro parecia ser simples e não tinha nada lá dentro.

Quando me viu a olhar, o rei acenou.

– Pode pegar-lhe.

Assim fiz, e espreitei para dentro do prisma, mas as cores desapareceram instantaneamente. Só quando o voltei a colocar ao sol é que o arco-íris reapareceu.

– Foi um dos meus *virtuosi* que o fez – disse ele. – Mostra de que é feita a luz.

– Mas com certeza que a luz vem de Deus?

– É o que nos ensinam. Mas este homem atreveu-se a olhar para dentro da luz de Deus e descobriu que, como qualquer outra substância, tem a sua composição e as suas quantidades. E assim, mais uma ilusão infantil é desfeita pelo cepticismo frio da ciência. – Ficou um momento em silêncio. – Como estão a correr os preparativos para o baile da duquesa de Portsmouth? Ela tem tudo aquilo de que precisa?

– Sim, obrigado, senhor.

– Gosto muito da duquesa, *signor*.

– Claro – respondi, sem saber bem o que dizer.

– Significa isto que não quero que ela tenha falta de nada que seja necessário para sua diversão. – Virou-se de novo para a bancada. – Ou para o seu conforto.

Acenei, incapaz de falar, pois compreendi sobre o que estávamos realmente a falar.

– Não tenho podido estar tanto com Sua Graça, ultimamente, como desejaria. A pressão dos negócios…

Olhou para o gelado de chocolate em cima da mesa. Um dos seus cães saltou para o banco, inclinou a cabeça para o lado e enfiou a língua na taça. Poucas lambidelas depois, o gelado desaparecera.

– Não sou, por natureza, um homem ciumento – disse ele, baixinho. – Certifique-se de que também não o é, *signor*, e não teremos problemas. – Tocou no prisma de vidro, rodando-o e fazendo o arco-íris girar pela sala. – Às vezes, não é bom analisar demasiado a natureza das coisas. Às vezes, pode haver demasiada luz.

Percorri as ruas de Londres imerso em pensamentos. Caminhei durante várias horas, até estar escuro.

Depois virei na direcção de Whitehall.

Fui aos aposentos de Louise. No entanto, apesar de ser já muito tarde, o meu caminho foi bloqueado por dois lacaios que não me eram familiares.

– Não pode entrar – disse um deles.

– Diga-lhe que é…

– Ninguém pode entrar. Nem mesmo nós.

Recuei.

– Sou o confeiteiro dela. – Percebi como era débil esta desculpa. Nesse momento, a porta abriu-se e o embaixador francês saiu. Lançou-me um olhar matreiro e afastou-se.

Esperei. Poucos minutos depois, saiu Thomas Osborne – ou lorde Danby, como devíamos chamar-lhe desde que fora nomeado lorde Tesoureiro. Também ele me lançou um olhar rápido antes de se

afastar.

Presumindo que a reunião, fosse lá qual fosse, terminara, avancei mais uma vez na direcção da porta – apenas para descobrir que o caminho continuava barrado.

– Sua Majestade não deseja ser incomodado.

– Sua Majestade! – Olhei para a porta, tentando imaginar o que se estava a passar do outro lado. – Esperarei até ele sair.

O lacaio encolheu os ombros, como se quisesse dizer que lhe era indiferente.

*

Sentei-me num banco junto de uma janela próxima e esperei. O dia estava a nascer quando a porta se abriu finalmente e uma figura familiar saiu.

Não me mexi, mas a luz da janela devia estar a iluminar-me o rosto, porque ele se aproximou. Lá em baixo, no Parque de St. James, um pequeno grupo de veados movia-se silenciosamente entre a neblina matinal.

– Mais um belo dia, *signor* – disse ele, olhando para fora. Depois afastou-se, os passos largos a ecoarem pelo corredor, os lacaios a marcharem nos seus calcanhares.

Os aposentos dela tinham crescido tanto que demorava uma eternidade só para chegar ao seu quarto. Todas as superfícies estavam cobertas de quadros e tapeçarias; todos os cantos continham um armário francês trabalhado ou uma jarra preciosa. As velas ardiam em grandes candelabros de vidro por cima da minha cabeça, candelabros que estremeciam e tilintavam suavemente quando eu passava por baixo deles.

Ela estava também de pé junto de uma janela, envolta apenas numa camisa de lã comprida, com o cabelo caído sobre um ombro, a olhar para a neblina que se confundia com a superfície do lago.

Quando entrei, virou-se. Não parecia particularmente surpreendida por eu ali estar.

– Vim avisá-la – disse. – Dizer-lhe que o rei sabe sobre nós. Parece que cheguei tarde de mais.

Ela assentiu.

– O que se passa? – perguntei.

– A noite passada, nestes aposentos, ele assinou um novo tratado com França.

– Um tratado secreto, presumo?

– Sim. Substitui o Tratado de Dover. Em troca de uma nova pensão de Luís, Carlos suspenderá o parlamento e comprometerá Inglaterra em mais uma guerra com os Holandeses.

– Outra! Mas o sangue derramado na última ainda mal secou!

– Vai receber quatro milhões de coroas de ouro. O suficiente para

pagar por todas as amantes que alguma vez pudesse desejar. O suficiente para reconstruir o Castelo de Windsor. O suficiente para viver como um rei.

– *Como* um rei?

Ela encolheu os ombros.

– Daqui em diante, França tomará todas as decisões que tenham a ver com a política externa de Inglaterra. Aquilo que Carlos faz em casa, claro, não tem qualquer importância.

– E a sua conversão? A conversão do país? Todas as esperanças que Madame tinha para a alma dele?

– Madame era pragmática nestes assuntos. No meu tratado, Carlos promete apenas nunca abandonar a rainha. O seu herdeiro será, assim, o seu irmão Jaime, que já é católico. A Inglaterra tornar-se-á católica depois de Carlos morrer.

– Mas as suas esperanças de vir a ser rainha…

– Eram também impraticáveis – interrompeu ela. – Já devia ter aceitado isso há mais tempo. Já tenho trabalho suficiente sendo apenas aquilo que sou.

– E o que é? – inquiri, embora inutilmente, pois os lençóis revoltados já me tinham respondido.

– Ele voltou para mim – disse ela, simplesmente. – Sou novamente a amante do rei.

– E… é assim? – perguntei, desesperado. – Ele entra e reivindica-a e eu sou posto de lado?

Ela lançou-me então um olhar de súbita pena – não por eu me sentir assim, mas por eu não ter compreendido.

E, com uma claridade repentina, compreendi.

– Isto não é coincidência, pois não? – perguntei, lentamente.

Ela não respondeu.

– O rei tinha-se fartado de si. Precisava de uma forma de reacender o interesse dele. Um *jogo*. – Ocorreu-me outro pensamento. – Há orifícios de vigilância? – Olhei para os painéis pintados por cima da cama, os espelhos artificiosamente colocados nos cantos do quarto. – Disse-lhe quando podia vir assistir? Quando eu estaria aqui? Onde se colocar, para melhor revigorar a vara do velho Rowley?

– Não lhe disse nada – respondeu ela, em tom fatigado. – Nisso, pelo menos, está enganado.

– Mas permitiu que outros o fizessem.

– Não tenho culpa que o palácio esteja cheio de espiões. Carlo, devia estar satisfeito com este desfecho. Longe de se mostrar ciumento, o rei deixou bem claro que tem a bênção dele. Nem todos os homens seriam tão compreensivos. É um sinal do quanto eu sou agora importante para ele.

– Será a mulher mais detestada de Inglaterra, se houver outra

guerra.

– Não estou aqui para ser popular. Além do mais, os meus filhos receberão títulos. O pequeno Carlos será educado como protestante. Será um dia barão Settrington, conde de March e duque de Richmond. – Revirou os títulos ingleses na língua, saboreando cada palavra. – Uma boa recompensa por um pouco de troça, não lhe parece?

– Diga-me uma coisa – pedi. – Quando nos deitámos juntos… naquela cama… – Nem conseguia olhar para ela. – Alguma coisa foi real, ou foi apenas para excitar o rei?

– Oh, foi real. Tem de acreditar. Senti mais prazer do que alguma vez sentira.

– E? – pressionei. – Certamente que isso significa alguma coisa para si?

Ela encolheu os ombros.

– Prazer é prazer – disse, apenas. – Não significa nada. Não muda nada. É agradável, sim, mas comparado com as coisas importantes… planear e alcançar e fazer toda a Europa marchar ao som de um só tambor… em comparação com mudar o mundo, não é nada.

– Então não me ama.

– Não como me ama a mim, não. E sabe uma coisa? Ainda bem. Odiaria ter o meu discernimento afectado por uma paixão dessas. É como o ténis… quando jogamos por amor, jogamos por nada. Portanto o amor, no fim, não significa nada.

Pousou a mão no meu ombro.

– É melhor assim. Verá, Carlo. Venha para a cama. Devíamos celebrar.

Deixei-a nesse momento.

Virei-me e saí dos aposentos dela, vendo que as salas exteriores já estavam a encher-se de peticionários ansiosos por obter a melhor posição na sua *ruelle*. Saí daquele palácio decrépito e enorme, passando por libertinos ainda bêbados da noite anterior e por grandes damas que se apressavam a regressar a casa, com os seus vestidos de baile. Passei por cortesãs que saíam em bicos de pés dos aposentos de ministros e por lacaios ensonados que retiravam os cotos das velas dos candelabros de prata. À medida que a grande colmeia de cinismo e deboche acordava para mais um dia, deixei-a sem olhar para trás uma única vez.

Atravessei o Parque de St. James. Um dos veados levantou a cabeça para olhar para mim: um macho, com a cabeça coberta de chifres, a guardar as suas fêmeas.

As cozinhas no Red Lion estavam silenciosas, agora que Hannah partira. Não havia o cheiro a tartes a pairar na sala de jantar, nem o aroma de ervas frescas a macerar no fogão.

Ela deixara o seu local de trabalho muito arrumado. Os bens

perecíveis tinham sido dados a vizinhas ou amigas, as panelas e instrumentos vendidos no mercado por dinheiro vivo.

Sobre a mesa estava um livro. Peguei-lhe, pensando porque o teria deixado ficar para trás.

Culpeper. *O Herbário Completo*. Abri a capa. Na primeira página, em branco, ela escrevera:

Signor,

Este livro está livremente acessível no lugar para onde vou. Portanto pode ficar com ele; eu comprarei outro. Mas, por favor, mantenha-o em segurança e não deixe que eles o queimem.

Da sua amiga, Hannah Crowe

Folheei-o.

Meloas… Pepinos… Bardana…

As urtigas são tão bem conhecidas que não precisam de descrição; podem ser encontradas, pelo tacto, até na noite mais escura.

Camomila… Hortelã… Agrião…

Mereceria um livro de plantas realmente ser queimado?

Estaria Carlos certo, quando me falara sobre o prisma? Haverá realmente conhecimento perigoso, ou secreto?

Peguei na minha carroça e dirigi-me a Barn Elms. Os construtores, com luvas para se protegerem do frio, estavam a trabalhar, içando para os seus lugares os grandes blocos de gelo esculpido e moldado que formariam a fachada do pavilhão. Ao seu lado, o lago de patinagem já estava terminado, coberto com palha para se manter fresco.

Vagueei pelo local, inspeccionando os trabalhos. Mesmo agora, os raios de sol estavam a humedecer a superfície dos blocos de gelo. Quando estivesse concluído, o palácio de gelo duraria uns dias, duas semanas no máximo.

Seria um triunfo – claro que sim. Tudo o que ela fazia era um triunfo. As pessoas falariam desta extravagância durante anos. Quanto aos sabores dos meus gelados, o que se diria sobre eles? Nada – pois como poderia alguém falar sobre algo que tão poucos tinham experimentado e que ninguém conseguia imaginar?

Desapareceriam, como flocos de neve no Verão. Como o boneco de neve de Miguel Ângelo, levado pela chuva.

Dois aprendizes estavam a brincar entre uma pilha de sobras de lascas de gelo. Enquanto atiravam um ao outro punhados de gelo, as lascas espalhavam-se e captavam o sol sobre as suas cabeças, um arco-íris cintilante e colorido. As crianças gritaram e deram vivas, antes de o capataz os pôr na ordem com um grunhido.

Carreguei a carroça com gelo e ferramentas. Para leste, estendia-se a estrada de regresso a Londres – a nova Estrada do Rei, ainda inacabada, mas que beneficiaria certamente em breve de algumas

dessas *livres* francesas. Para oeste, estendia-se a grande estrada que levava à costa mais distante de Inglaterra: os portos de Plymouth, Bristol e Torquay.

Segui para oeste, na direcção do sol poente.

CARLO

Poucos prazeres, na verdade, podem ser feitos de forma tão pouco dispendiosa como um gelo.

O Livro dos Gelos

A seguir a Slough encontrei uma pequena feira de cavalos. Não era nada de especial, o que a tornava precisamente mais especial: crianças em póneis mostravam a sua habilidade com pequenos obstáculos; havia malabaristas e vendedores de rendas, uma competição pela maior abóbora e outra pela vaca com o leite mais rápido. Nas bancas do mercado vendiam-se uvas-espins, groselhas negras, damascos e nozes.

Fiz um gelado de groselha negra e servi-o com as natas doces e ricas do leite.

Em Maidenhead fiz um gelo de creme de limão e hortelã, e vendi-o no dia do mercado por meio dinheiro o copo.

Em Newbury comprei uvas-espins e fiz uma mousse de gelado.

Em Hungerford quase causei um motim com um gelado de avelãs. Tinha preparado dez litros mas a procura foi tal que muitas pessoas tiveram de partilhar a sua dose. Vi raparigas e rapazes do campo a lamberem a mesma colher e, quando parti, havia danças em volta dos mastros enfeitados.

Em Castle Combe passei as noites a escrever as minhas receitas e a explicar como tornar o gelo mais frio com sal.

Na feira de Marlborough fiz uma demonstração – as pessoas acharam que era um truque e não paravam de perguntar umas às outras como é que eu estava a enganá-las. Tive de dar o gelado de graça para que acreditassem em mim.

Em Bath, estacionei a carroça em frente da Assembleia. Fiz um gelo de nectarinas e outro de pistácios e vi os lordes e damas elegantes darem saltinhos de alegria como gente do campo.

Quando cheguei a Bristol, já gastara todo o meu gelo, excepto um último meio litro. Pu-lo no quarto e, enquanto escrevia o meu livro de gelos, vi-o transformar-se em água – límpida e fresca e pura.

Bebi-a com algumas gotas de sumo de limão e um raminho de cerefólio.

Bristol é uma cidade grande – a maior de Inglaterra, a seguir a Londres. Diz-se que é possível obter aqui bom gelo, para uso da aristocracia. No entanto, por agora, tive a minha conta de gelos.

Encontrei um tal senhor Gregory, um vendedor de livros, que concordou em imprimir o livro. Parece um pouco surpreendido por eu não querer dinheiro. Tenho os meus instrumentos e a minha arte: é o suficiente, para mim.

Pergunto-me se encontrarei Hannah na América. Parece pouco provável – mesmo segundo o mapa inacabado que comprei, é evidentemente um país muito grande. Porém, de alguma forma, não parece impossível. De alguma forma, nada parece impossível, num país tão novo e fresco que ainda nem sequer foi devidamente cartografado.

Um sítio onde nenhum homem nasce com estribos nas costas, para ser montado por outros homens.

Um mapa do mundo novo e exacto.

Mesmo que não a encontre, encontrarei amor. Disso, estou certo. Sentirei o espírito da graça de Deus dentro de mim, tal como ela descreveu.

E enquanto estou aqui sentado nesta estalagem, a escrever, à espera do meu barco que só chega dentro de duas semanas, bebo um gole de água e sinto, algures nas profundezas do meu peito, um estilhaço de algo duro e frio, algo que lá está desde que me lembro, que começa finalmente a derreter.

LOUISE

Claro que me odeiam. Como poderiam não me odiar?

É certo que sou agora a mulher mais odiada de Inglaterra. Agora que os rapazes ingleses estão novamente a morrer com as balas dos mosquetes holandeses no peito, a afogarem-se com os canhões holandeses a ecoarem-lhes nos ouvidos. Agora que Hortense Mancini, cansada das atenções e também das hesitações de Carlos, partiu para a Europa com o príncipe do Mónaco, levando consigo todos os presentes do rei.

Consta que Thomas Osborne, lorde Danby, partilha os meus afectos com o rei. Não é verdade – ele tem uma esposa de mau génio e pareceu-me um bom passo político deixá-lo encantado – mas muitas pessoas acreditam nisso, incluindo o rei.

Danby e eu temos algo muito mais interessante em comum. Dividimos entre nós a venda dos cargos de Estado menores. Ninguém

está muito interessado em saber se é este ou aquele fidalgo que é nomeado xerife do Hampshire ou Guardador dos Patos Reais, portanto decidimos de acordo com os emolumentos que nos são oferecidos. Quem pode colocar objecções a isso? Todos os membros do parlamento recebem subornos. Se algum deles causar problemas, peço simplesmente à embaixada francesa que me faculte os recibos.

Contudo, a ironia é que toda esta corrupção acabou por se revelar um desperdício do ouro de França. As guerras contra a Holanda, que quase a levaram à bancarrota, não foram vencidas – e os poucos territórios que França conseguiu conquistar pertenciam à Espanha, não aos Holandeses. Foram os Ingleses que acabaram por conseguir o maior prémio: Nova Amesterdão, agora chamada Nova Iorque.

Foi também a guerra holandesa que alertou os Ingleses para as extraordinárias capacidades do sobrinho de Carlos, Guilherme de Orange. Se ele consegue defender a Holanda contra os Franceses, pensam as pessoas, não poderia fazer o mesmo pela Inglaterra? Assim, Danby arranjou um casamento secreto entre Guilherme e Anne, a filha mais velha do duque de Iorque, um noivado do qual estou a par há muito tempo mas que – pelas minhas próprias razões – não levei à atenção dos meus mestres em França.

Estou a dar uma no cravo e outra na ferradura, compreendem.

Porém, nem mesmo essa aliança trouxe paz. Buckingham e Arlington podem estar acabados, mas lorde Shaftesbury ainda continua a maquinar no lugar deles. Os seus *Whigs* estão a fomentar conspirações fantásticas: já perdi a conta aos livros, baladas, sátiras e panfletos que me foram colocados debaixo da porta, as gravuras pornográficas que afirmam mostrar a Meretriz da Bretanha a divertir-se com o seu regimento de amantes papistas.

Nell Gwynne gosta de contar a história de como foi atacada por uma multidão enquanto ia pelas ruas na sua carruagem. Ao perceber, pelos gritos, que as pessoas tinham confundido a carruagem dela com a minha, debruçou-se na janela e gritou:

– Não, boa gente… eu sou a puta protestante! – Ao que o povo lhe deu três vivas e a escoltou até casa.

Se tivesse sido eu, como ela observa presumidamente, ao fim desse dia podia ter havido menos um católico em Inglaterra.

Contudo, se me odeiam, façam a vós próprios esta pergunta: que outra coisa poderia eu ter feito?

Podia ter casado com um nobre menor e produzido uma série de herdeiros. Podia ter ido para um convento e chegar – suponho – a Madre Superiora. Podia ter sido a companhia de alguma grande dama, ajudando-a com a sua costura e as contas do lar.

Podia ter casado com um fazedor de gelados a quem não amava, e vivido uma vida burguesa confortável à sombra de uma corte, rodeada

pelos nossos filhos.

Assim, existem rainhas que não possuem tanta influência como eu, e ministros que não têm o meu alcance. Aconteça o que acontecer neste pequeno estranho e bárbaro país – sejam quais forem as alianças que estalem e se desfaçam sob os meus pés – continuarei a avançar e a prosperar.

NOTA HISTÓRICA

É uma heresia, segundo o credo de um verdadeiro amante, alguma vez forjar uma infidelidade. Mas quando a mera natureza é o motivo, é possível um homem pensar de forma mais justa do que a opinião comum, e argumentar que uma rival não tira nada senão o coração, e deixa tudo o resto.

George Savile, marquês de Halifax, sobre Carlos II

Na altura da morte de Carlos II, em 1685, Louise de Keroualle tinha trinta e quatro anos de idade. Voltou para França como uma mulher rica, retirando-se para o seu feudo ducal de Aubigny, onde viveu uma vida discreta até à morte, aos oitenta e cinco anos de idade. Voltaire conheceu-a quando ela tinha setenta e descreveu-a como tendo «um rosto ainda nobre e agradável, que os anos não destruíram». Nunca casou, dedicando-se em vez disso a obras de caridade e ao jogo de apostas elevadas.

A «bonita e espirituosa Nell», como Pepys lhe chamava, morreu em 1687, aos trinta e sete anos de idade. Na altura da sua morte tinha acumulado dívidas consideráveis.

O trono de Carlos foi herdado pelo seu irmão, Jaime, mas o parlamento inglês revoltou-se, argumentando que ele abdicara em virtude da sua escolha de religião. O exército recusou-se a dar-lhe o seu apoio e ele não teve outra opção senão fugir do país. O parlamento convidou então o protestante Guilherme de Orange para ser seu governante. Foi a primeira vez na Europa em que um corpo eleito nomeou efectivamente o seu próprio rei, um golpe quase sem sangue que se tornou conhecido como A Revolução Gloriosa. Um dos primeiros actos do novo parlamento foi aprovar uma lei que proibia o monarca inglês de ser católico ou de casar com uma católica – uma lei que consta ainda hoje dos códigos.

A técnica persa de fazer sorvetes e gelados de água era conhecida em Florença na década de 1660, embora o processo exacto fosse um segredo bem guardado. Um visitante francês, um tal L. Audiger, conseguiu de alguma forma levá-lo para Paris por volta de 1665. Tornou-se *limonadier* de Luís XIV, tendo levado ao rei algumas ervilhas

fora de época à laia de apresentação. Não se sabe como a técnica chegou a Inglaterra e como se desenvolveu para o «gelado» a tempo da grande festa de Carlos II para a Ordem da Jarreteira em 1671, nem se sabe o nome do confeiteiro que, segundo a ementa escrita, serviu «Um prato de morangos brancos e um prato de gelado» apenas para a mesa do rei. Contudo, o nome Demirco há muito que é atribuído ao homem que decidiu não permitir que os gelados continuassem a ser um privilégio real. Alguns relatos colocam-no ao serviço de Carlos I, mas como não há registos da sua presença na casa real nessa altura, e como o gelado ainda não tinha sido inventado, parece provável que, ao longo dos séculos, os dois Carlos tenham sido simplesmente confundidos.

Nas décadas que se seguiram à morte de Carlos II, o conhecimento de como fazer gelado espalhou-se lentamente pela Europa. Um dos primeiros livros de receitas foi um manuscrito anónimo de oitenta e cinco páginas intitulado *A Arte de Fazer Gelos* que, através das marcas de água no papel, foi datado a um período pouco depois de 1700. Inclui receitas de gelados de violetas, de rosas, de chocolate e de caramelo – sabores que teriam parecido tão extraordinários na altura como algo concebido pelos gastrónomos moleculares nos dias de hoje. Em 1718, uma mulher chamada Mary Eales, que afirmava ter sido confeiteira na corte inglesa, publicou uma receita de «creme gelado… simples ou adoçado, ou com frutas.» Há também uma receita de gelado em *A Arte da Culinária Simples e Fácil* da inglesa Hannah Glace, em 1751, que é admiravelmente simples: «Para fazer gelado… coloque-o na tigela maior. Encha com gelo e um punhado de sal.»

Entretanto, os Quakers e outros não-conformistas tinham levado o fabrico dos gelados para a América. O primeiro registo que existe nesse país encontra-se na Pensilvânia em 1744: «Entre as raridades… estava um belo gelado, que, com os morangos e leite, sabia deliciosamente.» Tanto George Washington como Thomas Jefferson serviram gelados em jantares de Estado.

Madame Henrietta d'Angleterre, irmã de Carlos II, morreu realmente depois de beber um copo de água de chicória gelada. Apesar de se ter suspeitado de veneno, na altura, pensa-se agora que a sua morte foi resultado de uma peritonite causada por uma úlcera perfurada. O Tratado de Dover secreto para o qual ela tanto trabalhara e que foi assinado duas semanas antes da sua morte, era conhecido apenas de uma dúzia de pessoas em Inglaterra, entre elas Louise de Keroualle. Incluía a cláusula: «O rei de Inglaterra fará uma profissão pública da fé católica e receberá de Sua Majestade Cristã, no decurso dos próximos seis meses, a soma de dois milhões de coroas para o ajudar neste projecto. A data desta declaração é deixada inteiramente

à sua discrição.» Talvez não seja surpreendente que Carlos tenha negado terminantemente a existência deste tratado ao parlamento, quando foi questionado sobre ele em 1675: «Não existe qualquer outro tratado com França, antes ou depois, que não esteja já impresso e dado a conhecer.» Uma cópia do tratado foi finalmente encontrada e publicada em 1830.

Os registos do embaixador francês em Londres mostram que os Franceses gastaram muitos milhões de coroas a subornar políticos e ministros ingleses durante esta época. Parece provável, embora nunca tenha sido provado, que o derradeiro objectivo de França seria engolir a Holanda e depois invadir a Inglaterra, possivelmente usando o pretexto de salvar o católico Carlos II do seu próprio parlamento. Isto deixaria a Alemanha isolada como o único grande país protestante da Europa.

A Real Sociedade, também conhecida como Real Sociedade de Londres para o Progresso do Conhecimento Natural, foi fundada por Carlos II em 1660. Contava entre os seus membros e convidados Robert Boyle, Isaac Newton, Christopher Wren, Samuel Pepys, John Hooke, Gottfried Leibniz, Nicholas Mercator, John Locke e Edmond Halley, para mencionar apenas alguns. Boyle estava particularmente interessado na congelação e o seu ensaio «Observações sobre o Frio» foi um dos primeiros textos a investigar cientificamente os métodos de congelação artificiais. Ele pode ter sido influenciado pelo facto de a Europa, na altura, estar a passar pela «pequena idade do gelo», que possibilitou a realização das feiras do gelo no rio Tamisa. Os interesses dos outros membros iam desde o fabrico de garrafas de champanhe, às leis da luz e do movimento. São geralmente considerados os primeiros pensadores do Iluminismo.

AGRADECIMENTOS

Estou, mais uma vez, profundamente agradecida aos meus leitores na AP Watt: Caradoc King, Elinor Cooper e Louise Lamont, e às minhas editoras Rebecca Saunders, na Little, Brown, e Louise Davies. Todos eles me ajudaram a transformar um livro numa história.

Aqueles que quiserem fazer os gelados que descrevo devem comprar *Ices: the Definitive Guide* de Caroline Liddell e Robin Weir (também publicado como *Frozen Deserts* e *The Ice Cream Book*), que inclui muitas receitas de livros de culinária antigos. As receitas tradicionais estão também disponíveis em www.historicfood.com. A minha maior dívida, contudo, é para com o livro que me deu pela primeira vez a ideia para este romance: *Harvest of the Cold Months*, de

Elizabeth David, uma história dos gelos e gelados.

A biografia de Louise de Keroualle foi escrita originalmente por Henri Forneron sob o título *The Court of Charles II*. Não é um relato particularmente simpático. «Durante quinze anos, Louise de Keroualle segurou a Grã-Bretanha na sua mãozinha delicada, e manipulou o seu rei e estadistas… como se estivesse a manejar o leque» é um comentário bastante típico desse relato. As cartas que uso na Parte Três entre Colbert, Louvois e Luís XIV são retiradas directamente das suas traduções.

Charles Beauclerk, descendente de Nell Gwynne, escreveu uma biografia fascinante da sua antepassada, que descreve a rivalidade entre as amantes reais. A minha descrição do jogo de Perguntas e Ordens, no qual Louise arranjou forma de ela e as suas damas de companhia ficarem nuas para levar Carlos a suspender o parlamento, é retirada desse livro, embora eu tenha adiantado a data um ano.

Embora muitos dos eventos em *A Rainha dos Gelados* tenham acontecido como descrevo, o palácio de gelo de Louise de Keroualle é baseado naquele que foi encomendado pela imperatriz Anna Ivanovna da Rússia em 1740, descrito por Ivan Lazhechnkov no seu livro *The Ice Palace*.